

**ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING – ESPM/SP**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E PRÁTICAS DE CONSUMO**

**Tatiana Regina Gomes de Amorim**

**ASPECTOS ÉTICOS E IDENTITÁRIOS DO CONSUMO CULTURAL**  
**a Casa do Saber e suas relações com a mídia**



**São Paulo**

**2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Tatiana Regina Gomes de Amorim**

**ASPECTOS ÉTICOS E IDENTITÁRIOS DO CONSUMO CULTURAL**  
**a Casa do Saber e suas relações com a mídia**

Dissertação apresentada à ESPM como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo.

Orientador(a): Clóvis de Barros Filho

**São Paulo**

**2009**

Tatiana Regina Gomes de Amorim

**ASPECTOS ÉTICOS E IDENTITÁRIOS DO CONSUMO CULTURAL**

**a Casa do Saber e suas relações com a mídia**

Dissertação apresentada à ESPM como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Práticas de Consumo.

Aprovado em \_\_\_\_ de março de 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente: Prof. **Clóvis de Barros Filho**, Livre Docente pela ECA - USP, ESPM

---

Membro: Prof<sup>a</sup>. **Tânia Márcia Cezar Hoff**, Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), ESPM

---

Aos meus pais, Luis Carlos e Tânia Regina.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, por tornarem tudo possível.

Ao meu orientador, Clóvis de Barros Filho, pelos ensinamentos e dedicação.

Aos amigos, do começo e do fim, pelas colaborações e alegrias compartilhadas.

À professora Tânia Márcia Cezar Hoff, pelas aulas e conversas.

Aos demais professores e funcionários do mestrado da ESPM.

*“As coisas que temos de aprender antes de fazer, aprendemo-las fazendo-as”*

*Aristóteles*

## RESUMO

O objeto de estudo desta dissertação é o consumo de bens culturais e suas relações com a mídia a partir da Casa do Saber, instituição que oferece cursos livres em um espaço extra-acadêmico nas áreas de artes, filosofia, teatro, música, ciências, etc. Com o objetivo de abordar o papel da mídia na glamorização do consumo de bens culturais, analisamos - a partir dos conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu - numa primeira parte, como o consumo destes bens está presente nos processos de legitimação e construção identitária dos agentes/consumidores da instituição e como se dá a valoração dos mesmos, ou seja, os aspectos éticos deste consumo. Já na segunda parte da dissertação olhamos para a mídia e sua recepção com os agentes/consumidores. Para tanto, averiguamos primeiramente os aspectos da produção midiática para posteriormente analisarmos sua recepção. Nesta parte também trabalhamos a produção e reprodução de uma “cultura legítima”, analisando como se dá a oferta desta cultura e quais são os seus critérios de definição. Usando uma metodologia qualitativa de investigação, unindo a observação participante e pesquisa em profundidade, vimos que a mídia é mais do que uma instância glamorizadora do consumo de bens culturais, ela atua permeando as relações sociais da instituição e constitui uma forma de capital para os agentes deste campo específico.

**Palavras-chave:** Consumo cultural; recepção; mídia; capital; Casa do Saber.



## ABSTRACT

The object of this dissertation is the consumption of cultural goods and its relations with the media, using Casa do Saber as a start point, an institution that offers arts, philosophy, drama, music and science courses in an extra academic space. With the objective to broach the role of media in glamorization process of the consumption of cultural goods –the theoretical concepts of Pierre Bourdieu is used in this paper – in a first part, we show how the consumption of these goods are present in the legitimation and identity's construction process of the agents/consumers and how the valuation process occurs, which means the ethical aspects of this kind of consumption. In the second part of this dissertation we set our focus in the media and its reception of the agents/consumers. We research the aspects of the media's production and afterward analyze its reception. In this part, we also work the aspects of production and reproduction of a "legitimate culture", analyzing how this culture is offered and which are its definition criteria. Using a qualitative methodology for this investigation, joining the direct observation and in depth interview, we could perceive the media as more than a glamorizing instance of the consumption of cultural goods; its acts permeating the social relations in the institution and constitutes one kind of capital for the agents of this specific field.

**Keywords:** Cultural consumption; Reception; Media; Capital; Casa do Saber

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 2.1</b> – Home page da Casa do Saber Rio de Janeiro.....	83
<b>Figura 3.1</b> – Nota divulgada na imprensa sobre o curso de Marcelo Rosenbaum.....	109
<b>Figura 3.2</b> – Nota divulgada na imprensa sobre o curso de Paulo Ricardo.....	110
<b>Figura 3.3</b> – Matéria veiculada na imprensa sobre o curso de Paulo Ricardo.....	111
<b>Figura 3.4</b> – Matéria divulgada na imprensa sobre os professores e a proposta da Casa do Saber.....	113
<b>Figura 3.5</b> – Nota divulgada na imprensa sobre o curso História do Islamismo.....	114
<b>Figura 3.6</b> – Matéria divulgada na imprensa sobre as atividades da Casa do Saber...	117
<b>Figura 3.7</b> – Foto divulgada na imprensa da atriz Ariclê Perez, aluna da Casa do Saber.....	118
<b>Figura 4.1</b> – Nota divulgando palestra de Marilena Chauí na imprensa.....	139

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 Objeto de estudo.....	11
1.2 A Casa do Saber.....	14
1.2.1 <i>As aulas, os professores e os alunos.....</i>	15
<b>2 JUSTIFICATIVAS.....</b>	<b>17</b>
2.1 Justificativa do objeto em face do campo da comunicação.....	17
2.2 Justificativa do objeto em face do programa.....	20
2.3 Justificativa do objeto em face da linha de pesquisa.....	21
2.4 Justificativa do objeto em face do orientador.....	22
<b>3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>23</b>
3.1 O <i>clipping</i> da Casa do Saber.....	24
3.1.1 <i>Informações gerais.....</i>	26
3.1.2 <i>Conteúdo.....</i>	26
3.1.3 <i>Resumo da publicação.....</i>	27
3.2 O método qualitativo.....	28
3.3 A observação participante.....	30
3.4 A entrevista em profundidade.....	32
3.4.1 <i>As entrevistas realizadas.....</i>	34
3.5 A análise de discurso.....	40
<b>4 APRESENTAÇÃO DAS PARTES.....</b>	<b>41</b>
<b>PARTE I – IDENTIDADE, ÉTICA E CONSUMO CULTURAL NA CASA DO SABER.....</b>	<b>43</b>
<b>1 IDENTIDADE E CONSUMO CULTURAL.....</b>	<b>43</b>
1.1 Consumo de bens culturais na Casa do Saber e construção identitária.....	45
1.1.2 <i>O discurso dos alunos.....</i>	47
1.1.3 <i>O discurso da mídia.....</i>	51
1.1.3.1 <i>O caso Daslusp.....</i>	53
1.2 Consumo como elemento do discurso identitário.....	57
1.3 Consumo de bens culturais de luxo e identidade de classe.....	61
1.3.1 <i>A gênese do conceito de luxo e sua expressão na contemporaneidade.....</i>	68

1.4 Consumo cultural de luxo na Casa do Saber.....	71
<b>2 ÉTICA E CONSUMO DE BENS CULTURAIS.....</b>	<b>74</b>
2.1 Consumo de cursos da Casa do Saber e a vida que vale a pena quando já se é rico.....	77
2.1.1 <i>O discurso dos alunos</i> .....	77
2.1.2 <i>O discurso da mídia</i> .....	82
2.2 Consumo como objeto de reflexão ética.....	85
2.2.1 <i>Conceito de ética</i> .....	85
2.2.2 <i>Consumo: a distinção pelo gosto</i> .....	89
2.3 Consumo de bens culturais e ética de classe.....	94
2.3.1 <i>Qual a “consequência” do consumo de bens culturais?</i> .....	96
<b>PARTE II – MÍDIA, ÉTICA E RECEPÇÃO NA CASA DO SABER.....</b>	<b>100</b>
<b>3 MÍDIA E DIVULGAÇÃO DE BENS CULTURAIS.....</b>	<b>100</b>
3.1 Assessoria de imprensa: notícia ou divulgação?.....	103
3.2 Mídia e divulgação dos “serviços” da Casa do Saber.....	108
3.3 Recepção da divulgação de bens culturais.....	120
<b>4 ÉTICA E (RE)PRODUÇÃO DE BENS CULTURAIS.....</b>	<b>125</b>
4.1 A oferta de uma “cultura legítima” e seus critérios de definição.....	126
4.2 A (re)produção do valor dominante.....	142
4.3 Dinâmica das estruturas relacionais da Casa do Saber.....	148
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>152</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>157</b>
ANEXO A Imagens da Casa do Saber.....	164
ANEXO B Transcrição das entrevistas.....	166
ANEXO C Compilação dos dados do <i>clipping</i> de notícias.....	300

## 1 INTRODUÇÃO

Ao propormos uma dissertação de mestrado, devemos apresentar um objeto de pesquisa. Este objeto se configura em um recorte, um pedaço do mundo. Olharemos para um fenômeno, única maneira que o mundo se deixa apreender. Nosso objeto, assim como os demais objetos de pesquisa, é resultado de nossa operação, uma manifestação interessada do pesquisador. Recortamos, ou fabricamos, a parte do mundo que nos interessa. Temos um olhar único para este recorte. Um olhar que outro pesquisador não teria. Um olhar que, em um momento diferente de nossa existência, também seria diverso.

Toda pesquisa científica pertence a um campo. No nosso caso, o campo da comunicação. Nele temos regras a seguir e troféus a almejar. Além disso, existem lutas para a definição de tais regras e para a conquista dos determinados troféus. Sendo assim, para que nosso estudo esteja inserido neste campo, temos um jogo a jogar. Por isso, entre os interesses do pesquisador está a participação neste jogo, nesta luta. O campo, de acordo com Pierre Bourdieu, é “uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar — ou orientar — todas as opções práticas da pesquisa” (BOURDIEU, 2007c, p. 27).

Neste espaço apresentaremos nosso objeto de estudo. Objeto este que foi concebido de acordo com os interesses do pesquisador, mas não só. De acordo com as regras do campo, do programa de mestrado, linha de pesquisa e orientador.

### 1.1 Objeto de estudo

Temos como objeto de estudo o consumo de bens culturais e suas relações com a mídia. O interesse por este objeto surgiu a partir da observação do surgimento de espaços extra-acadêmicos que oferecem cursos livres nas áreas da filosofia, artes e ciências. Espaços que recebem capital econômico em troca de capital cultural. Porém, o capital cultural oferecido por esses espaços difere daquele que se objetiva em diplomas — adquiridos em escolas, universidades ou faculdades “tradicionais”. O capital cultural que os consumidores dessas instituições buscam e recebem é de uso imediato, são discursos.

A ausência de listas de presença, provas e obrigações caracteriza os cursos oferecidos por essas escolas como “livres”. Essas mesmas ausências, e acrescentando a falta de diplomas ou certificados para os cursos, as coloca na posição extra-acadêmica, ou seja, fora da

Academia. Porém, professores legitimados, em suas respectivas áreas de conhecimento, oferecem credibilidade ao que é ensinado.

Percebemos que hoje existem alguns espaços com essas características na cidade de São Paulo. Podemos citar como exemplos o Espaço Cult, Palas Athena, Casa do Saber, Estação do Saber, Éden, O Barco, Gafanhoto, É Realizações e Escola São Paulo. Escolhemos uma dessas escolas para ser nosso objeto empírico de pesquisa, o “fenômeno concreto a ser pesquisado” (BONIN, 2006, p. 35), a Casa do Saber.

Essa instituição foi uma das pioneiras a ofertar “serviços culturais” de maneira extra-acadêmica, na cidade de São Paulo. Além disso, a Casa do Saber possui diferenciais que nos chamaram a atenção: os bairros onde a instituição se localiza são nobres — Jardins e Higienópolis, em São Paulo, e Lagoa, na filial do Rio de Janeiro —, seus cursos são os mais caros da categoria, as instalações são requintadas, seus proprietários são, em parte, agentes da mídia e entre as pessoas que freqüentam a instituição, encontramos atores globais, personalidades da música brasileira, donos de bancos e de grandes empresas, personagens das colunas sociais, executivos e suas esposas, entre outros.

Olharemos para essa instituição como um espaço de conversão de capital econômico em capital cultural. Um espaço que une diversos tipos de consumo prazeroso (livros, aulas, pessoas, vinho etc.). Analisaremos, assim, as práticas sociais presentes na instituição, como se dá a formação das identidades de seus agentes e as relações éticas que lá existem. Vamos entender de que maneira a Casa do Saber legitima certa oferta de produtos e serviços culturais. Como esse espaço, em um processo de alquimia social, legitima o que quer, fazendo de seus cursos itens sofisticados, atendendo a uma demanda de elitização pelo capital cultural.

Todo consumo é cultural e construtor de identidade. O que estamos interessados aqui é em descobrir como esse consumo específico, o consumo de bens culturais, define/classifica o agente. Como o consumidor de bens culturais deseja ser reconhecido? Em que campo social ele pretende ser incluído? Qual o papel da mídia nesse processo? Quem define, ou atua na definição, do valor dos bens culturais?

Sabemos que, desde a Grécia Antiga, a humanidade presencia a luta pelo conhecimento e o surgimento de escolas que ajudam na disseminação, ou concentração, dos saberes. Em Atenas, Platão fundou a Academia. Aristóteles, após a morte de Platão e com seu nome recusado para substituir o mestre à frente da Academia, fundou o Liceu. Os homens que frequentavam essas escolas eram discípulos dos detentores de conhecimento.

Naquela época, a filosofia era sinônimo de conhecimento. Todos os campos do conhecimento eram estudados pela filosofia. Hoje, as áreas do conhecimento estão divididas em campos específicos. Conhecimentos que podem ser adquiridos em faculdades ou universidades. Para ingressar nessas instituições, o aluno enfrenta um processo seletivo e, ao sair, recebe um diploma, certificando que ele possui os devidos conhecimentos para exercer uma profissão.

Já nos espaços extra-acadêmicos, espaços como a Casa do Saber, não encontramos diplomas. Vemos espaços que realizam outros tipos de trocas de capitais. Usam a legitimidade acadêmica dos professores para legitimar o conhecimento que oferecem. Os alunos investem capital econômico e recebem cursos que moldam seus discursos nos espaços sociais que circulam. Os proprietários da instituição oferecem acesso fácil aos veículos de comunicação. Profissionais da mídia, fora da mídia, fabricam espaços de consagração legítimos para seus consumidores.

Todas essas trocas constituem uma luta pela definição de valor de produtos e serviços culturais. Como afirma Bourdieu, “a definição da nobreza cultural é o pretexto para uma luta que, desde o século XVII até os nossos dias, não deixou de opor, de maneira mais ou menos declarada, grupos separados em sua idéia com a cultura [...]” (BOURDIEU, 2007a, p. 9).

A partir dessas colocações, podemos apresentar o que pretendemos com esta pesquisa. Mostraremos a finalidade que nos motivou a ter esta abordagem do real. Responderemos, portanto, à pergunta “pra quê?” realizamos esta pesquisa.

Nosso objetivo maior ao estudar a comunicação e seus impactos no consumo de bens culturais é identificar como se dá esta relação. Encontrar o papel da mídia na glamorização do consumo de bens culturais. Olharemos para uma pequena instituição, um fenômeno, com o intuito de auxiliar na descoberta das relações macrossociais, buscando entender como a mídia media esse processo.

Além disso, pretendemos averiguar como vem se dando o processo de definição de valor dos bens culturais e quais agentes sociais estão inseridos neste processo. Olharemos também para o discurso da mídia e seus impactos no discurso de agentes sociais por meio de uma pesquisa de recepção e da análise de discursos.

Cumpriremos esses objetivos à luz dos conceitos de campo social, capital e *habitus* de Pierre Bourdieu. Pensamos que os conceitos do sociólogo nos auxiliarão na compreensão das relações sociais e trocas, simbólicas e materiais, existentes na instituição pesquisada. Todos os conceitos usados estão devidamente definidos e embasados no decorrer da

dissertação. Pensamos ser este um caminho que nos ajudará a conciliar o material empírico com a base teórica.

Partiremos agora para a apresentação do nosso objeto empírico de estudo. Explanaremos sobre o funcionamento e as características da Casa do Saber, local onde realizaremos nossa pesquisa.

## **1.2 A Casa do Saber**

A Casa do Saber teve seu início em abril de 2004. A iniciativa partiu de um grupo de amigos que se reuniam regularmente com o intuito de “expandir os horizontes para o campo das grandes ideias”, como afirmou Maria Fernanda Cândido (uma das sócias do empreendimento), em entrevista dada à revista *Veja* (2004). Durante esses encontros, viu-se uma oportunidade de negócio e se formou a Casa do Saber. Como sócios do negócio temos Celso Loducca (publicitário), Pierre Moreau (advogado e empresário), Maria Fernanda Cândido (atriz), Luiz Fernando D’Avila (autor e publisher), Ana Maria Diniz (empresária), Jair Ribeiro da Silva Neto (empresário) e Gabriel Chalita (professor e autor), além de Mário Vítor Santos (jornalista) como diretor.

A instituição oferece cursos livres, palestras e oficinas de estudo nas áreas de artes, cinema, filosofia, história, literatura, música, psicanálise, teatro e temas contemporâneos, reunindo renomados professores e conferencistas ([www.casadosaber.com.br](http://www.casadosaber.com.br)). Hoje ela conta com três unidades — Jardins e Higienópolis, em São Paulo e Lagoa, no Rio de Janeiro.

As unidades são equipadas com salas de aula que parecem luxuosas salas de estar, com pufes, poltronas e sofás que oferecem todo o conforto para o agente/consumidor. Na unidade Jardins, por exemplo, a maior delas, encontramos o auditório (Foto 1, Anexo A), que é reservado para as palestras e cursos com uma grande procura.

Ainda nesta mesma unidade, temos mais três “salas de aula”. Elas se dividem por cores, a sala amarela (Foto 2, Anexo A), a azul (Foto 3, Anexo A) e a verde (Foto 4, Anexo A). Todas possuem lugares confortáveis para o aluno se sentar, além de todo um aparato eletrônico (som, projetor, telão, DVD etc.). Ao entrar, os alunos podem pegar blocos de papel, lápis e prancheta para fazerem suas anotações e escolher entre sofás, poltronas e pufes para se sentar.

Nos espaços de socialização, que são habitados por professores e alunos nos momentos anterior, posterior e intervalos das aulas, podemos encontrar um espaço para o café e uma livraria (Livraria da Vila). Esses espaços costumam ficar lotados nos horários de aula.



O local possui três andares. O aluno pode chegar até as salas usando o elevador ou as escadas. Ao optar pelas escadas, ele se depara com diversas frases de pensadores reconhecidos nas paredes. Daremos destaque aqui a uma delas, que está localizada no piso térreo, fazendo com que, seja qual for a opção do aluno, elevador ou escadas, ele passe por ela: “O conhecimento é poder”, de Francis Bacon.

Em seu site institucional, a Casa do Saber se define como

um centro de debates e disseminação do conhecimento em São Paulo, que oferece acesso à cultura de forma clara e envolvente, porém rigorosa e fiel às obras dos criadores. Em um ambiente extra-acadêmico, a Casa do Saber oferece cursos livres, palestras e oficinas de estudo nas áreas de artes plásticas, ciências sociais, cinema, filosofia, história, música e psicologia, reunindo renomados professores e conferencistas. As palestras e os cursos, estes com duração de um a seis meses, apresentam o diferencial de serem ministrados em pequenos grupos, para promover a troca de idéias e maior interação entre os participantes e os mestres.

A partir dessa apresentação, podemos perceber que a Casa do Saber é um espaço que se define como difusora de conhecimento e cultura em um espaço extra-acadêmico, ou seja, o conhecimento adquirido na instituição não é materializado em diplomas, assim como as instituições de ensino “usuais”. Para fazer um curso nessa instituição, nada é exigido, ou melhor, apenas que se pague o valor do curso escolhido.

### *1.2.1 As aulas, os professores e os alunos*

As aulas funcionam como em qualquer outro ambiente escolar. Os alunos entram na sala e se acomodam. O professor chega, cumprimenta os alunos e inicia a sua fala. Na metade da aula vem o intervalo, de 20 minutos, onde são servidos quitutes e vinho importado. O professor retorna e dá início à segunda parte da aula. As diferenças entre as aulas da Casa do Saber e outras instituições estão no conforto das salas, na decoração, no atendimento, na proximidade entre professor e aluno, no que os alunos comem e bebem durante o intervalo etc.

Nas aulas que ocorrem à tarde, durante o intervalo é servido um lanche com sanduíches (de sabores diversos), sucos, refrigerantes, água, café etc. Nos cursos do período

da noite, acrescentam-se biscoitos e vinho importado. Não podemos nos esquecer da música clássica que embala os intervalos.

Durante as aulas ainda há a figura do monitor. Cada curso possui um estagiário de nível superior, que acompanha todo o processo, das inscrições até a pesquisa sobre o professor e o curso que acontece no final de cada curso. O monitor assiste às aulas e faz anotações para, posteriormente, enviar um resumo da aula aos alunos. Além disso, os monitores cuidam de tudo que tenha relação com os cursos que monitoram. Eles controlam as inscrições, ajudam a decidir a sala em que o curso vai acontecer (o que depende do número de inscritos), ficam em contato constante com os professores para ver de que aparatos tecnológicos o curso vai precisar e para buscar bibliografia e, com os alunos, enviando cartas de boas-vindas, avisando qualquer mudança nas aulas, resumos<sup>1</sup> etc.

Entre os professores, encontramos expoentes da Academia nas diversas áreas de ensino que a instituição aborda. Seus currículos são sempre exibidos nos programas das aulas. Nas unidades de São Paulo vemos a prevalência de professores da USP e da PUC.

O público frequentador da instituição se concentra na elite. Tudo na instituição aponta para esse dado, inclusive os locais onde a instituição se instala — Jardins e Higienópolis em São Paulo e Lagoa no Rio de Janeiro<sup>2</sup>, todos bairros nobres. Existe ainda o valor dos cursos. Um curso de um mês, um encontro por semana, custa R\$ 360,00 por aluno. Podemos perceber ainda certa diversidade na faixa etária que, de acordo com os funcionários que entrevistamos, está acima de 30 anos de idade, e que o público feminino sobressai.

Não tivemos acesso a nenhum banco de dados da instituição. Nenhum dado quantitativo, nem mesmo sobre a quantidade de alunos que já passou pela instituição. As únicas contribuições que recebemos para a realização da pesquisa foi a aprovação do diretor Mário Vítor Santos, o *clipping* de notícias (do qual falaremos mais tarde) e as portas abertas para frequentar a instituição como um todo e entrevistar alunos, funcionários e professores que estivessem interessados em colaborar. Para a nossa participação nos cursos, recebemos a colaboração de alguns professores e entrevistados, que nos convidavam mas, mesmo assim, acabamos pagando por um deles.

---

<sup>1</sup> Informações colhidas com a funcionária 1.

<sup>2</sup> Após o início da pesquisa, a Casa do Saber abriu mais uma filial, localizada no Shopping Cidade Jardim, em São Paulo e, mais tarde, fechou a filial de Higienópolis.

## 2 JUSTIFICATIVAS

Justificar significa mostrar a causa de algo. O porquê de sua existência. Neste espaço justificaremos por que esta dissertação de mestrado pertence ao campo da comunicação. Um campo que “está no centro da sociedade contemporânea e em seu sentido” (LOPES, 2000-2001, p. 55). Justificaremos também o pertencimento do objeto que apresentamos ao Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Um programa de mestrado novo, mas que já possui grande representatividade em seu campo de atuação.

Contaremos os motivos pelos quais este objeto está sendo analisado dentro da linha de pesquisa *Impactos socioculturais da comunicação orientada para o mercado*, justificando seu pertencimento a tal. Por fim, olharemos nosso objeto frente à pesquisa do orientador, cumprindo com a exigência de colocarmos nosso objeto alinhado à pesquisa deste.

### 2.1 Justificativa do objeto em face do campo da comunicação

Sabemos que o campo da comunicação se constituiu a partir da junção de conceitos e teorias vindas de campos diversos das ciências sociais, como a filosofia, a sociologia, a psicologia e a linguística. Na sociedade contemporânea, vemos os estudos da comunicação se tornando cada vez mais importantes e questionados (LOPES, 2001, p. 45). É na interdisciplinaridade ou até na transdisciplinaridade, como coloca Lopes, que procuramos nos firmar e que o campo se institucionaliza.

As fronteiras entre o campo da comunicação e os outros campos (que ajudam e ajudaram a formar o campo da comunicação) são tênues. Os estudos em comunicação possuem uma constante preocupação em não enveredar suas discussões para outros campos. Michel Foucault pontua as fronteiras das ciências humanas. Afirma que o objeto próprio de cada ciência humana pode se dissolver no estreitamento dessas fronteiras e na multiplicação das disciplinas intermediárias e mistas (FOUCAULT, 2007, p. 495). Para solucionar essa questão, o autor faz a seguinte afirmação:

Mas, qualquer que seja a natureza da análise e o domínio a que ela se aplica, tem-se um critério formal para saber o que é do nível da psicologia, da sociologia ou da análise das linguagens: é a escolha do modelo fundamental e a posição dos modelos secundários que permitem saber em que momento

se “psicologiza ou se “sociologiza” no estudo das literaturas e dos mitos, em que momentos se faz, em psicologia, decifração dos textos ou análise sociológica [...].

Enfrentamos essas mesmas preocupações com o campo da comunicação. Um exemplo é o artigo de Laan Mendes de Barros, apresentado no GT (grupo de trabalho) da Compós, *Epistemologia da comunicação*, que traz a seguinte sentença: “Os limites de nosso campo e a especificidade de nosso objeto de estudo são temas recorrentes de nossas discussões e estão no centro das nossas atenções desde os anos sessenta” (BARROS, 2008, p. 1). Sobre as delimitações do nosso objeto de estudo, este mesmo autor, dando continuidade ao seu artigo, questiona se ficamos entre a mídia ou a sociedade, entre a tecnologia ou a cultura? (BARROS, 2008, p. 5).

Pesquisadores em comunicação se fazem essa pergunta diariamente. Na incapacidade de responder à questão colocada por Barros, afirmamos que o estudo da mídia ou dos processos midiáticos estará presente nesta dissertação. O que não quer dizer que os outros elementos citados pelo autor — sociedade, tecnologia e cultura — não estarão. Entendemos, assim como o autor, que

os estudos de comunicação não podem se limitar ao universo restrito da mídia. Mas, ao alargar a mirada, prefiro acompanhar a proposta de Martín-Barbero, na concepção de “mediações” como parte integrante do processo comunicacional, como contexto no qual os fenômenos midiáticos são vivenciados pelas pessoas e grupos que produzem e re-produzem sentidos. As mediações, neste caso, não se configuram como antítese da mídia, mas como contexto no qual os “textos” midiáticos ganham sentido. A mídia é, a meu ver, componente determinante, sim, de nosso objeto de estudo. Ocorre que o processo não se limita a ela. A mídia deve ser tomada no contexto das mediações, como parte integrante — mas determinante — delas (BARROS, 2008, p. 13).

Apoiamo-nos, também, em Douglas Kellner que, em sua obra *A cultura da mídia*, ao falar de uma guerra de teorias, ressalta a importância dos estudos da mídia na sociedade contemporânea e afirma que “a cultura veiculada pela mídia [...] deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais

correntes que a constituem” (KELLNER, 2001, p. 27). O autor ainda ressalta que a cultura da mídia é a cultura dominante na contemporaneidade.

O campo da comunicação vem crescendo e se aprimorando e que as discussões em torno do que deve ser seu objeto ainda têm um longo caminho. Vemos a importância dos estudos que colocam a mídia como um tema central, apesar de pensarmos que não é somente pelo estudo da mídia que as pesquisas concentradas no campo da comunicação trarão benefícios e crescimento ao campo. O que nos cabe agora é apresentar a justificativa do pertencimento do nosso estudo a este campo.

Como falamos anteriormente, esta dissertação de mestrado tratará das relações entre a mídia e o consumo de bens culturais. Mais especificamente, trabalharemos o consumo de bens culturais realizado em escolas que oferecem cursos livres em espaços extra-acadêmicos com valor elevado frente aos padrões socioeconômicos brasileiros.

A análise das características da Casa do Saber, nosso objeto empírico de estudo, nos levará a discutir o consumo de bens culturais de luxo na sociedade contemporânea. Anteriormente explicitamos a importância do estudo da mídia para o campo da comunicação. Mostraremos agora a relevância desse estudo para a dissertação que está sendo confeccionada.

Entendemos que a mídia possui função fundamental na glamorização do consumo de bens culturais. O que ainda não foi dito é como esta relação (mídia – Casa do Saber) é concretizada. Partiremos dos proprietários da instituição, que são, em sua maioria, agentes do campo midiático. Analisaremos a influência desses agentes na presença da instituição na mídia. Ou seja, partimos da hipótese de que a presença dos agentes da mídia facilita a inserção da Casa do Saber nos meios de comunicação e que os agentes do campo econômico (grandes anunciantes) auxiliam na docilização desses veículos.

Além disso, vamos analisar o conteúdo e a forma das mensagens que se encontram nesses veículos. Mensagens que, a partir de uma primeira análise<sup>3</sup>, apresentam características de notícia por serem fabricados, em sua maioria, por uma assessoria de imprensa, porém constituem uma divulgação. Seria este material publicidade camuflada por uma linguagem jornalística? Faremos então, uma análise da recepção dessas mensagens com os agentes/consumidores desta instituição. Este aspecto custará para a dissertação uma discussão sobre as fronteiras existentes entre o jornalismo e a publicidade.

---

<sup>3</sup> Esta análise inicial foi realizada a partir do *clipping* de notícias, referente ao período de janeiro de 2007 a março de 2008, cedido pela instituição.

A partir desses aspectos, temos justificado o pertencimento desta dissertação ao campo da comunicação. Investigaremos como se dá a relação entre a Casa do Saber e a mídia, como a mídia apresenta a instituição e, por fim, como os agentes sociais, envolvidos nos processos da instituição (alunos, proprietários e fornecedores), recebem essas mensagens.

## **2.2 Justificativa do objeto em face do programa**

Esta pesquisa está sendo confeccionada dentro do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM. Sendo assim, para nos fixarmos neste programa, a pesquisa precisa olhar para a comunicação a partir do viés do consumo.

Trataremos aqui da sociedade do consumo. Até mesmo do *hiperconsumo*, como sugere Lipovetsky (2007). Impulsionada pela comunicação de massa, a sociedade contemporânea tira o foco da produção e se concentra no consumo. Ela é “orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e querereres voláteis” (BAUMAN, 2001, p. 90). Quanto mais se consome, mais se quer consumir. Na contemporaneidade, toda saturação de uma necessidade é acompanhada por novas procuras (LIPOVETSKY, 2007, p. 38). E assim segue a vida do sujeito contemporâneo. Num ciclo de satisfação e renovação dos desejos.

No caso desta pesquisa, voltaremos o olhar para o consumo de bens culturais. Consumo este que vem sendo realizado de forma díspar na instituição pesquisada. Chamamos de bens culturais os serviços oferecidos pela Casa do Saber, ou seja, seus cursos e palestras. Um espaço onde os alunos/consumidores recebem “conhecimento” (entre outras coisas) em troca de capital econômico. Um conhecimento que não é legitimado em diplomas.

Durante a dissertação, trabalharemos o consumo como formador de identidade. Demonstraremos que o sujeito contemporâneo se mostra por meio do consumo. O que vestimos e o que comemos, os lugares para onde viajamos, as formas de lazer que preferimos, nossas escolhas culturais montam um mapa. Um mapa que indica quem somos. Freire Filho nos apresenta essa mesma ideia ao afirmar que:

De uma forma ou de outra, estamos todos envolvidos no projeto de construção e manutenção de uma aparência, de uma imagem, de um estilo, ao mesmo tempo particular e socialmente desejável. Numa conjuntura histórica habitualmente conceituada como tardo moderna, neo-moderna ou pós-moderna, temos consciência de que nossas disposições corporais, a maneira como articulamos nosso discurso, nossas opções de férias e lazer,

nossas preferências em termos de música, cinema, TV, roupa, comida, qualquer objeto ou expressão cultural submetido a julgamento de gosto, serão avaliados como principais indicadores de nossa personalidade, de nossa individualidade (FREIRE FILHO, 2003, p. 71).

Os bens que consumimos, sejam eles materiais ou simbólicos, têm a capacidade de nos incluir em grupos ou campos sociais. E, ao mesmo tempo, de nos excluir de outros. Everardo Rocha, em uma entrevista a Micael Herschmann e Nízia Villaça publicada na revista ECO-PÓS, faz a seguinte afirmação:

Vejo o consumo nesse sentido de código sempre inclusivo de novas identidades e de novos produtos e serviços — identidades sociais de um lado, produtos e serviços do outro. O consumo inclui novos produtos e serviços e, ao mesmo tempo, realiza uma reorganização das identidades, operando um sistema de diferença. [...] Através do consumo os bens entram na ordem social, classificando a si mesmos e às pessoas por possuírem esse mesmo produto ou serviço. Define a nossa identidade dentro e fora dos grupos sociais.

Definimos então o consumo não só como classificador de identidades, mas também como delator de “lugares sociais”, ou seja, como mais um aspecto da distinção social (BOURDIEU, 2007a). Este é o foco do estudo do consumo de bens culturais. Por meio desta pesquisa, poderemos perceber como o consumo de uma “cultura legítima”, como nomeia Bourdieu<sup>4</sup>, transfere identidade e valor ao seu consumidor.

### **2.3 Justificativa do objeto em face da linha de pesquisa**

Assim como nosso objeto de estudo pertence a um programa de mestrado, estamos sob o guarda-chuva de uma linha de pesquisa: *Impactos socioculturais da comunicação orientada para o mercado*. De acordo com o escrito no site institucional da instituição ([www.espm.br](http://www.espm.br)), esta linha de pesquisa

---

<sup>4</sup> Pierre Bourdieu (2007a) afirma que para estabelecer o atributo de legítimo aos bens culturais, devem-se estabelecer as condições em que são produzidos.

abriga investigações que estudam, no âmbito da comunicação e do consumo, a relação entre contextos macro-sociais e seus impactos no cotidiano, contemplando reflexões sobre recepção, ética e estética. Essas pesquisas consideram a relevância da ancoragem de dinâmicas de subjetivação e ressignificação no campo articulado pela circulação e recepção dos discursos e processos midiáticos.

Uma das formas de encontrar as relações entre os contextos sociais e seus impactos no cotidiano do sujeito é por meio da pesquisa de recepção. De acordo com Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy, o que caracteriza a análise de recepção é a comparação entre os discursos dos meios — e a sua estrutura — e os discursos da audiência — e a estrutura de sua resposta (JACKS, 2005, p. 42).

Para nos inserir nesta linha de pesquisa, trabalharemos com um estudo de recepção. Analisaremos os discursos dos meios e dos agentes sociais que circulam na Casa do Saber (alunos/consumidores, professores, funcionários e os proprietários e/ou idealizadores) e alguns discursos que são contra os fins da instituição. Poderemos, assim, entender o papel da mídia na glamorização do consumo de bens culturais. Vamos verificar o que o meio diz para a audiência.

A análise de discursos também estará presente ao analisarmos as entrevistas que serão realizadas com os agentes da instituição e também para entendermos o que a mídia fala sobre a Casa do Saber. Serão, então, dois momentos em que a análise do discurso de linha francesa nos será valiosa. De acordo com Gregolin (2007, p. 13), “a análise do discurso [...] interessa-se cada vez mais em tornar a mídia como objeto de investigação”.

#### **2.4 Justificativa do objeto em face do orientador**

Apresentamos aqui a nossa última justificativa, o alinhamento de nossa pesquisa frente às pesquisas do professor orientador.

O orientador desta pesquisa é o professor livre-docente pela ECA-USP, doutor em Direito pela Universidade de Paris e em Ciências da Comunicação pela ECA-USP Clóvis de Barros Filho. Sua pesquisa é voltada ao estudo da ética na comunicação, tendo como objeto as práticas sociais dentro do campo da comunicação.

Sabemos que o conceito de ética — o estudo das práticas sociais — descende da filosofia moral. A *práxis*, a ação humana, é o objeto desta filosofia. Comte-Sponville afirma



que a “moral responde à pergunta ‘o que devo fazer?’. É o conjunto dos meus deveres, em outras palavras, dos imperativos que reconheço legítimos [...]” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 16).

Para uma ação ou uma coisa se tornar legítima ela precisa ser valorada. É neste ponto que nossa pesquisa se encaixa com a pesquisa do orientador. Vamos verificar, primeiramente, como os agentes da Casa do saber valoram sua ação, seu consumo. Por que eles ressaltam tanto o gosto por uma cultura dita legítima. Posteriormente, procuraremos entender o que classifica os cursos que a Casa do Saber oferece como bons, melhores que outros, ou legitimados. Para tanto, precisaremos analisar como é atribuído valor a eles, e como a mídia entra nesse processo.

Entraremos aqui em uma discussão pertencente à filosofia moral, em que apresentaremos duas perspectivas de concepção de valor: a idealista e a materialista. Dessa maneira, poderemos entender o valor dos bens culturais sendo apresentados e vendidos como se possuidores de valor imanente, valor neles mesmos, ou, em uma outra perspectiva como uma construção social, quando agentes sociais legitimados (em um dado campo social) lhe atribuem valor. Realizaremos, então, um estudo sobre as práticas sociais que circundam o consumo e a comunicação de bens culturais.

### **3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Sabemos que a escolha metodológica de uma investigação acadêmica constitui um ato interessado e implica fortemente nos resultados obtidos de uma pesquisa. As opções metodológicas são vastas e sempre seremos questionados sobre a nossa escolha. Portanto, o primeiro passo aqui será apontar a escolha do método, escolha esta que nos obriga a excluir outros métodos. Posteriormente vamos justificar nossa opção metodológica e mostrar por que priorizamos uma forma de resolver nosso problema e abdicamos de outras.

O que pretendemos definir com a nossa pesquisa é de que forma a mídia se relaciona com o consumo de bens culturais. Objetivamos encontrar a participação dos meios de comunicação na glamorização deste consumo e, para chegarmos até este objetivo maior, verificaremos como a oferta desses de bens culturais é recebida pelos agentes/consumidores da instituição.

Para tanto, realizaremos um estudo de recepção das mensagens encontradas na mídia sobre a Casa do Saber, nosso objeto empírico de estudo. O grupo que fará parte da pesquisa de recepção se estende aos alunos/consumidores da instituição, porém também nos

interessaremos pelos discursos dos professores, funcionários e proprietários do espaço, com o intuito de averiguar como se dá a produção destas mensagens. Não podemos analisar exclusivamente a recepção, ou melhor, não podemos analisar a recepção sem uma análise da produção.

A primeira parte da coleta de discursos compreenderá uma busca por inserções da Casa do Saber na mídia impressa. Tivemos acesso ao *clipping*<sup>5</sup> de notícias da Casa do Saber, que compreende todas as inserções da instituição durante o período de janeiro de 2007 a abril de 2008. O *clipping* nos será muito útil para quantificarmos o volume de inserções da Casa do saber nos veículos durante determinado espaço de tempo e, assim, comparar estes resultados com o discurso dos alunos entrevistados. Porém, não vamos nos prender exclusivamente a ele. Traremos a tona outras inserções na mídia – anteriores e posteriores ao *clipping* de notícias - para exemplificarmos o seu discurso nossos pontos a todo momento.

A coleta dos discursos dos agentes da Casa do Saber será feita por meio da entrevista em profundidade. Porém, para termos acesso aos agentes, precisamos conhecer a instituição, como funciona sua rotina e seus agentes. Para tanto, usaremos a observação participante.

Para o entendimento dos variados discursos recolhidos, usaremos como ferramenta de análise a análise de discursos de linha francesa. Com isso poderemos entender como os discursos da mídia e os dos agentes são construídos, constituídos e, principalmente, como eles se relacionam.

Apresentaremos agora o que encontramos na compilação das inserções da Casa do Saber na mídia. É o primeiro passo de nossa pesquisa. Posteriormente discorreremos sobre os a metodologia qualitativa de pesquisa e os métodos que usaremos para alcançar nossos objetivos - observação participante e entrevistas em profundidade. Por fim, apresentaremos a análise de discurso, procedimento com o qual vamos olhar para os discursos colhidos.

### **3.1 O *clipping* da Casa do Saber**

A comunicação entre a Casa do Saber e seu aluno/cliente se baseia no envio de e-mails marketing, que avisam a chegada de novos cursos, eventos e palestras da instituição, para todos os alunos (ativos ou não) e interessados que entrem no site da instituição e cadastrem seu e-mail. Existe também uma brochura enviada no início de cada semestre aos alunos que

---

<sup>5</sup> O *clipping* é uma ferramenta da assessoria de imprensa que consiste na coleta de notícias relativas a uma instituição ou pessoa.

possuem cadastro completo na instituição<sup>6</sup>. Esta brochura apresenta a instituição, os cursos e os professores.

Existe também o site ([www.casadosaber.com.br](http://www.casadosaber.com.br)), que é mantido atualizado com diversas opções de busca de cursos<sup>7</sup>, além de informações sobre as inscrições, formas de pagamento, os links “Quem Somos” (com apresentação da instituição, nomes de seus proprietários e diretor, carta de princípios, um link “trabalhe conosco” e outro “conheça a casa” com fotos da instituição), “serviços” (com as seguintes informações: Casa do Saber na empresa, Eventos, Grupos, Cartão Paideia Universalis<sup>8</sup>, Carteira de Estudante, Vale-Presente e Bolsa de Estudos), “como chegar” (com os endereços das unidades Jardins e Higienópolis) e, por fim, “contato” (com os endereços e telefones da instituição). Lembramos que o site da empresa não é de uso exclusivo dos alunos, mas de qualquer pessoa interessada na instituição.

Além dessas ações de comunicação, a Casa do Saber faz uso da assessoria de imprensa — ferramenta do composto de comunicação que objetiva a divulgação — para divulgar a instituição em si, seus cursos e palestras. Uma parte desse trabalho se concentrará em analisar 16 meses (de janeiro de 2007 a abril de 2008) de resultados dos trabalhos realizados pela assessoria de imprensa da instituição. Dezesesseis meses de inserções na mídia por meio das técnicas de assessoria de imprensa. Essas inserções foram colhidas pela própria assessoria de imprensa — e passadas para nós por uma monitora, após, claro, o aceite do diretor da instituição — e está na forma de *clipping*, seleção de notícias relacionadas à instituição. Entre os meses de janeiro de 2007 e abril de 2008 somamos um total de 54 publicações.

Pois bem, para a compilação dessas inserções decidimos construir um banco de dados (Anexo C) que se divide nas seguintes partes: informações gerais, conteúdo e resumo da publicação. Para sermos didáticos e facilitarmos a compreensão de nossa análise, pensamos que o mais adequado a se fazer é, primeiro, partir para uma explicação de cada parte com seus principais resultados para, posteriormente, relacionar as partes e seus resultados.

---

<sup>6</sup> Possuem o cadastro completo aqueles que efetuaram a inscrição em algum curso ou palestra na instituição, pois é no ato da primeira inscrição que os alunos passam todos os seus dados.

<sup>7</sup> Existem as opções de busca por professor, por curso e por dia da semana.

<sup>8</sup> O cartão Paideia Universalis garante acesso a todos os cursos, palestras e eventos da programação do segundo semestre de 2007. O custo é de R\$ 4.000.

### 3.1.1 Informações gerais

Neste primeiro segmento temos os seguintes campos a serem preenchidos: Veículo (nome), data da publicação, título da publicação, tipo do veículo (jornal, revista, internet) e distribuição (nacional ou local). A partir dessas categorias, pudemos perceber que, do total de 54 publicações, 30 foram inserções em jornais, nos quais encontramos 12 na *Folha de S. Paulo*, 15 em *O Estado de S. Paulo* e três no *Jornal da Tarde*.

Entre as revistas, o resultado total foi de 12 inserções. Dessas, cinco foram na *Vejinha (Veja SP)*, três na *Revista da TAM*, uma na *Revista da Folha*, uma na revista *Exame*, uma na revista *A Hebraica* e uma na revista *Pequenas Empresas Grandes Negócios*.

O mesmo número (12) foi encontrado entre os sites da internet que tiveram publicações sobre a Casa do Saber. A variedade de sites nos surpreendeu. Encontramos duas inserções no site Yahoo (uma no Yahoo notícias e outra no Yahoo guia da semana), uma no Bravo Online, uma no portal Ciência e Vida, uma no site Fashion Lifestyle Media House, uma no site Guia da Semana SP, três no Glamurama, uma no site DCI — Diário Comércio, Indústria e Serviços, uma no Globo.com e, por último, uma no site MFH – Making Fashion History.

Voltando a reunir todas as inserções analisadas, tivemos um total de 44 em veículos de abrangência nacional e dez em veículos locais (São Paulo). Sobre os títulos/chamadas das publicações, encontramos o nome da instituição em sete delas, sendo três em jornais, uma em revista e três na internet. Nas demais, vimos nomes de professores, nomes ou assuntos dos cursos e outros fazendo alusões à escola, cursos ou professores.

### 3.1.2 Conteúdo

Sobre o conteúdo apresentado nessas publicações, nossas categorias se dividiram da seguinte forma: divulgação de curso<sup>9</sup>, divulgação de palestra<sup>10</sup>, divulgação de eventos<sup>11</sup>, se se tratava de uma matéria jornalística, uma crônica, anúncio, se falava da Livraria da Vila e se tinha fotos.

---

<sup>9</sup> Nesta categoria incluímos apenas os cursos pagos.

<sup>10</sup> Nesta categoria incluímos apenas palestras gratuitas.

<sup>11</sup> Eventos realizados pela Casa do Saber ou Livraria da Vila da Casa do Saber.

Das 54 publicações, a maioria diz respeito à divulgação de cursos, somando um total de 34. Dentre elas, quatro tinham fotos da Casa do Saber. Nessa categoria, além de encontrarmos pequenas notas que apenas divulgavam os cursos, vimos matérias jornalísticas e crônicas que, em seu desenvolvimento, divulgavam cursos da instituição. Foram analisadas cinco divulgações de palestras, dez matérias, duas crônicas, cinco eventos (sendo três da livraria da Vila) e um anúncio. Lembramos ainda que, dentro destas categorias, encontramos compatibilidades como, por exemplo, crônicas ou matérias que divulgam cursos.

Nesta parte, analisamos também o que as publicações informavam. Para isso, propomos as categorias dados da escola, dados do professor e dados do curso. Cada uma delas com espaços nos quais podíamos especificar esses dados. Esses campos foram preenchidos sempre que a publicação expunha qualquer aspecto desses três tópicos (instituição, professores, cursos), mesmo que fosse apenas o nome. Dessa forma, pudemos perceber que, das 54 publicações, 42 forneciam dados dos cursos, 39 davam dados do professor e todas citavam, pelo menos, o nome da instituição. É importante ressaltarmos aqui que a maioria das publicações que falavam do professor destacava sua formação, profissão e/ou área de conhecimento. Da mesma forma, a maioria das publicações que citavam cursos informava a data de início, quantidade de encontros, o valor e um breve resumo e, dos que falavam da instituição, informavam o endereço, o telefone e, muitas vezes, o site.

### ***3.1.3 Resumo da publicação***

Este é o espaço onde concluímos a análise. Os espaços de preenchimento compreendem um resumo da publicação e algumas palavras/expressões de destaque. Aqui pudemos perceber que a grande maioria das inserções na mídia possuía características típicas de textos formulados por uma assessoria de imprensa, o *press release*. De acordo com Mafei (2008, p. 69), o *press release*

é o símbolo por excelência da assessoria de imprensa. Criado por Ivy Lee, o “pai” das relações públicas e da assessoria de imprensa, significa “informação liberada para a imprensa”. O primeiro parágrafo do *press release* deve concentrar as informações que você publicaria, caso estivesse no lugar do repórter ou editor [...]. pense no que é notícia, no que é novo, no que é de interesse de um maior número de leitores. [...] concentrar logo no primeiro parágrafo, as informações que conduzem ao “quem”, “o que”,

“onde”, “quando”, “como”, por que” e “pra que”, ou seja, as perguntas básicas que direcionam um texto informativo.

Notamos essas características (de textos informativos) nas publicações analisadas. Em sua maior parte, elas apenas informavam o início ou o advento de um curso, informando a data, a hora, o local, o professor e o valor. Temos, por exemplo, uma inserção no *Jornal da Tarde* em março de 2007 que trazia a seguinte informação:

Nietzsche e o Cristianismo. Hoje (16), a Casa do Saber, organiza a mesa-redonda com a presença de Paulo César de Souza, Franklin Leopoldo e Silva e Oswaldo Giacoia Junior. Eles debatem a relação entre “Nietzsche e o Cristianismo”. Casa do Saber. R. Dr. Mário Ferraz, 414, Jardins, 3707-8900. 6 (16), 20h. Grátis.

Dessa maneira, podemos apontar que, sendo a grande maioria das publicações analisadas — publicações estas que compreendem a presença da Casa do Saber na mídia — informativas, assim como a acima exemplificada, a presença da instituição na mídia se dá de forma informativa/jornalística e não publicitária. Porém, é uma divulgação. Como se dá a recepção das ações de uma assessoria de imprensa?

No decorrer da dissertação, mais especificamente no capítulo 3, abordaremos os resultados da compilação dos dados do clipping de notícias com mais detalhes. Por enquanto, o que nos interessa é apresentar como fizemos a compilação e os grandes resultados.

### **3.2 O método qualitativo**

Nossa investigação se embasará em uma metodologia qualitativa. Sobre a pesquisa qualitativa sabemos que as condições materiais de abordagem do real fazem parte do resultado, ou seja, os resultados serão obtidos a partir da singularidade da abordagem. De acordo com Bourdieu, “ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma relação social que exerce efeitos sobre os resultados obtidos” (BOURDIEU, 2003, p. 694). Tanto o pesquisador quanto o objeto pesquisado participam de um encontro único com o mundo. Sendo assim, admitimos que não pretendemos obter resultados que possam ser universais, ou atribuídos de alguma representatividade ou reprodutibilidade. De acordo com Barros Filho,

Numa investigação qualitativa não cabe, portanto, discussão sobre representatividade das amostras, investigações comparativas padronizadas e relações entre as medidas. Todas essas cautelas, que povoam o senso comum sobre pesquisa, são próprias de métodos não qualitativos. A ênfase na qualidade supõe que o sentido dos dados colhidos e analisados não está neles mesmos, mas lhes é atribuído pelo pesquisador num contexto determinado e em função de critérios que emergem ao longo do processo de coleta” (BARROS FILHO, 2002, p. 249).

Podemos falar aqui de uma diferença fundamental entre os métodos qualitativos e quantitativos: a categorização. Na pesquisa quantitativa, a categorização é feita *a priori*. Criam-se categorias para encaixar o mundo nelas. Já na pesquisa qualitativa, o primeiro passo é a observação do fenômeno. Os questionários fechados, usados nas pesquisas quantitativas, fazem com que o pesquisado encaixe sua opinião ou pensamento em quatro ou cinco possibilidades. Sem mais nem porquês. Sem exceções. Já na pesquisa qualitativa, o pesquisado tem a possibilidade de explicar seus pontos, mostrar ao pesquisador o caminho que o levou a tais conclusões e/ou opiniões. A pesquisa qualitativa, então, nos auxilia a encontrar as singularidades do mundo.

Porém, as pesquisas qualitativas e quantitativas podem se misturar. Beaud e Weber (2007, p. 195) afirmam que “seria um absurdo opor os diferentes métodos uns aos outros”. O pesquisador deve aproveitar todos os dados disponíveis, sejam eles qualitativos ou quantitativos para a realização da pesquisa.

O papel do pesquisador é central numa reflexão qualitativa. Afinal, é ele “que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo” (BOURDIEU, 2003, p. 695). Por isso, o pesquisador deve se esforçar para dominar e entender os efeitos existentes na relação de entrevista, por exemplo. É preciso apresentar todas as reflexões que constituem os momentos anterior, posterior e durante a entrevista. Um diário de campo é recomendado durante essa tarefa. “Nele encontram-se todas as observações feitas em campo e anotações de idéias” (MARIN, 2006, p. 86).

Dentro do método qualitativo trabalharemos a observação participante e entrevistas em profundidade. Apesar de conhecermos outras técnicas que poderiam nos levar a obter resultados também satisfatórios, ou mesmo a acrescentar em nossos resultados, pensamos que a união da observação participante com entrevistas em profundidade nos será suficiente para o entendimento das relações presentes no espaço social pesquisado em si e com a mídia.

Deixamos clara, dessa forma, a singularidade das observações que serão apresentadas a partir da singularidade também do observador e de sua pesquisa.

### **3.3 A observação participante**

A observação participante foi concretizada por meio da participação em alguns cursos da instituição e vivência nos espaços de socialização (o café e a livraria que ficam dentro da Casa do Saber). Nosso objetivo com esta técnica é entender e nos aprofundar na lógica do espaço pesquisado. Tentaremos revelar como o espaço se comunica por meio da apresentação do seu espaço físico e como os alunos se comportam (nas aulas e nos espaços de socialização). A observação também foi filtro para nossas entrevistas com alunos. Só entrevistamos aqueles que tivemos oportunidade de observar em aula e nos espaços de socialização. Dessa forma, pensamos ter mais dados para analisar os discursos colhidos.

Beaud e Weber (2007, p. 98) afirmam que a observação “é uma vigilância aguçada por informações exteriores e questões que evoluem à medida que seu trabalho avança. É uma ferramenta de descoberta e de verificação”. No caso da Casa do Saber, nossa observação está concentrada nas interações pessoais — como as pessoas se comportam e interagem — e no lugar em si.

A observação serve como uma porta de entrada. A partir do momento em que o pesquisador conhece o funcionamento do espaço pesquisado, a aproximação com os agentes fica mais fácil. Travancas (2005), ao falar sobre a observação participante, afirma que o cientista social não deve se colocar ingenuamente no espaço pesquisado.

Ele deve estar atento ao seu papel no grupo. Deve observar e saber que também está sendo observado e que o simples fato de estar presente pode alterar a rotina do grupo ou o desenrolar de um ritual. Isso não quer dizer que ele também não deva ou não possa participar (p. 103).

Sobre o papel do pesquisador na observação participante, Cicília Peruzzo esclarece que ele deve se inserir no grupo pesquisado e participar de suas atividades, “ele acompanha e vive a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação”. Ele (o pesquisador) é autônomo, não existindo interferências do grupo ou de algum elemento do ambiente pesquisado na formulação de qualquer das fases da pesquisa e, por fim, ele pode ser “encoberto” ou “revelado” em relação ao grupo/ambiente pesquisado.



No caso da observação da Casa do Saber, decidimos frequentar os cursos e a instituição sem nos apresentar como pesquisadores *a priori*. Apenas quem autorizou a pesquisa no espaço sabia de nosso intuito. Porém, nossa intenção não era guardar segredo sobre a pesquisa. Dessa forma, com o tempo, alguns alunos e professores passaram a nos reconhecer como pesquisadores.

Participamos de cinco cursos da instituição, sendo três de filosofia, um de teatro e um de psicanálise. Além disso, participamos de seis palestras gratuitas. Foram elas: “A história do design”, “A história da perfumaria”, “Mudanças climáticas no Brasil”, “Mar sem fim”, “Uma filosofia da palavra”, “Conheça a astrobiologia” e também a leitura de peça “O mestre-de-obra”. Além disso, permanecemos na livraria e no café (espaços de circulação) por vários dias, observando a chegada e a saída dos alunos, e os intervalos.

A partir dessa participação ativa nas atividades da instituição, pudemos perceber como os alunos se comportavam nos diversos momentos das aulas (anterior, posterior, durante, intervalo etc.). Percebemos que o comportamento dos alunos muda levemente de acordo com o curso e o horário. Nos cursos da hora do almoço vemos mais mulheres que vão em grupo, tornando as aulas muito agitadas, por exemplo. Já nos cursos do final da tarde a quantidade de executivos aumenta, as aulas são mais silenciosas e existem mais questões colocadas no final. Nas aulas da noite os perfis se misturam muito. Nos cursos de filosofia, verificamos que a grande maioria dos alunos fazia anotações durante a aula. Já nos cursos de teatro e psicanálise e nas palestras essa prática não foi muito percebida. Nos dois últimos cursos citados notamos maior participação dos alunos durante a aula — faziam perguntas e eram questionados pelos professores.

Notamos também que os alunos fazem amizades durante os cursos. Aqueles que já não chegam até a instituição junto com amigos, esposas ou namorados acabam conhecendo outras pessoas e criando laços de amizade. As conversas entre os alunos quase nunca tem relação com a instituição, o professor ou a aula. Essas conversas se dão, na maior parte das vezes, nos espaços de socialização da instituição. Sempre, após as aulas, o café localizado na entrada do espaço fica cheio de mulheres conversando sobre viagens, compras, maridos, filhos e outros assuntos do gênero.

A partir da observação participante, tivemos a oportunidade de conhecer, ganhar a confiança e estabelecer contato com algumas pessoas inseridas no ambiente. Tivemos também um interlocutor neste processo, o professor orientador Clóvis de Barros Filho, que é professor da instituição. Beaud e Weber (2007) chamam esta relação de “apadrinhagem”, quando

alguém se apresenta como princípio de sua moralidade. Esta relação nos trouxe bons frutos para o início das entrevistas em profundidade.

De acordo com Cicília Peruzzo (2005, p. 125), “a pesquisa participante tem aplicação em várias áreas do conhecimento”. A autora afirma ainda que na área da comunicação social, a observação participante passa a ser uma metodologia usada por duas motivações: “realização de uma pesquisa inovadora de caráter qualitativo que permitisse atingir elevado grau de profundidade. Portanto, trata-se de uma posição advinda de todo um debate que se trava no campo da epistemologia da ciência [...]” e “preocupação em dar um passo adiante em relação aos estudos críticos — do tipo pesquisa-denúncia — dos meios de comunicação, que já não satisfazem mais a uma ala dos pesquisadores”.

Na nossa pesquisa, a observação participante é aplicável à medida que percebemos a necessidade de conhecer o espaço observado para realizarmos a análise proposta. Sabemos que existem outros meios para tanto. Porém, acreditamos que, usando uma pesquisa inovadora, como afirma Peruzzo, estaremos contribuindo para o campo e, além disso, embasando nossa pesquisa em um método legítimo que trará contribuições concretas.

### **3.4 A entrevista em profundidade**

As entrevistas em profundidade foram realizadas com alunos, funcionários, professores e proprietários da instituição. A escolha desses agentes é feita de forma aleatória e não tem a intenção de ser representativa. Essas entrevistas são caracterizadas por ocuparem um tempo relativamente longo e são gravadas com o auxílio um gravador digital. Não possuem um questionário fechado, no máximo um roteiro de entrevista que não constitui um objeto a ser seguido e respeitado, é apenas um guia de entrevista. O mais importante nesse processo é tentar ganhar a confiança do entrevistado, conseguir compreender rapidamente o que está sendo dito e entrar em seu universo (BEAUD e WEBER, 2007, p. 134).

Jorge Duarte (2005) coloca a entrevista em profundidade como uma técnica dinâmica e flexível dividindo-a, na pesquisa qualitativa, em questões não estruturadas — entrevista aberta — e questões semiestruturadas — entrevista semiaberta. Aqui, usaremos uma abordagem sem pauta definida, como coloca o autor Clóvis de Barros Filho (2002), que nomeia estas abordagens de entrevistas desestruturadas. O autor afirma que nessas entrevistas os discursos coletados não são provocados, induzidos ou fabricados por uma pergunta. Dessa maneira, a manifestação do entrevistado é influenciada em menor escala pelo entrevistador (BARROS FILHO, 2002, p. 256).

Sabemos que a relação pesquisador/pesquisado é complicada e que devemos tomar certas precauções nos processos da entrevista. Pierre Bourdieu afirma que:

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de intrusão sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca [...] é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar a razões que o levam a aceitar de participar em troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distancia entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras (2003 p. 695).

É importante, também, dar atenção ao relato dos dados recolhidos. Eles carregam toda a vivência do observador, isto é, estão impregnados da visão, dos interesses e dos juízos de valor do pesquisador, por mais que ele esteja constantemente refletindo sobre as surpresas que presencia durante a pesquisa de campo e analisando seu papel de pesquisador e sua posição ou atuação em campo (BEAUD; WEBER, 2007, p. 193). Por meio da pesquisa empírica, seremos capazes de revelar o grupo estudado, mas estamos cientes de que esta “revelação” mostrará também, na materialidade do texto, o “sujeito do discurso” (GREGOLIN, 2003, p. 48). Dessa forma, o texto apontará o seu autor, suas limitações, suas afiliações e, novamente, o seu lugar de fala.

Sobre este ponto, Bourdieu (2003) afirma que

É somente à medida que ele (o pesquisador) é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontre seu objeto (que é também, ao mesmo em certa medida, um *alter ego*) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele (p. 657).

Como podemos ver, diversos fatores influenciam a relação do entrevistador com o entrevistado. Cabe ao entrevistador guiar a entrevista, ouvir o entrevistado e até mesmo aprender com ele. Sabemos que interferimos em um mundo desconhecido ao realizarmos uma pesquisa empírica. Por isso, tentaremos deixar essa interferência o menos violenta possível.

Escolhemos a entrevista em profundidade para trabalhar nosso problema de pesquisa, pois com ela poderemos recolher diversos pontos de vista de uma forma menos agressiva. Não temos aqui a pretensão de colocar este método acima dos demais, apenas consideramos que, dentro das possibilidades da pesquisa e do pesquisador, constitui um método adequado.

### ***3.4.1 As entrevistas realizadas***

As entrevistas foram realizadas com 15 alunos, quatro funcionários, quatro professores e um proprietário. Os nomes dos entrevistados foram ocultados. Decidimos então tratar os entrevistados seguindo a ordem de entrevistas, por exemplo: aluno 1, funcionário 1, professor 1 e proprietário. Mais adiante apresentaremos uma tabela com um breve resumo do discurso dos entrevistados onde o leitor poderá compreender melhor como se dá a relação dos entrevistados. As transcrições das entrevistas (Anexo B) também se encontram anexadas caso o leitor se interesse em aprofundar a leitura. Lembramos que as transcrições seguiram literalmente toda a fala dos entrevistados, ou seja, não houve nenhum tipo de correção.

Elas foram gravadas com o auxílio de um gravador digital e, logo após o término, fizemos anotações em nosso diário de campo. Esse processo faz com que os detalhes ocorridos durante as entrevistas, como interrupções, gestos e pausas, não sejam esquecidos. Procuramos também transcrever as entrevistas logo após o seu término, para, também, não deixarmos escapar nenhum detalhe relevante.

Tentamos conduzir todas as entrevistas da mesma forma. Primeiro pedindo que o entrevistado se apresentasse e falasse um pouco de sua vida e sua rotina. Lentamente o tópico Casa do Saber surgia na conversa. Depois, as questões eram colocadas de acordo com a fala do entrevistado. A maioria delas foi realizada nas dependências da Casa do Saber, mas algumas foram feitas no local de trabalho dos entrevistados, como alguns alunos e o proprietário.

Alguns entrevistados aceitavam participar, mas não cediam o tempo necessário para tanto. Por esse motivo, tivemos algumas entrevistas bem rápidas, que foram realizadas no intervalo das aulas ou momentos antes do início destas. Procuramos abordar a relação da Casa do Saber com a mídia em todas elas.

Percebemos que a maioria dos alunos entrevistados afirmava não ter recordação sobre a presença da Casa do Saber na mídia, mas, no decorrer da entrevista, citavam alguma matéria que tinham lido. Este dado nos faz perceber, a princípio, que eles faziam uma diferenciação entre “matérias jornalísticas” e propaganda, ou seja, não interpretam as notícias relativas à Casa do Saber em jornais e revistas como publicidade, ou como algo produzido pela instituição. Achavam que o que liam e leem sobre a instituição nos veículos constitui uma realização ou um interesse exclusivo do veículo. Como se os meios de comunicação tivessem interesse e se beneficiassem ao falar da instituição, mas a instituição não tivesse interesse em estar presente nesses veículos, como se fosse uma via de mão única e não, como propomos no decorrer da dissertação, uma troca.

Apresentamos aqui apenas uma primeira impressão sobre as entrevistas. Para uma apreciação geral dos temas abordados preparamos uma tabela onde o leitor encontrará os principais tópicos abordados pelos entrevistados, e, no caso dos alunos, dados sobre a observação participante, sobre os demais agentes entrevistados, nossas impressões da entrevista. Para o leitor que esteja mais interessado é possível consultar as suas transcrições das entrevistas no anexo da dissertação.

ENTREVISTAS - ALUNOS			
	Entrevistado	Tópicos abordados	Observação Participante
1	43 anos, psiquiatra, casada, uma filha	Preconceito inicial com a instituição - "adquirir cultura é socialmente bem visto" - garantia de bons professores - proprietários são o motivo do sucesso da instituição - muita gente vai por causa do glamour e do vinho - afirma não ver a Casa na mídia mas cita uma reportagem da veja - repete diversas vezes que frequenta a instituição para adquirir conhecimento e fala de outros cursos que fez na USP e PUC ressaltando a questão do certificado - conhecimento e cultura como sinônimos.	Presta muita atenção na aula e faz caras e bocas se alguém conversa ou faz barulho. No intervalo conversa com várias pessoas sendo sempre muito sorridente com todos.
2	29 anos, faz doutorado em psicologia na PUC e é pesquisadora na fundação Carlos Chagas	preconceito inicial com a instituição - ligava curso livre a diversão - gosto pelo estudo, em especial filosofia e artes - cita como seus amigos da PUC não veem a Casa do Saber com bons olhos - fala em "pagar pelo luxo" - "é uma coisa mais <i>for fun</i> " - fala da importância do que estuda na Casa do Saber na sua vida profissional - diz não ver a Casa do Saber na mídia mas cita a revista da TAM	Ao entrar na sala a entrevistada pega bloco de papel e prancheta. Senta no sofá, tira o escarpin, guarda o óculos de sol (Prada) e pega o estojo (victor hugo). Durante a aula ela se acomoda colocando os pés para cima do sofá e acaba tirando alguns cochilos. No intervalo fala com poucas pessoas perto da mesa de frios.
3	80 anos, médico aposentado, gosta de namorar e se divertir	ficou muito tempo querendo fazer os cursos de filosofia da Casa do Saber mas não tinha companhia - fala muito sobre a importância da filosofia na sua vida - gosta muito de estudar filosofia e artes - elogia os professores - compara a Casa do Saber com a Palas Athenas dizendo que as duas são boas mas a Casa do Saber oferece mais conforto - acha o preço muito bom.	senta bem próximo ao professor (usa aparelho de audição), no intervalo e no fim da aula procura conversar com o professor.
4	74 anos, decoradora.	seu sonho era fazer faculdade, hoje compensa com a Casa do Saber - ficou sabendo da instituição por uma revista ou jornal - coloca conhecimento e cultura como sinônimos - adquirir cultura é a melhor coisa do mundo - ama filosofia - só faz cursos de filosofia - elogia muito os professores - diz que a Casa do Saber não precisa se divulgar.	interrompe a aula com perguntas e celular tocando - faz muitas anotações - conversa muito - após a entrevista olhou a foto de um casamento no jornal e diz: "olha como é importante casar com um homem rico, olha o tamanho dessa água marinha".
5	53 anos, casada, dois filhos, psicoterapeuta	Diz ler a folha todos os dias e nunca viu nada sobre a Casa do Saber - afirma buscar apenas conhecimento na Casa do Saber - conhecimento e cultura como sinônimos - diz que embora o conhecimento transmitido nas aulas seja profundo, é leve - fala que na instituição tem um "bando de dondocas que consomem cultura como grife"	Pareceu muito tranquila no curso do Zé Celso, bebeu bastante vinho (como todos neste curso) e conversou com poucas pessoas.

6	38 anos, psicóloga, casada, mora em SP há pouco tempo, acabou de concluir mestrado em psicologia	Foi fazer um curso na Casa do Saber por causa do professor que participou de sua banca de mestrado - fala que a instituição é muito diferente de uma universidade, "voce não precisa se preocupar com o que vai falar" - cita a matéria da Daslu - fala que a Casa do Saber colabora com o elitismo - gosta muito de estudar - comenta que a Casa do Saber não "produz um conhecimento dominante" mas que fica a imagem por causa do difícil acesso (preço) - fala sobre a "Daslu do saber"	Faz muitas anotações durante a aula - conversa com mais três mulheres (também psicólogas) - durante a entrevista não olhava no olho e falava muito baixo.
7	40 anos, empresário, casado	Fala em conhecimento e cultura como sinônimos - "os professores são o que a casa tem de mais valor" - conhecimento e entretenimento - elogia o conforto da instituição.	Aluno da aula particular - bebeu muito vinho durante a aula - o entrevistado estava nitidamente desconfortável durante a entrevista.
8	28 anos, psicóloga, solteira	Fala que a Casa do Saber faz uma propaganda muito boa dos cursos mas, está se referindo ao email mkt, brochura e site. Ve a Casa do Saber como um lugar para ampliar seus laços de amizade - os cursos não são profundos - acha caro para "a média do brasileiro" - fala repetidas vezes que não acha a Casa do Saber um luxo - gosto por psicanálise e cinema.	Chega atrasada nas aulas, não faz anotações e caiu no sono algumas vezes.
9	37 anos, casada, duas filhas, cursa psicologia tem graduação em farmacêutica industrial	Gosta de filosofia, cinema e história - já fez vários cursos e já teve o cartão Paidéia - usa muito o que aprende na Casa do Saber na faculdade e na vida - critica as amigas por que não se interessam por filosofia - elogia os professores e fala de "como eles tem que agradar uma turma tão heterogênea" - diz que "cultura infelizmente é para poucos mesmo" - elogia a Daslu e a dona da loja - fica irritada com preconceito contra os ricos.	aluna assídua e pontual, faz várias anotações, interage bastante com as pessoas durante o intervalo e conhece bem os funcionários da instituição
10	32 anos, uma filha, casada, graduada em ADM.	Fala do seu dia-a-dia muito corrido, está o tempo todo com a filha de 8 meses - deixa a filha com a baba para fazer os cursos na Casa do Saber - fala que na Casa do Saber tem muita gente bonita e inteligente - é muito bom saber de artes, filosofia, música, teatro, ela se esforça muito para aprender - coloca o saber (gostar de saber) como uma obrigação para poder se relacionar - frequenta a Casa do Saber por causa das pessoas - já viu o site glamurama e a revista da TAM falando da Casa do Saber (deixou claro que era interesse do meio falar da CS)	chega atrasada na aula, o celular toca, conversa bastante e ri alto durante a aula. Briga para sentar no puf.
11	42 anos, publicitário, casado, um filho	Fala muito do quanto é ocupado - vive em janteres e almoços de negócios - elogia muito os professores - fala de uma necessidade de cultura para se relacionar com as pessoas de seu meio - "as pessoas tem que ter gosto pela cultura e aqui se pode aprender isso".	Parece muito interessado, faz muitas perguntas durante a aula, no intervalo toma vinho e conversa com outros alunos. Estava muito tranquilo durante a entrevista.
12	47 anos, designer, professor da ESPM (pós-RJ) preferiu uma palestra gratuita na CS e é aluno da CS Lagoa	Diz que luxo é você poder gastar o tempo da forma que quiser e ele gasta na Casa do Saber - adora aprender e ensinar - fala que a Casa do Saber é uma necessidade espontânea (cultura é necessidade) - aspiração interna de conhecimento - conhecimento faz bem para a alma - diz que a instituição é muito divertida e depois retoma falando que estudar é divertido - "fazer cursos na Casa do Saber é por prazer por que você não vai ganhar um diploma".	Acompanhei apenas a palestra do professor, foi aplaudido no final.

13	42 anos, decoradora de interiores, casada	"Adquirir cultura é uma necessidade, todos devem se preocupar com isso" - aprecia as artes, fala de muitos pintores - só faz cursos ligados a arte e filosofia - diz que hoje em dia "falta cultura na vida das pessoas, falta beleza e a Casa do Saber pode ajudar".	Prestou muita atenção na palestra sobre design e reclamava quando as pessoas entravam na sala com atraso - não gostou da palestra.
14	22 anos, cursa o segundo ano de direito na PUC, mora com os pais e faz o curso por causa da mãe	Não queria fazer cursos na Casa do Saber, a mãe insistiu e ela cedeu - Hoje gosta muito, mas só tem gente mais velha - Acha que as pessoas estão sem opção de cursos para aprender sobre cultura, artes, boa música e filosofia, a CS é a única opção - os professores são excelentes, sem eles a Casa do Saber não seria tão boa - viu algumas repostagens sobre a CS na época do lançamento (cita daslusp) mas acha que a instituição não precisa se divulgar pra ser um sucesso - se divulgar para a ser "para qualquer um" e isso é ruim pois cairá a qualidade das aulas.	A entrevistada chegou bastante atrasada na palestra sobre a história do perfume, mas relatou ter ficado muito triste e justificou o atraso com o trânsito. Conhecia algumas mulheres bem mais velhas do que ela.
15	50 anos, diretora de uma organização não governamental, casada, um filho e uma enteada.	Fala do corre corre do dia-a-dia todo o tempo - ressalta a importância de apreciar cultura - elogia a Casa do Saber pelas acomodações, funcionários e professores - diz ser muito amiga de uma das sócias e conhecer bem a história da Casa do Saber - "podemos ver que é um sucesso por não precisar ficar se divulgando por aí, acho que isso iria denegrir a imagem da Casa do Saber e iria contra os princípios da instituição".	Faz muitas anotações e toma bastante vinho... conhece muitas pessoas na instituição. A entrevista foi muito breve.
<b>ENTREVISTAS - FUNCIONÁRIOS</b>			
1	monitora	Fala bastante sobre a função do monitor e da comunicação entre CS /aluno - fala sobre o trabalho da assessoria de imprensa - alunos muito heterogêneos - programa de bolsa de estudos que não é divulgado e portanto não tem procura - diz que é claro que alguns alunos saem do curso sem entender nada, mas falam bem da aula mas, também cita alunos que leem tudo que o professor sugere	A entrevistada mediu muito as palavras durante a entrevista.
2	Responsável por uma das unidades	Fala bastante dos processos de decisão da instituição (como os cursos são decididos, como os novos profs são escolhidos, características para um curso dar certo) - ressalta a importância da opinião dos professores nas decisões sobre cursos novos - coloca os professores como um dos grandes diferenciais da Casa do Saber - fala da importância da assessoria de imprensa.	A entrevista foi bem tranquila, tivemos bastante tempo.
3	Curador	Falou do perfil do aluno (depende do horário) da Casa do saber e dos professores. Professores que são personalidades midiáticas	a entrevista foi muito rápida, ee ia participar de uma reunião de curadoria.
4	Curadora	Falou bastante da relação da instituição com a mídia (assessoria de imprensa). Cita o caso daslusp, fala da troca entre a mídia e a casa (professores que viram colonistas, que são entrevistados...) Fala da casa como um fenômeno maior na mídia - se referindo a presença não só da instituição, mas dos professores, funcionários e proprietários na mídia.	a entrevistada estava com muita pressa e por isso a entrevista foi bem rápida.



ENTREVISTAS - PROFESSORES			
1	Professor de filosofia	Está na Casa desde o início. Enfatiza que não foram pessoas do meio acadêmico que idealizaram a instituição e que, por isso, sempre buscaram a opinião dos professores. "No começo o que era notícia não eram os cursos, eram as pessoas que estavam assistindo aula [...] gente que já ganha coluna social se cuspir no chão [...] Quase todo mundo ali já tinha facilidade mesmo pra acessar mídia, né, pra criar notícia, então pra eles não foi muito difícil, não." Fala das diferenças entre a instituição e a universidade. "Agora muita gente critica dizendo: ah, mas é só rico, e tal, não sei o quê. Ai filosofia é só pra pobre, né, quer dizer, não é pra qualquer um? Eu sempre pensei que fosse pra qualquer um, não é, porque, sinceramente, se uma ameba entrar na sala e sentar ali eu vou falar pra ela, quer dizer, se um repolho sentar do lado, eu dou aula pra um repolho. Pouco importa quem tá assistindo. Na verdade eu nunca mudei estilo de aula, nem conteúdo, nem nada do que eu faço na universidade pro que eu faço na Casa do Saber. Afirma que "não está acostumado com o fato de fil	A entrevista foi muito boa. O professor disponibilizou bastante tempo para a conversa.
2	Professor de história	Fala do público de seus cursos, maioria masculina, executivos. Fala das diferenças entre as aulas na universidade e na Casa do Saber. Ressalta a autonomia do professor nos cursos e do valor que a instituição dá ao professor. Sobre o perfil do professor, o entrevistado coloca: "O professor clássico, intelectual, tradicional, com grande capital de conhecimento, nem sempre é o professor perfeito pra Casa. O professor de cursinho, dinâmico, teatral, absolutamente performático é exatamente o que a Casa evita. De forma absoluta. É um professor capaz de traduzir esse auto-conhecimento para um público que não é especializado e o curso é escolhido por essa capacidade."	A entrevista foi rápida pois o professor estava com pressa.
3	Professor de design	Fala um pouco de como preparou sua palestra para o público da Casa do Saber dizendo que não tem muita diferença de dar um curso na pós da ESPM (Rio). Diz que é um professor que sempre sugere coisas novas e por isso a Casa do Saber o convidou.	A entrevista foi feita pouco antes do início de uma palestra do professor (que também é aluno da casa do saber do Rio), por isso ele estava agitado e falou pouco.
4	Professor de psicologia	Compara a Casa do saber com a Academia a todo momento. Elogia o prestígio que a instituição concede para a Academia mas ressalta que o oposto não é verdadeiro. Afirma ver muita diferença entre os alunos dos diversos horários de cursos da instituição. Fala que um dos atributos que a casa busca no professor é que ele saiba falar para um público que não é universitário.	A entrevista foi realizada na ESPM. O professor estava com pressa, porém falou bastante e foi muito receptivo.
ENTREVISTA - PROPRIETÁRIO			
1	Proprietário	Conta com detalhes a história da Casa do Saber. Fala da relação da Casa com a mídia, citando o caso das lusp e coloca também a relação dos funcionários com a mídia, especialmente Maria Fernanda Cândido. Fala muito sobre a importância da Academia nos processos de decisão da instituição (desde o início). Diz como são decididos os cursos, e os novos professores, sempre com a participação dos sócios, funcionários e representantes da academia.	A entrevista foi realizada no escritório do entrevistado enquanto ele conversava com a secretária e atendia telefonemas. O áudio ficou muito ruim por conta destes fatores, mas, no geral, a entrevista foi muito boa.

Sobre o número de entrevistas realizadas podemos dizer que, com os alunos, chegamos a idéia de fim especialmente por que os tópicos abordados pelos entrevistados começaram a se repetir, já com os demais agentes, entrevistamos aqueles que nos deram a possibilidade. As entrevistas foram analisadas por meio da análise de discurso de linha francesa, na medida em que trouxemos a fala dos entrevistados ao texto. Dessa forma, pudemos compreender esses discursos de forma mais clara e complexa, chegando a resultados mais conclusivos.

### 3.5 A análise de discurso

A análise do discurso de linha francesa nos auxiliará na análise do *corpus* da pesquisa, que é formado por enunciados, sejam eles trazidos para este espaço de forma escrita ou oral. O discurso para este estudo não é considerado uma simples transmissão de informações, é efeito de sentidos entre locutores. Para existir, o discurso deve ser contextualizado, não adquirindo sentido senão em relação com outros discursos como afirma Orlandi (2007):

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade (emissor, receptor, código, referente e mensagem) na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim realizado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor [...]. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (p. 21).

A linguagem é concebida pela análise de discurso como mediação. Essa mediação é o discurso. Mediação entre o homem e a realidade. A análise de discurso entende que a materialidade da ideologia é o discurso, e a materialidade do discurso é a língua.

Assim, a análise de discurso se apoia em três vias principais: uma leitura do Marxismo, vinda de Althusser, na linguística — em que a língua só admite uma forma de interpretação, mas já na análise de discurso existe a união da língua com a história, o que proporciona a produção de sentidos — via Saussure, e a psicanálise, que contribui quando se

trata do deslocamento da noção de homem para a de sujeito, que se forma na história (ORLANDI, 2007, p. 20). Sendo assim, podemos dizer que é na confluência entre ideologia, história, sujeito e discurso que se dá a análise de discurso de linha francesa.

Ainda aqui devemos salientar que para se analisar um discurso, o analista deve levar em conta os aspectos socioideológicos da produção do discurso. Isso significa que devemos associar o contexto com as condições de produção do discurso. Encontrar o lugar de onde o sujeito fala, qual o seu lugar histórico, de dentro de quais tensões sociais tal discurso é materializado. Assim pode-se chegar à memória discursiva, que, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 326), “se constitui em torno de saberes de conhecimento e de crença sobre o mundo e que forma comunidades discursivas”. Ou seja, é a base do dizível sustentando o discurso, a memória discursiva diz respeito ao que se pode dizer, o já dito, e ao que não se pode dizer, o que gera tensão e coerção, que o sujeito não expressa porque não pode, mas mesmo assim está no discurso. Então chegamos à tríplice sujeito-situação-memória e ao interdiscurso, que é um espaço discursivo, um conjunto de discursos, o que gera novos discursos.

O discurso não pertence ao sujeito. Quando se expressa, o sujeito constrói a fala, o discurso está pré-construído. A fala não é original, não é uma criação do sujeito, ela já está em sua memória (ORLANDI, 2007, p. 35). Para explicar de uma forma mais clara, podemos dizer que o sujeito tem a impressão de ser a origem de sua fala, mas não o é, processo denominado por Michel Pêcheux (2006) como “apagamento”. Nada é pronto e/ou transparente, mas se constitui na relação língua-história-ideologia.

Pois bem, o que o analista deve buscar é o sentido do discurso em sua materialidade linguística e histórica. Para isso é preciso ir além do texto (enunciado). Sendo assim, na análise que se seguirá, buscaremos ir além dos textos que serão apresentados — discursos dos agentes da Casa do Saber e discursos da mídia — com o intuito de encontrar o seu sentido.

#### **4 APRESENTAÇÃO DAS PARTES**

O leitor encontrará uma dissertação dividida em duas partes. A primeira, intitulada “Identidade, ética e consumo cultural na Casa do Saber”, tem início com uma abordagem do consumo como definidor de identidades e lugares sociais, onde apresentaremos o discurso dos alunos e da mídia que se relacionam com o tema até chegarmos ao consumo cultural de luxo na Casa do Saber. Logo após, trabalharemos a valoração desse consumo. Tentaremos averiguar como o agente/consumidor e a mídia valoram o consumo de bens culturais e seu

agente/consumidor.

Na segunda parte “Mídia, ética e recepção na Casa do Saber” vamos, no primeiro capítulo, analisar a produção das mensagens midiáticas sobre a Casa do Saber para posteriormente olharmos para a sua recepção. Já no segundo, trabalharemos com a oferta e os critérios de definição dos cursos da instituição para entendermos a reprodução do valor dominante, ou seja, como se dá a recepção desta oferta? A partir disso analisaremos a dinâmica das estruturas relacionais da Casa do Saber, ou seja, como se dão as trocas de capital entre a instituição, seus agentes e a mídia.

As análises do conteúdo e do discurso da mídia e dos entrevistados permeiam todos os capítulos da dissertação. Fizemos de tudo para unir, durante toda a dissertação, as teorias que usamos com o material empírico recolhido. Nosso intuito com esta decisão se deve unicamente ao objetivo de não nos afastarmos de nosso objeto de estudo. Existem diversas formas de se estruturar uma dissertação de mestrado, pensamos ser esta a que mais se encaixa ao perfil do pesquisador e da pesquisa que será apresentada.

## PARTE I – IDENTIDADE, ÉTICA E CONSUMO CULTURAL NA CASA DO SABER

### 1 IDENTIDADE E CONSUMO CULTURAL

Nesta primeira parte pretendemos estabelecer as relações entre a construção identitária e o consumo de bens culturais e suas relações éticas a partir do material empírico coletado com os alunos da Casa do Saber e sua sobreposição aos conceitos abordados. Como já foi explicitado, a instituição pesquisada oferece cursos livres em um espaço extra-acadêmico a custos que não são acessíveis a todo agente econômico que se interessa por esse tipo de serviço. Consideramos que os consumidores presentes na instituição não buscam apenas acesso à cultura/conhecimento, mas que, além disso, desejam um tipo de reconhecimento adquirido por meio da inserção em determinado espaço social.

Trabalharemos com discursos de agentes específicos — agentes que fazem parte ou têm interesse em fazer parte de um grupo determinado. Falamos aqui de um campo social, ou seja, de um espaço social configurado por relações socialmente difundidas, em que as diversas formas de capital estão distribuídas pelos agentes. Como explica Bourdieu,

A estrutura do campo é um estado de relação de força entre os agentes ou as instituições engajadas na luta, ou, se preferirmos, da distribuição do capital específico que, acumulado no curso das lutas anteriores, orienta estratégias ulteriores. Esta estrutura, que está na origem das estratégias destinadas a transformá-la, também está sempre em jogo: as lutas cujo espaço é o campo têm por objeto o monopólio da violência legítima (autoridade específica) que é característica do campo considerado, isto é, em definitivo, a conservação ou a subversão da estrutura da distribuição do capital específico (1983, p. 90).

Entendemos assim que agentes de campos específicos são munidos de capitais tais que os colocam dentro de uma luta. Todo campo social é um espaço de lutas e disputas por dominação. Essas relações de força dentro dos campos sociais acontecem independentemente da consciência do agente, ou seja, conscientemente ou não, agentes movem-se em uma luta constante dentro dos campos sociais. Isso ocorre porque os agentes sociais incorporam as regras do jogo em sociedade, ou seja, agem de acordo com as possibilidades existentes dentro das estruturas sociais. Um campo pode acolher certo tipo de *habitus* mais ou menos integralmente construído (BOURDIEU, 1983, P. 91).

Como sabemos, os conceitos de campo e *habitus* são complementares na obra de Pierre Bourdieu, assim como o conceito de capital. Porém, neste momento vamos nos concentrar no conceito de campo para falarmos da necessidade de pertencimento a um determinado campo social encontrada nos discursos que colhemos em nossa pesquisa empírica. Consideramos que os agentes da Casa do Saber buscam o pertencimento a um lugar, a um grupo, mas não só. Eles se encontram em meio a uma luta pela definição, manutenção e reprodução da cultura legítima, ou seja, de acordo com Pierre Bourdieu (2008, p. 45), “a cultura dotada da legitimidade dominante”. Falamos aqui do modelo estruturalista de Pierre Bourdieu ao afirmarmos que a articulação social molda ou mesmo impõe a ação dos agentes. Essas estruturas sociais formam os campos e suas regras, que são internalizadas pelos agentes. Assim, toda luta por troféus se justifica na busca constante por poder e dominação.

Dessa maneira, o que objetivamos neste capítulo é construir o contexto no qual emergem as práticas sociais em torno do consumo de bens culturais (objetivado na Casa do Saber) e sua contribuição para a construção identitária dos agentes. O que o fato de fazer cursos na Casa do Saber agrega à identidade buscada pelo agente?

Para tanto, teremos um caminho a percorrer. No primeiro subitem mostraremos o que existe entre o consumo materializado na Casa do Saber e a construção identitária de seus agentes. Tentaremos obter algumas pistas, por meio da análise dos discursos colhidos, de como o aluno/consumidor da Casa do Saber molda determinada identidade por meio do consumo de bens culturais. Vamos, então, olhar para o consumo como um dos elementos constituintes do discurso identitário, percebendo como o pertencimento ou a aspiração pelo pertencimento a um determinado campo impõe regras de consumo a seus agentes.

No decorrer do capítulo, iremos abordar o conceito de identidade na sociedade contemporânea, uma sociedade de consumo em que os sujeitos são classificados pelo seu poder de compra, ou seja, em que o consumo é apresentado como um fator de distinção social e formador de identidades sociais.

Após falarmos, de uma forma geral, sobre o consumo e seu papel na contemporaneidade, passaremos a olhar o consumo cultural de luxo e seu papel na formação identitária. As discussões em torno desse ponto são vastas e aproveitaremos este espaço para nos colocarmos frente a elas. Sabemos que todo consumo é cultural e, por isso, surge a necessidade de explicitarmos o porquê de considerarmos o cardápio de serviços ofertados pela Casa do Saber um consumo cultural ou, como costumamos denominar, consumo de bens culturais.

Tentaremos sempre ilustrar os conceitos apresentados pelo texto com nossos resultados de pesquisa. Pensamos ser esta a maneira mais adequada para demonstrar como os caminhos teóricos e empíricos se entrelaçam no decorrer da produção.

### **1.1 Consumo de bens culturais na Casa do Saber e construção identitária**

Como falamos ao introduzir o trabalho, a Casa do Saber oferece cursos nas áreas de filosofia, artes, música, cinema, história, literatura, psicanálise, religião, temas contemporâneos etc. Nossas entrevistas foram, em grande parte, realizadas com alunos dos cursos de filosofia, mas também tivemos entrevistados que participaram dos cursos de teatro, música, artes e psicanálise. Procuramos abordar alunos que pudemos observar em aula como uma escolha metodológica. Assim, é possível comparar o que o pesquisado nos diz com seu comportamento no espaço pesquisado, podendo, dessa maneira, tanto conhecer quanto apresentar e analisar mais apropriadamente o agente pesquisado. Neste espaço apresentaremos partes de discursos colhidos, com o intuito de conhecer os aspectos identitários que envolvem o consumo de bens culturais objetivados pelos agentes/consumidores da instituição.

Sabemos que a construção identitária é uma construção simbólica do ser social. A forma de significação do ser em sociedade (BARROS FILHO et al., 2005, p. 16). Vários aspectos contribuem para a construção das identidades e dos discursos identitários. Apontamos o consumo como um desses aspectos — em especial, para nós, o de bens culturais. Sabemos que os alunos da Casa do Saber não estão lá apenas para adquirir conhecimento, assim como quem usa óculos de sol Dolce&Gabbana não está interessado apenas em proteger os olhos dos raios solares. Somos o que consumimos. Formamos redes sociais a partir dos produtos e serviços que adquirimos, das pessoas com as quais nos relacionamos e lugares que frequentamos, ou seja, consumimos. Participamos dos campos de que participamos a partir, também, do que consumimos. Entendemos, dessa forma, que o consumo é um processo totalmente cultural. De acordo com Grant McCracken (2003, p. 13),

Os bens de consumo nos quais o consumidor desperdiça tempo, atenção e renda são carregados de significado cultural. Os consumidores utilizam esse significado com propósitos totalmente culturais. Usam os significados dos bens de consumo para expressar categorias e princípios culturais, cultivar idéias, criar e sustentar estilos de vida, construir noções de si e criar (e sobreviver a) mudanças sociais. O consumo possui um caráter completamente cultural.

A Casa do Saber e sua oferta cultural, assim como todos os outros tipos de ofertas de produtos ou serviços, transferem determinado reconhecimento, lugar a seus agentes, assim como expõe McCracken (2003). Por que nossos pesquisados fazem cursos nessa instituição e não em outra? Por que eles necessitam dessa oferta cultural e não de uma diferente? Por que fazer cursos apenas na Casa do Saber e não nas escolas concorrentes? Tentaremos determinar neste espaço quais são as transferências identitárias que a Casa do Saber proporciona a seu agente. Por que esse determinado grupo de pessoas frequenta esta instituição? Que tipo de capital eles buscam?

Poderemos responder a essas questões olhando para o discurso dos alunos/consumidores da instituição. Usaremos a Análise de Discursos na tentativa de decifrar seus discursos e encontrar indícios dos aspectos do consumo de bens culturais que oferecem identidade e valor ao seu consumidor.

Como afirma Eni P. Orlandi, a palavra discurso traz a ideia de curso, continuidade, percurso (2007, p. 15). A autora afirma que “para encontrar as regularidades da linguagem, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade” (2007, p. 16). Partindo dessa premissa, compreendemos que para colher e analisar os discursos dos agentes da Casa do Saber, deveríamos fazer mais do que entrevistas. Precisávamos nos inserir em seu ambiente e entender suas buscas. Para tanto, nos embasamos na observação participante e, também, em cada entrevista realizada — tentamos desvendar quem era o entrevistado, como era sua vida e sua rotina. Juntamos esforços para não nos fixarmos nos discursos em si, atentando para a história de sua produção, ou seja, contextualizando os discursos, entendendo o interlocutor. Falamos aqui das condições de produção dos discursos coletados e interdiscurso, aspectos essenciais para a Análise de Discursos. Olharemos não só para o contexto imediato, mas para o contexto sócio-histórico dos discursos analisados (ORLANDI, 2007, p. 30). Tentaremos estabelecer o que não está dito no discurso, mas que se encontra na memória discursiva. De acordo com Orlandi,

[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (2007, p. 31).



Esta metodologia nos auxiliará a desvelar o que está por trás dos discursos colhidos. Lembramos que esta dissertação se interessa em apontar o papel da mídia nos processos de legitimação e glamorização dos bens culturais e, por isso, traremos à tona também alguns discursos retirados da mídia para esta análise. A análise de discurso será fundamental na busca pelos pequenos fatores dos discursos colhidos que apontam para uma busca por pertencimento/inclusão em determinado campo social a partir do consumo de bens culturais.

Partiremos então para a análise dos discursos colhidos tanto com os alunos da Casa do Saber quanto os coletados pelo clipping de notícias. Antes de dar início à análise, lembramos que não olharemos somente para o perfil do aluno da Casa do Saber, mas para os dados recolhidos em observação e na própria entrevista. Já no caso da análise do que foi publicado pela mídia, lembramos que alguns proprietários da instituição são agentes da mídia e outros grandes anunciantes, o que consideramos ser um aspecto que pode auxiliar na docilização dos meios.

### ***1.1.2 O discurso dos alunos***

Os alunos/consumidores que entrevistamos disseram, em sua maioria, estar na instituição por certo “gosto por aprender”. Afirmavam repetidamente que seu único objetivo na instituição era adquirir conhecimento e cultura (aspectos que eram citados sem distinção pelos entrevistados), salvo raras exceções. Negavam que consumiam luxo, admitiam ter preconceito em relação à instituição antes de começar a frequentá-la e faziam críticas aos alunos que estavam lá apenas para verem e serem vistos, aqueles que frequentam uma aula e saem sem entender nada porque não estão ali para isso.

Porém, no decorrer das conversas, podemos perceber que o discurso muda. Tomemos como exemplo a aluna 1, que no início do seu discurso, ao ser questionada como chegou à Casa do Saber, afirmou ter preconceito com a instituição. Vejamos:

Cheguei através do meu marido. Na verdade, eu tinha um preconceito muito grande em relação à Casa do Saber. Não seria nobre, né? Era preconceito mesmo. Ele sempre fez os cursos, ele trabalha no ABN, que tem alguma ligação com a Casa do Saber, e ele adorava, falava, mas eu não levava muito em consideração. Era fora do meio acadêmico. E aí ele pediu que eu fosse a um curso com ele. E eu fui e ainda na primeira aula mesmo eu pensei: não, não é tudo isso (risos) e aí me rendi.

Percebemos neste fragmento do discurso da entrevistada que sua opinião antes de fazer a primeira aula era de que o conhecimento transmitido lá não era “nobre”. Porém, o que ela considera um conhecimento nobre? Sabemos que ela é psiquiatra e afirmou ter passados alguns anos fazendo pesquisas acadêmicas. Na continuidade do discurso, ela diz que a Casa do Saber está “fora do meio acadêmico”. Assim ficou claro que, sem precisar ser dito pela entrevistada, o conhecimento legítimo é aquele materializado na Academia, com os troféus específicos deste campo social.

Ela ainda diz mais sobre o preconceito que tinha em relação à instituição:

É o preconceito de você estar lá não por mérito. Você pagou, faz, é acessível a qualquer pessoa. Por isso acho que é uma coisa feia, eu sentia isso. No começo eu tinha vergonha de falar. Para colegas, por exemplo, psiquiatras, eu tinha vergonha. Eu tinha vergonha.

Não existe um filtro legítimo (processo seletivo) para se fazer um curso na Casa do Saber, assim como existe no mundo acadêmico. Está na proposta da instituição oferecer cursos livres, ou seja, é livre para quem quiser assistir. Qual é o filtro, o *gatekeeper* da entrada dos alunos na instituição? Poder arcar com o custo dos cursos, e mais nada. Qualquer pessoa que possa pagar pode fazer cursos de filosofia, artes, ciências. O que aconteceu com esta aluna? Ela tinha preconceito com a instituição porque não achava que possuía legitimidade para os ensinamentos que transmitia, estava fora da Academia. Ela diz ter se rendido pela insistência do marido em levá-la. Foi e gostou. Mesmo assim, ainda ficou com vergonha de contar para os colegas de trabalho que frequentava a instituição, mas continuou frequentando. Ela insiste em afirmar que tinha vergonha de frequentar a instituição. A vergonha do olhar do outro. A questão não é que ela não gostava — é que os outros podiam não achar sua ação legítima de alguém que frequenta a Academia.

Vemos aqui que a entrevistada mostra uma escolha. Ela tinha dois caminhos a seguir. O primeiro era não frequentar a instituição e continuar com sua imagem intacta frente aos colegas psiquiatras, e a outra era frequentar a Casa do Saber e adquirir outro tipo de reconhecimento. Talvez penetrar outro campo social que pudesse lhe trazer maiores benefícios. Mas quais são esses benefícios? Vejamos ainda com a mesma aluna:

Ah, pega bem, né. É... você falar que está estudando. Eu vejo muito assim, as pessoas gostam de falar ou que fizeram o curso tal e aprenderam isso. Eu

aAcho que não só na Casa do Saber, mas em qualquer lugar. Mas tem muita gente lá que é por ser na Casa do Saber, é uma grife. Tem um glamour ali.

A aluna afirma que outros alunos da Casa do Saber fazem os cursos porque a instituição é envolvida por glamour. Se a instituição tem glamour, não são apenas os outros alunos que se beneficiam dele, mas todos os agentes envolvidos, incluindo a entrevistada. Não “pega bem” apenas para os outros alunos dizer que estudam. Pensamos que dizer, repetidas vezes, que tinha vergonha de frequentar a instituição, que o conhecimento transmitido não é nobre, que as pessoas não entram por mérito demonstra um esforço da aluna em justificar sua presença na instituição, em mostrar que está lá pelo conhecimento e não pelo glamour ou pela grife. Mas não foi só essa entrevistada que trouxe essa estrutura discursiva. A aluna 2 traz a seguinte colocação:

É feito para todo mundo, é meio que o *baralhão*, sabe, joga todo mundo aqui dentro, se aprender, aprendeu, nada é muito aprofundado. Mas é como em todo lugar, se você quiser, você se aprofunda. Aí eu tinha mesmo um pouco de preconceito, achava que era caro. Nossa, *x* reais por seis aulas, achava que era um pouco de exagero. Falava: você deve pagar o luxo, aquela estrutura, eu achava assim. Falava que o pessoal vai lá pra gastar tempo, e não é bem assim, tem muita coisa interessante.

Em nossa observação da participante, vimos que a aluna dorme enquanto o professor está ministrando a aula (não em uma aula, mas em todas) e conversa animadamente durante o intervalo. Podemos inferir que, apesar de a aluna declarar que não tinha uma boa imagem da instituição, que não achava que o conhecimento adquirido fosse profundo e até que as pessoas pagavam pelo luxo, ela não frequenta a instituição em busca de conhecimento. E não afirmamos isso com base apenas no fato de ela dormir em aula. Se observarmos a última parte do trecho apresentado, temos “tem muita coisa interessante”. E a colocação acaba nesse ponto. Ela não cita o que é interessante para ela na instituição. Mas, no fim da entrevista, ela afirma que vai até a Casa do Saber para relaxar, pois o espaço é muito agradável. Ela diz: “Agora eu venho aqui e busco relaxar, porque é um espaço superagradável... e também estudar [...]”. Percebemos que o primeiro motivo que a aluna dá para frequentar a Casa é relaxar; estudar fica em segundo plano com o “e também”.

Os exemplos que demonstram a vontade dos alunos de justificar sua presença na instituição com o interesse nos estudos, no conhecimento e na cultura são vários. E não

apenas demonstram os motivos dos outros alunos, mas mostram saber que há pessoas nesse espaço que não estão buscando conhecimento e as criticam. Podemos citar a aluna 5, que diz:

Eu busco conhecimento de uma forma que eu acho mais leve, embora os professores na sua grande maioria são da USP. Mas não é aquela coisa pesada, né, chata, é um conhecimento que, embora profundo, é leve. [...] Consumem o conhecimento como grife e não como conhecimento [...].

O aluno 12 coloca que “a gente tem uma aspiração interna de conhecimento o tempo todo”. O aluno 7 diz: “Eu sempre gostei muito do... acho que do mundo do conhecimento, da cultura, do mundo da filosofia, né? Mesmo a distância, eu sempre busquei, sou um leitor ávido da filosofia, acho que de é o meu principal *hobby*”.

Por que os alunos declaram ser o conhecimento/cultura o objetivo que buscam na instituição, sendo que na continuidade dos discursos, e em suas ações durante as aulas, podemos perceber que não é este o caso? Pensamos que, se fosse usual frequentar a Casa do Saber com o objetivo maior de adquirir conhecimento e cultura, os alunos entrevistados não ficariam repetindo que existem aqueles que vão até lá para gastar tempo, mostrar que estudam, se aproveitarem do nome da instituição etc. Pensamos ser esta uma estratégia para se excluir do perfil do aluno da Casa do Saber e conceder maior legitimidade ao seu consumo, o que acaba transferindo uma identidade culta para o consumidor.

Percebemos que, por mais que os entrevistados relatem um interesse puro por conhecimento, eles buscam frequentar um espaço que os insira em um campo social determinado. Investem capital econômico para receberem não só capital cultural, mas principalmente capital relacional. Procuram se relacionar com pessoas que possuam interesses semelhantes. Buscam determinada classificação por se interessarem em adquirir conhecimento, em almejar uma cultura legítima.

A Casa do Saber supre esta “necessidade” do consumidor levando até ele, em forma de ação pedagógica, a cultura dominante. Pierre Bourdieu, ao falar dos sistemas de ensino que acabam por reproduzir a cultura dominante em sua obra *A reprodução*, nos traz a ideia de que

Numa formação social determinada, o TP (trabalho pedagógico) pelo qual se realiza a AP (ação pedagógica) dominante que tende a impor aos membros dos grupos ou classes dominados o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, tende a lhes impor do mesmo modo, pela inculcação ou

exclusão, o reconhecimento da legitimidade de seu arbitrário cultural (2008, p. 63).

Sabemos que, nesta obra, Pierre Bourdieu falava das instituições de ensino “tradicionais”. Porém, temos a Casa do Saber também como uma instituição de ensino que trabalha com o intuito de preservar e reproduzir a cultura dominante. A instituição e todos os seus agentes (alunos, professores, funcionários, proprietários) fazem parte deste campo social que luta pelo poder de definir a cultura legítima. Sendo assim, frequentar a instituição é garantia de participação nesta luta. Porta de entrada para o lado dos dominantes quando o quesito é cultura.

### ***1.1.3 O discurso da mídia***

Não podemos incluir nesta análise os discursos que os veículos de comunicação apresentam sobre a instituição. Sabemos que a Casa do Saber possui uma assessoria de imprensa<sup>12</sup> que insere a instituição e seus cursos em jornais, revistas e sites da internet com bastante frequência. Além disso, temos algumas matérias que saíram nos veículos (algumas no momento da inauguração) sem a ação da assessoria de imprensa.

Vamos começar por uma nota divulgada no jornal *O Estado de S. Paulo*, caderno Persona, no dia 26 de março de 2007. Dizia:

Sobre o Papa

Às vésperas da chegada do Papa no Brasil, a Casa do Saber fará um curso para entender o perfil de Bento XVI. Teólogo conservador e filósofo, o novo chefe da Igreja Católica é um crítico aberto da modernidade quanto à família, o amor, a sexualidade e até a liturgia da missa. Seu papado é marcado pela rejeição enfática a práticas como o divórcio, o homossexualismo e o aborto. A Casa do Saber realizará em abril curso para debater os principais temas suscitados pelas idéias de Bento XVI e que estarão em evidência durante sua próxima visita ao Brasil.

---

<sup>12</sup> A ação da assessoria de imprensa será apresentada no Capítulo 3.

Vemos claramente a questão do interdiscurso, o não-dito, nesta divulgação. O que ela diz é que o leitor não pode ficar sem saber conversar sobre um assunto que estará em evidência. O sujeito contemporâneo deve saber falar, interagir com seus pares sobre os assuntos que comporão a agenda da mídia. Precisa conhecer o que a mídia coloca como tema ou pauta legítima, ou seja, conhecimento legítimo.

Os exemplos não param aí. A revista *Pequenas Empresas Grandes Negócios* trouxe, em outubro de 2007, uma matéria intitulada “Escolas pra lá de charmosas”, em que podemos encontrar o seguinte trecho: “Os cursos livres mesclam assuntos de atualidade e cultura geral e parecem encontros de amigos intelectuais”. Podemos apreender deste pequeno trecho a importância que a mídia dá para que as pessoas pareçam intelectuais — não que sejam de fato. Ou seja, unindo os discursos apresentados pelos alunos, que nos aponta que o interesse em frequentar a Casa do Saber está também em conhecimento, mas não só, vemos agora a mídia legitimando a importância de parecer um intelectual. Dessa forma, torna-se prática usual frequentar a Casa do Saber para se parecer com algo que não se é.

Vemos a mídia participando do jogo. Destacando o nome e o currículo dos professores na grande maioria das divulgações de cursos (que são realizações da assessoria de imprensa), dando credibilidade e legitimidade aos mesmos. Dizendo como é importante se atualizar e mostrando a instituição como um espaço de confraternização da elite brasileira, como podemos ver no exemplo a seguir, retirado do jornal *Folha de S. Paulo*, coluna de Mônica Bergamo, em maio de 2007, sob o título “É uma festa”: “Doze alunos do curso ‘I Love Paris Every Moment’, da Casa do Saber, organizam uma aula prática — em Paris. Gastarão US\$ 4.000 cada um para terminar o curso por lá”. A nota não precisa falar em elite para que o leitor entenda a mensagem e saiba onde encontrar os agentes sociais que fazem parte da elite, os agentes que fazem a mídia e estão na mídia.

Podemos citar também a matéria “A educação da elite”, publicada em 20 de abril de 2005 na revista *Veja*, que, além de insinuar já no título o objetivo da instituição, traz a seguinte observação: “O sucesso da Casa do Saber evidencia um fenômeno social curioso: o anseio da classe alta por ampliar sua bagagem cultural”, e ainda traz a fala de Luiz Felipe D’Ávila<sup>13</sup>: “A elite brasileira não tem compromisso com a Razão. A Casa do Saber ajuda a arrancá-la da superficialidade”. As partes citadas demonstram como a mídia coloca, quase que como uma imposição, que a elite precisa adquirir conhecimento ou “ampliar sua bagagem

---

<sup>13</sup> Luiz Felipe D’Ávila é cientista político e jornalista, diretor superintendente da Editora Abril e um dos sócios da Casa do Saber.

cultural”, ou, como coloca um dos proprietários, sair da superficialidade. Ou seja, a mídia afirma que a elite brasileira é superficial — com a ajuda de um dos sócios da instituição, que é também um agente da mídia — e a Casa do Saber chega com a missão de colocá-la (a elite) em seu lugar de dominante, a participar da luta já entrando como vencedor, adquirindo cultura e conhecimento legítimos.

### *1.1.3.1 O caso Daslusp*

É imprescindível citar o caso do apelido “Daslusp” que a Casa do Saber recebeu no início de sua trajetória. O apelido une o nome da Daslu — uma luxuosa butique criada em 1958 em São Paulo, que hoje é reduto da elite brasileira e comentada assiduamente pela mídia, já que é frequentada pelas pessoas que se encontram nas colunas sociais — e a USP – Universidade de São Paulo. Trazemos a fala do proprietário que entrevistamos para mostrar a visão da instituição sobre o acontecimento.

Quando nós abrimos, a Joyce Pascowitch criou um apelido, “Daslusp”, e a lógica desse apelido era que a Daslu, e isso foi antes do escândalo da Polícia Federal, era um centro de qualidade de roupas, e a USP, um centro de conhecimento. Então o apelido... algumas pessoas interpretaram como pejorativo, mas ele era... ou pejorativo, ou um elogio.<sup>14</sup>

Neste trecho, o proprietário explica como o apelido surgiu, citando a colunista social Joyce Pascowitch. Percebemos em seu discurso a hesitação em afirmar que o apelido pode ser visto como um elogio. Fica nítido o medo dos agentes da instituição em declarar que ela se parece, ou melhor, que ela possui o mesmo público de uma instituição que tira a sua legitimidade, como a Daslu. Existe, sim, uma busca em aproximá-la da Academia, como podemos ver no trecho abaixo, retirado do discurso do proprietário entrevistado:

Num primeiro momento, a Casa do Saber, com esse apelido, teve que mostrar que não era uma coisa, vamos dizer, como é que eu vou explicar isso... A gente era e não era um pouco desse apelido, porque nós éramos um ponto de encontro onde as pessoas iam para estudar e desenvolver coisas que

---

<sup>14</sup> Joyce Pascowitch é jornalista e colunista social. Já trabalhou na *Folha de S.Paulo*, revistas *Quem* e *Época*. Atualmente mantém o site *Glamurama* e a revista *Joyce Pascowitch*.

eles não tinham espaço na Academia. O aluno que não queria fazer um mestrado ou doutorado na Academia porque não se achava capaz... Aliás, isso é muito interessante entre muitos alunos, eles fazem um curso na Casa do Saber e depois fazem mestrado ou doutorado, porque acabam criando coragem, então isso acaba sendo uma coisa boa.

Este apelido foi colocado em uma matéria publicada na revista *Veja*, em 20 de abril de 2005 — aproximadamente um ano após o lançamento da Casa do Saber. A matéria, de três páginas, se encontra no editorial Cultura da revista semanal, com o título “A educação da elite” e o subtítulo “A Casa do Saber — ‘Daslusp’ para os íntimos — conquista a classe alta com seus cursos, e quer se expandir”, escrita por Jerônimo Teixeira e Ricardo Valladares. A matéria tem início apresentando a instituição e, ao falar dos professores, os intitula de “acadêmicos badalados”, citando o filósofo Renato Janine Ribeiro e o crítico José Miguel Wisnik. Quando se refere ao público da instituição, a matéria traz:

A platéia é bem diferente da que se vê numa universidade. Na maioria ela é composta de empresários, profissionais liberais e socialites com mais de 30 anos. A Casa do Saber é um lugar onde aulas sobre pinturas célebres são dadas aos donos dos quadros. Os alunos chegam de carro importado, trajam grifes famosas e às vezes desembolsam mais de 1.000 reais num curso. A freguesia classe A fez com que o lugar fosse apelidado de “Daslusp” — uma mistura de Daslu, a butique mais exclusiva do Brasil, com a tradicional Universidade de São Paulo, a USP.

A matéria continua expondo os gastos para a abertura da instituição e o número de frequentadores até aquele momento. Depois traz o depoimento de alguns alunos, como uma que diz: “As aulas são mesmo um pouco caras. Mas, ainda que fossem mais baratas, o pessoal da periferia não conseguiria acompanhar muitas palestras. É complicado”. E outro que afirma: “Trabalhei demais e não tive tempo de adquirir cultura”. Por fim, traz os atributos que os professores precisam ter para estar na instituição: “[...] jogo de cintura para traduzir o conhecimento acadêmico para o público não especializado são aceitos. Ensinar à elite é uma arte”.

Podemos perceber que, apesar de a mídia ser uma frequente colaboradora da imagem da instituição — que, como vimos, prefere se aproximar da Academia, como uma instituição comprometida com ensino de qualidade, do que se associar à imagem dos frequentadores da



Daslu — e das tentativas dos alunos de se afastar dessa imagem, no que são reforçados pelo proprietário, nem sempre a mídia contribui para este anseio. A matéria que apresentamos marcou a trajetória da instituição de uma forma tal que diversos entrevistados, ao serem questionados se têm lembrança de ver algo sobre a instituição na mídia, citam-na, como a aluna 5, que diz:

Quando eu conheci, eu gostei muito, mas aí começou essa coisa da Casa do Saber estar muito ligada — isso eu vi na *Veja*, uma crítica —, de ser chamada de Daslusp, né, uma mistura de Daslu com USP. Eu vi isso na época em que fazia um curso e meu marido que frequentava mais. Ele fala pra mim que percebe isso muito claramente, né, um bando de dondocas, madames que procuram a Casa do Saber para... Grife né, consomem o conhecimento como grife [...]

Esta aluna relembra a reportagem mencionada e compara a Casa do Saber com a Daslu dizendo que alguns alunos consomem o conhecimento como grife e intitula as frequentadoras da instituição de “dondocas”. O que essa entrevistada, e as tantas outras que disseram o mesmo, têm que as diferenciam das “dondocas” que consomem o serviço oferecido pela Casa? Talvez apenas o desejo de ser diferente, de se destacar por causa de um consumo legítimo que transfere identidade e valor para a sua ação e, conseqüentemente, para o seu “eu”.

Trazemos mais um exemplo de como o apelido “Daslusp” — que tanto desagradou nossas entrevistadas e confunde o proprietário — está incrustado na mídia com uma nota publicada em 31 de agosto de 2005 no blog Babado<sup>15</sup>, coluna de Antônio Salomão, “Pimenta do Salomão”:

Ontem à noite, o ator-gato-galã do SBT Márcio Kieling, o Alberto de Os Ricos Também Choram, enfrentou a fila quilométrica de autógrafos do livro *De Alma Leve*, da colunista-social-sexy Joyce Pascowitch, na Livraria da Vila, em São Paulo. As lulas Taradas-por-Letrados que frequentam a Daslusp, a Casa do Saber, ficaram emocionadas com o cotê literário do ator!

---

<sup>15</sup> [http://babado.ig.com.br/materias\\_OLD\\_03072007/327501-328000/327770/327770\\_1.html](http://babado.ig.com.br/materias_OLD_03072007/327501-328000/327770/327770_1.html), acessado em 23 de novembro de 2007.

Very chic! Será que o Kieling vai criar o Analfabetismo Zero dentro do SBT? Luxo!!!<sup>16</sup>

Percebemos a ironia do colunista quanto ao ator e especialmente — a parte que nos interessa — em relação às frequentadoras da Casa do saber (a Livraria da Vila fica no piso térreo na unidade Jardins, ou seja, o evento era dentro da instituição). Ele as chama de “lulus taradas-por-letrados”, demonstrando o interesse afetivo dessas mulheres pelos acadêmicos, professores da instituição. Porém, ao usar o termo “taradas”, podemos perceber que o colunista não está fazendo alusão apenas a um interesse “acadêmico” ou “em conhecimento”, mas se referindo a um desejo sexual. Além disso, notamos que antes de falar em Casa do Saber, ele fala “Daslusp”, o que nos indica a inculcação do apelido e, para uma nota embasada na ironia, o tom pejorativo que este apelido traz. Vemos, então, os alunos se embasando em algo passado e fixado pela mídia para afirmarem uma busca legítima. Outros buscam a Casa do Saber sem ter interesse no conhecimento — “eu sou diferente”. Foi isso que vimos na grande maioria de nossas entrevistas.

Porém, uma aluna (aluna 9) decidiu elogiar a Daslu, afirmando que não vê problemas com o apelido e declarando que o conhecimento adquirido na instituição é de luxo, assim como os produtos da Daslu:

Vejo isso com bons olhos, não acho que é pejorativo, não, e olha, podem julgar — ah, que futilidade —, mas é maravilhoso. Por que não ter orgulho da Daslu? É porque é um país em que a maioria é pobre, mas e daí se uma pessoa for bem-sucedida? Aqui também é um conhecimento de luxo, eu deixo isso claro.

No decorrer do capítulo apresentaremos os conceitos que circundam o consumo como um dos fatores da construção identitária. Investigaremos por que uma questão estética como o gosto, o gostar de adquirir conhecimento e/ou cultura — como costumam colocar os nossos entrevistados — eleva o consumo a um patamar legítimo e, em consequência, obviamente, o seu consumidor?

---

<sup>16</sup> O trecho foi citado exatamente como publicado no blog.

## 1.2 Consumo como elemento do discurso identitário

A análise dos discursos recolhidos com os agentes da Casa do Saber do nosso objeto de estudo nos conduz a uma discussão que se seguirá a partir do conceito de identidade. Nosso objetivo aqui não é esgotar o assunto apresentando todas as visões teóricas que o permeiam. Apresentaremos apenas um breve esclarecimento sobre um importante conceito que esclarece a análise dos discursos identitários presentes nas manifestações coletadas para esta dissertação.

Sabemos que a identidade constitui a construção simbólica do ser social e sua significação, em que o discurso sobre o “eu” é socialmente construído. Barros Filho (2005) aponta que, ao sermos interpelados a nos apresentar, oferecemos ao interlocutor um discurso pronto, que segue um ritual, uma sequência definida e socializada no hábito. Sobre identidade, o autor coloca que

Identidade é toda manifestação pela qual um indivíduo se atribui, prioritariamente por intermédio de um relato, um sentimento de continuidade e de relativa coerência. Manifestação que lhe permite circunscrever-se e estabelecer uma diferença específica, com pretensões de permanência, em relação ao que lhe é externo (2005, p. 14).

A partir de uma identidade socialmente construída, o indivíduo molda suas relações com o mundo. Define e valora as coisas, ações e objetos existentes, se exclui ou inclui em ambientes e espaços sociais. Dessa forma, o discurso identitário está entrelaçado aos processos de socialização em que “todos os eus — profissional, familiar, esportivo — podem ser mais bem compreendidos como obra coletiva de manifestações estruturantes e estruturadas pelo espaço social, discursivo no qual circulam [...]” (BARROS FILHO, 2005, p. 18).

Quando o autor se refere aos “eus”, expressa que a unicidade da identidade não é atingível. Com a vida contemporânea, o sujeito acaba sendo perpassado por certa variedade de identidades, de “eus”. Sobre esse aspecto, Stuart Hall (2005), em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade*, ressalta que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (p. 13).

Sendo assim, temos a identidade desfragmentada do sujeito contemporâneo. São diversos “eus” jogando o jogo das identidades. Como exemplo dessa identidade plural, se

podemos colocar assim, podemos lembrar o discurso da aluna 1, que sentia-se envergonhada por frequentar a Casa do Saber, já que se considerava uma acadêmica. Existe um “eu” definitivo no discurso dessa aluna? Não. Em cada campo ela veste um de seus “eus” e não os deixa se misturarem. Ou, ao menos, reserva o “eu” que frequenta a Casa do Saber para a Casa do Saber e, nesse espaço, acrescenta o “eu” acadêmico, o que tem legitimidade — é “nobre”, para usar o termo da aluna — para justificar e valorar sua ação, afirmando estar lá apenas em busca de conhecimento, diferentemente das tantas outras pessoas que estão lá para se divertir. Mas o inverso, de acordo com seu discurso, não é verdadeiro. Entre seus colegas psiquiatras, ela se envergonha de falar sobre a Casa do Saber.

O consumo faz parte desse jogo de identidades. Vivemos na sociedade do consumo, como propõem diversos autores. Uma sociedade que tira a ênfase da produção, do trabalho, e a deposita no consumo. Existe uma “superprodução de signos e reprodução de imagens, que por meio da mídia ‘educou’ os novos públicos”, de acordo com Featherstone (1995, p. 31). Uma sociedade em que o sujeito é decifrado e sua existência social consumada a partir de seu poder de consumo.

Os estímulos para o consumo estão em todo lugar. O desejo é constante. Continuamente incitado e renovado. O filósofo francês Gilles Lipovetsky (2007), em seu ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo, ressalta que

A sociedade do objeto apresenta-se como civilização do desejo, prestando um culto ao bem-estar material e aos prazeres imediatos. Por toda parte exibem-se as alegrias do consumo, por toda parte ressoam os hinos aos lazeres e às férias, tudo se vende com promessas de felicidade individual. Viver melhor, “aproveitar a vida”, gozar do conforto e das novidades mercantis aparecem como direitos do indivíduo, fins em si, preocupações cotidianas de massa. [...] Essa é a sociedade do consumo, cuja alardeada ambição é liberar o princípio do gozo, desprender o homem de todo um passado de carência, de inibição e ascetismo (p. 102).

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, compartilha da mesma perspectiva de Lipovetsky no tocante à opinião de que a sociedade contemporânea tem como princípio motor o consumo, “a sociedade do consumo tem por base a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar” (2007, p. 106). Porém, essa satisfação nunca é completa, sobrando sempre algum ponto de insatisfação

no sujeito. A sociedade do consumo é, assim, “orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis” (BAUMAN, 2001, p. 90). Quanto mais se consome, mais se quer consumir. Toda saturação de uma necessidade é acompanhada por novas procuras (LIPOVETSKY, 2007, p. 38).

Passamos por todo um processo histórico que nos trouxe à sociedade do consumo. Enne (2006), coordenadora do Laboratório de Mídia e Identidade da Universidade Federal Fluminense, relata alguns deles, como o surgimento das universidades, o advento da burguesia, os movimentos renascentista e cientificista, a invenção da imprensa, as revoluções burguesas, o surgimento da classe operária e o crescimento das cidades, em consequência.

Com a produção de massa, surge o marketing de massa e grandes quantias são destinadas à divulgação dos produtos. Assim chegamos ao consumidor moderno. Chegamos ao aparecimento das grandes marcas, que conferem valor aos produtos. Com a produção em grandes escalas, chegam os comércios de massa. Estes, os grandes magazines, propuseram um processo de “democratização do desejo” revolucionando a relação com o consumo. O grande magazine, afirma Lipovetsky (2007),

[...] não vende apenas mercadorias, consagra-se a estimular a necessidade de consumir, a excitar o gosto pelas novidades e pela moda por meio de estratégias de sedução que prefiguram as técnicas modernas do marketing. Impressionar a imaginação, despertar o desejo, apresentar a compra como um prazer, os grandes magazines foram, com a publicidade, os principais instrumentos da elevação do consumo à arte de viver e emblema da felicidade moderna (p. 30).

O autor fala do consumo como sedução, o consumo como distração que começou com os grandes magazines e se dá até os tempos atuais. Passear no shopping, olhar vitrines, sonhar com o consumo. Desde os grandes magazines até a contemporaneidade.

A velocidade da informação, as cidades infladas, a produção em massa e a publicidade. Todos são detalhes importantes para chegar aonde estamos. Abundância de produtos e de consumidores.

Contudo, ao falar de consumo, não nos referimos apenas ao ato de compra/aquisição de produtos e serviços. As questões que envolvem o consumo abrangem aspectos que vão além do ato. Consumimos lugares, pessoas, objetos etc. Tudo é consumível. Consumimos identidades. O consumo é cultural e social.

## A sociedade de consumidores, de acordo com Bauman

[...] interpela seus membros basicamente, ou talvez até exclusivamente, como consumidores; é uma sociedade que julga e avalia seus membros principalmente por suas capacidades e sua conduta relacionadas ao consumo (2007, p. 107).

Segundo a perspectiva de muitos pós-modernos, que se dizem sociólogos, o consumo é divulgado como sinônimo de prazer e felicidade, o agente social é o consumidor. Porém, rompendo o paradigma dominante, fora das ciências sociais sérias (2000, p. 235), não se pode associar o ato de compra com um impulso particular de cada indivíduo que busca simplesmente prazer e felicidade. Bourdieu, no seu célebre clássico *As estruturas sociais da economia*, desmente a cada página e pesquisa a perspectiva dominante do senso comum econômico de que o consumo está ligado aos prazeres que cada indivíduo supostamente teria ao se relacionar com o produto. No tocante ao ato de consumo, Bourdieu esclarece:

[...] a história constitutiva dos agentes e de seus espaços de ação, participam da construção de uma definição realista da razão econômica segundo uma junção entre as disposições socialmente constituídas (nas relações de campo) e as estruturas sociais, sendo que elas mesmas são socialmente construídas, nos campos em que se configura este consumo (2000, p. 235).

Em seus estudos sobre o consumo de bens imóveis, o sociólogo estabelece uma relação com outros campos de consumo, como o das artes, por exemplo. Apesar de inicialmente serem discrepantes, existem estruturas idênticas que motivam os agentes sociais a escolherem os produtos que serão consumidos e sua frequência. Nessas estruturas deliberativas que compõem o ato de consumo, foi constatado, entre os agentes pesquisados, que as estruturas arraigadas por um *habitus* de classe e a luta social desses agentes dentro dos seus campos de atuação, espaços sociais de pertencimento, são a causa primeira dos *habitus* de aquisição de bens. Sejam eles móveis ou imóveis, apartamentos ou obras de arte. Sacrificam-se, muitas vezes, os prazeres individuais, os projetos de férias e divertimento, ou simplesmente alguns gostos pessoais adquiridos na juventude, dentro da estrutura familiar, para poder adquirir produtos e serviços que o insiram numa determinada classe social, dentro de uma posição específica nessa classe. O prazer e a felicidade que supõe a ingênua teoria

utilitarista dos séculos XVIII e XIX é constantemente desmentida pelas pesquisas de campo do autor (BOURDIEU, 2000).

Nestor Garcia Canclini (2006) aponta que a apropriação e o uso de bens de consumo se transformaram em “formas de exercer a cidadania”. Os modos de participação em sociedade passam a se materializar através do consumo e dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, o autor aponta que

[...] as perguntas próprias de cidadãos — a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses — recebem suas respostas mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos (p. 37).

Porém, não é apenas nas formas de exercer cidadania que o consumo influi. Intencionalmente ou não, o sujeito contemporâneo se mostra através do consumo. O que vestimos e o que comemos, os lugares para onde viajamos, as formas de lazer que preferimos, nossas escolhas culturais montam um mapa. Um mapa que indica quem somos. Freire Filho (2006) apresenta essa mesma ideia ao afirmar que

De uma forma ou de outra, estamos todos envolvidos no projeto de construção e manutenção de uma aparência, de uma imagem, de um estilo, ao mesmo tempo particular e socialmente desejável. Numa conjuntura histórica habitualmente conceituada como tardo moderna, neo-moderna ou pós-moderna, temos consciência de que nossas disposições corporais, a maneira como articulamos nosso discurso, nossas opções de férias e lazer, nossas preferências em termos de música, cinema, TV, roupa, comida, qualquer objeto ou expressão cultural submetido a julgamento de gosto, serão avaliados como principais indicadores de nossa personalidade, de nossa individualidade (p. 72).

Dessa maneira podemos perceber que o consumo define o cidadão e constrói a sua identidade. Os bens que consumimos, sejam eles materiais ou simbólicos, têm a capacidade de nos incluir em grupos ou campos sociais. E, ao mesmo tempo, de nos excluir de outros. Comprar, ou até mesmo somente frequentar, a Galeria do Rock ou o Shopping Iguatemi configuram características díspares da identidade de um agente, incluindo-o/excluindo-o em

determinados meios e grupos sociais. Everardo Rocha (2006), em uma entrevista à revista *Eco-Pós*, faz a seguinte afirmação:

Vejo o consumo nesse sentido de código sempre inclusivo de novas identidades e de novos produtos e serviços — identidades sociais de um lado, produtos e serviços do outro. O consumo inclui novos produtos e serviços e, ao mesmo tempo, realiza uma reorganização das identidades, operando um sistema de diferença. [...] Através do consumo, os bens entram na ordem social, classificando a si mesmos e às pessoas por possuírem esse mesmo produto ou serviço. Define a nossa identidade dentro e fora dos grupos sociais (p. 74).

Sendo assim, podemos colocar o consumo como fator central na construção de identidades na contemporaneidade. Como afirma Enne<sup>17</sup>, no século XX, “existe a percepção aguda do consumo como estratégia não só de emulação social, mas, principalmente, de construção de referências públicas acerca do lugar social, dos estilos de vida e da construção de si”. O sujeito participa de um jogo em que o consumo o habilita ou desabilita a participar de determinados campos sociais. Os bens consumidos constituem, assim, um meio de concretizar certa vinculação social, vinculação a determinada classe social.

Dentro desse mapa que o consumo proporciona para as identidades contemporâneas, encontramos e nos interessamos, em especial, pelo consumo de bens culturais. Este, assim como todos os outros tipos de consumo, classificam o agente e definem seu lugar social. Passaremos, adiante, por uma discussão que pretende focar o consumo cultural como fator de distinção social.

### **1.3 Consumo de bens culturais de luxo e identidade de classe**

John B. Thompson (1995, p. 165) afirma que o conceito de cultura se refere “a uma variedade de fenômenos e a um conjunto de interesses que são, hoje, compartilhados por estudiosos de diversas disciplinas”. Esse mesmo autor apresenta algumas concepções de cultura para mostrar que nem sempre este foi o conceito apresentado pelos estudiosos do

---

<sup>17</sup> ENNE, A. L. S. À perplexidade, a complexidade: caminhos para pensar a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 3, p. 11-29, 2006.



tema. Thompson traz quatro concepções do termo: a concepção clássica, que surgiu nas primeiras discussões sobre cultura, apresentando-a como um processo de desenvolvimento intelectual; as concepções descritivas e simbólicas, advindas da antropologia no final do século XIX, em que a concepção descritiva se refere a um amplo conjunto de valores, crenças, costumes, hábitos e práticas características de sociedades e momentos históricos específicos, e a concepção simbólica, na qual os fenômenos culturais são fenômenos simbólicos. Por fim, o autor apresenta a concepção estrutural, em que a análise cultural é pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas, oferecendo uma base pela qual podemos pensar acerca do que está envolvido na emergência da comunicação de massa.

Apresentamos um olhar para o estudo da cultura. Entre a variedade de fenômenos e interesses mencionados pelo autor ao conceituar a cultura, podemos incluir o consumo. Sabemos que todo processo de “seleção, escolha, aquisição, uso, fruição e descarte de um bem ou serviço, ou ainda de uma ‘identidade’, como querem os pós-modernos, só ocorre e faz sentido dentro de um esquema cultural específico”, como afirma Livia Barbosa (2006, p. 108). Sendo assim, todo e qualquer ato de consumo é cultural (BARBOSA, 2006, p. 109), *ou todo consumo é um ato cultural*, como afirma Gisela Castro (2006, p. 13). No entanto, chamamos de consumo cultural “o conjunto de práticas que envolvem a recepção de bens culturais tais como a literatura, o teatro, o cinema e a música, por exemplo” (CASTRO, 2006, p. 13). Coincidência ou não, os exemplos citados pela autora constituem parte dos temas dos cursos oferecidos pela Casa do Saber.

Complementando o pensamento de Castro, Daniel Mato afirma que a ideia de consumo cultural é

um pouco diferente e deve ser aplicada não só ao consumo de produtos das indústrias chamadas “culturais”, mas também a outros tipos de “consumo”, como, por exemplo, visitas a museus históricos, arqueológicos, de ciência e arte, de artesanato e de “cultura popular”, visitar galerias de arte, assistir a concertos e peças de teatro, visitar sítios arqueológicos, históricos e de valor similar, entre outros. Em outras palavras, a ideia de “consumo cultural” deve ter um âmbito de aplicação mais amplo (2008, p. 74).

De acordo com os autores citados acima, não se pode dizer que existam consumos culturais e não culturais. Assim como afirmamos e insistimos que o consumo é capaz de construir um mapa identitário do agente, não podemos negar que a relação entre consumo e

cultura é estreita. Comprar flores, ir ao supermercado, olhar as vitrines do shopping ou apreciar obras de arte. Todos constituem consumo cultural e, por mais que façamos listas diferenciando tipos de consumo, não podemos fugir desse fato.

Mike Featherstone (1995), ao citar a obra de Douglas e Isherwood (1980), fala em consumo de bens de alta cultura e exemplifica como tais a arte, romances, ópera e filosofia. Cita esses “bens de alta cultura” como marcadores de diferenças sociais, assim como Pierre Bourdieu, em *A distinção*, fala dos bens de cultura legítima com propósito semelhante, a distinção social.

Douglas e Isherwood (2004) trazem as classes de consumo que configuram três conjuntos de bens: o primeiro, correspondente ao setor primário de produção, é o conjunto de artigos de consumo geral (alimentos); o segundo é referente ao conjunto tecnológico, setor secundário e, por fim, aquele que mais nos interessa, o conjunto de informação — setor terciário —, que são os bens de informação, educação, artes, atividades culturais e de lazer. Na base da pirâmide das classes sociais encontramos aqueles que se restringem ao consumo de artigos de consumo geral. Já no topo dessa pirâmide, estão aqueles que têm a possibilidade (capital econômico) de atuar no consumo dos bens ligados ao conjunto de informação. Porém, de acordo com os autores, não basta o capital cultural para se ter acesso a esses bens de consumo, é necessária uma competência para julgar os bens e serviços de informação.

Podemos chamar essa competência de *habitus* cultural, que, de acordo com Bourdieu,

Adquirida na relação com determinado campo que funciona como instância de inculcação e, ao mesmo tempo, como mercado, a competência cultural continua sendo definida por suas condições de aquisição que, perpetuadas no modo de utilização, funcionam como uma espécie de “marca de origem” e, tornando-a solidária de certo mercado, contribuem ainda para definir o valor de seus produtos em diferentes mercados. Dito em outras palavras, através de indicadores [...] apreendem-se também modos de produção do *habitus* culto, princípios de diferenças não somente nas competências adquiridas, mas igualmente nas maneiras de implementá-las, conjunto de propriedades secundárias que, por serem reveladores de condições diferentes de aquisição, estão predispostas a receber valores muito diferentes nos distintos mercados (2007a, p. 64).

Sendo assim, percebemos que o gosto para julgar os bens culturais depende do *habitus* cultural, que pode existir de acordo com o grau de escolaridade e ascendência familiar

do agente. Dessa forma, Bourdieu sugere que o gosto do agente o vincula a determinada classe social propondo que, para fugirmos de um economicismo dos bens culturais, devemos, por um lado, estabelecer as condições em que são produzidos os consumidores desses bens e seu gosto. Isso inclui as diferentes maneiras de apropriação desses bens e as condições sociais da constituição do modo de apropriação. O autor coloca o gosto por uma “cultura legítima” como produto da educação, fazendo a diferenciação entre a educação escolar e a familiar. Segundo o autor,

O peso relativo da educação familiar e da educação propriamente escolar (cuja eficácia e duração dependem estreitamente da origem social) varia segundo o grau de reconhecimento e ensino dispensado às diferentes práticas culturais pelo sistema escolar; além disso, a influência da origem social, no caso em que todas as outras variáveis sejam semelhantes, atinge seu auge em “cultura livre” ou de cultura de vanguarda. À hierarquia socialmente reconhecida das artes — e, no interior de cada uma delas —, dos gêneros, escolas ou épocas, corresponde a hierarquia social dos consumidores (2007a, p. 31).

Dessa forma, a definição de nobreza cultural, segundo o autor, é o pretexto para uma luta que opõe grupos distintos em sua ideia sobre a cultura e suas condições de aquisição. Sabemos que existem os processos de valorização dos objetos consumidos. Toda uma luta social é travada para tanto. Douglas e Isherwood afirmam que “o consumo é a própria arena em que a cultura é objeto de lutas que lhe conferem forma”. Temos, assim, o consumo legitimado como cultural, como, por exemplo, o consumo de música que, como coloca Bourdieu, numa sociedade burguesa “ser insensível à música representa uma forma especialmente inconfessável de materialismo grosseiro” (2004, p. 103).

Podemos, a partir de tudo que foi apresentado, interpretar a busca por um “conhecimento cultural legítimo” como uma fuga a este “materialismo grosseiro”. Voltando o olhar para nosso objeto de estudo, a mídia e o consumo cultural em sua relação na Casa do Saber, percebemos que os cursos oferecidos na instituição fazem parte das categorias citadas por Gisela Castro, ao especificar o consumo cultural, e por Mike Featherstone, ao falar da alta cultura.

Temos, então, como temas centrais dos cursos oferecidos pela Casa do Saber, artes, ciências, filosofia, história, literatura, música, religião, teatro, letras clássicas, geopolítica etc.

Mas não é só. Encontramos como professores dos cursos pessoas altamente legitimadas em seus respectivos campos acadêmicos. Professores que legitimam o espaço e os cursos e que também se legitimam, ainda mais, a partir deles.

Sendo assim, temos uma instituição que oferece cursos pertencentes a uma “cultura legítima” e que se torna um espaço fornecedor de conhecimento legítimo ao contratar profissionais legitimados, que emprestam seu capital institucional em troca de capital acadêmico. Temos um espaço que confere certa identidade social para seus agentes, embasada numa “cultura legítima”, cultura esta que nos lembra o que Thompson chama de concepção clássica da cultura, uma concepção que, ainda hoje, permeia a opinião comum. Para descrevê-la melhor, Thompson afirma que

Esta concepção pode ser definida de maneira ampla como se segue: *cultura é o processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressista da era moderna*. É evidente que certos aspectos da concepção clássica [...] permanecem entre nós ainda hoje e estão implícitos em alguns dos usos cotidianos da palavra “cultura”. [...] A concepção clássica privilegia alguns trabalhos e valores em relação a outros; trata esses trabalhos e valores como a maneira pela qual os indivíduos podem se tornar cultos, isto é, enobrecidos na mente e no espírito (1995, p. 170).

O autor continua esse trecho explicando que o conceito mudou com o advento da antropologia. Porém, o que realmente nos interessa é a afirmação de que a concepção clássica permanece entre nós ainda hoje. Portanto, a busca, o interesse por cultura, o ato de frequentar um espaço que oferece acesso à cultura concede ao agente na sociedade contemporânea — permeada pela concepção clássica de cultura — uma identidade culta.

Mas, como já dissemos, essa oferta cultural não inclui todos os interessados. Delimita seus consumidores a agentes que possam pagar custos elevados (em média, R\$ 95,00 a aula), ou seja, a elite, que deve ser entendida em seu sentido neutro, como coloca Dominique Wolton:

Designa, em primeiro lugar, todos aqueles que assim se designam. A partir de um certo nível de estudos, responsabilidades, rendas, visibilidade, certas profissões se consideram elites. Elas estão “acima” da hierarquia social e

cultural, e são reconhecidas por isso. [...]. É preciso ainda distinguir três tipos de elites: as elites clássicas: (economia, tecnocracia, medicina, negócios, exército...), as elites midiáticas, que ganharam muito espaço em cinquenta anos, e as elites eruditas (universitários, pesquisadores, especialistas) (2006, p. 67).

Dessa forma, podemos dizer que o que encontramos como alunos/clientes da Casa do Saber é o que Dominique Wolton classifica de elite clássica. Já entre os professores, temos agentes da elite erudita e entre os proprietários, uma junção da elite clássica com a midiática. Cada um investindo na instituição com um tipo de capital e recebendo outro.

Além de todas as características já citadas, a instituição oferece um consumo de luxo para seus consumidores. Não é apenas o valor das aulas que nos faz chegar a essa conclusão. As dependências do espaço oferecem conforto aos alunos — afastando-se da ideia de uma escola usual —, os lanches e o vinho servidos no intervalo são, no mínimo, requintados e os alunos desfilam marcas em suas roupas e acessórios. Porém, denominar um tipo de consumo como “luxo” na sociedade contemporânea constitui uma tarefa difícil, pois, como afirma Bauman, “a ideia de luxo não faz muito sentido, pois a ideia é fazer dos luxos de hoje as necessidades de amanhã” (2001, p. 90).

Até o momento olhamos para o consumo como formador do discurso identitário dos agentes sociais. Passamos pelo consumo na sociedade contemporânea, que se apresenta como um mapa que indica identidade e o lugar social do agente. Trabalhamos as relações entre cultura e consumo percebendo que são inseparáveis, apesar de alguns autores oferecerem uma categoria exclusiva para o “consumo cultural”. Decidimos, então, denominar o consumo objetivado no espaço pesquisado de consumo de bens culturais, respeitando as colocações dos autores apresentados e nos colocando de forma simpática às características culturais de todo e qualquer consumo.

Vimos também que o consumo de bens culturais, da mesma forma que os demais bens e produtos dispostos ao consumo, dispõem não só identidade, mas classificam o agente, principalmente quando envolvemos a questão do gosto, colocada por Pierre Bourdieu. O que nos falta agora é explicar um último atributo que demos à oferta da Casa do Saber: o luxo.

Consideramos que os serviços oferecidos pela Casa do Saber são de luxo. Os discursos dos alunos entrevistados tentam negar esse fato. Mas, ao mesmo tempo que dizem que a Casa do Saber não é luxo, afirmam ser para poucos. Como veremos a seguir, uma das premissas para um objeto ou serviço ter o valor “luxo” embutido à sua imagem é exatamente a escassez,

ou melhor, a produção em baixa escala, a unicidade. O que é reservado para poucos, assim como os cursos que a Casa do Saber oferece. Podemos trazer como exemplo a fala da aluna 3, que coloca a visão de outros para justificar a exclusividade do que é oferecido pela instituição, mas, apesar disso, nega que seja luxo:

Elas (suas amigas do doutorado) acham que é feito pra todo mundo, é meio que o baralhão, sabe, joga todo mundo aqui dentro, se aprender aprendeu, nada é muito aprofundado. Eu tinha mesmo um pouco de preconceito, achava que era caro. Nossa, x reais por seis aulas! Achava que era um pouco de exagero, falava ‘você deve pagar o luxo, aquela estrutura’, eu achava assim. Falava que o pessoal vai lá pra gastar tempo, e não é bem assim, tem muita coisa interessante.

A definição de luxo não pode ficar apenas no seio da exclusividade. Jean Castarède, um dos pioneiros no estudo do mercado de luxo na França, diz que, dependendo do idioma, a palavra luxo possui significados díspares. “Etimologicamente, indo da *lux* (o brilho, o bom gosto, a iluminação, a elegância) à *luxúria* (o excessivo, o aberrante, o raro, o extremo), ela se equilibra eternamente entre esses dois pólos: o parecer e o ser, a aparência e a essência” (CASTARÈDE, 2005, p. 23).

Já Colin Campbell (2001, p. 88) confere duas conotações ao luxo. A primeira “é a idéia de que um luxo é, num certo sentido, um item supérfluo, algo que é desejado, mas é adicional à carência”. Já em uma segunda conotação encontra-se a referência à experiência sensorial e agradável. Dadas aqui possíveis interpretações do termo luxo, passamos a apresentar um cenário histórico do tema para posteriormente encontrarmos seu significado na sociedade contemporânea.

### ***1.3.1 A gênese do conceito de luxo e sua expressão na contemporaneidade***

As primeiras expressões do pensamento sobre o luxo datam da filosofia grega e estavam no âmbito dos estudos morais da filosofia. O luxo era sinônimo de excesso, consumo dispendioso, vaidade e ostentação. Todas as características que se aproximam dos falsos prazeres, que levam os homens e as cidades à ruína. Lipovetsky (2005, p. 13) afirma que “durante 25 séculos o supérfluo, a aparência, a dissipação das riquezas jamais deixaram de suscitar o pensamento de nossos mestres”.

Com o advento da sociologia, chega a conceitualização das lógicas sociais que giram em torno do consumo exagerado. O estudo do luxo é colocado frente às lutas sociais que geram a distinção de classes. Hoje, presenciamos um novo paradigma sobre o assunto: “as marcas, sua concepção–comunicação–distribuição adquiriram uma superfície e uma significação novas”.

Nízia Villaça (2005) apresenta cinco modelos de apresentação do luxo através dos tempos, sendo o primeiro o “luxo comunitário”, em que nas sociedades primitivas a “concorrência entre a ostentação de riqueza e a generosidade dos chefes gerava, na distribuição dos bens, a prosperidade para a comunidade”. Lipovetsky também fala desse paradigma, ao citar o fenômeno do *Kula* na Melanésia — que ilustra o poder da troca-dáviva cerimonial nas sociedades selvagens — e do *potlach* — cerimônia indígena em que os chefes ganham títulos e honras por meio da destruição suntuária de valores consideráveis (LIPOVETSKY, 2005, p. 24).

Um segundo modelo é o que a autora denomina “clássico” e faz alusão ao pensamento platônico, romano e cristão. Nesse momento, segundo Villaça, existiu uma visão negativa do luxo, em que ele era “sinônimo de preguiça, fraqueza e desejos que deveriam ser controlados para a boa ordem política ou cristã”.

O terceiro modelo acontece no momento aristocrático e o luxo é denominado “luxo material”. Nesse momento o luxo se encontra na ostentação e na materialidade, que formam duas ferramentas para a distinção social. O excesso era a marca da nobreza e da igreja. Logo após, a autora apresenta o “luxo estetizado” ou “luxo de transição”, que tem início com o Renascimento, a partir do enriquecimento dos comerciantes e a perda do caráter hereditário do luxo. Então tem início o processo de estetização do luxo, que vai valorizar os artistas e a cultura. Sobre esse aspecto, Lipovetsky ressalta que

Enquanto a arte e o artista adquirem o sentido que lhe damos hoje, o luxo toma o caminho da cultura. Começa um ciclo moderno no qual as obras de grande valor são assinadas; e os criadores, alçados a personagens de primeiro plano, celebrizados, cheios de idéias de glória imortal: o luxo vai conjugar-se com a obra pessoal e a criação de beleza (2005, p. 17).

Voltando a Villaça, trazemos o quinto e último paradigma do luxo: o “novo luxo”. Nesse ponto, segundo a autora, aumentam os fatores a serem considerados, como a

comunicação, as novas tecnologias e a publicidade. Dessa forma, há necessidade de discutir as mediações, os suportes, as estratégias de produção, as condições de recepção e apropriação e a aceleração global.

Modificam-se as relações com o tempo e o espaço, e o luxo vai explorar as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias, perdendo suas referências mais tradicionais. Sobretudo a partir dos anos 90 o luxo passa a ser algo que se narra e se cria (VILLAÇA, 2005, p. 5).

Assim temos o luxo que se personaliza nos tempos modernos. Temos as grifes e as grandes marcas. O luxo passa a ter relação com a qualidade de vida, chegando à democratização do conforto, quando ocorre uma ruptura e nos deparamos com o direito ao luxo, ao supérfluo e às marcas de qualidade.

Douglas e Isherwood (2004) apontam o luxo como uma característica dos bens de qualidade, um símbolo de *status*, um marcador da hierarquia social, e, a partir disso, decretam que “sempre haverá bens de luxo, pois a hierarquia deve ser marcada. Essa posição é controversa à de Zygmunt Bauman (2001), que afirma que a ideia de luxo, hoje, não faz sentido.

A impressão de que o luxo não faz sentido nos tempos modernos pode ser compreendida a partir do fenômeno da reprodução em série. Como foi falado, a ideia de luxo pode ser ligada à singularidade e raridade dos objetos. A partir do momento em que os produtos são produzidos em série, perdem a qualidade de incomum ou raro. Lembramos aqui, então, dos grandes magazines, que levaram aos sujeitos um acesso fácil aos bens de consumo, deixando de existir o “feito sob medida”. Temos, assim, o “semiluxo”, que, de acordo com Lipovetsky, é gerado pelo progresso da mecanização, permitindo o aparecimento de produtos de preço menor, destinados à classe média. É a chegada da democratização do luxo e, portanto, podemos afirmar que a partir do momento em que todo mundo pode ter, deixa de ser luxo. Porém,

O luxo acertou os ponteiros com as megaentidades, a globalização, as *stock-options*, as estratégias de grupo que anunciam o fim das pequenas casas independentes ao mesmo tempo que dos criadores-artistas soberanos. [...] À idade sublime-artística do luxo sucedeu seu momento hiper-realista e financeiro, no qual criação e busca de alta rentabilidade tornaram-se inseparáveis (2007, p. 45).



Sendo assim, fica esclarecido que o consumo de luxo ainda existe e é efetivado na sociedade contemporânea. Nossa maior dificuldade é acompanhar esses produtos de luxo. Voltamos à colocação de Zygmunt Bauman: “a idéia de luxo não faz muito sentido, pois a idéia é fazer dos luxos de hoje as necessidades de amanhã”. Mostramos que a ideia de luxo faz, sim, sentido hoje, porém não podemos negar que, em alguns casos, o luxo de hoje é a necessidade de amanhã. Tomemos como exemplo o telefone celular, que, no momento de seu lançamento, quando configurava um excesso e uma raridade, era um artigo de luxo. Hoje, não saímos de casa sem o aparelho. Ele se tornou uma prótese do sujeito contemporâneo, uma necessidade. Porém, uma joia da Tiffany ou um automóvel Mercedes SLR McLaren estão mais distantes de se tornarem uma necessidade.

Temos, na busca por um consumo de luxo, o prazer. De acordo com Campbell (2001), “o luxo constitui o meio para o prazer, enquanto as necessidades são meramente tudo aquilo de quanto se careça para a manutenção da existência, um estado que se define melhor com a palavra bem-estar”. Dessa forma, o luxo hoje está estreitamente ligado ao hedonismo, ou seja, à busca pelo prazer. Mas não estaria o luxo ligado também à manutenção de um *status* de classe?

#### **1.4 Consumo cultural de luxo na Casa do Saber**

Neste momento recordamos de um fato que nos aconteceu em campo. Durante uma tarde de observação na Casa do Saber, entramos em contato com a atendente do café, que fica no interior do espaço. Incomodada pela permanência repetitiva do pesquisador no espaço, sempre sentado na mesma mesa e com um caderno em punho, a atendente se aproximou e perguntou: “Você não é aluna daqui, não é? O que você tanto olha e anota?” Muito interessado em iniciar uma conversa, o pesquisador respondeu: “Faço uma pesquisa”. A moça, nitidamente incomodada, volta a perguntar: “E o que você pesquisa?” Sem graça e achando que ela não entenderia, o pesquisador tenta simplificar e responde: “Pesquiso o consumo de bens culturais de luxo que acontece aqui na Casa do Saber”. A resposta foi seguida de nova pergunta: “E por que você acha que aqui é luxuoso?” Sem pestanejar, o pesquisador relata diversos aspectos da instituição, incluindo o conforto, o preço, as pessoas que circulam por lá e o vinho que é servido no intervalo. Assim chegamos ao ápice da conversa, quando a atendente se vira, coloca a mão na cintura e decreta: “E desde quando beber vinho é luxo? Faça isso todo fim de semana”.

Essa conversa foi marcante a ponto de colocar o fator “luxo” em dúvida. A resposta do pesquisador foi simples: “Acho que depende do vinho”. Porém, sabemos que não depende somente do vinho. Hoje, não é só o preço que investe o atributo de “artigo de luxo” ao produto ou serviço, já que existe a possibilidade de pagarmos valores altos em suaves prestações (CASTARÈDE, 2005). O agente que consome o vinho, a situação e o local no qual o vinho é consumido, e alguns outros aspectos acabam por conceder valor a ele. Portanto, não temos apenas produtos que possuem certo valor agregado às suas marcas. Temos agentes e espaços que, a partir de suas posições sociais, de suas posições no campo, legitimam produtos e serviços, dão a eles o atributo de luxo ou de “cultura nobre”.

Na Casa do Saber, essa relação não é diferente. Nesse espaço temos agentes diversos que depositam formas diversas de capital na instituição e acabam por legitimá-la e se legitimarem nessa relação. Em um próximo capítulo, trataremos de todas as trocas de capital que estimulam essa relação de troca na Casa do Saber. Cabe destacar aqui que não é apenas o alto custo dos cursos que nos faz qualificar o consumo objetivado na Casa do Saber como luxo. Existem trocas e existe a busca por prazer. Prazer este que, de acordo com Pierre Bourdieu (2007a), é “puro”, pois configura um símbolo de excelência moral ao se aproximar do “gosto da reflexão”.

Porém, há fatores que apontam para uma nuvem de dúvidas nessa busca pelo conhecimento, nesse “gosto pela reflexão” quando percebemos o quanto os alunos desejam se afastar dessa imagem “Daslusp” e, ao mesmo tempo, caminham em direção a ela. O quanto eles se ocupam em apontar as “dondoquices” do outro e colocam os motivos de estarem na Casa do Saber na correria do dia-a-dia — que os impossibilita de voltar para a universidade — no conforto, nos relacionamentos e na diversão que a instituição oferece.

A partir do que foi apresentado neste capítulo, vemos que a Casa do Saber proporciona ao seu agente uma identidade “cultura”

também entra neste jogo ao pautar as personalidades que frequentam a instituição e divulgar seus serviços.

Ainda falamos pouco dos professores. Estes são sempre nomes renomados da Academia e seus nomes estão, na grande parte das vezes, vinculados à mídia (ao se referir à Casa do Saber) e ao discurso dos alunos, ou seja, os professores também participam fortemente dessa troca simbólica de legitimidade e poder. O aluno justifica sua preferência pela instituição usando o nome dos professores e a instituição se coloca na mídia (por meio da assessoria de imprensa) sempre se vinculando ao nome desses professores. É a legitimidade acadêmica sendo usada para garantir o valor dos cursos e dos alunos. Percebemos na instituição a busca por uma “identidade culta” que configura um troféu ou, até mesmo, um tipo de capital que é buscado pela classe dominante — frequentadora da instituição pesquisada — que, de acordo com Bourdieu, “constitui um espaço relativamente autônomo, cuja estrutura é definida pela distribuição das diferentes espécies de capital” (2007a, p. 241).

## 2 ÉTICA E CONSUMO DE BENS CULTURAIS

Neste capítulo pretendemos introduzir uma reflexão ética ao consumo e, mais especificamente, ao consumo de bens culturais, aproximando-nos de nosso objeto de estudo. Assim como no capítulo anterior, numa primeira subparte, apresentaremos os discursos dos alunos entrevistados e da mídia. Neste momento, vamos procurar nos discursos recolhidos referências à concepção de vida boa, de vida bem vivida, objeto de reflexão da filosofia moral. Olharemos para o que os alunos apresentam como caminho para a vida boa. No discurso da mídia, buscaremos averiguar se, em seus variados adendos sobre a Casa do Saber, existe algum imperativo relacionando a vida plena ao consumo de bens culturais. Colocando os discursos frente a frente (alunos e mídia), poderemos perceber o papel da mídia no consumo de bens culturais que é objetivado em nosso objeto empírico de estudo. Ou seja, veremos como vem se dando a recepção das mensagens midiáticas, averiguando se existe algum paralelo entre os discursos da mídia e o dos alunos. Veremos assim, como (e se) o consumo de bens culturais se aproxima da ideia de vida boa apresentada pela mídia (ao citar a Casa do Saber) e pelos alunos da instituição ao reproduzir o discurso.

Vamos expor, no decorrer do capítulo, o conceito de ética com o qual trabalharemos. Afinal, seria impossível desenvolver este capítulo sem considerações reflexivas sobre esse assunto. Após a apresentação do conceito de ética, analisaremos o consumo como objeto dessa reflexão. Como se estivéssemos descendo por um funil, chegaremos até o consumo de bens culturais abordando uma possível ética de classe. Ou seja, veremos se existem indícios de uma ética aplicada a um campo social.

Começaremos tentando responder às perguntas “Qual é a vida eudaimônica? Qual é a vida feliz nela mesma?” com a ajuda da filosofia moral. As respostas são variadas para essa questão primordial. Muitas vezes não conseguimos responder de imediato, mas nem por isso deixamos de refletir sobre o tema. O pensamento sobre a vida que vale a pena ser vivida, sobre a vida que se basta nela mesma, está atrelado ao surgimento da filosofia moral.

Podemos falar de Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.), que traz uma reflexão sobre essa pergunta em sua obra *Ética a Nicômaco* (2007). Nela, o filósofo grego apresenta a *eudaimonia*, que significa bem supremo e hoje é comumente traduzido por felicidade. Todas as ações do homem são instrumentos para se alcançar a *eudaimonia*. Ela é a finalidade (*telos*) do ente (homem). Existe uma relação de causalidade entre o homem e sua finalidade, assim Aristóteles propõe que se os homens existem, é porque há uma finalidade para cada um.

Para Aristóteles, então, o homem vive bem quando está em busca de sua *eudaimonia*, de sua finalidade. Cabe a nós descobrir o que já está definido e ainda não sabemos.

Para Aristóteles, tudo no mundo tem a sua finalidade e essas finalidades estão em ordem, ou seja, para encontrar nossa finalidade devemos pensar que ela é complementar às demais finalidades das coisas do mundo — então, é preciso olhar para as outras finalidades para encontrarmos a nossa. Porém, devemos lembrar que apesar de sermos todos homens, ponto em comum na busca pela finalidade, somos seres singulares. Concluimos que as finalidades humanas são singulares, assim como eles, mas possuem um ponto em comum. Esse ponto é a *eudaimonia*, bem supremo, felicidade. Esse conceito aristotélico coloca o prazer (satisfação) como fundamento da reflexão eudaimônica. Dessa forma,

A vida de atividade conforme a excelência é agradável em si, pois o prazer é uma exposição da alma, e o agradável para cada pessoa é aquilo que se costuma dizer que ela ama; por exemplo, um cavalo dá prazer a um apreciador de cavalos, um bom espetáculo a um apreciador de teatro, do mesmo modo que atos justos são agradáveis a quem ama a justiça e, de um modo geral, atos caracterizados pela excelência dão prazer a quem ama a excelência. Mas no caso da maioria dos homens seus prazeres colidem uns com os outros porque não são agradáveis por sua própria natureza, enquanto os apreciadores do que é belo sentem prazer nas coisas naturalmente agradáveis. Ora: as ações conforme a excelência são desta natureza, de tal forma que elas são ao mesmo tempo agradáveis em si e agradáveis aos apreciadores do que é belo. A vida deste, portanto, não tem necessidades de outros prazeres como uma espécie de acessório ornamental, mas contém seus prazeres em si mesma [...] (ARISTÓTELES, 1999, p. 26).

Epicuro coloca o prazer (*hedon*: paixão) como o bem em função do qual fazemos todas as coisas, diferentemente de Aristóteles e Platão, que configuram o bom “prazer” (satisfação) em conformidade com a virtude, e o “prazer” (*hedon*) como fruto do vício — o mau. Na concepção hedonista de Epicuro, a diferença entre o bom e o mau se inscreve na capacidade de se ter bons desejos — as coisas simples, comedidas e naturais — e evitar os maus — como o excesso, a superficialidade e desejos não essenciais (glória, luxo e produtos artificiais).

Filósofos utilitaristas como Bentham e Stuart Mill sempre se apresentaram herdeiros contemporâneos do hedonismo epicurista. Um exemplo disso se encontra na obra *Utilitarismo* deste último, do século XIX, que demonstra a semelhança:

Os que conhecem algo do assunto não ignoram que, de Epicuro até Bentham, todos os partidários da teoria da utilidade designaram pelo termo não algo que contrastasse com prazer, mas o prazer em si mesmo bem como a ausência de dor; e, em vez de opor o útil ao agradável ou belo, sempre declararam que o termo designava precisamente essas coisas, entre outras (MILL, 2000, p. 185).

Em sua *Carta Meneceu*, Epicuro fala da felicidade como a “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma” (EPICURO, 2002, p. 43), ou seja, a felicidade representada como o prazer pela serenidade do espírito — ataraxia. Nessa mesma carta, o filósofo propõe uma classificação dos desejos, em naturais e artificiais. Os naturais se dividem em necessários e apenas naturais, que representam tudo o que nos afasta da dor e do sofrimento, ou seja, nos aproximam do prazer. Os artificiais são aqueles não essenciais segundo a natureza dos corpos, e por isso não podem nos fazer naturalmente felizes. Podemos ver nessa classificação uma justificativa moral das ações em função do tipo de desejo que é a causa da ação. O filósofo acrescenta:

E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta finalidade é a vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo (EPICURO, 2002, p. 35).

É importante ressaltar a tangência desse discurso epicurista com o utilitarismo. Como vimos no primeiro capítulo, a justificativa para o consumo, em especial o de luxo, se apoia tanto nos utilitaristas como nos pós-modernos, na medida em que o desejo pelo consumo se dá no efeito de prazer que o objeto desejado oferece. Discurso este de pós-modernos como Bauman (2001), que é refutado pela sociologia de Bourdieu (2000).

Essa malha teórica de referência conceitual sobre a ética e sua relação com o prazer ao consumir se apresentou, como vimos desde o primeiro capítulo, de forma indireta nos discursos colhidos com os frequentadores da Casa do Saber e nos veículos de comunicação que expõem a instituição, servindo como justificativa de uma vida prazerosa ou feliz — racionalidade recorrente nesses discursos.

## 2.1 Consumo de cursos da Casa do Saber e a vida que vale a pena quando já se é rico

Para apontar qual é a vida feliz para o consumidor da Casa do Saber, trabalharemos com análise de discurso. Assim como no capítulo anterior, vamos analisar os discursos dos alunos e os da mídia. Trabalharemos os esquecimentos, elemento estruturante do interdiscurso. Buscaremos “escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária” (ORLANDI, 2007 p. 34). Quando o agente inicia sua fala faz, a todo momento, escolhas. Escolhe uma palavra em detrimento de outra, afirma não gostar deste para elogiar aquele. Este agente não fica o tempo todo maquinando sobre seu discurso, ele pensa que o que diz não poderia ser diferente, é o que só poderia ser dito, porém suas escolhas geram significados nos discursos. O modo de dizer não é indiferente aos sentidos (ORLANDI, 2007, p. 35). Este é um dos esquecimentos que Michel Pêcheux apresenta.

O outro é o esquecimento ideológico. Esse esquecimento, como apresentado por Eni Orlandi (2007), é resultante do modo como o agente é atravessado pela ideologia. Pensamos ser a fonte de nosso discurso quando na verdade retomamos sentidos já existentes. A autora ressalta que “embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como se originando em nós”. Os sentidos, então, são predeterminados pela língua e pela história (ORLANDI, 2007, p. 35). As palavras já estão carregadas de sentido ao serem escolhidas pelos agentes, sentidos estes que os inserem em campos sociais e, em consequência, lutam por troféus e legitimação.

Desde a Grécia Antiga o gosto pelo conhecimento é valorizado como algo enobecedor e variante de poder, como podemos ver em Platão<sup>18</sup>, que ao falar da cidade justa afirma que ela deve ser governada por um homem que seja regido pela parte superior da alma, ou seja, o homem regido pela razão. Platão (2000) deixa claro que somente o filósofo tem essa característica. Epicuro também, no final de sua *Carta sobre felicidade*, coloca a dúvida na existência de alguém mais feliz do que um sábio, já que ele é um homem que vive entre bens imortais e por isso não se assemelha a um mortal (EPICURO, 2002, p. 51).

### 2.1.1 O discurso dos alunos

Encontramos, nos discursos dos alunos entrevistados, o gosto pelo conhecimento, a vontade por saber mais e a repulsa por estagnação mental. Em pouquíssimos momentos o

---

<sup>18</sup> *A república*, livro IV.

tema “dinheiro” veio à tona. Os alunos falavam de sua busca por conhecimento como algo nobre e legítimo. Quando falavam do custo dos cursos, era para dizer que valia a pena. Fica nítido o valor que o conhecimento tem para esses agentes, ou melhor, fica claro o valor que um agente social com conhecimento, capital cultural (ou uma aparência culta) tem para este campo social.

Vamos citar como exemplo o discurso da aluna 4, uma senhora de 74 anos que, para justificar sua frequência na instituição, discorre sobre a frustração de não ter podido estudar quando jovem e seu gosto por saber. É importante observar como se deu essa justificativa no discurso da aluna, que mostra o fato de ela estar na Casa do Saber como uma obviedade.

Eu sou decoradora há 44 anos, tive o ensino médio, sofri muito porque não fiz arquitetura, porque esse era o maior sonho da minha vida. Meu pai teve um revés na vida e não houve possibilidade. E naquela época também não era uso e costume, eu estou com 74 anos, não era uso e costume mulher fazer faculdade. Mas não me entreguei. Eu sou uma mulher que gosto da vida, gosto de viver, gosto de saber, mesmo porque estou aqui fazendo curso de filosofia e este é o terceiro ano que eu já faço. [...] Mas eu vim pra cá procurando saber mais. Como eu tive esse vácuo na minha vida, não é, então eu acho que com isso consigo ter mais alguma coisa, porque agora não dá mais tempo, né? Não tenho mais tempo, meu tempo está acabando. Pra mim é muito bom. Realmente eu quero informação, quero saber, tenho uma sede de saber que você não pode imaginar. E não tenho conhecimento de qualquer outro lugar que tenha isso.

A aluna afirma buscar o saber e a informação de uma forma tão repetitiva que parece que ela faz questão que tenhamos certeza desse fato. Quando observamos seu comportamento em sala, percebemos que ela é muito atenciosa enquanto o professor ministra sua aula, fazendo anotações e perguntas. Porém, um fato nos fez repensar se a busca pelo “saber” é mesmo o objetivo desta senhora na instituição.

No fim da entrevista, a aluna pegou uma parte de um jornal do dia que mostrava a foto de um casamento. Sem pestanejar, mostrou a foto para a pesquisadora e fez a seguinte colocação: “Veja como é importante casar com um homem rico. É só o que importa. Olha o tamanho dessa água-marinha”. A noiva, na foto, estava com um colar que carregava um pingente, relativamente grande, que era uma água-marinha, variedade azul-esverdeada do berilo, ou seja, uma pedra preciosa. Esse fato nos faz lembrar que vivemos numa sociedade



formada por consumidores, uma sociedade que, como já foi explicitado no capítulo anterior, valora seus cidadãos pelo seu poder de compra. Sendo assim, percebemos que o discurso da aluna 4 foi montado — mesmo sem sua própria percepção, ou seja, esquecimento ideológico — para deixar o tema “dinheiro” de lado por que, como ela nos mostrou no fim da entrevista, é ser rico que importa. Vamos passar para mais um exemplo, o aluno 3, um médico aposentado de 80 anos.

Então, atualmente, como eu estou aposentado, então não faço nada, eu resolvi estudar. Gosto muito de estudar filosofia, estou aqui na Casa do Saber, fazendo curso com o professor Clóvis, estou também estudando na área da filosofia ali na Palas Athena, que tem um professor lá muito bom. [...] Olha a filosofia pra mim, por que eu estudei muito psicologia e eu achei que filosofia é uma forma de conhecer melhor o próprio ser humano e conhecer o universo. É verdade que tem várias maneiras de pensar de vários filósofos, cada um pensa de um jeito e a gente depois deve ter um conceito próprio de tudo isso. Você estuda um, estuda outro e outro e depois fala, bom, qual é mesmo pra mim que serve mais para mim, para ter uma posição durante essa vida? Então gosto muito de estudar filosofia, que me trouxe alguns conhecimentos a mais sobre a vida. Pra mim conhecer a vida é muito importante, pra gente se sentir bem não só agora, mas como já to a caminho pra outra dimensão, estou mais próximo, estudar filosofia ficou ainda mais interessante ainda para mim.

Já no início da entrevista, ele ressalta que gosta muito de estudar filosofia, porém faz essa colocação após relatar que é aposentado e não faz nada e, em consequência disso, ele estuda. Logo, quando não era aposentado, não gostava de estudar? Estuda porque não tem mais nada para fazer? Além disso, o aluno coloca a sua proximidade com a morte como um motivo a mais para estudar filosofia, assim como o faz a aluna 4, como se, por serem idosos, sua busca por conhecimento fosse mais legítima. Em contraponto, lembramos Epicuro — citado na aula imediatamente anterior à entrevista<sup>19</sup> —, que faz a seguinte afirmação no início de sua *Carta sobre a felicidade*: “Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito” (2002, p. 21).

---

<sup>19</sup> Referimo-nos à aula de filosofia do curso Grandes Questões da Humanidade, que acompanhamos como parte da observação participante.

Temos ainda, como exemplos de como o aluno/consumidor da Casa do Saber coloca o conhecimento como condição de felicidade, a aluna 9, que, já ao se apresentar, coloca: “Sou estudante de psicologia. Tenho duas filhas, sou casada. Gosto de estudar, sempre gostei, faço muitos cursos, outras línguas. Além da faculdade, faço outros cursos em outros lugares. Isso me move, é a razão mesmo da minha vida”. E também a aluna 8, que relata:

Eu sabia um pouco da Casa do Saber, tinha alguma informação, mas nunca tinha tido curiosidade assim, sabe? Até que ela (sua analista) me falou desse curso e eu achei que era interessante. Mas, assim, eu gosto muito de obter cultura, de conhecimento, até hoje só fiz curso de psicanálise, mas o próximo vai ser algo bem diferente. Porque vale a pena, né? É um investimento que vale muito a pena porque quando eu estou lá, na aula, nossa, é um momento muito feliz sabe, e é isso que estou buscando, busco conhecimento pra vida, pra ser feliz.

As alunas deixam clara a ligação entre conhecimento e felicidade em seus discursos. A primeira, ao se apresentar, coloca a finalidade de sua vida nos estudos. Como observamos anteriormente, esse discurso se reporta ideologicamente à filosofia aristotélica como justificativa, pois a *eudaimonia* no discurso da aluna está nos estudos, deixando de ser um mero instrumento, assim como a aluna 8, que também atrela a aquisição de conhecimento/cultura à aproximação da vida feliz.

Não podemos deixar de citar os poucos alunos que colocaram sua frequência na Casa do Saber como um meio de atingir um objetivo maior. Tivemos a aluna 10, que colocou a instituição como um meio, uma ferramenta para se atualizar.

Hoje a gente não pode ficar para trás, ainda mais eu, que trabalho com arquitetura e faço muitas vezes trabalhos de decoração, tenho de saber e entender o que está acontecendo por aí. Não dá para achar que porque fiz uma faculdade estou atualizada para o resto da vida. Isso não acontece mais (risos). Porque, se um cliente fala com você de tendências, você tem de estar à frente, tem de saber o porquê daquela tendência e qual vai derivar daquela. É necessidade mesmo, de se atualizar, de se... não sei qual é a palavra, quero dizer que as pessoas precisam ter cultura né, mas não é ter é... Entender de tudo um pouco, tem de saber se misturar, falar de tudo. Acho que hoje não tem mais espaço para aqueles que sabem só de uma coisa muito bem. É

preciso passear né, saber de tudo um pouco. Eu faço isso com meus filhos. sabe, quando mais novos, eles fizeram aulas de música. O mais velho tem uma queda por arte, então ele vive fazendo cursos, arte moderna, pós-moderna, pintura, escultura. Esse vai ser artista né, está tentando vestibular para artes plásticas, vamos ver no final do ano no que dá. Mas é isso, o dia-a-dia é corrido, mas sempre tenho um tempinho de vir aqui e me atualizar.

Mesmo tirando a importância da cultura, ou melhor, colocando-a numa função ferramental, ou seja, a cultura que a aluna obtém na Casa do Saber é uma ferramenta para seu trabalho, ela demonstra o valor que dá para a cultura quando se trata de sua família — seus filhos. Os alunos entrevistados simplesmente não conseguem retirar valor ou legitimidade do conhecimento/cultura que recebem na Casa do Saber.

Pensamos que isso se deve a um conceito preexistente na sociedade que valoriza pessoas que se interessam pelos assuntos debatidos na instituição. Lembramos aqui de John B. Thompson, citado no capítulo anterior, que apresenta a concepção clássica do termo cultura, colocado como sinônimo de intelectualidade, permeando ainda hoje o senso comum. Percebemos em nossas entrevistas como os agentes tratam os termos “cultura”, “conhecimento” e “saber” como sinônimos, sempre ligando-os a uma cultura dominante, legitimada, mesmo de maneira inconsciente. Eles não precisam se ocupar valorando o conhecimento que adquirem na instituição, pois, como demonstramos no primeiro capítulo, ele é legítimo e dominante.

Como sabemos, o consumo cultural advém do *habitus* cultural do agente. De acordo com Pierre Bourdieu (2007a), o *habitus* cultural está diretamente ligado ao capital herdado (origem social) e ao adquirido (nível escolar e diplomas). Vemos na instituição pesquisada certa diversidade de agentes. Não podemos afirmar se a maioria possui ou não diploma de nível superior. Entre os nossos entrevistados, podemos afirmar que a maioria possui nível superior, mas como já dissemos na introdução do trabalho, esta pesquisa não tem a intenção de ser representativa. Da mesma forma, pouco podemos afirmar sobre a ascendência social de todos os frequentadores da instituição. Apenas inferimos de nossos entrevistados a existência em seus discursos de uma ânsia por saber mais sobre artes, música, filosofia enfim, um conjunto que é oferecido pela Casa do Saber e que a própria instituição, assim como seus alunos, chamam de cultura.

### ***2.1.2 O discurso da mídia***

Ao olharmos para o discurso da mídia, vemos a maneira como ela retrata o conhecimento/cultura como o caminho para uma vida plena. Vemos dicas que apontam para este caminho, nada tão direto como encontramos no discurso dos alunos entrevistados. Como já foi relatado, a divulgação que os veículos de comunicação fazem da Casa do Saber está sempre destacando os professores e seus currículos, além de dar informações sobre data, hora, local e custo dos cursos. Poucas vezes encontramos críticas e, em algumas, a valoração do agente quando possuidor de determinado conhecimento e cultura.

Vamos começar pelo site institucional da Casa do Saber do Rio de Janeiro, que, para divulgar seus cursos de férias de verão, usou a seguinte chamada em sua página inicial: “Conheça a programação e não dê férias para o prazer do conhecimento”, como podemos ver na imagem a seguir.

Esta chamada coloca o conhecimento como uma forma de prazer. Lembramos dos discursos dos alunos que também fizeram essa ligação para justificar seu consumo. Vemos aqui a semelhança entre os dois discursos que colocam o prazer em conhecer, em estudar e saber, ou seja, aproximam essas atividades prazerosas da ideia de vida feliz. Além disso, a negativa “não dê férias” faz com o que leitor se veja na obrigação, ou melhor, sinta necessidade de adquirir conhecimento, mesmo nas férias, tempo em que se supõe que as pessoas só desejam o prazer e nenhuma obrigação, ou seja, a colocação é bastante enfática quanto à relação prazer/conhecimento.

**Figura 2.1** – Home page da Casa do Saber Rio de Janeiro.

Fonte: Site institucional, 2009.

Como outro exemplo da mídia que coloca um ar de necessidade na obtenção de conhecimento, trazemos a revista *Guia*<sup>20</sup> do jornal *O Estado de S. Paulo*, que trouxe em sua matéria de capa oito páginas falando sobre a Casa do Saber, em especial, e algumas outras instituições que têm proposta parecida na cidade de São Paulo. Já no título a matéria traz “Tudo o que você precisa saber” e o subtítulo “Cursos que vão torná-lo uma pessoa (ainda) mais interessante, escolhidos por um ‘personal trainer’ do intelecto”. O verbo precisar, usado no título da matéria, remete à necessidade, ou seja, a Casa do Saber tem o que você necessita. Necessita para quê? A resposta está no subtítulo, que diz que os cursos vão torná-lo uma pessoa mais interessante. Ao longo da matéria, vemos a importância que é dada para “malhar o cérebro” ou “enrijecer um cérebro filosoficamente flácido” — como cita o texto ao fazer jogos de palavras com o subtítulo, que traz “personal trainer do intelecto” referindo-se a Mário Vítor Santos, diretor-conselheiro da Casa do Saber. Ao falar dos professores, a matéria

<sup>20</sup> *Guia* é uma revista semanal do jornal *O Estado de S. Paulo*. A matéria citada está na edição número 369, que corresponde à semana de 31 de outubro a 6 de novembro de 2008, p. 6.

os chama de “doutores da sua ignorância” e continua afirmando “eles dão aulas que você não deveria cabular”. Tudo isso nos remete à obrigação de adquirir conhecimento como condição de sucesso, ou seja, de vida bem-sucedida.

Como dissemos, as demais publicações focam numa breve divulgação do curso, porém sempre ressaltando sua maior qualidade, os professores. O que podemos perceber, nas publicações citadas e nas demais, é o tom de necessidade. As divulgações são tão incisivas que fazem crer na necessidade do aumento da bagagem cultural — termo frequentemente usado — como se estar por fora culturalmente fosse se excluir do campo ao qual é preciso pertencer. Como se, ao não participar desse movimento, o agente fosse se desposar de sua posição no campo.

O que vemos, então, comparando os discursos recolhidos com os alunos e na mídia, é uma necessidade de pertencimento por parte dos alunos e uma imposição por parte da mídia. O aluno diz gostar e sentir prazer ao adquirir conhecimento. Coloca o conhecimento como peça central de sua vida. E a mídia, o que faz? Diz que o conhecimento, a cultura é necessária. Vemos então o discurso dos alunos como uma ferramenta que o auxilia na luta pela manutenção de seu lugar no campo social. A mídia mostra onde a elite se encontra, dá o mapa ao colocar “Educação da elite” no título de uma matéria da revista *Veja*<sup>21</sup> ou “Leitura de classe” (na mesma matéria), ao se referir aos livros mais vendidos na Casa do Saber. Ou mesmo quando chama os professores da instituição de “doutores badalados”<sup>22</sup>, a instituição de “Daslusp” e as alunas de “lulus taradas por acadêmicos”, como citamos no capítulo anterior.

Esses dados reforçam nossa visão de que o que aproxima os alunos da vida plena — ou pelo menos é um meio para tal — é frequentar uma instituição glamorizada pela mídia, por seus frequentadores, professores e proprietários. Não estão ali pela paixão e busca por conhecimento, apesar de os discursos se esconderem por trás do suposto prazer obtido ao adquirir cultura. Os agentes se legitimam ao valorar o consumo realizado na instituição como um “prazer puro”, como denomina Pierre Bourdieu, ao falar do prazer que está predisposto a tornar-se um símbolo de excelência moral (2007a, p. 14). É a forma dos alunos de justificar o seu consumo, colocando uma máscara cultural quando de fato ele existe para manter uma aparência culta e, a partir disso, participar do jogo pela definição de cultura, ou seja, se inserir em um campo social.

---

<sup>21</sup> A educação da elite. *Veja*, São Paulo: Abril, ano 38, n. 16, p. 122, 2005.

<sup>22</sup> A educação da elite. *Veja*, São Paulo: Abril, ano 38, n. 16, p. 124, 2005. Tudo o que você precisa saber. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 out. 2008. Guia, n. 369, p. 9.

## **2.2 Consumo como objeto de reflexão ética**

Tendo os discursos dos agentes da Casa do Saber e da mídia a respeito das concepções de vida boa devidamente explicitados e analisados, voltaremos nossa atenção para o consumo como objeto de reflexão ética. Pretendemos aqui realizar uma abordagem ética do consumo na contemporaneidade fazendo relações com os discursos apresentados acima. Para tanto, passaremos primeiro pelo conceito de ética que usamos, conceito que advém da filosofia. Posteriormente traremos a reflexão ética para o campo do consumo com o intuito de desvendar os códigos e valores que o circundam.

### ***2.2.1 Conceito de ética***

O conceito de ética não tem um lugar definido. Diversos campos do conhecimento o reivindicam. Objeto de luta, assim como todo objeto de conhecimento. Quem está legitimado para trabalhar esse aspecto? Filósofos? Juristas? Cientistas sociais? O fato de falarmos sobre ética, pelo viés da filosofia moral, no campo da comunicação, em um mestrado em comunicação, faz parte dessa luta.

Acordamos aqui que o conceito de ética advém da filosofia — apesar de algumas discordâncias. Mas esta será a nossa posição referencial. Uma posição que pode não ser a dominante no campo da comunicação, já que, de acordo com Clóvis de Barros Filho, “a importante produção pátria em filosofia moral é ignorada pelo campo da comunicação. Agentes do campo filosófico raramente são convidados para dialogar com nossos pesquisadores” (BARROS FILHO, 2007, p. 19).

Nosso campo se aproxima da legislação para falar de ética nos cursos de graduação em comunicação social. Neles temos a presença da disciplina Ética e Legislação, em que a discussão gira em torno do ensino jurídico. Barros Filho aponta essa disciplina como uma “reunião de temáticas obrigatórias dos cursos de comunicação, o que está duplamente equivocado. De um lado, pela associação que promove entre ética e direito. De outro, por equiparar de maneira restritiva o direito da informação à legislação sobre mídia” (BARROS FILHO, 2007, p. 19).

Não negamos a importância dos códigos profissionais ou da legislação sobre a mídia. Apenas apontamos que o estudo da ética é mais do que códigos e leis. A ética estuda a problemática da conduta ou do valor da ação humana. De acordo com Miguel Reale,

por mais que o homem descubra e certifique verdades e seja capaz de atingir leis ou princípios, seus conhecimentos da realidade, *sic et simpliciter*, não envolvem a obrigatoriedade da ação. Que devemos fazer? Como devemos nos conduzir? Que vale o homem no plano da conduta? O fato de sermos hoje mais ricos de conhecimentos do que o homem selvagem terá, porventura, influído na bondade do próprio homem? O fato de ser portador de maior soma de conhecimentos leva o homem a conhecer o caminho de seu dever? (REALE, 2002, p. 28).

As perguntas apresentadas por Miguel Reale representam as perguntas que a filosofia tenta responder quando o tema é a ação humana. Falamos diversas vezes em filosofia e não paramos para dizer o que é a filosofia em nenhuma delas. Vamos começar por aí para chegarmos até a ética. A filosofia (do grego *philos* – que ama e *sophia* – sabedoria), de acordo com Marilena Chauí não possui apenas uma definição, mas várias, e que podem parecer se contradizer. Julián Marías introduz a sua *História da filosofia* afirmando que “Por filosofia entenderam-se principalmente duas coisas: uma ciência e um modo de vida” (2004, p. 9). Já para Epicuro (341 a.C), a filosofia é a atividade do pensamento que tem a vida por objeto, a verdade por método e a felicidade por finalidade.

O que sabemos é que a filosofia surgiu como sinônimo de conhecimento. Todos os campos do conhecimento pertenciam à filosofia. Aristóteles, por exemplo, estudava o movimento dos corpos, o que hoje é a cinemática; Thales de Mileto tinha como objeto a matemática, e assim por diante. Hoje, a filosofia se dedica ao estudo da epistemologia ou teoria do conhecimento, da estética, da lógica, da metafísica e da ética.

Ética. Este é o objeto da filosofia que nos interessa e que nos propomos a conceituar. Adolfo Sánchez Vásquez, professor titular da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma do México, em sua obra intitulada *Ética*, afirma que “a ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado, porém, na sua totalidade, diversidade e variedade” (2000, p. 21) E continua: “o valor da ética como teoria está naquilo que explica, e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas” (2000, p. 21). Dessa forma, podemos perceber que ética e moral são tratadas como duas coisas distintas. Por moral temos a atividade da razão que tem por objeto a prática, a reflexão sobre o próprio fazer. Já por ética, uma teoria que tem por objeto o pensamento moral, estudo das normas que conduzem e valoram a ação humana.



Vamos então trazer uma breve explicação dos termos *moral* e *ética* para que as dúvidas sejam abrandadas. Epistemologicamente ética e moral possuem o mesmo significado. Ética vem do grego *ethiké* e chegou a nós como ética. Seu significado, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, é “ciência da moral, moral”. Já moral vem do latim *morale*. Em seu significado vemos

conjunto de costumes e opiniões que um indivíduo ou um grupo de indivíduos possuem relativamente ao comportamento; conjunto de regras de comportamento consideradas como universalmente válidas; parte da filosofia que trata dos costumes e dos deveres do homem para com o seu semelhante e para consigo; ética.

Dessa forma, podemos perceber que moral e ética têm o mesmo significado. Mas não vamos nos prender apenas a um dicionário. O *Dicionário Oxford de filosofia* (1997) nos apresenta a seguinte definição de ética:

Ética: (do gr., *ethos*: caráter) Estudo dos conceitos envolvidos no raciocínio prático: o bem, a ação correta, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha. É também o estudo de segunda ordem das características objetivas, subjetivas, relativas ou céticas que as afirmações feitas nesses termos possam apresentar. [...]. Para uma possível distinção entre ética e moral, ver moral.

Veremos então a possível distinção entre ética e moral que o dicionário nos apresenta:

Moral: embora a moral das pessoas e sua \*ética acabem por ser a mesma coisa, há um uso do termo que restringe a moral aos sistemas como o de \*Kant, baseado em noções como o dever, a obrigação e princípios de conduta, reservando a ética para a perspectiva mais aristotélica do raciocínio prático, baseada na noção de virtude, e que de modo geral evita a separação das considerações “morais” de outras considerações práticas. [...]

Para que não restem dúvidas, apresentamos também Nicola Abbagnano (2007), que em seu *Dicionário de filosofia* coloca a ética como uma ciência da conduta, e quando olhamos moral, vemos apenas um parágrafo dizendo “o mesmo que ética”. Temos assim os dois

termos apresentados como sinônimos. Para não ficarmos apenas com as definições dos dicionários, vamos trazer Luc Ferry, filósofo francês que em seu renomado *Aprender a viver* nos traz a seguinte nota de rodapé:

Uma observação a respeito de terminologia, para que se evitem mal-entendidos. Deve-se dizer “moral” ou “ética”, e que diferença existe entre os dois termos? Resposta simples e clara: *a priori*, nenhuma, e você pode usá-los indiferentemente. A palavra moral vem da palavra latina que significa “costumes”, e a palavra ética, da palavra grega que também significa “costumes”. São, pois, sinônimos perfeitos e só diferem pela língua de origem [...] (FERRY, 2007, p. 31).

Luc Ferry continua sua nota de rodapé apresentando os diferentes usos das palavras e afirmando que, na obra citada, as utilizará como sinônimos perfeitos. Immanuel Kant propõe uma diferenciação entre eles colocando a moral como o conjunto de princípios gerais e a ética como sua aplicação (FERRY, 2007, p. 37). Nós, porém, trabalharemos com a ideia de Vásquez em que a ética, como teoria, não confabula com qualquer moral específica, de uma época longínqua ou não. Ela não se identifica com normas ou princípios de qualquer moral em particular. A ética teoriza, investiga como compreender uma atitude moral. De acordo com Vásquez, a ética é como as demais ciências, se confronta com fatos e, já que os fatos confrontados são humanos, são fatos de valor. De acordo com o autor, “A ética estuda uma forma de comportamento humano que os homens julgam valioso e, além disso, obrigatório e inescapável” (VÁSQUEZ, 2004, p. 22).

Moral é um saber prático. Uma maneira de pensar, uma reflexão, uma inquietação intelectual cujo objetivo específico é a *práxis* — ação humana, conduta, comportamento — qualquer reflexão que tenha por objeto a ação humana. Costumamos afirmar, ou ouvir pessoas ao nosso redor e até mesmo na mídia afirmarem, que fulano não tem moral. Essa afirmação, portanto, está errada. Moral não é algo que se tenha ou não. Moral não é uma substância. Moral não é a reflexão sobre as causas da conduta, é discussão sobre qual a melhor maneira de viver, qual a melhor maneira de agir. Qual é a vida que vale a pena ser vivida? Esta é a questão central quando o tema é filosofia moral. Qual é a melhor maneira de viver? Qual é a melhor ação? Comte-Sponville afirma que

Moral responde à pergunta: “O que devo fazer?” É o conjunto dos meus deveres, em outras palavras, em outras palavras, dos imperativos que reconheço como legítimos — mesmo que, às vezes, como todo mundo, eu os viole. É a lei que imponho a mim mesmo, ou que deveria me impor, independentemente do olhar do outro e de qualquer sanção ou recompensa esperadas (2002, p. 20).

A moral, então, é uma reflexão sobre a própria conduta, eu julgo o eu, uma reflexão sobre si, sobre a melhor maneira do eu agir entre várias possibilidades. Olhar para a conduta do outro não é moral, é moralismo. Porém, temos de concordar que sem o moralismo não há vida em sociedade, não há educação, sentença, poder judiciário ou prisão. O moralismo é essencial para a vida em sociedade. Porém, existe uma condição para que exista a moral: a liberdade. Moral é uma reflexão que tem por objeto uma conduta livre. Aristóteles nos fala da contingência: é contingente aquilo que pode ser diferente (na natureza tudo é o que é). Já com o homem, com a ação humana, existe a possibilidade de ser diferente. Então, para poder agir de forma diferente, o homem precisa de liberdade. O homem só é responsável moralmente por suas ações se, verdadeiramente, existiu a possibilidade de essa ação ser outra.

Sendo assim, retornando ao nosso objeto de reflexão, o consumo, vamos caminhar para tentar entender quais são as regras que o cercam, ou melhor, onde estão os valores morais do consumo. Temos o consumo como uma prática sociocultural que advém de uma manifestação das estruturas de classe, ou seja, o consumo se dá de acordo com a posição social do agente, seus capitais e, conseqüentemente, *habitus* — manifestação das estruturas de classe.

### **2.2.2 Consumo: a distinção pelo gosto**

Como já vimos, o consumo é uma prática sociocultural que atribui valor tanto para o agente consumidor quanto ao bem consumido. Agentes de classes sociais distintas realizam tipos de consumo distintos, assim como frequentam lugares distintos etc. O que queremos dizer é que os campos sociais se separam, também, mas não só, pelo *habitus* de consumo dos agentes.

Lembramos que temos sempre como referência os agentes da Casa do Saber, que, como vimos, expressam seu “gosto” pelo conhecimento e cultura nas entrevistas. Sabemos que este “gosto” é a expressão do agente para se adequar e pertencer a determinado campo

social, ou seja, o consumo sendo camuflado pelo gosto, servindo de apoio para a distinção social.

Vamos trazer para esta apresentação uma perspectiva econômica sobre o consumo com o apoio teórico de Colin Campbell (2001), que em sua obra *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno* caminha para encontrar, como ele mesmo denomina, “o enigma do consumismo moderno” ou uma “teoria do comportamento do consumidor”, que faz referência à essência do consumo moderno, o que envolve uma busca infinita por necessidades ou a insaciabilidade (CAMPBELL, 2001, p. 58). Zigmund Bauman já relata como característica da sociedade de consumo o fato de ela trabalhar a insatisfação dos indivíduos. Segundo ele,

A sociedade de consumo tem por base a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pode realizar ou sonhar. [...] A sociedade de consumo consegue tornar permanente a insatisfação. Uma forma de causar esse efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido alçados ao universo dos desejos do consumidor (BAUMAN, 2007, p. 106).

Voltamos para Campbell e sua apresentação do sentido econômico do consumo, em que ele traz a Teoria da Utilidade Marginal<sup>23</sup>, na qual o consumidor extrai satisfação do item consumido até o máximo de sua utilidade (2001, p. 62). Olhando para a formulação clássica dessa proposição, não vemos explicações para a origem da necessidade ou do gosto do consumidor. Além disso, se levarmos em conta que a teoria da utilidade visa que o consumidor tende a elevar ao máximo sua satisfação, fica a questão de como surge uma nova necessidade por um produto novo, já que o consumidor não conhece a satisfação que pode ser gerada? Ou seja, um consumidor “racional” não se ocuparia em obter novos produtos dos quais ele desconhece a satisfação que poderá ser gerada.

Pierre Bourdieu (2007a) afirma que os economicistas podem ignorar o que resulta na relação produto/consumidor na sociedade, as disposições que definem as propriedades úteis e os usos reais:

---

<sup>23</sup> O conceito de utilidade marginal surgiu no fim do século XIX, originalmente com Hermann Heinrich Gossen, em 1858, na Prússia, em seu livro *Lei dos rendimentos marginais decrescentes*. Posteriormente, e quase concomitantemente, pesquisadores da Áustria, França e Inglaterra recriam o conceito de Gossen.

Afirmar por hipótese, como um deles, que os produtos possuem características objetivas — ou, como se diz, “técnicas” — capazes de se imporem como tais a todos os indivíduos perceptores, é admitir que a percepção estaria associada unicamente às características designadas pelas descrições propostas pelos produtores (e pela publicidade chamada “informativa”) e que os usos sociais poderiam deduzir-se dos modos de utilização. Os objetos, inclusive os produtos industriais, não são *objetivos* no sentido atribuído, habitualmente, a esta palavra, ou seja, independentes dos interesses e gostos dos que os apreendem, além de não imporem a evidência de um sentido universal e, unanimemente, aprovado (BOURDIEU, 2007a, p. 96).

Teriam então os produtos e serviços valores atribuídos em sociedade? Campbell é enfático ao ressaltar a ausência de uma teoria do comportamento do consumidor das ciências sociais. Como responder às questões a respeito da renovação dos desejos do consumidor? Zygmunt Bauman afirma que os desejos são renovados, pois os produtos de consumo são depreciados e desvalorizados logo depois de terem sido “alçados ao universo dos desejos do consumidor” (2007, p. 106). Este pensamento vai à contramão da tradicional teoria da utilidade dos economistas, pois o produto acaba por perder o seu valor depois de consumido em vez de ser consumido até o máximo de sua utilidade.

Concluimos então que o valor dos objetos e serviços consumidos é dado de forma social. O agente social, dotado de determinada espécie de capital, toma para si o valor dominante do produto ou serviço consumido. Ou seja, a classe dominante, como uma instituição dominante, determina o valor dos objetos, dos serviços, da cultura.

No Brasil vemos os valores franceses, entre outros, sendo postos em prática como uma cultura legítima — o baile de debutantes é um exemplo. Esta é a cultura da França que foi acatada pelo Brasil como algo bom ou até mesmo melhor. Por esse motivo, devemos ressaltar que quando Pierre Bourdieu fala numa cultura legítima, ele está se referindo à França, seu país de origem e espaço de suas pesquisas, um país dominante. Sua hipótese aplicada à nossa realidade merece sobressaltos.

Ainda assim, se temos o valor dos produtos e serviços estipulados socialmente, fica claro para nós que a felicidade dos alunos da Casa do Saber não está em satisfazer sua ânsia por conhecimento, mas sim na ânsia, mesmo que inconsciente, de entrar no jogo social. De

adquirir determinado capital de forma a se destacar ou nem isso, apenas entrar em determinada classe que imputa ao conhecimento um valor nobre.

Vemos então que o valor não está no produto consumido e que tampouco é dado de forma individual. Instituições sociais trabalham nessa valoração. No caso de nosso objeto empírico de estudo, temos a mídia, uma instituição social mediadora que a todo momento indica o valor dos cursos, ressalta o valor de seus frequentadores e de seus agentes (incluindo professores, proprietários e funcionários). Além das instituições sociais, vemos as estruturas de classe que, como já foi ressaltado, se manifestam por meio do consumo, em que o agente se distingue social e culturalmente.

Em sua sociologia sobre o gosto, Pierre Bourdieu (2007a) afirma que o gosto possui uma origem social, discrimina e hierarquiza o agente e determina suas opções de consumo. Temos, dessa maneira, o gosto e, em consequência, o consumo, apresentados como fatores de distinção social. Podemos inferir dessas observações que o gosto discrimina, pois quem tem a legitimação de definir qual é o “bom gosto”, o gosto legítimo, está no topo das classes, dominante, portanto. Temos então o gosto como um objeto de luta. Manutenção do poder. Podemos dizer que é por meio do gosto e de suas manifestações que os dominantes se mantêm em suas posições. Temos assim todo um esquema de violência simbólica em que os dominados aceitam e incorporam o que os dominantes revelam como “gosto legítimo”, ou não haveria a dominação. Mesmo quando existem movimentos de subversão, eles auxiliam na legitimação de uma cultura legítima ou, então, não teriam ao que subverter.

Entendemos que o aluno/consumidor da Casa do Saber, ao manifestar seu “gosto pelo conhecimento”, coloca esse fator como valor dominante, tomando para si valores indicados por Aristóteles, Platão e Epicuro, que colocam o conhecimento como condição de felicidade, e não só, quando podemos perceber que sua perseguição é por uma espécie capital que os colocará em meio a lutas das quais eles participam e desejam participar, conscientemente ou não. Então, o que temos é uma equação simples. Agentes da Casa do Saber fazer parte de um campo social relativamente autônomo, em busca de tipos específicos de capital<sup>24</sup> com o intuito de participar da definição de cultura legítima, consumindo cultura/conhecimento em forma de cursos livres.

O gosto, de acordo com Bourdieu (2007a), é adquirido a partir da educação (com a família, capital herdado e a escola, capital adquirido). Clóvis de Barros Filho e Felipe Lopes,

---

<sup>24</sup> Em um próximo capítulo, trabalharemos todas as trocas de capital existentes na relação da instituição com seus agentes.

em artigo que compõe o livro *Comunicação e culturas de consumo*, colocam que é na socialização que incorporamos “determinados esquemas de percepção, classificação e valoração do mundo social” (2008, p. 114), ou seja, é na socialização que adquirimos o *habitus* de consumo. Determinada disposição para o consumo de determinados produtos, serviços ou práticas (como adquirir conhecimento, por exemplo) que definem e classificam o agente. Para melhor dizer, o gosto é socialmente adquirido, fruto da educação, e não algo inato do agente como se existisse uma predisposição para se gostar de determinada música ou cinema. Dessa forma, o capital cultural é o resultado das relações de poder constituídas nas instituições que transmitem cultura na sociedade capitalista<sup>25</sup>.

Vemos, com Clóvis de Barros Filho e Felipe Lopes (2008), que Pierre Bourdieu, ao desenvolver a teoria do *habitus*, o fez para se contrapor frente a duas outras teorias da ação, a subjetivista e a objetivista (2008, p. 114). Com base na teoria subjetivista, o agente tomaria suas escolhas de consumo de forma individual, pois os sujeitos seriam autônomos e movidos por suas próprias paixões. Já na teoria objetivista, as práticas de consumo seriam reflexos da posição social, os agentes são simples produtos do meio. A partir disso, Bourdieu coloca a ação do agente como a “atualização de um saber prático que acumulamos ao longo de nossas trajetórias” (BARROS FILHO; LOPES, 2008, p. 114), ou seja, o *habitus*, o saber de um “quase presente”. Tendo essas características explicadas, podemos dizer que o agente, ao consumir algo, de maneira inconsciente, sem a devida racionalização, conhece as implicações que este consumo trará.

O gosto é algo produzido, ou para dizer melhor, o gosto é resultado das relações de força existentes na sociedade, “resultado de um feixe de condições materiais e simbólicas acumuladas no percurso de nossa trajetória educativa” (SETTON, 2008, p. 50).

Vamos então comparar as duas perspectivas, a idealista e a materialista. Na primeira existe um gabarito em que se encontram as formas ideais. Para cada forma que vemos em nosso mundo, existe um correspondente perfeito no mundo das ideias e o sujeito identifica o valor da coisa. Mas onde está esse gabarito? Como temos acesso a ele? Para Platão<sup>26</sup>, só tem acesso ao gabarito o homem que possui a parte superior da alma — que corresponde ao conhecimento — no comando das outras duas. No idealismo é possível que o valor estético das coisas gere discordâncias, mas por quê? Porque os agentes são educados de forma diferente.

---

<sup>25</sup> SETTON, Maria da Graça Jacinto. Uma introdução a Pierre Bourdieu. *Cult*, ano 11, n. 128, p. 48, 2008.

<sup>26</sup> *A república*.

Já no materialismo vemos o valor sendo atribuído socialmente. O valor não é imanente, mas atribuído pelo sujeito. Sem o sujeito, a atribuição de valor não existiria e as coisas do mundo apenas seriam. No caso do materialismo, podemos ponderar que é possível que os agentes encontrem certa concordância ao valorar as coisas do mundo se considerarmos que não vivemos sós no mundo, que o valor é socialmente estabelecido. É preciso que o sujeito compartilhe socialmente esses valores até mesmo para a manutenção social e a manutenção de si em sociedade.

### 2.3 Consumo de bens culturais e ética de classe

Olharemos agora para o consumo de bens culturais frente a uma possível ética de classe. Vimos o consumo como uma materialização do gosto, e este último sendo socialmente construído. Em um pensamento lógico, temos os *habitus* de consumo socialmente construídos, incluindo o consumo de bens culturais, que não se faz diferente de qualquer outro consumo, material ou simbólico. Em *O amor pela arte* (2007b), Pierre Bourdieu e Alain Darbel colocam o gosto ou o amor pela arte como fruto da aprendizagem e socialização, e não algo intrínseco ao agente. De acordo com o autor,

A idéia contranatural de uma cultura de nascimento, de um dom cultural, outorgado a alguns pela Natureza, pressupõe e produz a cegueira relativamente às funções da instituição que garante a rentabilidade da herança cultural, além de legitimar a sua transmissão, dissimulando que ela desempenha tal função [...] (BOURDIEU, 2007b, p. 166).

Ao visitar um museu e admirar uma obra de arte, por exemplo, o agente está transparecendo seu gosto, e o consumo que advém dele, de forma estratégica, ou seja, o gosto pela cultura legítima não é algo intrínseco ao agente social e sim um valor adquirido. Llana Goldstein, professora doutora da Fundação Getulio Vargas – SP, em artigo publicado na revista *Cult* (2008), coloca que Bourdieu

Argumentava que os atores sociais fazem um uso estratégico do gosto, manejando sua destreza lingüística e estética como maneira de se demarcar socialmente de grupos com menor “capital cultural” e de obter reconhecimento simbólico e prestígio. Nessa lógica, o consumo cultural e o deleite estético são acionados como forma de distinção, ou seja, a



familiaridade com bens simbólicos traz, consigo, associações como “competência”, “educação”, “nobreza de espírito” e “desinteresse material”. E o cruel é que a divisão da sociedade entre “bárbaros” — incapazes de se deleitar com uma bela sinfonia ou uma pintura expressionista — e “civilizados” — eruditos e dotados de “bom gosto” — acaba tendo conseqüências políticas: justifica o monopólio dos instrumentos de apropriação dos bens culturais por parte desses últimos (GOLDSTEIN, 2008, p. 61).

Em poucas palavras, a autora explica o consumo de bens culturais como forma de manutenção do *status* social. Bourdieu retira a aura de naturalidade do consumo cultural e imputa a ele a qualidade de arma de guerra. Uma arma na luta pela distinção social, ou, para ficar mais claro, distância social. É a dominação cultural que se mostra pela fórmula que demonstra cada posição na hierarquia social correspondendo a uma cultura específica. A elitista caracteriza-se pela distinção, a média pela pretensão e a de massa pela privação, o que faz a cultura ficar no papel central do processo de dominação<sup>27</sup>. A elite, como classe dominante, imputa o que quer como cultura dominante. A classe média e a de massa, por sua vez, imputam à cultura dominante legitimidade ao aceitá-la como legítima ou ao subvertê-la.

Vemos, então, que o consumo cultural não é um ato que corresponde puramente ao gosto do ator social. Deixa de ser uma opção estética para, mesmo que de forma inconsciente, configurar uma forma de capital. Capital cultural, adquirido de diferentes maneiras nas classes sociais. Para Bourdieu,

As diferenças nas maneiras em que se exprimem diferenças no modo de aquisição [...] associadas, freqüentemente, a diferenças na estrutura do capital possuído, estão predispostas a marcar as diferenças no âmago da classe dominante, assim como as diferenças de capital cultural marcam as diferenças entre as classes. Eis a razão pela qual as maneiras — e, em particular, a modalidade da relação com a cultura legítima — são o pretexto de uma luta permanente [...]. Não é por acaso que a oposição entre “escolar” (ou “pedante”) e “mundano” encontra-se, em todas as épocas, no centro dos debates sobre o gosto e sobre a cultura (2007a, p. 79).

---

<sup>27</sup> HEY, Ana Paula; CATANI, Afrânio Mendes. Bourdieu e a educação. *Cult*, Ano 11, n. 128, p. 62, 2008.

Entendemos então a insistência dos alunos/consumidores em sobressaltar seu gosto por cultura e sua vontade de obter conhecimento. A veemência com a qual sobressaltam seu “estilo de vida culto”. Porém, na obra de Bourdieu, fica claro que o capital cultural é a junção do capital herdado, que se traduz na ascendência do ator social e escolar, que se traduz nos diplomas que o ator possui. Se pararmos para refletir sobre a Casa do Saber e a questão dos diplomas, rapidamente recordamos que a instituição oferece cursos livres, ou seja, não existem pré-requisitos para fazer um curso e não existem diplomas depois do curso terminado. O que, então, o agente consumidor busca na instituição? Pelo que vimos até o momento, busca conquistar um verniz cultural, ou seja, uma aparência culta e, além disso, o contato repetido com agentes do mesmo nível e com o mesmo interesse — como já concluímos no capítulo anterior.

### **2.3.1 Qual a “consequência” do consumo de bens culturais?**

Poderíamos falar então em uma ética de classe? Se entendemos por ética o estudo das normas que conduzem e valoram a ação humana, podemos aqui pensar da seguinte maneira: se os alunos da Casa do Saber, apesar de afirmarem frequentar a instituição por motivos “nobres”, como o gosto apurado por conhecimento e cultura, dão pistas de que estão na instituição com o intuito de se enobrecer e zelar por seu lugar social a partir do consumo cultural, só podemos pensar esta ação como advinda de uma moral egoísta em que o agente tem a sua potência alargada quando age de maneira a elevar a sua própria potência. Nesse caso, o valor moral da ação está em sua consequência e é estabelecido por uma convenção social.

Aceitando que a convenção social é o fundamento do valor da ação, temos em mente que este valor não é imanente à ação. A ação não é boa nem ruim, *a priori*, ela é o que é — materialismo. Temos então o valor sendo socialmente construído, ou seja, a mesma ação em sociedades diferentes é valorada de maneira diversa. Mudam os costumes, mudam os valores morais.

Quando vemos o agente da Casa do Saber colocando o gosto e o consumo como ferramentas para manter a cultura dominante, ou seja, estrategicamente consumindo os cursos da Casa do Saber para manter-se dominante e fazer parte do campo social dominante (elite) que dita o que é a “cultura boa” e a “cultura inferior”, chegamos à conclusão de que este grupo seletivo trabalha na manutenção e reprodução da convenção social que coloca os próprios cursos oferecidos pela instituição como culturalmente aceitos e legítimos. O que queremos

dizer é que não encontramos nos discursos colhidos aspectos que nos levem a crer numa moral utilitarista, em que a boa ação é aquela que leva felicidade para o maior número de atingidos, mas sim os vestígios de uma moral fundada em consequências pertinentes a quem age.

Vamos citar também a filosofia de Thomas Hobbes, que, assim como Maquiavel, que propunha estudar o “homem como ele é”, era um pensador consequencialista, ou seja, o valor da ação está na sua consequência e a boa consequência, para este pensador, é aquela que aumenta sua própria potência de agir. Egoísmo. A ação é boa quando aumenta o meu prazer, a minha potência de agir. Hobbes foi o mais importante representante da filosofia moral do século XVII. O que o intrigava é por que o homem abriria mão de uma vida do estado de natureza, ou seja, por que o homem abriria mão da sua liberdade. Em Maquiavel vemos a ação do soberano, objeto de interesse de sua filosofia política, em que a boa consequência é a conservação ou o aumento do poder do agente, isto é, do próprio soberano. Como afirma o pensador, “É coisa realmente natural e comum o desejo de conquista, e, sempre que a realizarem os homens aptos para tanto, eles serão louvados ou, pelo menos, não serão recriminados”.<sup>28</sup>

Temos assim estabelecido um critério moral para os discursos dos agentes consumidores da instituição pesquisada. Não podemos equipará-los a nenhuma moral idealista. Não podemos dizer que sua frequência na instituição é justificada pela busca eudaimônica. Apenas percebemos que o consumo cultural, neste caso e quem sabe em quantos outros, é um aspecto social que faz parte de uma luta pela dominação.

Como fica o discurso da mídia neste processo? Percebemos que, mesmo ao criticar a instituição e seus frequentadores, ela trabalha em prol da conservação dos valores dominantes, pois demonstra que os integrantes da elite frequentam a instituição. “Daslusp”, “Luluzetes taradas por acadêmicos”, “personal trainers do intelecto” ou “acadêmicos badalados”. Todas as nomenclaturas indicam onde está, ou onde estão aqueles que lutam em prol da conservação da cultura dominante. A mídia divulga os cursos que a classe média anseia por fazer e a massa é privada de conhecer. Conservação e enclausuramento do conhecimento. Nada diferente dos colégios e universidades (do Estado ou particulares), que, assim como a Casa do Saber, trabalham pela reprodução cultural.

A esse respeito, Pierre Bourdieu, em seu livro *A reprodução* (2008), coloca a escola como reprodutora da dominação. A escola é apresentada como uma instituição que produz

---

<sup>28</sup> MAQUIAVEL. *O príncipe*. Tradução de Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 1998. p. 15.

diferenças cognitivas, pois realiza a internalização (cria o *habitus*) dos sistemas de classificação (valoração de bom e ruim, por exemplo) dominantes do mundo social<sup>29</sup>. Na concepção do autor, a escola trabalha pela comunicação e inculcação (para usar o mesmo termo do autor) da cultura legítima. Afirma que a ação pedagógica usa de violência simbólica ao impor o arbitrário cultural por meio de um poder também arbitrário. Vamos explicar melhor deixando de lado os termos robustos e herméticos usados pelo autor. A ação pedagógica, por meio de uma coerção simbólica — utilizando símbolos e signos culturais que são não só impostos pelos dominantes, mas aceitos pelos dominados —, impõe de forma livre de condições, despótica, a cultura dominante. De acordo com o autor,

A ação pedagógica cujo poder arbitrário de impor um arbitrário cultural repousa em última análise sobre as elações de força entre os grupos ou classes constitutivas da formação social em que ela exerce contribui reproduzindo o arbitrário cultural que ela inculca, para reproduzir as relações de força em que se baseia seu poder de imposição arbitrária (função de reprodução social da reprodução cultural) (BOURDIEU, 2008, p. 31).

Temos então um ciclo em que o arbitrário cultural se renova na formação social a todo instante. Uma instituição que, apesar de não distribuir diplomas como comprovação de “nobreza cultural”, distribui *status*, reconhecimento de classe e glamour. Alunos que aumentam sua vontade de potência ao frequentá-la e a mídia que dissemina sua legitimidade. Uma instituição que, apesar de fugir dos padrões escolares com todos os seus atributos já mencionados, colabora para a produção e reprodução do conhecimento e da cultura legítima. Este tema será abordado com mais profundidade alguns capítulos à frente.

O que nos cabe agora é entender os sinais que nos levam a crer que a ação dos agentes da Casa do Saber é representativa de certo egoísmo moral. Não a desclassificando ou criticando por isso, até porque, se tomarmos por base o egoísmo moral, todo agente social, estando ou não numa posição de dominação, age de forma a aumentar sua própria potência e se afastar do sofrimento. O egoísmo é o oposto do utilitarismo de Stuart Mill. Nele encontramos o agente elevando as normas éticas que são de seu próprio interesse e não da maioria. Vemos a instituição pesquisada declarando trabalhar pela difusão cultural quando está apenas auxiliando na sua concentração.

---

<sup>29</sup> HEY, Ana Paula; CATANI, Afrânio Mendes. Bourdieu e a educação. *Cult*, ano 11, n. 128, p. 62, 2008.

Passaremos assim para a segunda parte desta dissertação, onde abordaremos de forma mais ampla a produção e, em especial, a recepção das mensagens midiáticas por parte dos agentes da Casa do Saber. Lembramos que este estudo pretende percorrer um curso em que todas as suas partes estão interligadas. Sendo assim, tudo o que foi mencionado nesta primeira parte se fará útil na parte que segue.

## PARTE II – MÍDIA, ÉTICA E RECEPÇÃO NA CASA DO SABER

### 3 MÍDIA E DIVULGAÇÃO DE BENS CULTURAIS

No decorrer deste estudo, já olhamos para as questões identitárias e éticas do consumo de bens culturais. Percebemos como se dá a transferência de valor entre aluno e instituição, relação sempre apoiada e trabalhada pelas mensagens midiáticas. Trabalhamos a vida que vale a pena para os alunos da Casa do Saber. Lançamos um olhar ético para o consumo de bens culturais, colocando o discurso da mídia intermediando esta análise.

Neste momento vamos olhar diretamente para como a Casa do Saber se coloca na mídia e como os alunos veem a instituição nesse espaço. Sabemos que as ações de comunicação externa (divulgação) da instituição são realizadas por uma assessoria de imprensa, ou seja, é uma empresa que escolhe os veículos mais adequados ao público da instituição e divulga seus cursos para os veículos de comunicação, tentando gerar mídia gratuita. Assim, a assessoria de imprensa envia um *press release* para o veículo e este decide se a pauta sugerida virará notícia. Essa é a mecânica básica do trabalho, mas sabemos que existem acordos e trocas nessas relações, e o único fato que podemos afirmar, sem sermos julgados posteriormente, é que entre os proprietários da instituição existem agentes da mídia<sup>30</sup>, como, por exemplo, Maria Fernanda Cândido – atriz, fez algumas novelas na Rede Globo, filmes e minisséries; Celso Loducca – publicitário, presidente da agência de publicidade Loducca; Gabriel Chalita – foi secretário da educação em São Paulo e em 2008 foi o vereador mais votado da cidade; Luiz Felipe D’Ávila – cientista político e jornalista, diretor superintendente do Grupo Abril; Ana Maria Diniz – administradora de empresas, herdeira do Grupo Pão de Açúcar, entre outros. Pensamos que o fato de a instituição possuir esses nomes entre seus idealizadores faz com que ela tenha uma considerável participação na mídia.

A relevância da análise desses aspectos está no reconhecimento da mídia como processo de mediação (SILVERSTONE, 2005, p. 18). Vivemos em dias nos quais a importância da mídia é inegável. Roger Silverstone (2005), ao discorrer sobre o papel central da mídia na cultura contemporânea, afirma que:

---

<sup>30</sup> Ao dizer “agentes da mídia”, nos referimos a profissionais da mídia (jornalistas, publicitários etc.), figuras midiáticas (atrizes, socialites) e/ou grandes anunciantes.

É impossível escapar à presença, à representação da mídia. Passamos a depender da mídia, tanto impressa quanto eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e também, de quando em quando, para as intensidades da experiência (2005, p. 12).

Por estarmos apresentando um estudo que pertence ao campo da comunicação, a mídia se faz aspecto de importância inquestionável. Olharemos para a mídia como instância glamorizadora e legitimadora do consumo cultural, ou seja, uma instituição que conserva o caráter dominante do consumo de bens culturais mantendo a Casa do Saber constantemente em pauta. Olhamos para a mídia como instituição mediadora e mediada, atravessada por batalhas que visam a posse e o controle tanto das instituições quanto dos significados (SILVERSTONE, 2002, p. 19).

Nossa proposta de estudo está em olhar para o consumo de bens culturais — a partir das relações da instituição pesquisada — de forma a compreender suas relações com a mídia. Para tanto, nos propomos a realizar uma análise da recepção do discurso enunciador por seu receptor. Na primeira parte desta dissertação, apresentamos os discursos colhidos com os alunos/consumidores da Casa do Saber e da mídia. Comparamos esses discursos. Vimos como o discurso da mídia atravessa o discurso identitário do agente da instituição.

Nesta segunda parte nos propomos a olhar para a produção do discurso midiático para poder entender sua recepção. A pesquisa de recepção é caracterizada pelos procedimentos comparativos entre o discurso dos meios e o da audiência, e entre a estrutura do conteúdo e a estrutura da resposta da audiência em relação ao conteúdo midiático analisado, em que seu resultado deve ser analisado frente a uma configuração sociocultural e histórica das práticas sociais, contextos de uso e de comunidades interpretativas<sup>31</sup>.

Ao ressaltar a significação e o peso que o consumo tem hoje nas pesquisas de comunicação, Jesus Martín-Barbero (2006) coloca que as mudanças na comunicação vêm se dando no movimento de globalização dos mercados e da fragmentação do consumo, e daí vem a importância da renovação teórica e metodológica, visando as formas de agrupamento social que os meios vêm ajudando a modificar e legitimar. O autor continua afirmando que nas novas investigações podemos ressaltar três elementos que as atravessam. São elas:

---

<sup>31</sup> JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker, 2005. p. 42.

La inserción del proceso de recepción em uma história cultural que pone fondo y contexto a las prácticas de lectura y consumo, la importância de los gêneros em cuanto articuladores de las prácticas de recepción com el espacio e las lógicas de la producción, estratégias de anticipación de las expectativas y “pacto simbólico” entre la industria y los públicos, y el rescate de los actores sociales “concretos” que participan em, y se rehacen con, el proceso de recepción em cuanto proceso de producción e intercambio cotidianos de sentido (MARTÍN BARBERO, 2006, p. 65).

Em outro texto, o mesmo autor apresenta dois extremos contraditórios nos estudos de recepção. O primeiro é acreditar que o receptor é um pobre ingênuo manipulado por uma recepção programada. O segundo é negar ou desconhecer os saberes especializados dos produtores. É preciso então conhecer os dois lados, o da recepção e o da produção, para a análise de recepção. Temos então de entender a profundidade da produção, pois a recepção está orientada por ela “tanto em termos econômicos como em termos estéticos, narrativos e semióticos” (MARTÍN BARBERO, 1995, p. 56). A recepção é um lugar de interação, ou seja, a comunicação não está nem exclusivamente do lado dos meios, tampouco exclusivamente do lado do receptor. A comunicação é o processo, a interação entre os polos.

De acordo com Maria Aparecida Baccega (1995), enunciatário e enunciador trocam de papel a todo momento. Segundo a autora, o campo da comunicação é constituído na multiplicidade dos discursos que dão origem e fazem parte do discurso da comunicação. É, de acordo com Baccega, o intercâmbio entre enunciatário/enunciador.

Se, por um lado, o comunicador tem a condição de *enunciador* de um discurso específico, ao produzi-lo ele estará, na verdade, reelaborando a pluralidade de discursos que recebe: ou seja, estará na condição de *enunciário*. O mesmo ocorre com o indivíduo/sujeito ao qual se destina o produto: *enunciário* do discurso da comunicação, este indivíduo/sujeito é também enunciário de todos os outros discursos sociais que circulam no seu universo, os quais ele mobiliza no processo da “leitura”. Como a comunicação só se efetiva quando ela é apropriada e se torna fonte de outro discurso, na condição de enunciário está presente a condição de *enunciador*. Ele é, portanto *enunciário/enunciador*.

---



Temos então os estudos de recepção no entremeio dos produtores e receptores que, por sua vez, trocam de papel constantemente. Neste capítulo vamos percorrer um caminho que pretende contemplar essa lógica. Olharemos para o discurso da mídia sobre a Casa do Saber. Como ele é feito? Onde se localiza a sua linguagem? Como a instituição se coloca na mídia? O que fala de si e dos seus cursos? Após essa etapa, olharemos para a recepção dessas mensagens com o intuito de encontrar semelhanças entre os discursos dos agentes e o da instituição.

Tentaremos mostrar os limites da linguagem jornalística e da linguagem publicitária para demonstrar onde a assessoria de imprensa, ferramenta utilizada pela Casa do Saber para se manter na mídia, se encaixa. Apresentaremos, usando exemplos e autores específicos, a linguagem jornalística e a publicitária, demonstraremos como a assessoria de imprensa se estabelece no entremeio das duas para partirmos para a apresentação da Casa do Saber na mídia realizando a análise dos discursos colhidos e, só então, partiremos para o que os alunos recebem dessas mensagens.

Sabemos que nos capítulos anteriores apresentamos os discursos da mídia e os dos alunos para demonstrar como eles se alinham quando os temas são a construção identitária e a busca por uma vida boa. Nossa intenção com este capítulo é demonstrar como a produção da mensagem impacta a recepção. Como o agente da Casa do Saber recebe as mensagens produzidas por uma assessoria de imprensa. Com essa missão, passamos para o primeiro subitem.

### **3.1 Assessoria de imprensa: notícia ou divulgação?**

Como já foi dito, a instituição pesquisada se insere na mídia, não só, mas também, por meio de uma assessoria de imprensa. Os funcionários que entrevistamos sempre nos afirmavam que a instituição contratou uma AI<sup>32</sup> para trabalhar a relação da instituição com a mídia e auxiliar na divulgação dos cursos. Até mesmo o *clipping* de notícias que temos em mãos para análise é um trabalho da assessoria de imprensa, porém mais tarde voltaremos a falar do *clipping*. Para abordarmos a AI, vamos trazer a fala da funcionária 4, a que nos falou mais detalhadamente sobre a ação da assessoria de imprensa na instituição:

Olha, eu não sei se desde o começo, mas acho que sim. Porque o Loducca, que é um dos sócios daqui, tinha um cara que já tinha trabalhado com ele,

---

<sup>32</sup> No decorrer do capítulo, quando usarmos a abreviação AI, estaremos nos referindo à assessoria de imprensa.

ou era sócio de uma empresa que era de comunicação. Então, desde que eu me lembro, a gente tem, a gente tem ligação com a “x”, mas que é uma assessoria de imprensa, e agora é a Cartaz. Agora mudou, a gente saiu da Just e agora foi para a “y”. A gente recebeu uma proposta deles que pareceu bastante interessante e tal, mas assim, principalmente a primeira assessoria era muito mais passiva do que ativa, sabe? Era mais receber as solicitações e fazer um *clipping* e tal, do que de propor. Essa agora que a gente está trabalhando é um pouco mais ativa nesse sentido. Às vezes eles vêm aqui, conversam com a gente, têm umas ideias, olham pros cursos, sugerem umas pautas.<sup>33</sup>

Pelo o que a funcionária diz, vemos a importância do trabalho de uma AI para a instituição, que paga por esses serviços, pelo que nos parece, desde o começo de sua história. Vemos também a semelhança com o fazer jornalístico quando ela diz que a AI sugere pautas para a Casa do Saber, a instituição assessorada. Vamos, por algumas linhas, explicar o trabalho de uma assessoria de imprensa para esclarecer suas semelhanças e discrepâncias do trabalho jornalístico, ou melhor, o trabalho nas redações dos jornais, das revistas, programas de rádio e TV etc.

Margarida Kunsch (2003, p. 169) apresenta a assessoria de imprensa como uma das principais frentes de atuação da comunicação organizacional no Brasil, sendo uma das ferramentas essenciais nas “mediações das organizações com o grande público”. A AI trabalha, nesse entremeio, organizações e mídia. Trabalha a imagem das organizações — compreendemos por organizações as instituições públicas, privadas, terceiro setor, sindicatos etc. — para estas serem apresentadas “adequadamente” para a sociedade. Kunsch (2003, p. 191) coloca a necessidade das organizações de contratar uma empresa que realiza a assessoria de imprensa ou, até mesmo, ter um departamento de AI interno, a necessidade de se comportar como um “sistema aberto e, portanto, sensível ao ambiente externo e aos anseios da sociedade”.

Já Maristela Mafei (2008, p. 19) coloca o trabalho da AI como um esforço de ajustar a percepção pública à realidade do assessorado. Para a autora, que possui uma larga experiência com assessoria de imprensa, como informa seu currículo, “o assessor de imprensa deve se preparar profissionalmente para ‘vender’ seu trabalho a todos que queiram se

---

<sup>33</sup> Algumas explicações sobre a fala da funcionária: a) Loducca é publicitário e um dos sócios da instituição, b) Como não conseguimos falar com nenhuma das duas empresas citadas, não revelaremos seus nomes.

relacionar com a mídia”. Pensamos que o trabalho da assessoria é manter a organização na mídia, para que ela não seja esquecida e, juntamente com suas ações, sejam ela sociais, culturais ou econômicas, sejam constantemente legitimadas pelo veículo que traz seu nome.

A Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas) define a assessoria de imprensa como

Serviço prestado a instituições públicas e privadas, que se concentra no envio freqüente de informações jornalísticas, dessas organizações, para os veículos de comunicação em geral. Esses veículos são os jornais diários; revistas semanais, revistas mensais, revistas especializadas, emissoras de rádio, agências de notícias, sites, portais de notícias e emissoras de tevê. Um trabalho continuado de Assessoria de Imprensa permitirá à empresa criar um vínculo de confiança com os veículos de comunicação e sedimentar sua imagem de forma positiva na sociedade.<sup>34</sup>

Mas como é feito este trabalho? Qual é a sua lógica? Quem o faz?<sup>35</sup> Geralmente, a empresa prestadora de serviços de assessoria de imprensa, ao ser contratada, tem como primeiro passo conhecer o cliente. É preciso que a AI conheça todos os detalhes de negócio, relacionamento com clientes, políticas sustentáveis, pontos fortes e fracos etc. para que o trabalho comece. Mas não vamos aqui nos prender aos pormenores que antecedem a ação da AI. Ao detectar um acontecimento ou um evento na empresa assessorada que seja noticiável, ou seja, que tenha chance de virar notícia, o assessor de imprensa deve escolher os veículos que possuem o “perfil” — se é que podemos falar em um perfil dos veículos — mais adequado para receber e publicar aquela informação e enviar um *press release*.

O *press release* é o maior símbolo da assessoria de imprensa. Consiste em um texto que é enviado para os jornalistas em editoriais para pulverizar informações, julgadas pela assessoria de imprensa como publicáveis, nos meios de comunicação (rádio, jornais, revistas, programas de televisão, internet). Esse texto deve conter já no primeiro parágrafo as principais informações sobre o que se quer divulgar, geralmente respondendo às perguntas “quem”, “o que”, “onde”, “como”, “quando”, “por que” e “para que” (MAFEI, 2008, p. 69).

---

<sup>34</sup> Definição encontrada no *Manual de Assessoria de Comunicação*, publicado pela Federação Nacional dos Jornalistas, encontrado no site [www.fenaj.org.br](http://www.fenaj.org.br).

<sup>35</sup> Conhecemos a luta que o campo da comunicação abriga quando o tema é o profissional adequado ou capacitado para realizar os serviços de assessoria de imprensa. Relações-públicas e jornalistas lutam pela exclusividade desta atividade já há algum tempo. Neste espaço não estamos tomando partido de nenhum dos dois lados e, por isso, chamamos o profissional realizador da assessoria de imprensa de assessor de imprensa.

Ele deve conter uma novidade, algo que desperte a curiosidade do veículo por meio de seu jornalista. Esta não é a única ferramenta de uma assessoria de imprensa. As técnicas são diversas. Temos o *mailing list*, que consiste em uma lista com a relação dos veículos e jornalistas, ou seja, contatos; o *clipping* de notícias, que reúne as matérias que foram publicadas e são de interesse do assessorado, entre outras<sup>36</sup>.

O trabalho da assessoria de imprensa consiste então em manter um bom relacionamento entre o assessorado e a imprensa. Kunsch ressalta que “contatos pessoais, visitas de assessores de imprensa às redações, e de jornalistas às instalações da organização [...] constituem ótimos meios para estreitar e manter o relacionamento entre organizações e imprensa”.

Dessa maneira, podemos distanciar o fazer jornalístico do fazer da assessoria de imprensa pensando na seguinte questão: a assessoria de imprensa propõe um evento como um acontecimento qualificado para virar pauta. O jornalista define se o evento citado possui ou não os atributos necessários para que vire realmente pauta do veículo. Sabemos que em muitas ocasiões um profissional de jornalismo é o assessor de imprensa. Nosso intuito aqui não é dizer que é ou não é este (o jornalista) o profissional adequado para a realização do trabalho de AI, apenas separar o fazer de uma assessoria de imprensa, que sugere a pauta, do profissional que está à frente do veículo e é o responsável por legitimar a proposta como uma notícia ou não. Tendo a pauta sugerida pela AI aceita, ela vira notícia e é publicada com linguagem e estilo jornalísticos, mas sabemos que se não fosse a ação de uma AI, paga por uma empresa que intui se promover com a veiculação de seu nome nos veículos de comunicação, aquela “notícia” não estaria lá.

Sérgio Rizzo, ao “repensar o jornalismo” no prefácio do livro *A apuração da notícia*<sup>37</sup>, relata a invasão dos *press releases* nas redações dos jornais ao, em tom de indignação, afirmar que hoje “o trabalho nas Redações se resume a peneirar os *releases* mais interessantes”. Já Maristela Mafei (2008, p. 23), ao relatar sua experiência como “jornalista de redação”, afirma que diariamente atirava envelopes com *press releases* no lixo, pois pensava que seu conteúdo era algo que deveria “ser destinado às páginas e aos locais onde se publicam os anúncios publicitários”. A autora levanta assim outra questão que queremos trabalhar aqui, o caráter de divulgação publicitária do material da assessoria de imprensa que é aceito pelos veículos.

---

<sup>36</sup> Sobre as técnicas de assessoria de imprensa, sugerimos consultar Kunsch, 2003 ou Mafei, 2008.

Qual é a grande diferença entre a assessoria de imprensa e a publicidade? Primeiro vamos lembrar que publicidade e propaganda são termos que vêm sendo usados pelo senso comum como sinônimos, porém os vocábulos não significam rigorosamente a mesma coisa. Armando Sant'Anna (2001, p. 75) afirma que publicidade deriva de público (do latim *publicus*) e designa a qualidade do que é público, e propaganda é definida como a propagação de princípios e teorias. Para o autor, “a palavra publicidade significa, genericamente, divulgar, tornar público, e propaganda compreende a idéia de implantar, de incluir uma idéia, uma crença na mente alheia”. O autor segue afirmando que atualmente muitos preferem usar os termos como sinônimos e assim também faremos, apesar de conhecermos as diferenças em suas raízes. Esse mesmo autor apresenta quatro conclusões sobre o conceito de publicidade que vale a pena reproduzir:

- a) que a publicidade é um meio de tornar conhecido um produto, um serviço ou uma firma.
- b) que seu objetivo é despertar, na massa consumidora, o desejo pela coisa anunciada, ou criar prestígio ao anunciante.
- c) que faz isso abertamente, sem encobrir o nome e intenções do anunciante.
- d) que os anúncios são matéria paga.

Assim como no caso do jornalismo, a partir dessas conclusões podemos ver semelhanças e discrepâncias se compararmos a publicidade com a AI. A ação da assessoria de imprensa visa tornar conhecida alguma ação de uma organização ou pessoa, seu cliente, procurando despertar a simpatia do “grande público”, como nomeia Margarida Kunsch em vários momentos. Porém, as matérias não são pagas. Além disso, encontramos nos textos advindos da ação de uma AI uma linguagem mais jornalística, ou seja, o caso é tratado como uma notícia ao responder às perguntas colocadas por Mafei (2008) — “quem”, “o que”, “onde”, “como”, “quando”, “por que” e “para que” — e não um texto sedutor e criativo, característico da publicidade. É mais próprio da mídia espontânea ser uma nota breve.

Ao olharmos de volta para nosso objeto empírico de estudo, vemos o seu esforço em estar presente na mídia, divulgando seus serviços. Como já foi colocado, recebemos da instituição o *clipping* de notícias, uma das ferramentas da assessoria de imprensa, no qual nos deparamos com 54 inserções em veículos de comunicação em um espaço de tempo de 15 meses (janeiro de 2007 a abril de 2008), ou seja, uma média de três inserções gratuitas por

---

<sup>37</sup> PEREIRA JUNIOR, Luis Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 12.

mês, todas produções da AI contratada pela instituição. Quando dizemos “gratuito”, queremos dizer que não houve uma troca financeira pelo espaço usado para a publicação. O espaço não foi pago como no caso de uma veiculação publicitária.

Porém, sabemos que existem trocas simbólicas entre assessores de imprensa e jornalistas/veículos e também entre a instituição e os jornalistas/veículos. Neste segundo caso, podemos lembrar que parte dos sócios da Casa do Saber é agente da mídia, ou seja, possuem, no mínimo, o capital relacional necessário para essa troca. Esses aspectos já fazem grande diferença na relação mídia/Casa do Saber, mesmo sem abordarmos a questão da abundância da informação que enfrentamos contemporaneamente, o que gera a necessidade de selecioná-la, ou seja, alguém está à frente dessa seleção, alguém que possui uma parcela significativa de poder (LAGE, 1985, p. 51). Colocamos, dessa maneira, a instituição pesquisada fazendo parte dessa luta pelo poder de decidir o que é notícia.

Então, temos como produto de uma assessoria de imprensa a divulgação de um evento (no caso da Casa do Saber, por exemplo, a divulgação de um curso) em jornal, revista e/ou sites da internet, de forma gratuita e com texto que lembra o formato jornalístico. Veremos, no próximo subitem, as características dessas publicações a partir da análise do *clipping* de notícias e dos discursos colhidos com os funcionários.

### **3.2 Mídia e divulgação dos “serviços” da Casa do Saber**

Mas o que a Casa do Saber possui que é de interesse público para ser noticiado por veículos de comunicação como os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e as revistas *Veja*, *Exame* e *Pequenas Empresas Grandes Negócios*, por exemplo? A entrevistada 4 responde a essa pergunta:

Os que têm mais, digamos, essa coisa de mídia espontânea, são com certeza os cursos que trabalham com, com, os cursos que são ministrados ou as palestras que vêm, assim, personalidades, né, digamos, então, ahn, por exemplo, um curso como o do Rosenbaum. Um curso como esse dos executivos, em que eu tinha o Fábio Barbosa, o Rogé Enhéli, cursos com atores ou diretores de cinema, principalmente com escritores famosos, diretores de teatro e tal. Esses têm mídia espontânea porque as pessoas pegam o livro da Casa do Saber e falam “nossa, aquele cara vai dar aula lá”. Ou quando a gente trouxe o Paulo Ricardo com o Cadão para falar sobre a

história do rock, isso deu muita matéria em jornal e TV. Olha que inusitado um cantor, roqueiro, sei lá, dando curso.

A Casa do Saber tem como frequentadores personalidades midiáticas, pessoas que já estão na mídia com certa frequência. A entrevistada cita como exemplos os cursos ministrados por Marcelo Rosenbaum, arquiteto que participa do quadro “Lar Doce Lar” do programa global *Caldeirão do Huck*, além, claro, de ser um arquiteto renomado, e por Paulo Ricardo e Cadão Volpato, dois cantores de bandas conhecidas dos anos 1980 (RPM e Fêlîni, respectivamente), que geralmente geram mídia espontânea, ou seja, é o trabalho da assessoria de imprensa gerando resultados, como podemos ver nos exemplos ilustrados abaixo. O primeiro é de uma matéria publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em junho de 2007, referente ao curso de Marcelo Rosenbaum na Casa do Saber e a segunda refere-se à presença de Paulo Ricardo em curso sobre a história do rock na mesma instituição, publicada em agosto de 2007 no *Jornal da Tarde*.



**Figura 3.1** – Nota divulgada na imprensa sobre o curso de Marcelo Rosenbaum.

Fonte: *Folha de S. Paulo*, 4 de julho de 2007.



**Figura 3.2** – Nota divulgada na imprensa sobre o curso de Paulo Ricardo.

*Fonte: Jornal da Tarde, agosto de 2007.*

Como podemos perceber, nos dois exemplos, as matérias que são fruto do trabalho da assessoria de imprensa têm por característica serem curtas e diretas, contendo apenas as informações mais relevantes. Existem ocasiões em que o veículo (ou o jornalista) se interessa pela notícia e decide fazer uma matéria maior, com mais informações, indo até o assessorado, entrevistando pessoas etc. Segue como exemplo a matéria que ocupou meia página do caderno Folha Ilustrada, do jornal *Folha de S. Paulo*, em março de 2007.



**Superastro dos 80 conta como virou cantor brega nos 90 e o que fez para sair dessa; ex-RPM tem novo show e ensina rock na escola**

**Prof. Paulo dá aulas de rock em São Paulo**

Em momento intimista, Paulo Ricardo canta algumas das músicas que fizeram a história do rock no curso da Casa do Saber

de impor uma modernização à banda. Eu e o [baterista Paulo] P.A [Pagni] achávamos que Revoluções por Minuto pressupunha constante movimento. O [tecladista Luiz] Schiavon e o [guitarrista Fernando] Deluqui queriam continuar o RPM clássico. Após refletir, liguei para eles: "Vocês estavam certos; eu estava errado. Vamos fazer as pazes". Não dá para o RPM não ser classic rock brasileiro. Aquela fase marcou muito. Além disso, não houve continuidade. Querer retomar e pular do colegial para o mestrado é impossível. O fã iria dizer que o RPM estava traíndo o RPM.

**LENNON E McARTNEY**  
O conceito do RPM foi desenvolvido por mim e pelo Schiavon. Na época, dividimos tudo meio a meio. Tivemos uma briga na turnê de 86 e passamos a estabelecer porcentagens de acordo com a participação de cada um. Não foi ético eu dizer o que disse [há dois anos, Paulo Ricardo reclamou de que, devido a um "acordo imbecil", Schiavon recebia direitos autorais de sua "Rádio Pirata"]. Mesmo que eu tenha feito acordos ou desenvolvido a melodia, não existiria o RPM sem ele.

**ROMÂNTICO/BREGA**  
Essa fase veio quando me vi embarreado pelo pessoal do pop rock, um pouco porque consideraram que fui eu, com meu ego imenso, que terminei com o RPM, o que não foi verdade. Sei que vou sofrer sempre esse negócio de fã do RPM que se sentiram traídos pelo vocalista mesglômiano que abandonou a banda egoisticamente para se dedicar a carreira solo.

Encontrei o [compositor de hits populares] Michael Sullivan, compusemos "Dois", que ficou quatro meses no primeiro lugar das paradas. O CD vendeu meio milhão de cópias. Fizemos em espanhol para 36 países. Falei: "Quer saber, esse negócio de rock é um rótulo muito pequeno. Vou experimentar".

**O PERSONAGEM**  
Curti aquele personagem, o cantor das multidões. Usava paletó colorido, gravata, cada aberração... Até casaco de zebra! Um dia, meu primo estava num táxi e, no rádio, tocava "Dois". Ele falou: "É meu primo, o Paulo Ricardo, do RPM". E o taxista: "Não, esse Paulo Ricardo não é aquele do RPM, não. É outro. É o Paulo Ricardo Dois". Ele tinha razão.

**DOIS BRASIS**  
Fui muito bem recebido por um segmento que não costumava frequentar, como rádios sertanejas. São dois brasis completamente diferentes que não se bicam. Muita gente ali nem sabia que eu era do RPM e muita gente do mundinho aqui nem soube o que eu fiz ali.

**DROGAS**  
Como a experiência foi muito intensa nos anos 80, quem sobreviveu entrou com cuidado nos 90. No rock, convivemos de perto com experiências pesadas. Fui visitar o Lobão em casa, Arnaldo [Antunes], [Tony] Belloto. Teve Cazuza, Renato [Russo]. Não se deve demonizar as drogas, mas vamos admitir: é uma puta perda de tempo. No fim dos 90, fiquei quase sem voz num período de shows.

**O ASSASSINATO**  
Para recuperar a voz, tive que passar um mês em silêncio no sítio de um amigo. Foi quando decidi parar com as drogas. Já não usava mais cocaína e resolvi largar o baseado. Também cheguei a outra conclusão: "Vou assassinar o Paulo Ricardo Dois. Vem cá, Paulão, pá, pá, pá [imita revólver com a mão].

Desculpe cara, era eu ou você". Parte do problema da voz era emocional. A minha voz falou: "Se quer pagar esse mico, vai aí, mas eu tô fora". Aquilo havia passado do limite. Eu tinha um delírio de unir os brasis, derrubar os muros de Berlim do preconceito do rock e do popular. Isso não é fácil assim.

**O SURTO**  
Aquele cara não existe mais, e estou confortável sendo quem sempre fui. Admito que surtei. Tinha sido bem tratado por todo mundo lá, principalmente pelo público. Mas, com o tempo, eu me senti deslocado. Liguei para o empresário e disse: "Não vou fazer mais nada". E ele: "Você está louco? Temos um CD para lançar". Respondi: "Não, eu estava louco".

**VOLTA AO POP ROCK**  
Pensei: "I wanna go home" [quero voltar para casa]. Mas me responderam: "Não, você foi para o Afeganistão. Não volta mais para os EUA". Agora estou na sala de espera. Pelo amor de Deus, deixa eu entrar! [risos]

**NA INTERNET** - Leia a íntegra da entrevista com Paulo Ricardo [www.folha.com.br/070822](http://www.folha.com.br/070822)

**Figura 3.3** – Matéria veiculada na imprensa sobre o curso de Paulo Ricardo.

Fonte: Folha de S. Paulo, março de 2007.

Na Figura 3.3, podemos ver que o curso de Cadão Volpato e Paulo Ricardo foi tratado pelo caderno Folha Ilustrada de maneira mais abrangente. No título da matéria temos: "Superastro dos 80 conta como virou cantor brega nos 90 e o que faz para sair dessa; ex-RPM tem novo show e ensina rock na escola". Em um primeiro momento, a matéria fala da vida do cantor, seu envolvimento com drogas e do sucesso da banda RPM. No canto direito da imagem, podemos ver (circulado) "Prof. Paulo dá aulas de rock em São Paulo", onde se encontra a explicação do curso e os principais dados da Casa do Saber.

Apesar de nossa entrevistada ter colocado a ênfase das publicações nas celebridades que vão dar aulas na Casa do Saber, temos algumas publicações que divulgam cursos

lecionados pelos acadêmicos, professores da instituição, e outras que apenas divulgam os nomes dos professores que são renomados pela Academia. No exemplo que segue, temos uma publicação da revista semanal *Guia* — revista de fim de semana do jornal *O Estado de S. Paulo* — que apresenta a proposta da instituição e, ao falar dos professores, os chama de “Doutores da sua ignorância – Autores de livros cobiçados e currículos exuberantes, eles dão aulas que você não deveria cabular”, elevando-os, imputando adjetivos que geralmente não ouvimos nas universidades como “cobiçados” e “exuberantes”, o que vende a imagem dos professores como artigo de luxo, único e precioso, justamente por conta de sua singularidade. A página da publicação traz a foto, um breve currículo e as opiniões dos professores sobre a Casa do Saber, sua iniciativa e os alunos. Podemos ver como o currículo dos professores é importante para a instituição.

## Doutores da sua ignorância

Autores de livros cobiçados e donos de currículos exuberantes, eles dão aulas que você não deveria cabular

Capa



### Clóvis de Barros Filho

**Formação:** direito e jornalismo, com especialização na Universidade Autônoma de Barcelona e doutorado na USP e na Universidade Paris II.

**Opinião:** "Os alunos não vêm porque são obrigados, como nos cursos de graduação. Muitas vezes nem dou intervalo ou estico a aula até mais tarde."

### Mary Del Priore

**Formação:** graduada em História, com doutorado na USP e pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), na França.

**Opinião:** "Popularizar o conhecimento histórico é criar um gênero diverso, com respeito às necessidades e os interesses do aluno ou do leitor."



### Jorge Coli

**Formação:** graduação e mestrado na Université de Provence, França. Especialização em Marselha, doutorado na USP e pós-doutorado na NYU, em Nova York, com livre-docência na Unicamp.

**Opinião:** "Os alunos têm mais maturidade, mas o objetivo não é formá-los como na universidade."

### Franklin Leopoldo e Silva

**Formação:** mestre, doutor e livre-docente em filosofia pela USP, especialista no filósofo francês Henri Bergson. Publicou quatro livros e inúmeros artigos.

**Opinião:** "Os cursos culturais contribuem para levar a um público mais amplo temas de discussão habitualmente restritos às universidades."

31/10/08 O Estado de S. Paulo Guia 11

Figura 3.4 – Matéria divulgada na imprensa sobre os professores e a proposta da Casa do Saber.

Fonte: O Estado de S. Paulo, 31 de outubro de 2008.

Lembrando o que apresentamos sobre os dados compilados do *clipping* de notícias na apresentação da nossa metodologia de trabalho, vemos que de um total de 54 (cinquenta e quatro) publicações recolhidas pela assessoria de imprensa, 39 (trinta e nove) mencionavam dados do professor e, na grande maioria das vezes, davam o nome e a instituição na qual o professor leciona. Temos como exemplo uma nota publicada sobre o curso História do Islamismo na revista *Veja São Paulo*, em abril de 2007, em que são apresentados os professores “Beatriz Machado, doutoranda em filosofia pela USP, Eliane Moura da Silva, que ministra história das religiões na Unicamp, e Leandro Karnal, doutor em história social pela USP”.

**HISTÓRIA DO ISLAMISMO.** Os principais acontecimentos, personagens e pensadores, em uma abordagem filosófica. Em seis aulas, serão discutidos temas como a relação entre o mundo muçulmano e o Ocidente, os estereótipos e a situação das mulheres no Islã de hoje. Os professores Beatriz Machado, doutoranda em filosofia pela USP, Eliane Moura da Silva, que ministra história das religiões na Unicamp, e Leandro Karnal, doutor em história social pela USP, se revezam nas aulas. Sempre às segundas, a partir desta semana e até 7 de maio, das 20h às 22h. Trinta vagas. R\$ 180,00 de matrícula mais duas mensalidades no mesmo valor. **Casa do Saber — Jardins.** Rua Doutor Mário Ferraz, 414, Itaim Bibi, ☎ 3707-8900. [www.casadosaber.com.br](http://www.casadosaber.com.br).

**Figura 3.5** – Nota divulgada na imprensa sobre o curso História do Islamismo.  
 Fonte: Revista *Veja São Paulo*, abril de 2007.

Além dos exemplos já citados, temos também alguns acordos que são feitos entre a assessoria de imprensa e os veículos para a divulgação constante do assessorado. Esses acordos são chamados de parcerias pela funcionária 2, que esclarece que elas são feitas

quando o público da Casa do Saber e o do veículo são parecidos. Ela cita como exemplos a revista *Bravo*<sup>38</sup> e “sites de divulgação cultural, com objetivo cultural. Eles fazem umas notinhas de alguns cursos nossos”.

Uma parceria estabelecida já há algum tempo é com a *Revista da TAM*, que publica mensalmente uma matéria com tema que será abordado em algum curso da Casa do Saber e uma entrevista com o respectivo professor. Como podemos ver na Figura 3.6, em que expomos duas páginas da *Revista da TAM* de março de 2008, formato-padrão da exposição, no canto superior é destacado a página da revista na qual o leitor encontra “Conhecimento/Casa do Saber”, colocando as duas coisas como iguais, de mesmo significado. Na primeira página temos a matéria de título “Brasil moderno: A Missão Francesa, que chegou por aqui em 1816, impulsionou as artes no país”, sempre traduzido para o inglês. Na página ao lado, uma foto do professor da Casa do Saber acompanhada do seu currículo e uma breve entrevista com o mesmo. O inovador neste tipo de divulgação, advinda da parceria entre a Casa do saber e a *Revista da TAM*, é a presença da “agenda do mês”, em que alguns cursos com início naquele mês são divulgados. A funcionária 2 conta como acontece esse relacionamento:

É uma entrevista com um professor. Eles escolhem o curso e entram em contato com a gente. Dizem: me mandem três ou quatro cursos que vocês queiram divulgar. Ou então dão uma olhada na nossa programação no site e já falam: me mandem o *briefing* desses três ou quatro cursos, que a gente se interessou. E aí eles escolhem, dão uma olhada nos *briefings* e falam: acho que para este mês queremos colocar esse curso aqui. Aí falamos com o professor, se ele topa dar a entrevista, eles fazem a entrevista pelo telefone, mandamos a fotinho do professor e tal.

---

<sup>38</sup> A revista *Bravo* é uma publicação do grupo Abril que tem como foco música, cinema, literatura, artes, teatro etc.



## BRASIL MODERNO

A Missão Francesa, que chegou por aqui em 1816, impulsionou as artes no país //  
The French Mission arrived here in 1816 and gave impulse to arts in the country

Itos anos após o desembarque de D. João VI e da corte portuguesa no Rio de Janeiro, chegava à cidade, em 1816, um grupo de artistas franceses, como Antoine Taunay, Grandjean de Montigny e Jean-Baptiste Debret, sob o comando do publicista Joachim Lebreton. Era o encontro entre a arte européia e os exuberantes cenários tropicais.

A Missão Francesa, como ficou conhecido esse grupo que chegou para ajudar a consolidar a nova sede da monarquia, trazendo para cá um pouco da modernidade francesa, mudou de maneira definitiva a fisionomia do Brasil, influenciando não apenas a produção artística, mas também a arquitetura e o próprio ensino das artes plásticas brasileiras. Afinal, foi graças ao desenvolvimento impulsionado pelo movimento que se fundou em 1828 a Academia de Belas Artes, a primeira escola do gênero das Américas.

É sobre esse importante legado cultural que se debruça o curso da Casa do Saber Rio Missão Francesa – Novo Cenário das Artes no Brasil. Em quatro encontros, realizados entre fevereiro e março, o professor Marcos Pires de Campos traça o itinerário artístico desses grandes nomes que atuaram na época e suas mais importantes obras. Para isso, o programa investiga antecedentes históricos desse marco, como a própria chegada da família real portuguesa, há exatos 200 anos.

Mas é no trabalho dos artistas que está o foco do curso. Em alguns casos, como na produção de Debret, mais do que obras de arte, o artista desenhou verdadeiras crônicas sobre o Brasil da época. Muitos historiadores chegam a afirmar que foi Debret quem inaugurou a história da vida privada em imagens.

O resultado dessa ilustre visita deixou marcas profundas que podem ser vistas na paisagem carioca europeizada e no estabelecimento da linguagem neoclássica na arquitetura da cidade. Assim, é possível verificar que a Missão Francesa não é assunto do passado – é história sempre à vista, presente e permanente.

Eight years after the arrival of Dom João VI and the Portuguese court to Rio, in 1816 a group of French artists came to the city: Antoine Taunay, Grandjean de Montigny and Jean-Baptiste Debret, under the leadership of publicist Joachim Lebreton. European art met Brazil's exuberant tropical scenery.

The French Mission, as the group was known, came to aid the consolidation of monarchy's new headquarters. They brought here some of the French modernity and changed the face of the country, influencing not only artistic output, but also architecture and the teaching of fine arts in Brazil. It's noteworthy that the Academia de Belas Artes came to be founded thanks to this movement, in 1828, being the first of its kind in America.

It's about this important cultural legacy that Casa do Saber Rio brings its new course: French Mission -

The new scenery of Brazilian fine arts. During four meetings, between February and March, professor Marcos Pires Campos outlines the artistic route of the famous names of those times, as well as their most important works of art. Part of this program is the study of historical scenario, including the arrival of the Portuguese royal family, 200 years ago.

However the main focus of the course is on the production of the artists: Debret, for example, whose pictures, more than works of art, are veritable chronicles about life in Brazil. Some historians do not hesitate to affirm that Debret was a pioneer in showing real life images in painting.

The result of this visitation left marks of strong European influence, which can be seen in Rio de Janeiro's life and landscape of those times, as well as in the establishment of neo-classical architecture in the city. Therefore, the French Mission is not a subject of the past - it's in fact history, present and permanent.



**MARCOS PIRES DE CAMPOS**

Marcos Pires de Campos, 60, é historiador e professor da Escola de Belas Artes da UFRJ e da UniverCidade. Mestre em História da Arte pela UFRJ, curso também direito na Universidade Fluminense.

Marcos Pires de Campos, 60, is a historian and professor at the Escola de Belas Artes UFRJ and at UniverCidade. Has a Master of Arts degree by UFRJ and graduated in law by Universidade Fluminense.

**O que motivou os artistas franceses a virem para o Brasil?**

Antes de D. João VI o Brasil estava fechado. Foi com ele que se deu a abertura dos portos, no início de 1808. Só aí pudemos receber viajantes. A Missão Francesa estava diretamente ligada à queda do imperador francês Napoleão Bonaparte. Antes de perder a batalha de Waterloo, Napoleão tinha a seu dispor um grupo de artistas que, com sua queda, ficaram desempregados. Foram esses homens que vieram iniciar o ensino e a imprensa no Brasil.

**Qual o artista mais representativo da Missão Francesa?**

Com certeza o Debret. Foi ele quem mais registrou o cotidiano da época e escreveu o livro *Viagem Pitoresca ao Brasil*. Foi um repórter da vida brasileira durante o Primeiro Reinado.

**Além da Missão Francesa, algum outro grupo de artistas estrangeiros foi importante para o Brasil?**

Em 1817 tivemos a Missão Austríaca, que acompanhou a arquiduquesa Leopoldina. O principal artista da missão foi Thomas Ender. Seus quadros voltaram para a Áustria junto com a missão e por isso são raríssimos no Brasil.

What was the reason why French artists came to Brazil?

Before Dom João VI, Brazil was a closed country. He opened ports at the beginning of 1808 - this is how we came to welcome travelers. The French Mission was directly linked to the debacle of French emperor Napoleon Bonaparte. Prior to losing the Waterloo battle, Napoleon had at his disposal a group of artists who lost their jobs after his fall. These men came here and began teaching art and introduced press and periodicals in Brazil.

Who was the most representative artist in the French Mission?

Definitely it was Debret. He registered everyday scenes and also wrote the book *Viagem Pitoresca ao Brasil*. He was like a reporter during the First Kingdom.

Apart from the French Mission, was there any other group of relevant foreign artists in Brazil?

In 1817, there was the Austrian Mission, who came with archiduchess Leopoldina. The most important artist was Thomas Ender. His paintings were taken back to Austria and are rarely found in Brazil.

**A ESCOLA DE BELAS ARTES DO RIO, A MAIS ANTIGA DAS AMÉRICAS, AINDA GUARDA UM FEITIO ACADÊMICO QUE CORRESPONDE AOS PRINCÍPIOS DOS PROFESSORES FRANCESES QUE VIERAM COM A MISSÃO**

// "ESCOLA DE BELAS ARTES IN RIO, THE OLDEST IN AMÉRICA, STILL KEEPS ITS ACADEMIC FORMAT BASED ON THE PRINCIPLES LEARNED FROM FRENCH TEACHERS WHO CAME HER WITH THE MISSION

**AGENDA março 2008**  
AGENDA march 2008

**24.03 – SP**  
MASTERPIECES OF ENGLISH LITERATURE – THE ROMANTIC POETS  
Byron, Blake, Wordsworth, Coleridge, Keats and Shelley  
Professor: Kevin Mundy  
Duração: seis encontros  
Dias: segundas-feiras, às 17h30

MASTERPIECES OF ENGLISH LITERATURE: THE ROMANTIC POETS  
Byron, Blake, Wordsworth, Coleridge, Keats and Shelley  
Professor: Kevin Mundy  
Duration: 6 meetings  
Mondays, at 17:30 h

**25.03 – SP**  
CHINA E INDIA – DAS ORIGENS AO SÉCULO 21  
Professor: Leandro Karnal  
Duração: quatro encontros  
Dias: terças-feiras, às 17h30

CHINA AND INDIA FROM THE ORIGINS TO THE 21 CENTURY  
Professor: Leandro Karnal  
Duration: 4 meetings  
Tuesdays, at 17:30 h

**26.03 – SP**  
MONTAIGNE – A (RE)INVENÇÃO DO HUMANO  
Professor: Luiz Tenório Oliveira Lima  
Duração: oito encontros  
Dias: quartas-feiras, às 20h

MONTAIGNE THE (RE)INVENTION OF HUMANITY  
Professor: Luiz Tenório Oliveira Lima  
Duration: 8 meetings  
Wednesdays, at 20:00 h

**12.03 – RJ**  
OS DESAFIOS DA FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA  
Professor: César Mussi Ibrahim  
Duração: quatro encontros  
Dias: quartas-feiras, às 20h.

CHALLENGES OF CONTEMPORARY FAMILY LIFE  
Professor: César Mussi Ibrahim  
Duration: 4 meetings  
Wednesdays, at 20:00 h

**25.03 – RJ**  
A ORQUESTRA SINFÔNICA – ESTRUTURA E REPERTÓRIO  
Professor: Luiz Paulo Sampaio  
Duração: seis encontros  
Dias: terças-feiras, às 20h

THE SYMPHONIC ORCHESTRA STRUCTURE AND REPERTORY  
Professor: Luiz Paulo Sampaio  
Duration: 6 meetings  
Tuesdays, at 20:00 h

para saber mais, acesse:  
for further information:  
[www.casadosaber.com.br](http://www.casadosaber.com.br)

**Figura 3.6** – Matéria divulgada na imprensa sobre as atividades da Casa do Saber.  
Fonte: Revista da TAM, março de 2008.

Vimos, com alguns exemplos, a atuação da assessoria de imprensa contratada pela instituição que é centro de nossas inquietações. Sabemos que nem tudo que é apresentado sobre a Casa do Saber pela mídia é ou foi fruto dela. Como a funcionária 4 declarou, além da

atuação da assessoria de imprensa, a instituição algumas vezes é procurada por jornalistas que procuram especialistas para determinadas entrevistas. Ela diz:

Tem muita gente que liga aqui, principalmente jornalista. Eu queria entrevistar um cara sobre o FHC, entendeu? Ah, eu vi aqui no Caderno que vocês têm uma professora de física que fala sobre isso, você pode me dar o contato, posso assistir ao curso, posso fazer uma pauta sobre isso? Entendeu?

Tentamos demonstrar neste espaço como a mídia apresenta a Casa do Saber, mostrando os resultados da assessoria de imprensa e do relacionamento estreito entre a mídia e os agentes da instituição, onde encontramos proprietários que são agentes da mídia, professores cheios do glamour midiático e outros “glamorizados” pela mídia. Além disso, há os alunos frequentadores da instituição que também são agentes da mídia. A Figura 3.7 traz uma foto da atriz Ariclê Perez<sup>39</sup> que foi publicada na matéria “Educação para a elite”, da revista *Veja*, em abril de 2005, e nos serve de exemplo.



Ariclê Perez: “As aulas são poemas”

**Figura 3.7** – Foto divulgada na imprensa da atriz Ariclê Perez, aluna da Casa do Saber.  
 Fonte: Revista *Veja*, abril de 2005.

De tudo que foi apresentado, podemos perceber a importância da mídia nas relações que permeiam a Casa do Saber. A questão “mídia” é uma constante na valoração dos serviços prestados pela instituição e não só. Atribui valor também aos frequentadores da mesma, colocando-os nas colunas sociais. Observando o que a mídia mostra da instituição, vemos

---

<sup>39</sup> Ariclê Perez (1943–2006) fez várias peças de teatro e foi contratada pela Rede Globo de Televisão desde 1988, participando de novelas e minisséries.



revistas como *Isto É* e *Veja*, que estão entre os semanários mais importantes do País, e jornais como a *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* — das 54 divulgações compiladas do *clipping* de notícias, 27 estavam nesses jornais. Revistas e jornais de circulação nacional divulgando assiduamente uma instituição que tem três filiais, duas em São Paulo e uma no Rio de Janeiro. Por que tanto espaço dedicado para ela? O que faz esses veículos concederem suas caras linhas para divulgar cursos, professores e pessoas?

Não podemos, neste momento, responder às questões colocadas acima, mas podemos pensar no papel da assessoria de imprensa para a instituição. Vemos que as notícias geradas pela ação da assessoria de imprensa ficam localizadas num entremeio curioso. Divulgação em forma de notícia. Divulgação camuflada pela legitimidade dos veículos e pela legitimidade da forma, pois uma notícia não visa vender, mas sim informar.

Para Lage (1985, p. 17), a notícia se define como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante. A notícia deve ser recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público (ERBOLATO, 1991, p. 36). Colocados os atributos da notícia, vemos o caráter de veracidade transmitido por ela, ou seja, ao lermos uma notícia, tendemos a acreditar que ela é verdadeira e transparente, legítima. Sabemos que existem jogos de poder também neste campo, no campo dos agentes que definem e classificam as notícias. Mas não sejamos ingênuos, sabemos que essa transparência é nebulosa, carregada dos interesses do veículo e, obviamente, dos agentes que os comandam. Mesmo com os jogos de poder nos bastidores da “produção da notícia”, os atributos citados acima permeiam o leitor da mesma.

Dando à divulgação da Casa do Saber os atributos de uma notícia — recente, inédita, verdadeira, objetiva e de interesse público —, fica mais fácil acreditar no interesse do veículo em falar da instituição do que o inverso, o interesse da instituição em se divulgar. Esta segunda opção é a mais crível, já que a instituição contratou uma empresa para assessorá-la diante da imprensa — é notável seu interesse em se manter na mídia. A instituição, com o intermédio de seus agentes — que também são, algumas vezes, agentes da mídia — e da assessoria de imprensa, coloca a mídia a seu favor quando a usa como fonte de informação. Claro que, como um processo de mediação, a mídia também é entretenimento, identificação e incorporação, como afirma Silverstone ao falar de sua preocupação em colocar a mediação como um processo, sendo essencial para o entendimento da importância de se estudar a mídia

A necessidade de focar no movimento dos significados através dos limiares da representação e da experiência. De estabelecer os lugares e fontes de distúrbio. De compreender a relação entre significados público e privado,

entre textos e tecnologias. E de identificar os pontos de pressão. Além disso, devemos nos preocupar não apenas com a reportagem factual, com a mídia como fonte de informação. A mídia é entretenimento. E, aqui também, significados são produzidos e transformados [...] (SILVERSTONE, 2002, p. 43).

Vemos os agentes da Casa do Saber no intercâmbio enunciativo/enunciário. Como em todos os processos de comunicação, temos aqui, nas relações entre a Casa do Saber e a mídia, a troca de papéis entre produção e recepção das mensagens midiáticas. Significados são produzidos e transformados, como disse Silverstone, no momento em que os agentes da instituição pesquisada vão de agentes da mídia a agentes da Casa do Saber, cruzam a fronteira, imaginária ou simbólica, da produção midiática para a composição midiática. Sendo a Casa do Saber um espaço regido e frequentado por agentes da mídia, ela se torna um espaço midiático?

É certo então dizer que o agente da Casa do Saber, ao frequentá-la ou simplesmente fazer parte dela como funcionário, professor, proprietário ou aluno, está consumindo não só seus cursos e a imagem, a aparência erudita que esses cursos podem transmitir. Se enxergamos na relação entre a instituição pesquisada e a mídia um entrelaçamento, os agentes estão consumindo mídia por intermédio da instituição.

### **3.3 Recepção da divulgação de bens culturais**

A partir do que foi apresentado neste capítulo, vamos demonstrar como os agentes da Casa do Saber veem a relação da instituição com a mídia. Nos capítulos anteriores, demonstramos os traços de semelhança entre os discursos dos alunos e os discursos retirados da mídia. Vimos os alunos tentando fugir da uma imagem fútil, possivelmente passada pela mídia, como no caso Daslusp, apresentado no primeiro capítulo. Neste capítulo fizemos o caminho inverso. Falamos da assessoria de imprensa para chegar à sua recepção. Achamos que seria melhor demonstrar como a Casa do Saber é trabalhada na mídia para depois falar de sua recepção. Olhamos para a produção para chegar à sua recepção.

Em todas as entrevistas, os agentes foram levados a falar da relação entre a Casa do Saber e a mídia e, neste espaço, vamos demonstrar porque achamos que, pelo menos em nosso objeto de estudo, a assessoria de imprensa funciona como uma divulgação camuflada

pela linguagem e estilo jornalísticos. Mas antes de chegar lá, vamos trazer o que diz o proprietário entrevistado a respeito da relação entre a mídia e a instituição:

A mídia, em certos artigos, é muito generosa, principalmente quando aparece a Maria Fernanda Cândido, mas de vez em quando ela mostra a gente como um centro burguês, muito elitizado, muitas vezes sem conhecimento dos nossos cursos, dos professores.

O proprietário está nos dizendo que a presença da atriz Maria Fernanda Cândido dociliza a relação entre a instituição pesquisada e a mídia. Tocamos nesse ponto algumas vezes durante a escrita da pesquisa. O proprietário citou a atriz, mas sabemos que outros agentes da Casa do Saber desempenham esse papel. Podemos perceber também que em momento algum o proprietário nega ser um centro burguês e elitizado, ele apenas acrescenta que a mídia, ou o veículo em questão, não fala da qualidade de seus cursos e de seus professores. É como se estivesse embutido no discurso do proprietário que o ensino de qualidade é elitizado.

Já o funcionário 3 ressaltou a frequência com que a mídia expõe a Casa do Saber e acrescentou, assim como o proprietário, que em alguns momentos existem críticas a respeito da exclusividade do serviço. Colocou o momento político que vivemos — provavelmente fazendo referência ao nosso presidente e seu grau de instrução — como uma contextualização que possibilite a justificativa.

A mídia publica com frequência dados da Casa do Saber e indica cursos, tanto da Casa como fonte dos genéricos que a Casa foi fazendo surgir por São Paulo. E a mídia, em geral, tem o pé atrás ou um pouco a ideia estranha de que não é esse o objetivo, que o conhecimento não deveria ser assim. É muito curioso isso, não é? É muito, faz parte da nossa leitura política desse momento, né. E a mídia compartilha um pouco disso. Mas há variedades, né, há variedades dentro da mídia, não há uma unanimidade dentro da mídia.

Os funcionários e o proprietário concordam que a mídia é boa em certos aspectos para a instituição, mas que acaba divulgando seus serviços como direcionados para a elite, como uma crítica. O que nós vimos e apresentamos com nossa análise é que, apesar de a mídia apontar para a Casa do Saber como um espaço direcionado exclusivamente para os bem afortunados, ela divulga os seus cursos e agentes, mostra para o receptor onde a elite estuda, fazendo da instituição um espaço glamoroso frequentado pela elite.

E como os alunos recebem as mensagens advindas da assessoria de imprensa? Diversos alunos chegaram a tocar no tema “mídia e Casa do Saber”, na maioria das vezes para falar de como conheceram a instituição. Porém, muitos afirmavam que a Casa do Saber não está na mídia, e alguns davam a entender que a instituição não precisa de divulgação para ser um sucesso. A aluna 8 afirmou que os cursos são muito bem divulgados, mas não temos certeza de que ela fazia referência à presença de divulgação na mídia, apesar de ela usar o termo propaganda, já que citou o “catálogo” — que os funcionários chamam de brochura — que contém todos os cursos do semestre.

Eles divulgam muito os cursos daqui. Então assim, há uma propaganda muito boa em cima dos cursos daqui, né? É muito bem divulgado. Mas foi por causa de amigas que já tinham feito os cursos que acabei me interessando por esses, pedi uma relação do que eles tinham. Eles mandaram pela internet, mandaram o catálogo também e através do catálogo eu vim parar aqui, na Psicanálise e Cinema.

A entrevistada dá indícios de que está se referindo à forte presença da instituição na mídia, mas o termo propaganda dá margem para erros, já que ela pode estar falando tanto da mídia quanto do site, da brochura ou do boca-a-boca. Tendemos a pensar que ela se refere à mídia. Mas outros alunos foram mais diretos em seus discursos, como no caso da aluna 10, que ressaltou a presença da instituição nos veículos de comunicação.

Eles adoram falar da Casa, falar dos cursos. Eu tenho aquele livrinho da Casa, mas quando vejo em algum site ou blog — o Glamurama, por exemplo, vive falando dos cursos —, às vezes me chama mais a atenção lá sai, no blog. Porque eu não fico olhando o livrinho e você sabe, né, se está lá (no blog), é porque é bom. Vejo também na *Revista da TAM*, estou sempre indo para o Rio com meu marido, ele tem escritório lá [...]

A aluna demonstra sua confiança no blog Glamurama, mas o que ela está chamando de blog é uma página na internet que pertence a Joyce Pascowitch, jornalista e colunista que já foi apresentada quando falamos do “caso Daslusp”, do qual a jornalista foi autora da alcunha. A aluna fala também na *Revista da TAM*, que já foi exemplificada na Figura 3.6. O que devemos ressaltar no discurso da aluna é a primeira frase: “Eles adoram falar da Casa, falar dos cursos”. A aluna está se referindo à mídia como “eles”, ou seja, para ela são os

veículos que têm interesse em falar da instituição, e não a instituição que faz por onde e quer estar nos veículos divulgando seus cursos. Consideramos este aspecto relevante na recepção das mensagens midiáticas que trazem a Casa do Saber como foco e, em sua maioria, são realizadas pela ação da assessoria de imprensa.

Tivemos também alguns alunos que só se lembravam de ter visto a instituição na mídia no momento da abertura, como o caso da aluna 6, que afirmou: “Acho que foi quando começou, principalmente, né?. Aí acho que tinham alguns artistas envolvidos, a Maria Fernanda Cândido, né, umas coisas”. A aluna demonstra que, na época da abertura da instituição (2004), lembra de ter visto a instituição na mídia e liga isso à presença de Maria Fernanda Cândido, relembrando o que falou o proprietário da Casa.

A falta de lembrança da presença da Casa do Saber na mídia foi muito grande, muitas vezes deixando transparecer a opinião de que a instituição não precisaria desse tipo de exposição. A aluna 5, ao tentar recordar como tomou conhecimento da instituição, apresenta logo sua certeza de não ter sido na mídia e de nunca ter visto nada sobre a Casa do saber na imprensa, apesar de se declarar leitora do jornal *Folha de S. Paulo*. Segundo a aluna 5:

Não foi pela internet, que ainda não tinha cadastrado o e-mail no site deles né. Acho que foi Introdução à Filosofia, comentei com a minha amiga da faculdade e ela também gosta muito de filosofia, como o meu marido. Mas não me lembro como é que isso chegou até mim, não me lembro, não consigo lembrar. Eu sei que não foi na mídia. Acho que nunca vi nada na mídia. Vejo sempre as coisas nos meus e-mails, não tenho essa memória de ver alguma coisa. Eu leio a *Folha* regularmente e não vejo nada, revista semanal eu não leio, não gosto. Mas não tenho essa memória, não.

Com a compilação dos dados do *clipping* de notícias, vimos que o jornal *Folha de S. Paulo* representa 40% das inserções em jornais da Casa do Saber. Ou seja, das 54 inserções compiladas, 30 foram em jornais. Dessas 30, 12 foram no jornal *Folha de S. Paulo*. Poderíamos prosseguir inserindo discursos e demonstrando que os alunos entrevistados não entendem o que veem na mídia como uma divulgação e que eles não acham que a instituição precise de divulgação. É claro que nossa amostra não é representativa, nem teve a intenção de ser. Porém, o que podemos afirmar é que, dentre os nossos entrevistados, nenhum afirmou ver a Casa do Saber se divulgando na mídia. A recepção do que viam sempre foi demonstrada

como se o interesse em falar da instituição partisse sempre do veículo, como se fosse um aspecto positivo ou legitimador para o veículo falar da instituição, e não o oposto.

Na introdução da obra *A distinção*, Pierre Bourdieu ressalta que “a definição da nobreza cultural é o pretexto para uma luta [...]” (2007a, p. 9). Dentro dos jogos de poder que existem para a definição de uma “cultura legítima” ou “conhecimento legítimo”, campos sociais diferentes entram em cena, em luta. Na valoração do veículo e da instituição quando se dá esta união — quando um veículo de comunicação insere na sua pauta a divulgação de um curso da Casa do Saber — existe uma troca. Uma troca de valores simbólicos que significam muito nessa luta. Não é só a instituição que é valorada por estar com seu nome em determinado veículo, nem o veículo que se eleva por citar a Casa do Saber. Existe uma troca.

No próximo capítulo, em que trataremos da Ética e da (re)produção de bens culturais, falaremos sobre essas trocas. Sobre como a Casa do Saber participa da definição, produção e recepção dessa “cultura legítima”. Como se valora um bem como culturalmente legítimo e como essa percepção é passada adiante?

#### 4 ÉTICA E (RE)PRODUÇÃO DE BENS CULTURAIS

Este último capítulo da dissertação tem como objetivo esclarecer como se dá a oferta da denominada “cultura legítima” e quais são seus critérios de definição por meio da análise dos cursos da Casa do Saber. Não pretendemos fazer um manual em que o leitor pode encontrar como produzir cultura dominante (se é que isso seja possível em algum lugar). Nossa intenção é olhar para a instituição pesquisada, para os discursos que colhemos, para as relações sociais que envolvem nosso objeto empírico de estudo e desvelar a produção da cultura dominante para assim podermos entender sua recepção. Entender como são valorados os cursos da Casa do Saber e como essa instituição participa da produção e reprodução da cultura dominante.

Mantendo a fidelidade no tocante a nossa postura metodológica procederemos com a pesquisa de recepção para analisarmos este fenômeno. Porém, nosso foco será a produção e reprodução da cultura dominante. Usamos a desinência (re) em produção para indicar uma dupla intenção — a primeira de falar sobre a produção dos bens culturais oferecidos pela Casa do Saber (cursos) e a segunda sobre a hipótese da reprodução desses bens de “cultura legítima”. Pretendemos considerar o que os alunos afirmam ser bom na Casa do Saber. São os cursos em si? Os professores? As relações? O que eles estão buscando? Por que na Casa do Saber? Essas são as mesmas antigas perguntas que tentamos responder durante a pesquisa.

Tentaremos analisar, dentro deste novo parâmetro, a oferta de uma “cultura legítima” a partir do discurso dos funcionários, professores e proprietário com a intenção de relacionar a oferta com a procura, tentando entender como se dá a recepção de uma “cultura legítima” e como o “conhecimento legítimo” é fabricado e reproduzido. Lembramos que quando falamos em “legítimo” — como conhecimento legítimo ou cultura legítima —, estamos nos referindo ao conhecimento e à cultura dominantes, legitimados pelos dominantes e pelos dominados como legítimos. Para Pierre Bourdieu, “Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (2008, p. 25). Essa proposição apresentada na obra *A reprodução* anuncia simultaneamente a autonomia e a dependência relativas das relações simbólicas frente às relações de força. O autor coloca a proposição apresentada como “um princípio da teoria do conhecimento sociológico” (2008, p. 25).

Para que exista a dominação, são necessários agentes na posição de dominados, que não só sofrem, mas também reagem à violência simbólica, que valora como certo ou bom

determinado gosto, por exemplo. A violência simbólica é dada no processo de socialização, em que valores dominantes são inculcados ao agente social. Quando o valor dominante é reconhecido como tal no discurso dos agentes, vemos a violência simbólica em ação. É a legitimidade do discurso dominante sendo reconhecida. E como isso acontece quando falamos em cultura legítima? Pierre Bourdieu (2007a) demonstra que o funcionamento de cada campo social — numa relação simbólica — vai demandar as preferências culturais do agente. O valor cultural, então, segue a lógica dos campos, onde agentes com maior capital cultural lutam pela preservação e manutenção da cultura legítima. De acordo com Bourdieu:

A cultura é um desafio que, à semelhança de todos os desafios sociais, supõe e impõe, a um só tempo, que o indivíduo entre no jogo e se deixe levar pelo jogo; além disso, o interesse pela cultura, sem o qual não existe corrida, nem concurso, nem concorrência, é produzido pela própria corrida e pela própria concorrência que ele produz. Fetiche entre os fetiches, o valor da cultura engendra-se no investimento originário implicado no próprio fato de entrar no jogo e na crença coletiva relacionada com o valor do jogo, que faz o jogo e que refaz, sem cessar, a concorrência pelos desafios (BOURDIEU, 2007a, p. 234).

Após trabalharmos as relações entre a oferta de uma “cultura legítima”, os critérios de definição dos serviços prestados pela Casa do Saber e sua recepção, apresentaremos como se dão as trocas simbólicas na instituição. Sabendo o que os alunos apreciam na instituição e o que esta oferece como cultura legítima, chegaremos ao intercâmbio de capital existente na instituição, apresentando o que cada agente possui e passa adiante como diferencial na luta pela definição da “cultura legítima”. Apontaremos também o papel da mídia nessa troca, nesse entrelaçamento de armas usadas no campo de forças pesquisado, ou, para melhor colocar, nos campos que agem sob a instituição pesquisada.

#### **4.1 A oferta de uma “cultura legítima” e seus critérios de definição**

Entendemos que a instituição pesquisada e seus agentes não só colaboram para a manutenção e produção da cultura dominante como também participam de sua reprodução. Continuamos caminhando com Pierre Bourdieu que, em sua obra *A reprodução*, coloca o sistema de ensino — um campo social relativamente autônomo — como central nos processos



de reprodução da cultura dominante. Nesta obra, Pierre Bourdieu não se refere, obviamente, a instituições como a Casa do Saber nem à realidade brasileira. O autor se refere às escolas francesas, *corpus* de sua pesquisa. De qualquer forma, vamos aqui nos ocupar em destrinchar as ideias de Bourdieu sobre o sistema de ensino acreditando que, por mais que mudem as formas e os recursos, o conhecimento é um troféu muito valioso para a manutenção do poder e dos valores dominantes também em nossa sociedade.

Os discursos dos entrevistados e da mídia indicam que a Casa do Saber surgiu espontaneamente. Tudo começou com jantares nas residências de dois dos atuais sócios, que ofereciam, também, uma aula com um professor legitimado da Academia. Temos o discurso do aluno 12, que se refere à criação da instituição como algo espontâneo ao afirmar

Pelo que eu sei da história Casa do Saber, ela nasceu naturalmente, espontaneamente. As pessoas iam trocando informações, quer dizer, alguém dava uma reunião sobre filosofia, as pessoas iam, trocavam informações. E eu gosto muito das coisas espontâneas, né? Pelo que eu entendo, a Casa do Saber é uma necessidade espontânea.

O discurso do entrevistado aponta diretamente para o início do discurso do proprietário que, com a propriedade de quem participou de todo processo, conta como surgiu a ideia da instituição:

Num momento de reflexão de nossas vidas, quando chegamos aos 40 anos, nós dois resolvemos que em vez de continuarmos uma trajetória profissional de advogado, eu e ele, que tinha acabado de vender o banco, chegamos a uma conclusão de que deveríamos usufruir um pouco das possibilidades culturais e acadêmicas que a vida tinha, no sentido de você poder estudar mais, conhecer outras coisas melhor. Aí, o que aconteceu foi que o Jair sugeriu que fizéssemos jantares na casa dele às terças-feiras, e eu faria jantares na minha casa às quintas-feiras. Aí nós convidávamos amigos próximos que também tinham a necessidade de fazer cursos além da sua atividade profissional. [...] Nesses jantares, chamávamos alguns professores. Na época a gente conheceu o professor Mário Miranda, da USP, que era professor de filosofia e que nos ajudava muito no sentido de sistematizar os temas que queríamos aprender. Às terças e quintas, a gente fez um programa filosófico dos pré-socráticos até os existencialistas, pensadores ponto e

contraponto. Então, em um dia ele dava uma aula e depois um texto para lermos sobre um desses pensadores e na semana seguinte você tinha exatamente a linha de pensamento subsequente, que muitas vezes era justamente uma negação.

O proprietário então nos fala de uma necessidade ou vontade de buscar “possibilidades culturais e acadêmicas” quando ele e um amigo chegam aos 40 anos, como se essa idade fosse a ideal para dar início a descobertas intelectuais. Todos contam a mesma história sobre o início da instituição, mas o proprietário, por ter participado ativamente desse processo, explicou longamente como tudo se deu. Ele continuou seu discurso contando como os jantares, que aconteciam às terças e quintas, começaram a atrair colegas que se apaixonaram pelos encontros e como as necessidades do dia-a-dia começaram a impossibilitá-los. O discurso continua:

[...] E aí começamos a pensar se as outras pessoas também queriam isso. Aí contratamos uma empresa que fez uma análise de mercado da viabilidade ou não disso. Foi feito todo um estudo em relação à localização, a preços, demandas, se as pessoas iriam ou não estar interessadas e aí, no fim do trabalho, nos disseram que essa experiência que estávamos vivendo outras pessoas também estavam. Elas tinham as mesmas dificuldades pessoais de organização em suas casas, também é uma verdade, as pessoas reclamam disso, porque num grupo de amigos um tem mais perfil para receber, outro não, cada um tem um jeito.

O ponto que gostaríamos de levantar aqui é que, além de toda a história acerca do nascimento da Casa do Saber — história que é divulgada também pelos veículos de comunicação ao falarem da instituição —, existiu, também, uma investigação a respeito da viabilidade do negócio. Da forma como essa história é contada, acaba parecendo que tudo aconteceu de forma bastante informal, mas temos conhecimento de que foi encomendada uma pesquisa de mercado para saber se existia demanda, se havia consumidores para o negócio que estava sendo planejado. Ou seja, apesar de encontrarmos discursos que em que sobressai a difusão do conhecimento como único ou principal objetivo da instituição, podemos ver que ela foi planejada como um negócio, melhor dizendo, para gerar lucro.

Podemos concluir que existem critérios que conduzem a definição dos cursos que são oferecidos pela instituição a partir do momento em que percebemos que tudo foi pensado para

suprir uma necessidade de consumo (demanda), ou seja, os cursos são oferecidos à medida que se constata a demanda pelos mesmos. Mas isso seria simplificar um processo que abrange diversos outros aspectos. No decorrer desta pesquisa, mostramos que cultura e conhecimento são objetos de luta usados na conservação social dos valores dominantes. Mas não a cultura e o conhecimento em si, como objetos estanques, como produtos à venda num shopping, mas a ideia, os significados que circundam esses dois aspectos que, além de serem constantemente tratados pelos agentes da Casa do Saber como sinônimos, são fatores de distinção social, isto é, conferem identidade e valor aos agentes consumidores.

Sendo os cursos da Casa do Saber possuidores de valor e, por esse motivo, objetos de luta, daremos início a essa parte mostrando os cursos que são oferecidos pela instituição. Apesar das diversas áreas de ensino da instituição (artes, filosofia, ciências, teatro, música, temas contemporâneos), vamos nos focar nos cursos de filosofia e artes, que são os que possuem maior variedade de temas. Poderíamos nos ocupar com todos os cursos, mas não temos a intenção de entediar o leitor copiando todo o cardápio de cursos da Casa do Saber. Os cursos apresentados aqui são os que fizeram parte do calendário do primeiro semestre de 2008<sup>40</sup> nas duas unidades da instituição: Jardins e Higienópolis, em São Paulo<sup>41</sup>. Também não vamos abranger a unidade Lagoa, no Rio de Janeiro, já que nossa pesquisa concentrou esforços em São Paulo.

Sabemos que a instituição oferece cursos livres em um espaço extra-acadêmico, que o conhecimento transmitido não é materializado em diplomas, os custos são altos e os professores são, em sua grande maioria, acadêmicos legitimados. Portanto, temos o seguinte esquema: alunos/consumidores da classe dominante que pagam pelos cursos que compõem as diversas áreas de conhecimento que a instituição abrange. Algumas questões nos afligem neste momento como, por exemplo, que tipo de curso é aceito na instituição e quem ou o que determina o valor desses cursos.

Para dar início às respostas, vamos listar alguns cursos lecionados no primeiro semestre de 2008. A escolha deste semestre específico ocorreu porque é a mesma época na qual foram realizadas grande parte das entrevistas e a observação participante, além de compreender a mesma época do *clipping* de notícias cedido pela instituição. Na

---

<sup>40</sup> Estas informações foram coletadas no site institucional da Casa do Saber e na brochura que foi distribuída aos alunos e pretendentes a alunos no início do primeiro semestre de 2008.

<sup>41</sup> Durante a realização desta pesquisa, alguns aspectos mudaram na instituição pesquisada. Houve a abertura da unidade Shopping Cidade Jardim, em agosto de 2008 (que não fez parte de nossa investigação, já que, no momento da abertura, estávamos com as entrevistas e a observação em vias de finalização) e o fechamento da unidade Higienópolis - em dezembro de 2008 - que fez parte de nossa pesquisa.

impossibilidade de citar todos os cursos, apresentamos os que compreendem as áreas mais procuradas (e oferecidas) na instituição — artes e filosofia nas unidades Jardins e Higienópolis, que também configuram parte dos cursos aos quais estivemos presentes em meio à observação participante e entrevistas.

A divisão foi feita da seguinte maneira: a) Unidade Jardins – artes; b) Unidade Higienópolis – artes; c) Unidade Jardins – filosofia; d) Unidade Higienópolis – filosofia. Em cada parte apresentamos todos os cursos, com título, resumo, número de aulas e professor com minicurrículo. Todos esses dados foram tirados da brochura feita e distribuída pela Casa do Saber, que contém as mesmas informações de forma mais ampla, fizemos apenas um resumo. Devemos ressaltar apenas que o custo dos cursos mudou desde o primeiro semestre de 2008, quando custavam uma média de R\$ 90,00 por aula. Na brochura referente ao primeiro semestre de 2009, temos o custo por aula de R\$ 100,00, ou seja, um curso com seis aulas que custava R\$ 540,00 no primeiro semestre de 2008, após um ano passou a custar R\$ 570,00. Segue o material discursivo:

#### **a) Unidade Jardins - Artes**

##### 1 - O luxo através dos tempos

O curso estuda os conceitos de luxo e suas identidades através dos tempos. A noção do que é luxuoso é definida em suas ligações com áreas culturais diversas, desde a criação dos produtos, passando por valores não materiais e comportamentos. O curso teve a duração de quatro encontros e custou R\$ 360,00. O professor foi João Braga, estilista e professor de história da moda (FAAP, Anhembi Morumbi, Senac, Santa Marcelina e ECA-USP).

##### 2 - Introdução à arte moderna

O curso discutiu as escolas, tendências e teoria dos clássicos e românticos até o abstracionismo. Com duração de sete encontros, o curso custou R\$ 630,00 e foi lecionado por Agnaldo Farias, professor da FAU-USP e curador independente. Realizou curadorias, entre outras instituições, para a Fundação Bienal de São Paulo.

##### 3 - A escultura moderna de Rodin a Henry Moore

O curso deu um panorama geral da história da escultura, tendo como ponto de partida as obras de Auguste Rodin e estendendo-se até a década de 1940, com o trabalho de Henry Moore. Foram abordados os principais aspectos da escultura moderna, entre eles, a fragmentação, a produção em série e a questão da obra em processo. Teve a duração de seis encontros e custou R\$ 540,00. A professora foi Ana Gonçalves Magalhães, historiadora da arte e docente do

curso de design da FACAMP. Desde 2001, é coordenadora editorial da Fundação Bienal de São Paulo.

#### 4 - A arte de colecionar

O curso abordou o fascínio por colecionar, contemplar e cobiçar coleções do ser humano. Analisou o colecionismo, o valor da chamada cultura material e como são feitas, desfeitas e organizadas coleções. Teve a duração de quatro encontros e custou R\$ 360,00. Os professores foram Íris Kantor, docente do Departamento de História da USP, Leandro Karnal, doutor em História Social pela USP e Luiz Marques, professor de História da Arte na Unicamp.

#### 5 - Clássicos do teatro; clássicos do cinema

O curso apresentou textos da história do teatro e discutiu suas adaptações para o cinema. Somaram oito encontros e o custo foi de R\$ 720,00. Os professores foram Marco Antonio Guerra, professor da ECA-USP e Maria Silvia Betti, professora da FFLCH-USP.

#### 6 - Arte e moda

O curso destacou como as concepções artísticas influenciaram o universo da moda e como as produções da moda abalaram a trajetória da arte. Teve a duração de quatro encontros e o custo de R\$ 360,00. O professor foi João Braga, estilista e professor de História da Moda.

#### 7 - 18, o século que não terminou: as rupturas na filosofia, arte, literatura e história

O curso tratou das formas de reflexão e representação que emergiam no século XVIII e marcaram os séculos seguintes. Teve duração de quatro aulas e o custo de R\$ 360,00. O professor foi Pedro Paulo Sena Madureira, que trabalhou com Antonio Houaiss e também com Carlos Lacerda, na editora Nova Fronteira. Criou, com a família Siciliano, o grupo editorial de mesmo nome e publicou dois livros de poesia.

#### 8 - Arquitetura contemporânea

O curso apresentou e analisou temas fundamentais para entender a arquitetura contemporânea, tais como as transições artesanato–indústria–espetáculo midiático; a aproximação em ter a arquitetura e a arte contemporânea a partir do conceito de “informe”; e a crise da cidade, apontando para a separação entre um mundo de favelas e os “paraísos artificiais” das cidades-resort. Teve a duração de quatro encontros e custou R\$ 360,00. O professor foi Guilherme Wisnik, arquiteto e ensaísta, formado pela FAU-USP e mestre em História Social pela FFLCH-USP. É autor de dois livros e colunista da *Folha de S. Paulo*.

#### 9 - História da arte: quando os artistas (re)criam o divino

O curso abordou os fundamentos, modelos e opções da estética cristã, desde os mosaicos de Ravena até o barroco. Teve a duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. A professora foi Tereza Aline Pereira de Queiroz, doutora em história pela Sorbonne e professora da USP.

#### 10 - As aventuras do impressionismo

O curso tratou a história do impressionismo, abordando a obra de alguns dos pintores mais importantes ligados a esse movimento. Com seis encontros, custou R\$ 540,00. A professora foi Ana Gonçalves Magalhães, historiadora da arte e professora da Facamp.

#### 11 - A arte como modo de pensar

O curso discutiu os principais vetores desse modo de pensar, do século XIV à atualidade. Foram seis encontros e custou R\$ 540,00. O professor foi Teixeira Coelho, professor titular de Ação Cultural da ECA-USP, coordenador do Observatório de Políticas Culturais e curador do Masp.

#### 12 - Uma história das artes

O curso abordou a gramática dos estilos no universo das joias em momentos diversos das principais culturas ocidentais. Teve a duração de cinco encontros e custou R\$ 450,00. O professor foi João Braga, estilista e professor de História da Moda.

### **b) Unidade Higienópolis - Artes**

#### 1 - História geral da arte: a arte moderna e o século 20

O curso tratou do chamado período das vanguardas do século XX e como elas repensaram os conceitos da arte tradicional. O foco do curso foi o fauvismo no abstracionismo, no dadaísmo e no surrealismo. Teve duração de quatro encontros e custou R\$ 360,00. O professor foi Leandro Karnal, doutor em História Social pela USP.

#### 2 - Uma história da moda

O curso percorreu a história da indumentária e da moda através dos tempos com o objetivo de reconhecer as identidades produzidas com o ato de vestir. Foram oito encontros e custou R\$ 720,00. O professor foi João Braga, estilista e professor de História da Moda.

#### 3 - História geral da arte: a arte contemporânea

O curso tratou dos movimentos artísticos que surgiram após a Segunda Guerra Mundial. Teve duração de seis encontros e custou R\$ 540,00. O professor foi Leandro Karnal, doutor em História Social pela USP.

### **c) Unidade Jardins – Filosofia**

#### 1 - Uma história da filosofia do mal

O curso apresentou uma “história alternativa” da filosofia, na qual o mal é objeto de reflexão. Teve a duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Luiz Felipe Ponde, professor

da PUC-SP, FAAP e professor pesquisador convidado da Universidade de Marburg, Alemanha.

## 2 - Os pensadores

O curso abordou aspectos relevantes dos maiores filósofos do Ocidente, sendo que cada aula foi dada por um especialista. Teve a duração de 15 aulas e custou R\$ 1.350,00. Os professores foram Adriano Machado Ribeiro, professor de língua e literatura grega na USP; Carlos Matheus, professor de filosofia e ex-diretor do Instituto Gallup; Franklin Leopoldo e Silva, professor titular de Filosofia Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da USP; Júlio Pompeu, professor da PUC-RJ e da Universidade Federal do Espírito Santo; Luiz Felipe Ponde, professor da PUC-SP, FAAP e professor pesquisador convidado da Universidade de Marburg, Alemanha; Maurício Pagotto Marsola, professor de História da Filosofia da Universidade Federal de São Paulo e Oswaldo Giacoia Junior, professor assistente de Filosofia na Unicamp.

## 3 - Aprender a viver: filosofia para os novos tempos<sup>42</sup>

O curso se baseava no livro do educador e filósofo francês Luc Ferry, *Aprender a viver*. Teve duração de seis aulas e custo de R\$ 540,00. O professor foi Clóvis de Barros Filho, professor livre-docente da ECA-USP e da ESPM.

## 4 - *A república*, de Platão

O curso tratou dos tópicos fundamentais do diálogo platônico *A república*. Teve duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Antonio Medina Rodrigues, professor de língua e literatura grega na USP, tradutor, ensaísta e crítico literário.

## 5 - Obras fundamentais da filosofia

O curso realizou um exame de dez obras fundamentais do pensamento. Teve duração de dez aulas e custou R\$ 900,00. O professor foi Clóvis de Barros Filho, professor livre-docente da ECA-USP e da ESPM.

## 6 - Grandes questões da humanidade

Foram analisadas, a partir do ponto de vista filosófico, questões como Deus, ética, liberdade, morte e felicidade. Teve duração de dez aulas e custou R\$ 900,00. O professor foi Clóvis de Barros Filho, professor livre-docente da ECA-USP e da ESPM.

## 7 - Uma história do pensamento conservador

O curso apresentou autores e ideias do pensamento conservador, corrente pouco conhecida no Brasil. Teve duração de cinco aulas e custo de R\$ 450,00. O professor foi Luiz Felipe Ponde,

---

<sup>42</sup> Este curso teve duas turmas no semestre.

professor da PUC-SP, FAAP e professor pesquisador convidado da Universidade de Marburg, Alemanha.

#### 8 - Espinosa: potência e fascínio do conhecimento

O curso se baseou no pensamento de Espinosa para introduzir temas como Deus, verdade e falsidade, ciência e opinião. Teve a duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Oswaldo Giacoia Júnior, professor de Filosofia na Unicamp.

#### 9 - Nietzsche: ser ou não ser (si mesmo)

O curso apresentou o processo de construção de si ou “como alguém se torna o que é”. Teve duração de quatro aulas e custo de R\$ 360,00. O professor foi Juliano Garcia Pessanha, escritor, recebeu o prêmio Nascente (1997) e publicou, dentre outros, *A certeza do agora* (Ateliê Editorial, 2002).

#### 10 - Sartre: Angústia e liberdade

O curso discutiu as relações humanas a partir da ótica existencialista de Jean Paul Sartre. Teve duração de três aulas e custo de R\$ 270,00. O professor foi Gabriel Chalita, professor dos programas de graduação e pós-graduação de PUC-SP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da União Brasileira de Escritores.

#### 11 - Nietzsche e Dostoievski

O curso realizou um contraponto literário entre o romance de Dostoievski e a filosofia de Nietzsche com base em passagens selecionadas de obras desses autores. Teve duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Oswaldo Giacoia Júnior, professor de Filosofia na Unicamp e Luiz Felipe Ponde, professor da PUC-SP, FAAP e professor pesquisador convidado da Universidade de Marburg, Alemanha.

#### 12 - A arte de convencer

O curso discutiu as técnicas de argumentação na filosofia e no cotidiano. Teve duração de três aulas e custo de R\$ 270,00. O professor foi Gabriel Chalita, professor dos programas de graduação e pós-graduação de PUC-SP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da União Brasileira de Escritores.

#### 13 - A razão e seus limites

O curso discutiu algumas concepções filosóficas dos limites da razão. Teve seis aulas e custou R\$ 540,00. Franklin Leopoldo e Silva, professor titular de Filosofia Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da USP

#### 14 - *Workaholics*, *worklovers* etc. Uma filosofia do trabalho, da preguiça e do lazer

O curso discutiu as possíveis razões desses fenômenos, com base em pensadores como Pascal, Marx, Foucault etc. Durou seis aulas e custou R\$ 540,00.



#### 15 - Eu e o outro

O curso apresentou uma abordagem filosófica das relações humanas. Durou seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Franklin Leopoldo e Silva, professor titular da Filosofia Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da USP.

#### 16 - A hora e a vez da filosofia

O curso estudou uma questão central na filosofia de Nietzsche: como alguém pode tornar-se o que é. Durou cinco aulas com o custo de R\$ 450,00. O professor foi Oswaldo Giacoia Junior, professor assistente de Filosofia na Unicamp.

#### 17 - Filosofia e arte em Heidegger

O curso apresenta o pensamento de Heidegger para discutir sobre a arte atual. Durou seis aulas com o custo de R\$ 540,00. O professor foi Sérgio Bolliger, arquiteto e mestre em Filosofia.

#### 18 - Destino ou acaso: na filosofia, na história e na ciência

O curso procura traçar uma análise do acaso a partir dos pensamentos da história e da filosofia. Teve duração de cinco aulas com o custo de R\$ 360,00. Os professores foram Franklin Leopoldo e Silva, professor titular de Filosofia Moderna e Contemporânea da Faculdade de Filosofia da USP; Leandro Karnal, doutor em História Social pela USP; Luiz Marques, professor de História da Arte na Unicamp e Oswaldo Pessoa Jr., formado em Física e Filosofia, com doutorado na Indiana University sobre Filosofia da Física Quântica — é também professor de Filosofia da USP.

#### 19 - Maquiavel: O indivíduo, os meios e os fins

O curso discute o surgimento do homem como indivíduo e ator político. Teve duração de quatro aulas por R\$ 360,00. A professora foi Tereza Sadek, docente de pós-graduação do Departamento de Ciência Política da USP e pesquisadora sênior do Centro Brasileiro de Estudos e Pesquisas Judiciais.

### **d) Unidade Higienópolis – Filosofia**

#### 1 - O amor em Platão

O curso discutiu o conceito de amor na obra *O banquete*, de Platão, e nas cartas escritas por Mariana do Alcoforado (1640-1723) para o Marquês de Chamilly, por quem se apaixonou. Teve a duração de duas aulas e custou R\$ 180,00. O professor foi Gabriel Chalita, docente dos programas de graduação e pós-graduação de PUC-SP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da União Brasileira de Escritores.

#### 2 - Filosofia para o hoje e o amanhã

O curso responde às questões: Que respostas a filosofia tem formulado para as questões atuais da humanidade? Como os conceitos de pensadores passados são utilizados hoje para ajudar a entender o cotidiano atual? Teve a duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Júlio Pompeu, docente da PUC-RJ e da Universidade Federal do Espírito Santo.

### 3 - Retratos do desejo

O curso passou pela definição platônica do desejo, desejo como tema da filosofia moral, desejo em Freud e Marcuse, Epicuro, Espinosa etc. Teve duração de seis aulas e custou R\$ 540,00. O professor foi Clóvis de Barros Filho, professor livre-docente da ECA-USP e da ESPM.

### 4 - Os pensadores

O curso introduziu o pensamento de grandes filósofos da tradição ocidental a partir de temas e momentos estratégicos da história do pensamento. Teve a duração de dez aulas e o custo de R\$ 900,00. O professor foi Maurício Pagotto Marsola, docente de História da Filosofia da Universidade Federal de São Paulo.

### 5 - Bíblia e filosofia

O curso apresentou quatro livros da Bíblia hebraica, a partir dos quais foi feito um exame da visão de mundo do pensador bíblico. Teve duração de quatro aulas e o custo de R\$ 360,00. O professor foi Luiz Felipe Ponde, docente da PUC-SP, FAAP e professor pesquisador convidado da Universidade de Marburg, Alemanha.

### 6 - Maquiavel, as tramas do poder

O curso analisou de que forma, depois de Maquiavel, a maneira como o ser humano encara o poder mudou. Teve duração de três aulas e custou R\$ 270,00. O professor foi Gabriel Chalita, docente dos programas de graduação e pós-graduação de PUC-SP e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da União Brasileira de Escritores.

### 7 - Aprender a viver, filosofia para os novos tempos

O curso se baseou no livro do educador e filósofo francês Luc Ferry, *Aprender a viver*. Teve duração de seis aulas e custo de R\$ 540,00. O professor foi Clóvis de Barros Filho, professor livre-docente da ECA-USP e da ESPM.

Com os cursos listados, podemos dar início a uma breve análise dos mesmos. Vemos que os temas são, na grande maioria, abrangentes. Temas que englobam assuntos recorrentes nas obras filosóficas e que são dados em três aulas de uma hora e meia cada. Como falar do que pensavam os filósofos gregos sobre a morte em duas aulas, ou três horas /aula? Dessa forma, intuímos que os cursos não são rigorosamente especializados. Sobre esse aspecto, o professor 1, ao falar sobre seus cursos que não tiveram quórum, ou seja, a procura foi baixa,

acabou fazendo uma comparação entre professores mais e menos conhecidos de instituições mais e menos legitimadas. Segundo ele,

quando um professor de Filosofia da USP dá um curso, como ele já é um professor... já vai de todo jeito, né? Vamos supor, a minha, eu dou aula, eu sou conhecido um pouco na minha área, mas não sou tão conhecido, acabou não rolando. Então, os cursos que são mais acadêmicos, puros, eu tenho mais dificuldade. Se você consegue dar uma cara pra esse curso que é um pouco mais abrangente, há chance de ele ter um público maior.

O professor 1 ressaltou dois aspectos importantes para o sucesso dos cursos. Um deles é quando o entrevistado faz a seguinte colocação em sua primeira frase: “Como ele já é um professor...”. Nesse momento, o entrevistado “engole” as palavras, não diz o que passou pela sua cabeça, mas podemos entender que ele não quis dizer que “um professor da USP é um professor”, mas que um professor da USP, legitimado e reconhecido, consegue, com maior frequência, o quórum necessário para seus cursos. Já um professor como o nosso entrevistado, que ele mesmo diz não ser tão conhecido, não consegue tanto sucesso. Então, temos uma primeira premissa para que um curso seja aceito na instituição, o professor e seu capital intelectual e social. O segundo aspecto demonstrado pelo professor faz menção ao conteúdo do curso. Cursos mais acadêmicos, ou seja, mais teóricos, são mais difíceis de serem aceitos, especialmente se o professor não possui o capital social tão trabalhado.

Podemos então constatar um padrão para os cursos da Casa do Saber. Tudo depende, primeiramente, da legitimidade acadêmica e social do professor. Se for um professor já conhecido, ele pode dar cursos mais ou menos teóricos que existirá procura, mas se for um professor menos conhecido, ou seja, de baixo capital social, é melhor que o curso tenha uma cara, como colocou o professor entrevistado, e nos faz entender que o curso deve ser mais comercial.

Já o professor 4, que está na Casa do Saber desde sua abertura, ao comparar cursos dados na Academia com a Casa do Saber apresenta suas diferenças:

Na Academia existe uma outra postura. Esse semestre estou dando um curso de pós-graduação sobre Michel de Certeau. Minha preocupação nesse semestre com os alunos — são apenas 12 — é estabelecer a origem das propostas, tanto estruturalistas como pós-estruturalistas desse teórico Michel de Certeau. Este não é o típico curso que se vende na Casa do Saber. Tem

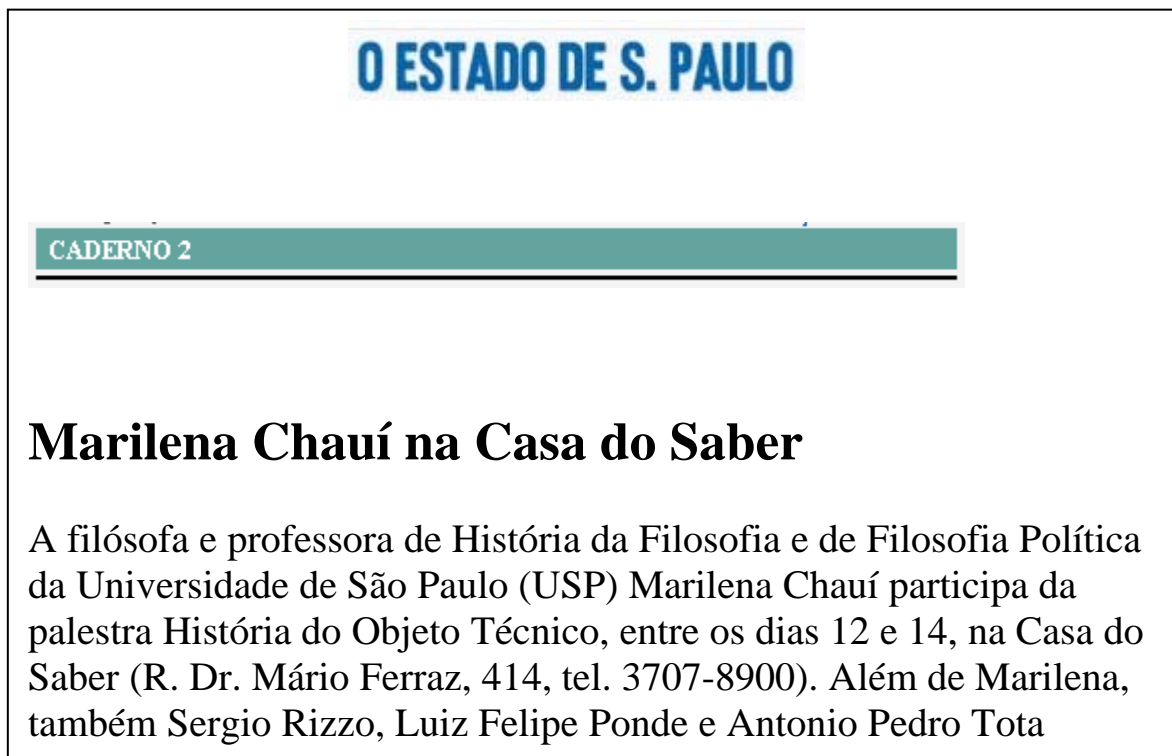
uma carga de leituras em francês muito grande, tem avaliações, produção de texto, tem muito debate que necessita de conhecimentos prévios. Na Casa do Saber, se eu desse uma aula hoje, acho que é improvável sobre Michel de Certeau. Eu apresentaria um pouco mais da biografia dele, quem é, eu escrevi, eu sintetizaria os clássicos com, ahn, “As Feiticeiras”, “O subúrbio”, “A possessão de Loudun”, ou então os textos que ele escreveu sobre a história para que o aluno possa descobrir. Na pós eu pressuponho que ele já descobriu na graduação e o discurso na universidade e na Academia é um pouco produção do conhecimento. Aqui, isso não existe. Nosso principal discurso aqui é o conhecimento e não a produção do conhecimento. A diferença é muito grande.

O professor destaca que existem diferenças entre ensinar para alunos de uma pós-graduação (mestrado e/ou doutorado) e alunos da instituição pesquisada. Ele coloca essa diferença no objetivo da aula, melhor dizendo, numa pós-graduação o discurso do professor está na produção do conhecimento, como o entrevistado relata: “Na pós eu pressuponho que ele (o aluno) já descobriu na graduação (a história do autor)”. Na Casa do Saber o professor não tem uma unicidade na formação acadêmica dos alunos, ou seja, não se sabe até onde o aluno estudou, qual é a formação superior do aluno ou mesmo se possui uma. Esse aspecto limita a aula a questões introdutórias e concentra o discurso do professor no conhecimento e não mais em sua produção. Se olharmos para as descrições dos cursos que listamos, podemos ver que a colocação do professor 4 faz todo o sentido.

Temos nos cursos listados o curso 11, de filosofia da Unidade Jardins, Nietzsche e Dostoievski, por exemplo, que exige um pouco mais de conhecimento prévio dos autores para a compreensão do tema. Porém, se olharmos para os professores do curso, Luiz Felipe Ponde e Oswaldo Giacoia Júnior, vemos que são nomes conhecidos na Academia e mais — estão na Casa do Saber há bastante tempo, ou seja, seu capital social na instituição é bem trabalhado, o que, pelo que percebemos, é premissa para um curso que apresenta conhecimentos prévios tão específicos.

Vemos então que os cursos aceitos na instituição não dependem apenas de uma demanda preestabelecida. A demanda se faz no decorrer do processo, ou seja, existirá demanda para o curso se ele tiver uma roupagem vendedora ou se o professor for muito bem qualificado, e por bem qualificado entenda-se que estamos nos referindo não só ao capital acadêmico, mas também ao capital social desse professor. Como pudemos ver no capítulo 3, a mídia também exalta os professores da instituição. Chama-os de “acadêmicos badalados” e

“doutores de sua ignorância”. Coloca suas fotos nas matérias, expõe entrevistas, seus nomes e currículos. Temos como exemplo a palestra de Marilena Chauí, que foi notícia no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 7 de janeiro de 2007.



**Figura 4.1** – Nota divulgando palestra de Marilena Chauí na imprensa.

Fonte: *O Estado de S. Paulo*, caderno 2, 7 de janeiro de 2007.

Em mais um exemplo, temos a mídia trabalhando na glamorização dos professores da instituição. Usando da legitimidade acadêmica, do *status* de dominante no campo acadêmico, para divulgar e glamorizar a instituição. Os professores são o parâmetro de qualidade da instituição. Durante todo o seu discurso, o proprietário que entrevistamos fez questão de depositar o interesse da instituição no valor acadêmico dos cursos e professores. Ele nos relatou uma conversa que teve com a proprietária de outra instituição que possui proposta parecida com a da Casa do Saber, em que podemos perceber que, para o proprietário, o que importa é a validade acadêmica dos cursos. Segundo ele,

Perguntei a ela qual tinha sido a experiência que ela tinha tido, o que tinha dado certo e errado, e ela me disse que o XX, quando foi criado, foi criado com uma proposta, mas aí uma das sócias acabou indo para um lado mais esotérico, e cursos esotéricos que não têm nenhuma comprovação científica no meio acadêmico, é meio perigoso. Hoje o XX está voltando às origens, no sentido de ter cursos que a Academia, de certa forma, valida.

Neste trecho da entrevista, o entrevistado demonstra que, sem certa “validade acadêmica” do que é apresentado, uma escola que oferece cursos livres não tem legitimidade, ou melhor, cursos sem “comprovação científica são perigosos”, como o entrevistado coloca. Porém, mesmo o proprietário que concede tanto valor à cientificidade do que a instituição oferece aponta que devem existir diferenças, no mínimo, na forma do que é ensinado na Casa do Saber. Eles querem cursos com teor acadêmico, porém nada chato ou pesado. O prazer do aluno ao assistir a aula é levado em conta. Segundo ele,

Um dos princípios da Casa do Saber é o conhecimento, mas é também no sentido de ser uma atividade lúdica para os seus alunos, é fugir daquela rigidez acadêmica, a aproximação do aluno ao objeto estudado tem de ser leve. Na nossa cabeça, isso não podia ser uma coisa chata, tinha de ser uma coisa prazerosa. Então chegamos à conclusão de que o melhor jeito de construir esse modelo era conversar com os professores sobre o que eles entendiam sobre determinada coisa, falar que iríamos fazer assim, assado... Tivemos várias reuniões com professores. O Clóvis participou de algumas, o professor de história lá da USP, me fugiu o nome, ajudou a gente também, o Franklin Leopoldo participou das conversas, ele era amigo da Lygia, o Nicolau Svecenko participou também. Quando abrimos a Casa do Saber, criamos um Conselho, convidamos a Lygia Fagundes Telles para participar desse conselho, o Svecenko, pegamos essas pessoas e tínhamos reuniões semanais com elas para montarmos a primeira grade da Casa do Saber. Aí ficávamos trocando e-mails sugerindo temas, a Maria Fernanda sugeria coisas ligadas ao teatro, eu sugeri aulas que ligavam Lei e Literatura, Lei e Filosofia, eu sempre gosto de temas cruzados, o Jair gosta mais de filosofia, a Ana Maria Diniz gosta mais da parte de empreendedorismo [...]

Mesmo dando maior importância para o prazer que o aluno deve sentir ao assistir os cursos, o proprietário não deixa de falar do papel fundamental dos professores em todos os processos de decisão da instituição. Lista nomes de acadêmicos que participaram da construção da instituição e das tomadas de decisão. Porém, não são apenas os proprietários e professores que definem os cursos que serão aceitos na instituição. A funcionária 4 nos falou do processo de decisão dos cursos oferecidos. De acordo com ela, existem diversas maneiras de um curso ser aceito, mas sempre há muita discussão em torno do tema.

Então, de todas as maneiras, tem uma parte que a gente pensa num tema e pensa num professor e aí faz o convite. Tem vezes em que a gente tem o professor, mas não sabe muito bem qual o tema, daí nasce um pouco dessa conversa de conhecer o trabalho dele. Tem vezes que uns professores chegam, olham, estou estudando isso, queria dar um curso sobre isso, o que você acha? Tem outras pessoas que batem aqui e falam, olham e tal. Esse é o jeito mais difícil de um curso acontecer, na verdade. As pessoas que chegam trazendo currículo e proposta, a gente recebe muita proposta. Uma ou outra a gente acaba aproveitando, mas a maior parte é ou sugestão dos professores com quem a gente já trabalha, que a gente conhece, ou ideias nossas, mas aí é sempre também numa colaboração, nunca vem prontinho de lá e a gente também nunca, sabe...

A funcionária deixa claro que os cursos nascem de conversas entre a instituição e os professores. Às vezes, as ideias nascem dos professores, outras vezes não, a ideia parte do grupo de curadores. Porém, ela deixou claro que, apesar de existirem muitos professores que vão até a instituição, com currículos e propostas em punho, estes raramente são aceitos e oferecidos, deixando claro que as novidades oferecidas pela instituição vêm dos professores que já estão na casa ou dos próprios funcionários e proprietários.

A funcionária 2 reforça a ideia apresentada pelo proprietário (questão acadêmica) e coloca os cursos oferecidos pela instituição como “profundos”. Segundo ela:

Então, assim, a gente tem uma linha acadêmica bem forte, né? A Casa do Saber nasceu com esse espírito do academicismo e dessa coisa mais profunda, filosofia, história, das ciências humanas, tanto que assim, desde o início a gente trabalha com esses temas não de uma forma muito geral. [...] Então, assim, de uns tempos pra cá a gente tem notado que o público tem respondido quando a gente fazia uns cursos mais básicos, alguns cursos mais simples, alguns cursos que não vão tão fundo numa determinada linha de pensamento. Então, de uns tempos pra cá, eu digo de uns dois anos pra cá, a gente tem procurado dosar a nossa programação. O corpo dela é mais ou menos assim: uma parte a gente faz o nosso feijão-com-arroz, aquilo que a Casa nasceu pra fazer, que são cursos de filosofia, história da arte, de música, de psicanálise, os básicos. Aí, na outra parte, a gente dosa os cursos que a gente fala que são os cursos mais *pops*, que são aqueles cursos:

introdução a não sei o quê, conheça tal coisa, que são os cursos que atendem a um público um pouco iniciante nessas áreas. A gente também tem arriscado, e tem dado muito certo, alguns outros temas, fugindo dessas áreas, né? A gente tem feito, por exemplo, esse semestre, a gente começou com um curso de geopolítica. A gente tem feito cursos sobre temas contemporâneos de economia, de história recente de países, a gente pega alguns países [...]

Devemos ressaltar em seu discurso que existiu uma mudança nos cursos oferecidos pela instituição, fato colocado pela funcionária quando ela diz “de uns dois anos pra cá, a gente tem procurado dosar a nossa programação”. Ela quer dizer que os cursos deixaram de ser tão profundos, mas com os mesmos “grandes temas” de antes, artes, filosofia, música etc., o que ela chama de feijão-com-arroz. E novas linhas de cursos foram criadas, como os cursos de temas contemporâneos, o que ela chama de cursos *pops*, ou seja, mais populares, acessíveis, que não requerem nenhum tipo de conhecimento prévio e estão em evidência.

#### **4.2 A (re)produção do valor dominante**

Voltamos então para a citação de Bourdieu que colocamos na introdução do capítulo, em que o sociólogo reflete sobre o valor da cultura. Em suas palavras: “O valor da cultura engendra-se no investimento originário implicado no próprio fato de entrar no jogo e na crença coletiva relacionada com o valor do jogo, que faz o jogo e que refaz, sem cessar, a concorrência pelos desafios” (BOURDIEU, 2007a, p. 234). O valor da cultura, como afirma o sociólogo, é dado socialmente, em meio ao jogo, que também depende da valoração e participação dos agentes sociais.

Por meio dos jogos sociais que, como já vimos, se dão em campos sociais — espaços sociais relativamente autônomos onde variam as hierarquias de capital —, a cultura é objeto de luta, ou seja, é valorada, é um tipo de capital. Devemos entender que, para o sociólogo francês, o capital é um diferencial do agente que vai depender das relações em jogo em determinado campo, onde, repetimos, as hierarquias, ou seja, o valor de cada tipo de capital vai variar. Assim, o capital funciona como uma arma em uma guerra. Quanto maior seu poder de fogo, maior o grau de dominação do agente que a possui.

Como já dissemos em outras oportunidades, o capital cultural, na visão de Pierre Bourdieu, é adquirido de duas formas, na escola e com a família, capital herdado e capital adquirido. Com a família, o autor resalta toda a questão de ascendência social,



[...] os bens de família têm como função não só certificar fisicamente a antiguidade e a continuidade da linhagem e, por conseguinte, consagrar sua identidade social, indissociável da permanência no tempo, mas também contribuir praticamente para sua reprodução moral, ou seja, para a transmissão dos valores, virtudes e competências que servem de fundamento à filiação legítima das dinastias burguesas”<sup>43</sup> (BOURDIEU, 2007a, p. 75).

Sobre o capital adquirido, o autor se refere ao capital escolar, que é traduzido em diplomas. E, segundo Bourdieu, as variações do capital escolar estão diretamente ligadas às variações de competências ou domínios “que não são ensinados, nem controlados diretamente pela instituição escolar”, ou seja, capital escolar equivalente entre agentes sociais não quer dizer competências equivalentes se as origens sociais não são as mesmas.

Pierre Bourdieu realizou extensa pesquisa sobre o sistema de ensino na França que nos servirá de base para a reflexão que seguirá. A pesquisa apresentada na obra *A reprodução* foi realizada pelo sociólogo junto com Jean-Claude Passeron e apresenta a escola como produtora de uma ilusão de independência e neutralidade do ensino, camuflando seu papel na reprodução da ordem estabelecida, ou seja, da reprodução da cultura dominante.

Não estamos tratando nesta dissertação de uma instituição de ensino semelhante às instituições que foram objeto da pesquisa dos estudiosos. Porém, acreditamos que à medida que agentes sociais pertencentes à classe abastada procuram essa instituição, buscam nela identidade e valor, ou seja, buscam uma instituição que transfere valor dominante, que passa uma maquiagem culta no aluno e que, a partir disso, se destaca em seu campo social onde o capital cultural é uma arma na luta pela apropriação e manutenção do poder. Sobre esse aspecto, Cattani e Kieling (2007, p. 172), ao discutirem a escolarização da classe dominante, afirmam que as classes dominantes se constroem continuamente, mobilizando-se para manter sua reprodução ampliada, assegurar sua existência cotidiana com vistas à preservação e transmissão das posições dominantes para seus descendentes,

---

<sup>43</sup> Lembramos que, para o caso brasileiro, a utilização do termo burguesia não é adequado por três razões: 1) a inexistência histórica de uma camada social intermediária entre a aristocracia ou a nobreza hereditárias do poder e da riqueza e o proletariado; 2) A segunda relaciona-se à imprecisão quanto aos atributos que caracterizariam hipoteticamente esse grupo (unidades moral e ideológica, valores e práticas peculiares etc.); 3) a contaminação do termo por adjetivações políticas (CATTANI, KIELING, 2007, p. 172).

A formação ideológica na família e nas instituições qualificadas e a escolarização formal são parte obrigatória desse processo de construção de classe. Entre outros aspectos, o ambiente escolar freqüentado pelos seus pares constitui-se numa etapa importante da socialização dos futuros detentores da riqueza e dos privilégios (2008, p. 174).

Voltamos para *A Reprodução*, de Bourdieu e Passeron, em que, no Livro I, os autores apresentam proposições que foram construídas pela e, consecutivamente, para a pesquisa. São diversas as proposições apresentadas, sendo sempre seguidas do *escólio* — sua interpretação, explicação. Entre as diversas proposições apresentadas, que se referem à ação pedagógica, à autoridade pedagógica, ao trabalho pedagógico, ao sistema de ensino, entre outros, escolhemos algumas para trabalhar. A primeira, que se refere à ação pedagógica, diz o seguinte:

1.2.3 Numa formação social determinada, o arbitrário cultural que as relações de força entre os grupos ou classes constitutivas dessa formação social colocam em posição dominante no sistema dos arbitrários culturais é aquele que exprime o mais completamente, ainda que sempre de maneira mediada, os interesses objetivos (materiais e simbólicos) dos grupos ou classes dominantes (2008, p. 30).

Com base nessa proposição, podemos entender que a partir das relações de força existentes nas classes sociais, o arbitrário cultural dominante é definido por meio do poder e da força simbólica, exprimindo por meio da cultura os interesses da classe dominante. A ação pedagógica que possui o poder arbitrário de impor o arbitrário cultural está situada nas relações de força entre as classes que constituem determinada formação social, reproduzindo o arbitrário cultural inculcado, sugerido por ela, reproduzindo assim sua função de reprodução social da reprodução cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 31).

A segunda proposição que vamos citar diz respeito ao sistema de ensino e coloca que:

4. Todo sistema de ensino institucionalizado deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato de que lhe é preciso produzir e reproduzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência (auto-reprodução da instituição) são necessários tanto ao exercício de sua função própria de

inculcação quanto à realização de sua função de reprodução de um arbitrário cultural do qual ele não é produtor (reprodução cultural) e cuja reprodução contribui à reprodução das relações entre os grupos ou as classes (reprodução social).

Entendemos então que todo sistema de ensino foi criado ou “se criou” para produzir e reproduzir sua função de produtor de um arbitrário cultural do qual ele não é produtor, mas que sua reprodução contribui para a reprodução dos jogos sociais. Ou seja, escolas existem com a função de se reproduzirem como sistemas de reprodução da cultura dominante. Um sistema de ensino produz e reproduz um *habitus* tão homogêneo e durável quanto possível e, para tanto, o sistema de ensino tende a capacitar os agentes encarregados do ensino, uma inculcação homogênea. A reprodução social e, em consequência, cultural se dá de forma cíclica. Os professores, por exemplo, leem os mesmos manuais e têm as mesmas instruções pedagógicas, o que gera a manutenção e reprodução da ordem de ensino e da inculcação do arbitrário cultural dominante.

Essas duas proposições são suficientes para demonstrarmos que a oferta da Casa do Saber — que é a oferta de uma cultura legítima — e seus critérios de definição são dados de forma a reproduzir o valor dominante. Os professores que lá estão e servem de legitimação para a instituição vêm de instituições de ensino que seguem a mesma lógica de reprodução cultural, ou seja, reproduzem o conhecimento legitimado pelos agentes dominantes como tal. Dominantes da Academia, dominantes da mídia, personalidades da elite e detentores de capital econômico se misturam e colaboram para a reprodução cultural. Sabemos que a elite representa um percentual ínfimo frente à população brasileira em que a “legitimidade das classes dominantes é construída graças a múltiplas formas, valendo-se da utilização de recursos culturais e educacionais distintos das classes menos favorecidas” (CATTANI; KIELING, 2007, p. 183).

Tudo isso nos leva a ter dos nossos entrevistados, como resposta a perguntas como “O que você acha da proposta da Casa do Saber?”, “O que você acha dos cursos da Casa do Saber?” ou “O que você acha dos professores da Casa do Saber?” colocações como a da entrevistada 4, que se referiu ao professor como o “segundo amor de sua vida:

O professor é o segundo amor da minha vida (risos), lógico que nessa área, né, linda. Ele é excepcional, ele realmente transmite uma coisa muito linda pra gente. Pra mim pelo menos, eu saio daqui preenchida [...] Aqui eu

jogaria flores todas as aulas pro professor, gosto muito dele, acho ele dedicado ao que faz, acho que ele realmente veste a camisa pro que ele faz. Eu não tenho procuração nenhuma pra falar dele, mas é que ele realmente passa isso.

Já a aluna 9 se refere à proposta da instituição como algo fantástico, maravilhoso e brilhante e que “coincide com a realidade: “Acho isso fantástico, acho que eles tiveram uma ideia maravilhosa, brilhante. Acho que coincide com a realidade porque é um sucesso e foram audaciosos e conseguiram, tiveram êxito na proposta, com certeza. E também escolheram professores incríveis”.

Temos também a entrevistada 6, que aponta como a instituição entra em sua vida indicando a diferença entre as aulas da Casa do Saber, onde encontra maior liberdade para se expressar, e as da Academia, onde existe maior preocupação em analisar seus discursos.

E entra na minha vida como um espaço de, pensar, de questionar algumas coisas, mas é uma coisa, ao mesmo tempo é um relaxamento, porque eu não to ali pra produzir um trabalho, pra ter alguma... é, não tem assim, você vai se expressar e não tem certo e errado, tem uma certa liberdade. A liberdade é diferente, você está numa aula, às vezes você fica mais preocupado, né, o que você vai colocar, então é um lugar de estudo, mas é diferente da Universidade, eu acho. E de outros lugares também.

Já o entrevistado 7 deposita o valor da instituição em seus professores e nada mais:

Eu adoro, né? Agora, acho que o principal símbolo dessa casa, que eu acho de mais valor, acho que é a qualidade dos professores. Isso realmente... Todos eles, não tem um que não seja realmente, acho que são intelectuais de primeiríssima linha. E eu adoro ouvi-los. (risos) Acho muito bom!

Trazemos o discurso da aluna 5, que elogia a proposta da instituição e seus professores usando para qualificá-los o termo *pedigree* — usualmente colocado para fazer referência a cachorros e cavalos para dizer que eles vêm de determinada linhagem —, fazendo referência, provavelmente, à bagagem acadêmica destes. A aluna também faz referência a um

dos grandes diferenciais da Casa do Saber frente às instituições de ensino tradicionais, que é a ausência de critérios estipulados para o aluno.

Eu acho uma proposta muito legal, muito boa mesmo. Além de ser uma coisa dada por gente de muita competência, todos, né? Eu leio que quem está lá e é tudo gente com pedigree, né? E o espaço, só São Paulo né, eu ainda fui ver e poxa... São Paulo tem tanta coisa bacana, né? Essa oportunidade de você fazer um curso desse sem ter que passar pelos requisitos de uma academia é muito legal, é simplesmente ir lá e fazer. Não segrega se já tem curso superior, não, eu to interessada, eu quero aprender e existe um lugar pra isso, e com muita qualidade. No final é uma coisa que a gente consome mesmo, e conhecimento é pra ser consumido mesmo, não é? Isso não é menos porque eu chego lá no balcão e falo eu quero fazer tal curso e faço o cheque e pago. É legal.

Para finalizar, trazemos o discurso da aluna 13, uma decoradora, que pensamos representar muito bem como o aluno recebe a oferta da Casa do Saber:

O primeiro curso que fiz foi muito bom, esse também está sendo, e porque... é o que eu te disse, é bom pra fazer contatos, porque nesse primeiro tinha bastante gente da minha área. Nossa, eu me atualizei bastante a conheci também a Amália Franco, que tem uma casa de festas e me convidou pra alguns trabalhos. Conheci outras pessoas muito... muito legais através dela. Mas eu vim pra cá mesmo por causa do tema do curso, sempre tive curiosidade né, de conhecer, via bastante, né, conheço algumas pessoas... Colegas, né, amigas que frequentam há bastante tempo.

Como podemos perceber, a aluna coloca primeiro o capital relacional que a instituição oferece e depois se justifica tentando depositar o real motivo de sua frequência na instituição nos cursos que despertam seu interesse, mas a tentativa é em vão, pois a entrevistada rapidamente volta a falar das pessoas que conhece no local.

A aluna 2 também fala da possibilidade de encontrar pessoas ao se referir ao ambiente que a mesma proporciona. Ela diz: “Eu gosto muito do ambiente. Nos intervalos eu desço pra cá (o café), à noite eu tenho amigos que estão fazendo o ‘Grandes questões’ (curso), que por coincidência eu encontrei, o que é ótimo, né, essa possibilidade”.

Vemos, com esses discursos, como se dá a recepção do conhecimento e da cultura que são produzidos e reproduzidos pela instituição pesquisada. O valor é colocado no professor, o detentor da legitimidade, na liberdade que a instituição proporciona por não ser uma instituição de ensino “tradicional”, ou seja, não exige nada dos alunos, na possibilidade de capital relacional e, de forma mais geral, na qualidade dos cursos que oferece.

Constatamos como a instituição pesquisada fabrica e reproduz conhecimento legítimo e como os alunos o recebem a partir dos discursos dos produtores e reprodutores desse conhecimento. Tendo em mente que a todo momento essa reprodução é feita de forma cíclica, com a condescendência e participação (consciente ou não) de todos os agentes da Casa do Saber e, obviamente, incluindo a mídia, que, como vimos, se encarrega de transmitir a cultura dominante em larga escala, vamos agora para o último passo desta dissertação, que se concentrará em questionar e analisar como se dão as trocas simbólicas e materiais que acontecem na instituição, olhando para a dinâmica das estruturas sociais da Casa do Saber.

#### **4.3 Dinâmica das estruturas relacionais da Casa do Saber**

Durante toda a dissertação, falamos nas trocas existentes nas estruturas relacionais da Casa do Saber. O que faremos agora é listar todas essas dinâmicas de forma a poder olhar para um panorama em que teremos todos os participantes e suas buscas, seus troféus. Dessa maneira, pretendemos entender melhor como se dá a luta pela definição de cultura legítima que, como vimos é produzida e reproduzida pela instituição.

Poderemos analisar também como a mídia participa desse processo. Por todos os capítulos, apontamos a atuação da mídia nos processos de construção identitária e de valoração da cultura e do conhecimento. Vimos, no capítulo anterior, como a instituição usa a mídia a seu favor por meio de uma assessoria de imprensa, o que não classifica a divulgação da instituição como propaganda, mas também não pode se enquadrar como uma matéria jornalística, o que faz com que os alunos entrevistados entendam o que veem na mídia sobre a Casa do Saber como de interesse do veículo e não da instituição. Como esses aspectos abordados afetam a dinâmica das estruturas relacionais da instituição?

Já falamos aqui, por algumas vezes, sobre o conceito de capital em Pierre Bourdieu, em especial o de capital cultural. Nos variados campos sociais, agentes lutam pela detenção de capitais específicos que irá aproximá-los do poder, da dominação daquele campo específico. Bourdieu usa o termo *campo de poder* e entende por tal as relações de forças entre as posições sociais que garantem aos seus ocupantes um *quantum* significativo de força

social, ou seja, uma quantidade significativa de capital, o que possibilita que os agentes entrem nas lutas pelo monopólio, pela detenção do poder (BOURDIEU, 2007c, p. 29).

Vimos que o capital cultural é, talvez, a forma de capital de maior valor na instituição pesquisada. Vemos os proprietários enaltecendo o capital cultural de seus professores. Os funcionários em busca de professores com “alto teor” de capital cultural. Alunos em busca de capital cultural e a mídia divulgando o capital cultural que a instituição transmite, que os alunos buscam e que os professores possuem. Bourdieu, em seu texto *Os três estados do capital cultural* (1979, p. 11), afirma que o capital cultural é, antes de tudo, uma hipótese indispensável para dar conta das diferenças dos resultados escolares que advêm das diferenças nas classes sociais e frações de classe. O que já repetimos aqui é que essas diferenças ocorrem por conta do capital herdado, ou seja, da herança familiar. Já do capital adquirido, o título advém da conversão do capital econômico em capital cultural.

Tratando-se de capital econômico, podemos listar algumas trocas também nesse sentido. O professor da Casa do Saber, por exemplo, oferece para a instituição capital cultural e legitimidade acadêmica — como pudemos ver em diversos discursos apresentados (inclusive da mídia), os professores são a causa da legitimidade acadêmica da instituição, tendo seus currículos constantemente apresentados — e recebem capital econômico em troca.

Todos os sócios da Casa do Saber têm outras atividades, nenhum sócio tira um tostão da Casa do Saber. Todos os recursos da Casa do Saber são utilizados no próprio desenvolvimento da casa e também há concessão de bolsas a professores da rede municipal e estadual, que a gente tem um convênio, e também damos bolsas a alunos.

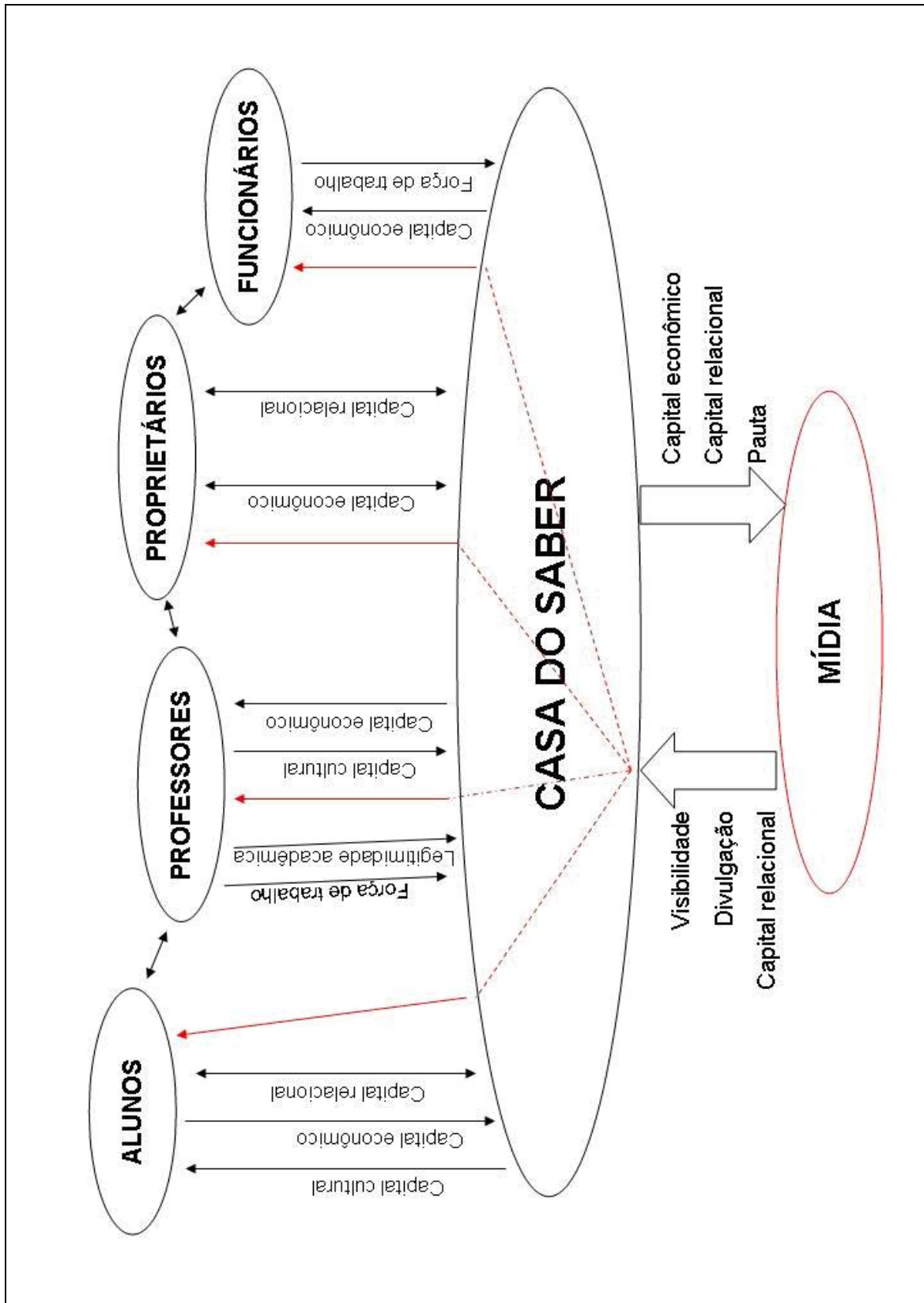
Acreditamos que, a partir do momento em que existe um investimento dos recursos, que existe o capital econômico, ou seja, que a instituição gera capital econômico. O que o proprietário está afirmando é que esse capital gerado é reinvestido na própria instituição. Sendo assim, existe o capital econômico que a instituição oferece aos proprietários.

Temos também a relação aluno/professor, que é recheada de trocas simbólicas, trocas de capital cultural e legitimidade acadêmica (professores) por capital social e relacional. Capital relacional que acreditamos configurar uma das buscas dos alunos na instituição, já que, naquele espaço o aluno sabe que existe a possibilidade de se relacionar com seus pares e, mais do que isso, com agentes da mídia.

Grande parte dessa dinâmica é intermediada pela mídia, como já exemplificamos em algumas oportunidades. Primeiro temos como proprietários da instituição agentes da mídia — uma atriz, um publicitário, um jornalista, um ex-ombudsman da *Folha de S. Paulo* etc. —, o que auxilia na docilização da mídia, ou seja, é um tipo de força, de capital relacional que apoia uma estadia tranquila e frequente do nome da instituição (e seus agentes, em consequência) na agenda midiática. Além disso, temos alguns professores que geram mídia espontânea sem muitos problemas e outros, legitimados na Academia, que estão ganhando espaço na mídia. No meio de tudo isso temos o aluno, que não declara a existência de interesse da instituição na mídia, porém lembra de artigos em jornais e revistas que citavam a instituição e, o mais importante, possuem discurso semelhante ao da mídia ao declararem seu amor, sua paixão por cultura e conhecimento. Temos, assim, a mídia no entremeio das relações e trocas existentes na Casa do Saber. Relações e trocas que em momento algum se dissociam dos efeitos da dominação. São resultado de lutas que reproduzem a cultura dominante, ou seja, a hegemonia das práticas culturais dominantes que são resultado da luta.

Segue quadro que representa as dinâmicas das estruturas relacionais na Casa do Saber. Nele estão representados os agentes da instituição (alunos, professores, funcionários e proprietários) que realizam trocas de capital entre si, com a instituição e, por meio da instituição, com a mídia. Todas as considerações já levantadas nesta subparte estão representadas no quadro com o qual fechamos nosso capítulo.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós nos propomos a estudar o consumo cultural e suas relações com a mídia a partir de um fenômeno institucional recente, porém de grande impacto nas relações sociais e midiáticas. No decorrer da pesquisa de campo, percebemos as diversas peculiaridades da instituição que nos serviu de objeto empírico de estudo. A Casa do Saber representa um espaço de relações sociais onde podemos perceber trocas simbólicas e materiais que se fundem nas relações midiáticas.

Nossas hipóteses iniciais sobre a instituição eram falseadas constantemente pelo contato empírico cada vez mais intenso com a Casa do Saber. O respeito ao objeto foi determinante para o sucesso deste trabalho. Aqueles que acompanharam a qualificação certamente perceberam que houve duas mudanças radicais em comparação primeiro trabalho apresentado anteriormente. Inicialmente houve uma reestrutura da dissertação que possibilitou melhor abordagem do objeto estudado. Segundo, uma mudança radical nos marcos teóricos de referência. Ao utilizarmos inicialmente um programa de pesquisa fundamentado nos conceitos, ideologias e métodos de pesquisa pós-modernos, tendo como principais referências Zygmund Bauman e Gilles Lipovetsky, percebemos ao longo de uma análise minuciosa do material coletado que a perspectiva hedonista, fluida, antiestrutural e subjetivista desses teóricos só era pertinente numa análise primeira e superficial do material empírico coletado no discurso dos agentes sociais envolvidos com a instituição. Vimos então que o uso dos conceitos do estruturalismo de Pierre Bourdieu — dominação, campo, *habitus*, capital e reprodução — que tanto retomamos e explicamos durante o texto que passou, que seríamos capazes de entender as relações sociais que circundavam nosso objeto de estudo.

Começamos afirmando que um estudo sobre a Casa do Saber e suas relações com a mídia se difere de um estudo do campo da educação pelo simples motivo de a instituição analisada não constituir uma “escola tradicional”. Como falamos algumas vezes, a Casa do Saber possui características específicas que a afasta de escolas do ensino fundamental e médio e até mesmo de faculdades e universidades. O ensino fundamental e o médio constituem obrigatoriedade do Estado, configurando uma necessidade para as estruturas sociais do campo econômico. Já a Casa do Saber não pretende oferecer cursos ligados à necessidades técnicas ou mesmo econômicas. Também não são cursos ligados à formação acadêmica ou profissional, ou seja, não respondem a órgãos fiscalizadores como, por exemplo, o MEC (Ministério da Educação) ou à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Ressaltamos que em ambos os casos — escolas tradicionais e escolas extra-acadêmicas — existe a produção e reprodução do conhecimento inculcado como legítimo. Nesse aspecto, as diferenças não são tão grandes. Já na relação das instituições com a mídia também vemos discrepâncias consideráveis. A Casa do Saber oferece, como colocamos no decorrer da dissertação, um consumo de bens culturais de luxo. Sua oferta está muito mais próxima da distinção e descontração do que das exigências de instituições de ensino tradicionais, públicas ou privadas. Os alunos não buscam diplomas e certificados, mas *status*, maquiagem cultural e ampliação de capital relacional.

Na primeira parte da dissertação, nos propomos a abordar a construção identitária e a valoração dos bens culturais a partir da análise dos discursos colhidos com os agentes frequentadores da Casa do Saber. Vimos que os alunos repetem diversas vezes a importância do estudo, do conhecimento e da cultura em suas vidas. Notamos que eles colocam o seu consumo num patamar de necessidade com a formação acadêmica tradicional e institucionalizada pela sociedade, camuflando, dessa maneira, seus reais interesses. Estes que perambulam desde a manutenção da posição no campo, por meio da aquisição de capital cultural e relacional, até a distinção pelo gosto, ou seja, apreciar a arte, a filosofia e a música. Por exemplo, fazem do agente alguém com determinado “dom”, uma aptidão culta que o difere dos demais agentes sociais.

Sem a observação participante, esses resultados não seriam os mesmos. Não teríamos condições de comparar o discurso com o agir do agente e seu contexto. Não poderíamos ver no discurso do agente o que estava por trás dele, na memória discursiva do aluno. Vimos que, por trás de todo o discurso que ressaltava a paixão pelo conhecimento, colocando-o como finalidade de vida ou motivo de felicidade, ocultava uma vontade de participar daquele acontecimento, estar junto com quem está na Casa do Saber, de fazer parte de algo único e diferente. Porém, este fator não era limitante. Vimos os alunos falando da importância de adquirir cultura como se fosse algo óbvio, como se uma vida sem cultura/conhecimento fosse menos qualificada, inferior.

O aluno nega estar consumindo um “conhecimento de luxo” e ao mesmo tempo manifesta a exclusividade do serviço. Por esse motivo, devemos destacar os paradoxos que a pesquisa revelou. Ao mesmo tempo que os alunos negam que estão consumindo conhecimento e cultura como um luxo, assumem a unicidade, a seleção que a instituição gera, ou seja, frequentar a Casa do Saber não é para qualquer um. Ela se apresenta para um público específico, a elite, detentora do conhecimento e da cultura legítima.

Paralelo ao desenvolvimento interno do campo social da Casa do Saber, a mídia, por sua vez, aponta o que consumir nesta instituição, aonde ir para se ter uma identidade culta e também o prestígio que essa identidade transfere para o seu consumidor. Ela mostra quem frequenta a instituição, valorando-os tanto quanto os serviços desta. Pesquisando o papel da mídia nos processos de construção identitária do agente da Casa do Saber, vimos como ela ressalta o atributo “culto” dos agentes e aponta uma necessidade de educação da elite.

Ao mesmo tempo, percebemos em algumas matérias que a mídia aponta a Casa do Saber como lugar de pessoas fúteis, o que acaba gerando no aluno a necessidade de negar a todo momento essas afirmações. Porém, os frequentadores acabam, muitas vezes, por concordar com o discurso da mídia ao assumir e exemplificar o comportamento de outros alunos que vão até a Casa do Saber com objetivo “menos nobre”, ou seja, não buscam conhecimento, mas relacionamento.

Contudo, o que percebemos é que, apesar de toda a valoração de uma busca transparente por conhecimento e cultura, pelo valor do culto, do belo e do admirável que o conhecimento de filosofia, artes, música etc. pode transferir, o que o aluno busca é o valor e o atributo identitário necessários para adquirir o capital adequado (capital cultural e relacional) e se incluir em determinado campo social.

Sendo assim, este estudo nos revelou que a motivação dos frequentadores da instituição não está na busca pela agregação pura e simples do capital cultural. Nos discursos sobre a ética contidos na análise do *corpus* discursivo de alunos, constata-se que o pertencimento à Casa do Saber revela a busca por uma agregação de símbolos, material polifônico discursivo, distinção e capital relacional. A busca do agente da Casa do Saber está relacionada com os atributos e a distinção social que o capital cultural pode trazer para ele e não o capital cultural em si. O consumo de bens culturais é apenas um meio para se atingir um objetivo maior e não o fim. É um meio de adequar a identidade do agente ao seu campo social.

A partir desses pontos, podemos concluir que na primeira parte de nosso estudo, onde nos propomos a olhar para questões como identidade, ética e consumo cultural na Casa do Saber, vimos que o consumo de bens culturais, assim como todo o consumo, material ou simbólico, define e classifica o agente. No caso dos agentes da Casa do Saber, esta definição e esta classificação estão estreitamente ligadas à distinção social pelo gosto, ou seja, o gosto pelas artes, pela filosofia, música, enfim, o gosto por uma “cultura legítima” concede ao agente capital necessário para que faça parte do jogo.

Já na segunda parte da dissertação, onde analisamos o papel da mídia nas relações sociais da instituição, nos propomos primeiramente a apontar os aspectos da produção midiática da Casa do Saber para posteriormente olhar para sua recepção. Percebemos que uma das singularidades da oferta de conhecimento realizada pela Casa do Saber em detrimento da formação escolar e acadêmica é o modo como os meios de comunicação conferem importância, valor e legitimidade de maneira destoante das demais instituições legítimas de ensino. Diferente da propaganda de escolas e faculdades particulares, a propaganda da Casa do Saber, como mostramos detalhadamente na dissertação, é fruto de uma estratégia de comunicação muito mais sofisticada e imperceptível, que remonta a um trabalho mais árduo de Assessoria de Imprensa do que de uma agência de publicidade. Estratégia esta que consideramos extremamente eficaz pelo estudo da análise de discurso dos alunos que revelaram não ter conhecimento de que a Casa do Saber investe e/ou tem interesse/necessidade de investir em divulgação e, algumas vezes, ressaltando o interesse da mídia em publicar matérias sobre a referida instituição.

Mediante uma análise empírica minuciosa feita com material discursivo dos agentes e com a observação participante, percebemos o funcionamento das estruturas sociais e da circulação do capital na Casa do Saber. Podemos concluir, após a investigação do capítulo 4, que essa instituição é reprodutora de uma cultura legítima e dominante e, paralelamente, reforça esta dominação de maneira ativa oferecendo e legitimando seus próprios cursos para a elite. Neste capítulo pudemos ver ainda que a mídia é mais do que pensávamos inicialmente. Ela não atua somente na glamorização dos bens culturais. A mídia permeia a instituição atuando na glamorização dos alunos, professores, funcionários e proprietários. A troca entre a instituição e a mídia é constante, o que nos faz concluir que, no espaço pesquisado, se relacionar com a mídia é uma força, é um tipo de capital.

O que não podemos deixar de abordar nestas considerações finais é o papel do professor na Casa do Saber. Toda a legitimidade do conhecimento transmitido pela instituição é transferida pelos professores. Eles estão nos discursos dos alunos, dos funcionários e do proprietário como o valor maior da instituição. Seus currículos são constantemente exibidos pela mídia, também agregando valor à instituição e seus cursos.

Todo esse estudo revela tramas de uma estrutura social desigual, que oferece conhecimento para os mais abastados, renovando sempre sua posição dominante. Não criticamos a iniciativa da instituição pesquisada. Sempre vamos considerar toda iniciativa de transmissão de conhecimento válida. Criticar essa iniciativa seria criticar toda e qualquer iniciativa parecida, incluindo as das escolas, faculdades e universidades de ensino mais

tradicional. Analisamos a busca dos agentes sociais nesta instituição e o papel glamorizador da mídia. E, quando falamos em papel glamorizador, não estamos apontando apenas para a mídia enaltecendo o consumo de bens culturais. Como pudemos perceber, todos os agentes são atingidos por essa visibilidade que a mídia proporciona, desde os alunos até os professores. Apresentamos a instituição pesquisada como um “espaço midiaticizado”, já que a mídia participa ativamente das trocas de capital existentes nas relações sociais presentes na instituição.

Chegamos ao fim de nossa apresentação tendo a certeza de que esta pesquisa pode ter continuidade. Sabendo que não esgotamos o assunto e que diversos outros trabalhos abordando o consumo de bens culturais e suas relações com a mídia ainda virão. Pretendemos olhar para este objeto, em um futuro próximo, fora da instituição que usamos como objeto empírico de estudo. Olhamos para o consumo de bens culturais a partir de um fenômeno frente aos diversos possíveis em nossa sociedade e gostaríamos de fazê-lo, em uma próxima oportunidade, de maneira mais abrangente.

Por fim, devemos esclarecer que os resultados de pesquisa aqui presentes só foram possíveis graças a uma orientação que ofereceu suporte teórico para analisar os fenômenos sociais, bem como os métodos e instrumentos para coletar os materiais necessários e analisá-los, tarefa primordial que define academicamente o “bom orientador” — “uma espécie de guia ou de treinador, que protege e incute confiança, que dá o exemplo e que corrige ao enunciar, *em situação*, os preceitos diretamente aplicados *ao caso particular*” (BOURDIEU, 2007c, p. 21).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2ª Ed., 2007.

BACCEGA, M.A. O campo da comunicação e os estudos de consciência verbal. In: **Revista Logos**. Rio de Janeiro: UERJ, v.III, n.4, 1996.

BACCEGA, M.A. O campo da comunicação. In: **Comunicação para o mercado: instituições, mercado, publicidade**. São Paulo: EDICON, 1995.

MARTÍN BARBERO, Jesus. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de. (Org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. Recepción de médios y consumo cultural: travesías. In: SUNKEL, Guillermo (Coord.). **El consumo cultural em América Latina: Construcción teórica y líneas de investigación**. 2. ed. ampliada y revisada. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2006.

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Orgs.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, Laan Mendes de. **Os meios ou as mediações: qual o objeto de estudo da comunicação?**. CD-ROM do XVII COMPÓS: São Paulo, 2008.

BARROS FILHO, Clóvis de et al. **Comunicação do eu: ética e solidão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARROS FILHO, Clóvis de (Org.). **Comunicação na polis: ensaios sobre mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ética e agir comunicativo: Identidade, verdade e eficácia**. São Paulo, 2007. Tese (Livre-docência)–Universidade de São Paulo.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_; DARBEL, Alain. **O amor pela arte**: os museus de arte na Europa e seu público. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007c.

\_\_\_\_\_. Los tres estados del capital cultural. **Sociológica**, UAM-Azcapotzalco, México, n. 5, 1979.

\_\_\_\_\_. **Lês structures sociales de l'économie**. Éditions du Seuil, 2000.

CAMPBELL, Collin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.



CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CASTARÈDE, Jean. **O luxo: os segredos dos produtos mais desejados do mundo**. São Paulo: Barcarolla, 2005.

CASTRO, Gisela. Nas tramas da rede: uma investigação das estratégias no consumo de música digital. In: **Cadernos de pesquisa ESPM**, ano II. N. 1 (jan./abr. 2006). São Paulo: ESPM, 2006.

CATTANI, Antonio David; KIELING, Francisco dos Santos. A escolarização das classes abastadas. In: **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 18, jun./dez. 2007.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DOUGLAS, Mary; Isherwood, Baron. **O mundo dos bens: antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 64.

ENNE, A. L. S. À perplexidade, a complexidade: caminhos para pensar a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, p. 11-29, 2006.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 1991.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**: Filosofia para os novos tempos. Tradução Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FREIRE FILHO, João. Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade. **Revista ECO-PÓS**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 6, n. 1 (jan., jul. 2006).

GREGOLIN, Maria do Rosário. Sentido, sujeito e memória: Com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Orgs.) **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. São Paulo: Claraluz, 2003.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidade. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, v. 4, n. 1, nov. 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERSCHMANN, Micael; Villaça Nízia. Entrevista com Everardo Rocha: Expansão dos estudos de consumo. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 9, n. 2, ago./dez. 2006.

HEY, Ana Paula; CATTANI, Afrânio Mendes. Bourdieu e a educação. **Revista Cult**, ano 11, n. 128, 2008.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker, 2005.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru-SP: Edusc, 2001.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4 ed. São Paulo: Summus, 2003.

LAGE, Nilton. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, Elyette. **O luxo eterno**: da idade do sagrado ao tempo das marcas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. Tradução Maria Lucia Machado. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, Maria Immacolata V. Comunicação: reflexões sobre seu estatuto disciplinar. **Revista USP**, São Paulo, n. 48, 2000-2001.

MAFEI, Maristela. **Assessoria de imprensa**: como se relacionar com a mídia. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAQUIAVEL. **O príncipe**. Tradução Antonio Caruccio-Caporale. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MARIN, Elizara Carolina. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, A. E. et al (Orgs). **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MATO, Daniel. Todas as indústrias são culturais: crítica à idéia de “indústrias culturais” e novas possibilidades de pesquisa. **Revista Matrizes**, ano 1, n. 2, abr. 2008. São Paulo: USP, 2008.

MACCRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo**. Tradução Fernanda Eugenio. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MILL, Stuart. **A liberdade/Utilitarismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PECHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 2006

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERUZZO, Cecília. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

REALE, Miguel. **Introdução a filosofia**. São Paulo Saraiva, 2002.

SANT'ANNA, Armando. **Propaganda: teoria, técnica e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

SIMÕES, Cassiano Ferreira. A publicity e a publicidade (para além da propaganda). **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 3, n. 6. São Paulo: ESPM, 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

THORNTON, Ricardo. **Grupos de discussão. Grupos focais. Metodologia**. Tradução Luciane D'Ávila de Moura, Leonardo Meira do Nascimento. Santa Maria: Famecos – UFSM, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

VÁSQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VILLAÇA, Nízia. Um lifting comunicacional: a semiologia do luxo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2005. Rio de Janeiro. **Anais XXVIII Intercom**. São Paulo: Intercom, 2005. CD-ROM.

WERNECK, Vera Rudge. **Cultura e valor**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

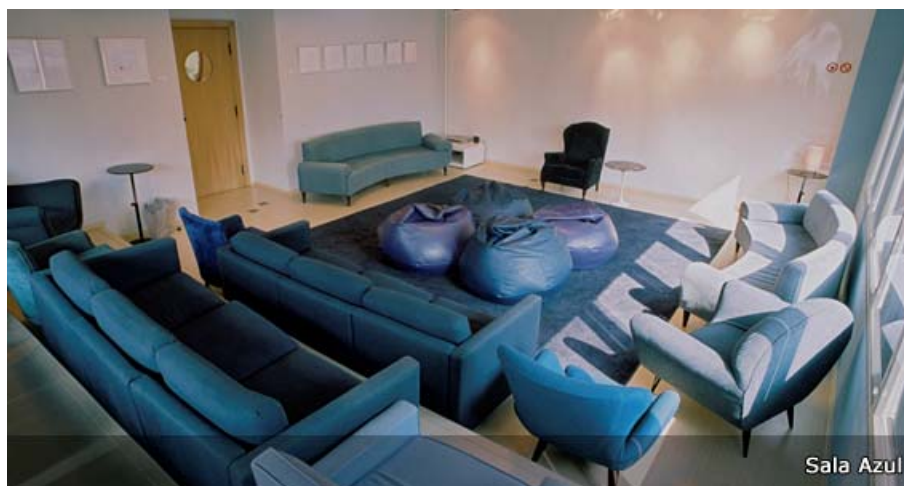
## ANEXO A – Imagens da Casa do Saber



**Foto 1- Auditório**



**Foto2- Sala Amarela**



**Foto3- Sala Azul**



**Foto 4- Sala Verde**

**ANEXO B – Transcrição das entrevistas****TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:****Aluna 1**

Vamos começar falando um pouco de você?

Sim eu sou psiquiatra e terapeuta. Sou de São Paulo, me formei na USP em 92 e desde então eu atendo. Sou casada e tenho uma filha de três anos. Gosto muito de me divertir mas o lazer fica mais no final de semana mesmo. É clube, livraria, não escapa muito disso, a casa da vó, por que hoje em dia envolve minha filha então é mais cinema, esporte mas sempre tem alguma atividade cultural assim envolvida.

Como você chegou até a Casa do Saber?

Eu cheguei através do meu marido. Eu tinha , na verdade, eu tinha um preconceito muito grande em relação a Casa do Saber. Não seria nobre né. Era preconceito mesmo. E ele sempre fez os cursos, ele trabalha no ABN né que tem alguma ligação lá com a Casa do Saber e ele adorava, falava mas eu não levava muito em consideração. Era fora do meio acadêmico. E aí ele pediu, pediu que eu fosse num curso do Clóvis com ele né. E aí eu fui e ainda na primeira aula mesmo eu pensei não, não é tudo isso (risos) e aí me rendi. Eu acho assim, que lá você tem uma garantia de bons professores, de um ensino de qualidade. Eles tem um compromisso. Foi por isso que eu achei melhor. Eles tem um compromisso de formação, então tá lá que quer ouvir, quem quer aprender mesmo e isso ajuda muito.

Quando você me fala que não achava que era um espaço nobre, o que você estava querendo dizer?

Porque, é o preconceito assim de você estar lá não por mérito, você pagou faz, acessível a qualquer pessoa, por isso eu acho que é uma coisa feia assim, eu sentia isso. No começo eu tinha vergonha de falar. Pra colegas por exemplo, psiquiatras eu tinha vergonha, hoje em dia eu chamo e alguns já fazem curso também (risos). Mas eu tinha vergonha.

Eu fiquei na USP até 97. Aí eu parei. Fiz especialização. E eu trabalhava, coordenava um projeto de pesquisa que era ligado a outras áreas da medicina e eu coordenava todos os tipos. Então eu tinha muito contato com tudo que tava acontecendo. Estudos novos, mas nunca me animei em estudar porque eu sei que não é o meu lugar assim, eu não gosto de dar aula, não é minha competência. Então eu ainda fiquei até, eu acho que eu fiquei até mais do que meu limite e aí depois eu saí e fiquei só no consultório. Claro, continuo estudando, continuo participando muito como ouvinte, não como atuante.

O que você busca hoje na casa do saber?



A mesma coisa. É sempre, toda vez que eu vou eu encontro isso assim, então é sempre a mesma coisa. E aumentar assim meu interesse mesmo pelas coisas, diversificar. Eu busco não um aprofundamento na verdade porque sempre eu saio de lá com vontade de estudar alguma coisa nova ou de fazer um link com alguma coisa da minha área, claro. Eu não tenho idéia de sair da psiquiatria mas eu faço uma ligação, acho que muito legal e acaba me ajudando, tanto na parte clínica quanto até na parte de atendimento de psicoterapia né porque acho que quando você quer aprofundar o melhor tem ali.

Eu não tenho muito interesse mesmo nas outras áreas (de cursos da casa do saber) né, mas tenho certeza de que se eu fosse fazer um curso seria um bom curso. Eu vejo pelas pessoas que dão aula, são pessoas muito boas né, reconhecidamente boas. Então isso garante a qualidade. Acho que a Casa do Saber tem essa coisa, é difícil você assistir uma aula e alguém falar que a aula é ruim. Pode não ser o estilo de aula que você goste, pode ser uma aula mais parada, pode ser... Mas, conteúdo vai ter, eu tenho essa sensação apesar de eu não ter interesse nessas outras áreas.

Eu acho que a casa cumpre com seu propósito, assim, acima das expectativas porque é um aumento assim, uma progressão que eu acho que eles mesmos não esperavam. Eu acho que a Casa do Saber ajuda a concentrar o conhecimento um pouco porque não é uma coisa super acessível, mas também não é totalmente inacessível. É como multa se for muito alta você não paga se for muito baixa perde o sentido. Eu acho que tem um valor que as pessoas, as vezes até fazem um sacrifício, falando financeiramente, e eu já conversei com pessoas lá que falavam assim, ah é uma coisa tão boa que eu prefiro comprar um vestido a menos e vir aqui, era uma pessoa que, sei lá, ela fez essa ligação né pra dizer que valia a pena então mesmo no caso dela, na cabeça dela é um sacrifício e ela ia entendeu? E como, claro, a maioria das pessoas se eu não me engano, pagariam um valor ainda muito maior até pelo contato das pessoas né, tem pessoas que se relacionam nesse meio, mas eu vejo cada vez mais gente chegando sabe, e fazendo sacrifícios.

Imagino que essas pessoas que chegam, no caso do meu marido, ele está lá por causa do Clóvis, e muitos professores, eles acabam dando aula nos meios corporativos né, e isso eu acho que ajuda a divulgar por que aí cara quer mostrar pra família e vai indo pouco a pouco.

Quando eu chego cedo eu aproveito tudo lá. Dá pra sentar, ler alguma coisa, tomar um café. Mas eu não vou mais cedo por isso. Se chego méis cedo eu aproveito. A minha intenção é adquirir conhecimento. Acho que a Casa do Saber está “difusionando” cultura. Eu acho que lá tem gente de todo tipo, assim, gente que busca cultura, ali já conversei com gente que busca conhecer alguém, que busca sair de casa porque tá cheio, eu já conversei com pessoas de

todos os tipos. Mas assim eu acho que hoje em dia a maioria que eu tenho conversado tá buscando cultura. Eu acho que estamos indo por um caminho, a meu ver, mais rápido pra você entender certas coisas, mudar né, o tédio toma conta da vida, acho que de todo mundo, as pessoas trabalham muito e acabam se vendo numa rotina e é como se desse uma quebrada, uma vez por semana tem uma função até terapêutica né, muita gente fala ah eu tô fazendo terapia lá. Tem essa função de dar uma quebrada e com uma coisa que é socialmente bem vista né, porque ah tô estudando, adquirindo cultura, é melhor do que outra coisa. Eu sinto assim.

O que você quer dizer com “socialmente bem visto”?

Ah, pega bem né. É... você falar que está estudando. Eu vejo muito assim, as pessoas gostam de falar. Ou que fizeram o curso tal e aprenderam isso. Eu acho que não só na Casa do Saber mas em qualquer lugar, mas tem muita gente lá que é por ser na Casa do Saber, é uma grife. Tem um glamour ali.

Eu acho que, se fossem outras pessoas por trás da Casa,, não ia aparecer tanto. Eu imagino isso né. Eu acho que o mercado está aquecido pra isso, e é uma questão de mercado, não de interesse de divulgar conhecimento, eu vejo como uma questão de mercado e eles fazem bem. Eu não os conheço, tenho amigos que são amigos deles, mas eu pessoalmente não conheço.

O primeiro curso que eu fiz foi no fim de 2006. Meu marido tá a mais tempo, tá lá desde o início eu acho, tem uns três anos, mas o meu primeiro curso foi no segundo semestre de 2006. Mas desde então eu não parei, todos os cursos na área de filosofia e todos com o Clóvis. Os cursos deles mudam bastante, claro que sempre tem coisa que repete, porque você vai ver Platão em relação ao desejo, em relação a história da filosofia aí tem coisas que se repetem né. Tem assunto pra tudo.

Agora eu não acho que tenha outras instituições como a Casa do Saber. Uma vez até eu recebi um email que eu achei que era alguma coisa parecida, agora não me lembro o nome, eu até comentei com o Clóvis, mas era, depois eu fui ver e era pra área só de ciências, uma coisa focada a neurociências então quando eu recebi o email eu achei que era parecido com a Casa mas depois era assim uma propaganda boa, o que não é comum na medicina, e aí eu fui ver e era só focado em medicina não era a mesma proposta da casa do saber. Agora eu acho que isso abre sem dúvida pra concorrência e que vai ser bem vinda porque com a concorrência diminui o preço e tal. Isso sem dúvida. Tem uma que é o universo do saber, não sei tem uma que eu acho que é outro nível assim.

Mas quando eu tô na Casa do Saber eu.... bom não me sinto em casa, em casa não né, mas eu prefiro a aula quando é naquelas salas do que no auditório, o anfiteatro lá em cima, eu prefiro,

é mais por causa do conforto mas me sentir em casa não. Au acho que aí envolve esse glamour né, na decoração, talvez se pareça com a casa das pessoas, ou o vinho, ou sei lá, mas pra mim isso não pega muito. Nos intervalos eu fico sentada, tomo um café, as pessoas que vem me procurar pra conversar. Mesmo essa questão do vinho, né, eu não sei, acho que tem gente que vai lá também pelo vinho e essa coisa toda. Mas eu acho meio sem medida né porque eu sei o que eu vou buscar e lá é a aula mesmo, e é o que eu te falei tem muita gente que vai buscar fazer amizade, conhecer gente legal né, o que é gente legal? Gente então que tenha dinheiro, sei lá.

Outro dia eu voltei do intervalo e tinham três senhoras assim mais velhas que eu, e elas tinham tomado vinho então elas voltaram do intervalo assim meio alegres. Isso é outra coisa né, a segunda parte da aula é sempre mais agitada do que a primeira, não acho que seja só pelo vinho, as vezes o professor também deixa o melhor pro final, mas é diferente da primeira parte da aula. E aí elas estavam falando assim, ai tem pouco homem nesse curso né, que não sei o que, ah porque eu falei do Aprender a Viver e esse curso que eu to fazendo agora, das grandes questões, aí elas perguntaram se no aprender a viver tinha mais homens, aí eu falei, eu não sei né, num contei, num reparei. Mas a preocupação delas era essa, eram três senhoras, queriam conhecer alguém e tal, e eu acho que depois do vinho isso aparece mais (risos) acho que é legal você fazer as entrevistas depois do intervalo (muitos risos).

Voltando a falar sério, assim, pra mim não substitui, não é uma troca que eu sai do meio acadêmico pra isso, não substitui a proposta é totalmente diferente mesmo até porque eu to indo fora da minha área mas que ajuda na minha área a aprofundar, mas eu nunca encarei como um meio científico assim. Não pela qualidade dos professores, nada disso, mas pela proposta mesmo né. Você vai estudar a história da filosofia em seis aulas, isso é pra te plantar uma sementinha de curiosidade, é isso que eu penso. Temas super abrangentes né, num espaço curto e a partir de lá você recebe uma bibliografia e você pode aprofundar. Eu já fiz cursos na minha área, mas eu queria uma coisa nova mesmo, e eu gosto disso. Eu fiz uma especialização em mitologia na PUC, fui, fiz né, ganhei certificado e tudo mas não me acrescentou mais pro causa disso, eu não sou muito preocupada com isso mesmo, por isso eu saí do meio acadêmico sem grandes problemas. As vezes me questiono? Me questiono porque eu sinto falta de um contato méis freqüente com todas as pessoas que estão na minha área né, não é a mesma coisa, mesmo quando você sai.

Me fala mais sobre o preconceito que você tinha falado...

Eu acho que ainda existe porque vira e mexe eu to chamando as pessoas e eu sinto. E quando eu falo que eu tinha preconceito e hoje em dia não tenho a pessoa se sente mais a vontade pra

ir. São mais psiquiatras mesmo que eu falo, eles acham que não vai acrescentar em nada, eles encaram como uma aula show. Até teve uma aula show, essa aula teatral né que eu levei dois amigos psiquiatras mas é que infelizmente o teatro não foi bom, era tipo O Banquete. Eu pelo menos não gostei, me falaram que as críticas foram boas mas eu não gostei dos atores eu achei ruins, depois tinha uma explicação do Clóvis de meia hora que foi boa. E aí eu consegui levar dois que tinham receio, mas não foi muito legal, eu achei, mas eles gostaram. E ainda comentei, pro que eu to acostumada lá na casa do saber não foi tão bom, e eles acharam ótimo.

Acho que é bem isso que posso te falar.

Ok, está ótimo.

## PARTE II

Eu acho que pega bem ter alguém que está fazendo mestrado sobre eles. Por que eles tem professores do mundo acadêmico e você vai apresentar o seu mestrado no mundo acadêmico. Pra eles isso é uma honra. Deveria ser e eu acho que é.

Até por causa desse preconceito, os professores precisam sobreviver, professor ganha mal, assim, qual o pecado né? Como o médico, se eu for trabalhar só no convenio eu vou ganhar 10 reais ou nem isso a consulta, a realidade é essa você não sustenta uma casa com isso, e professor também. Agora, qual o problema de ser num lugar como a Casa do Saber? Ah, você é ruim? Ah você se prostituiu? A aula perde o valor? Essa é a questão.

Eu acho que as aulas tem profundidade, até uma senhora que fez o último curso do Aprender a viver, ela saiu comigo e falou assim, agora eu vou dar um tempo do Clóvis, porque é muito bom, ele é excelente mas as vezes me pega tão profundamente que eu tenho que fazer um intervalo pra repensar em tudo, e era uma senhora. Que ela até pediu, o meu marido grava, pediu um CD do curso pra dar pra filha, que a filha tem vinte e poucos anos. Um curso que é sobre um livro, se ela lesse o livro não ia aprofundar, por que o livro é chato. Eu li, como era uma aula pra cada capítulo eu li um capítulo por semana, mas era um sacrifício a leitura, o curso não. E essa senhora falou, eu adoro mas eu vou fazer um intervalo depois eu volto.

Eu, assim, não dá tempo de ler a bibliografia do curso. Eu fico com muita vontade mas não dá tempo. Porque aí, assim, é muita coisa da minha área que eu tento acompanhar, eu gostaria de ler a bibliografia mas não dá.

Você sabia que a casa do saber reserva 5% das vagas nos cursos pra professores da rede pública e alunos de graduação?

Não, não sabia. Mas eles divulgam isso?

Está no site.

Então eles fazem isso por que é politicamente correto né. Eles não se divulgam muito. Quando eu soube da casa, eu tenho um amigo que é advogado e que é amigo acho que do Mário Vítor, não sei, eu lembro que me convidou pra ir aí me falaram ah a Maria Fernanda Cândido, e eu fiquei que lugar é esse? Né, ah não, vai que você vai se sentir em casa, vai ter aula num pufe e vai tomar um vinho, e isso que gerou preconceito até da minha parte, ah ficar em casa eu fico na minha casa. Então eu acho que isso até depôs contra eles. Mas é isso, eles não sabem se divulgar, eles não se importam com isso.

Ah, e eles vão abrir uma no shopping cidade jardim né, saiu na vejinha uma três semanas atrás. Bom, mas sobre o preconceito hoje ele está mais distante. Mas tem muito haver com essa questão como foi colocado, ah vai tomar o vinho e ouvi alguém interessante falando, meu... pra mim hoje em dia tem uma conotação de aula mesmo. Eu vou lá não é pra assistir um show eu vou ter aula, eu me sinto tendo aula. Não é também uma coisa que não me distrai, claro que distrai mas eu não vou lá pra me divertir.

### PARTE III (já de pé)

(...) engraçado a propaganda que eu faço eu falo vai você vai se divertir, por que se eu falo pra um paciente vai estudar ele vai falar: ah ta louca? Então é assim.

Ah e tem algumas pessoas que se negam a ver o sucesso, não tem como negar, não é?

É isso mesmo.

Menina e eu tinha uma vergonha em relação até ao professor, no primeiro curso. Como os professores são do meio acadêmico são da USP, de onde eu era, eu tinha vergonha de ta lá por que a pessoa ia falar assim, não os alunos que estão aqui não são nobres, não são bons, eu tinha isso assim, daí eu falei não nem quero que os professores... o que vão pensar de mim porque eu to aqui? Agora eu acho que não porque o Clóvis sempre fala que ele gosta de dar aula lá.

Uma curiosidade minha, sobre as perguntas que os alunos fazem na aula...

Atrapalha. Atrapalha muito porque você paga pra ouvir o cara né, não pra escutar as perguntas dos outros que geralmente são... as vezes a pessoa quer se aparecer, ou mostrar um conhecimento que agente sabe que não tem. É difícil uma pergunta que acrescente. Até tem né, falando que não deve fazer perguntas mas ninguém respeita.

Bom, obrigada eu percebi que você tem horário. Foi muito bom, muito obrigada.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

### Aluna 2

Você me fala um pouco sobre o que você faz?

Eu faço doutorado em psicologia da educação na PUC, sou formada em administração mas sempre trabalhei com o ensino em administração. Daí acabei indo fazer mestrado e doutorado na área de educação na área de psicologia. Eu trabalho como pesquisadora na fundação Carlos Chagas e aí tem um outro trabalho paralelo que é na área de estética, que não tem nada a ver com o resto.

Como você ficou sabendo da Casa do Saber?

Na realidade foi assim, o Washington (padrasto) me trouxe um catálogo da Casa do Saber e falou que queria conhecer esse lugar. Ai eu já tinha ouvido falar e falei ah não, mas lá é curso livre, acho que lá deve ser mais diversão, você não vai encontrar aquilo que você ta procurando que é estudar filosofia, vamos procurar a Palas Athenas que é um outro lugar. Aí a gente foi lá fez um curso, foi um amigo meu também que conhecia o espaço e fomos fazer. E aí ele falou mas poxa já que a gente veio aqui vamos lá na casa do saber pra conhecer, vai ter um curso de felicidade, um de grandes questões aí eu falei ah, vamos, por mim tudo bem assim, não era muito a minha vontade mas, até porque eu tinha um pouquinho de preconceito achava que era uma coisa pra todo mundo e tudo que é pra todo mundo não é pra ninguém especificamente. Aí tinha um curso que era do Luc Ferry que era do Clóvis, ah e eu já conhecia o Clóvis da Eca, tinha tido uma palestra dele e tinha lido o livro da Polis, Comunicação na Polis, aí o que aconteceu foi que eu achei super interessante a proposta e também era um livro que eu já tinha lido que era do Luc Ferry que na educação apesar dele não ser tão conhecido, como ele era ministro na França sempre atrai o pessoal que ta ligado a educação. Aí eu falei ah vamos, os meus horários são bem flexíveis, porque como eu sou bolsista e só cumpro 20h na fundação não tenho aperto de horário. Aí eu falei ah eu vou e eu gostei muito, assim o primeiro curso que eu fiz foi o aprender a viver e eu gostei muito, gosto muito do jeito do Clóvis, acho que ele tem muita coisa pra gente que ta em sala de aula pra dar uma modelada.

Me fala mais sobre o preconceito?

Imagina, eu venho de uma instituição que a PUC o pessoal é... se há um ramo ortodoxo no mundo é a PUC e imagina né, lá eu brinco, eu falo assim ah eu vou pra Casa do Saber estudar, aprender o que eu não aprendi aqui, brinco com elas porque elas acham que é feito pra todo mundo, é meio que o baralhão sabe, joga todo mundo aqui dentro, se aprender aprendeu, nada

é muito aprofundado, mas é como em todo lugar, se você quiser você se aprofunda. Aí eu tinha mesmo um pouco de preconceito, achava que era caro, aí nossa x reais por seis aulas, achava que era um pouco de exagero, falava aí você deve pagar o luxo, aquela estrutura, eu achava assim, falava que o pessoal vai lá pra gastar tempo, e não é bem assim, tem muita coisa interessante. Eu particularmente o curso de felicidade eu não gostei tanto, eu tinha feito um outro curso lá na Palas Athenas, mas esses outros que eu to fazendo eu to gostando, eu aproveitei também um semestre que ta folgado pra mim, passou a minha qualificação então posso me dedicar a qualquer coisa e isso é legal. Aí eu acho que esse preconceito ele foi diluído com o convívio, você encontra pessoas super interessantes aqui. O curso que eu faço a noite de quarta feira nossa é um público bem variado. Esse de meio dia é claro, é um outro tipo de público, mas a noite você tem uma diversidade maior de pessoas mais interessantes.

Me fala mais sobre “pagar pelo luxo”?

É eu achava né, com as acomodações, *coffee break* que eles fazem, falava assim eu acho que esse pessoal vai lá mesmo pra gastar o tempo. Falar que ta fazendo alguma coisa, estudando alguma coisa. Eu tinha uma idéia de como era porque tenho uma amiga que faz um de arte e ela me falava ah lá é legal, o pessoal acaba, entra bebe alguma coisa, não tem compromisso, é uma coisa mais *for fun*. Aí agora eu venho aqui e acho que ta tudo um pouco sabe, relaxar porque é um espaço super agradável e também estudar porque é claro que eu não vou sair daqui filosofando mas se eu quiser me aprofundar eu vou por um caminho ou por outro, dá um, não sei acho que permite que você procure depois se aprofundar. aí olha, eu tento ler o que o professor fala, alguns eu li, principalmente os que são voltados a assuntos da minha área. A maior parte eu comprei e ta lá encostadinho mas eu pretendo ler tudo.

Aí assim, o que eu aprendo aqui eu uso mais pra vida porque no meu trabalho né, eu estudo psicologia aí pega um pouco apesar da psicologia ter a raiz na filosofia ainda não achei uma aplicação, mas no meu dia a dia eu uso, eu to começando a ler mais coisas de filosofia e ta muito legal.

Você já viu alguma coisa na mídia sobre a Casa do Saber?

Eu li uma reportagem na revista da TAM, eu vi uma reportagem que passou na televisão sobre a Casa do Saber logo que inaugurou, as primeiras aulas de teatro aula me atraíram muito mas é que o horário é ruim pra mim então foram essas coisas que eu vi na mídia, mas assim o meu primeiro contato com o programa de curso essas coisas foi o Washington que trouxe pra mim, eu nunca tive a curiosidade de entrar no site, se eu não recebesse a brochura não ia estar aqui.

Ah, você recebeu a brochura?

Sim, chegou na minha casa.

O que você acha do conhecimento que adquire aqui?

Olha, lá na PUC é uma coisa mais formal né, to terminando e vou ter um título. Aqui é informal né mas tem suas contribuições. Se você se aprofundar, nossa, a bibliografia que o próprio Clóvis trouxe, tem Spinoza, tem Descartes, um monte de coisa boa que dá pra trabalhar. Aqui olha, eu fiz dois cursos do Clovis e fiz um que, era o de felicidade que eu tinha minhas expectativas gigantes mas aí eu achei que ficou uma lacuna porque ele falou, falou mas só pra psicanalistas, achei que não foi pra todo mundo apesar de que na minha área eu não tive grandes problemas mas foi assim, eu acabei trazendo outros amigos que não eram dá área então já viu né? Bom, e agora eu vou começar um sobre religião que eu também gosto muito.

Mas olha só, quando eu convido meus amigos da PUC pra vir aqui ou falo que venho eles falam pra eu arranjar alguma coisa pra fazer. Falam assim olha, tudo bem que você ta no final da sua tese, você pode fazer o que quer, não alguns acham legais alguns temas né, quando eu falo que vou fazer um curso de felicidade, um curso de aprender a viver eles acham interessante a proposta mas não sei se arriscariam. Esses que eu trouxe pro curso de felicidade nenhum é de lá, não consegui ainda. E eu aqui, eu poxa uso muito a livraria, o café, eu gosto muito do ambiente. Nos intervalos eu desço pra cá, a noite eu tenho amigos que estão fazendo o grandes questões que por coincidência eu encontrei alguns por coincidência porque nenhum contou que tava fazendo, foi tão engraçado porque eu encontrei o marido de uma amiga que virou meu amigo também e ele você aqui? E eu, você aqui? Agente não sabia mesmo um do outro. mas assim eu geralmente desço, uso a livraria, é que intervalo é muito cheio de gente a noite, a noite assim aquele espaço de cima é muito pequeno, talvez se fosse um andar por turma, ai eu não gosto daquela sala dois, fica muito com cara de sala de aula, de escola e eu não to querendo isso até porque eu já vejo muita sala de aula. Na Palas Athenas mesmo não parece com aqui, é mais sala de aula mesmo, tem um auditório mas é muito interessante, é outra proposta, tem uns professores da PUC, de filosofia, são pessoas muito conceituadas na área, um pessoal mais antigo assim, é uma aula mais no molde sofista sabe, só que tem mais espaço pra troca, o pessoal lá conversa mais, ah e tem um material didático lá excelente, um material que o próprio professor fez, uma apostila que é muito bem escrita, bem feita mesmo. Aqui não sei, não seria uma coisa importante, lá não é um material que se um dia você precisar pra desenvolver sei lá, por exemplo, esse meu amigo que fez o curso de felicidade, ele dentro da clinica ele tem um espaço em que ele dá aula, pros funcionários, pros amigos de diferentes assuntos. Então ele ta reproduzindo o curso de felicidade lá, ele usa todo o material da Palas Athenas, ele criou um espaço, uma sala como essa sala número três aqui com sofá e



tal e é super divertido. O que você tem de material aqui não te dá subsidio pra se você quiser pesquisar. É outra proposta mesmo.

(O padrasto chama para almoçar)

Só pra finalizar então, o que voce sabe das pessoas que criaram esses espaço?

Ah, sei o que a mídia fala né, o Ponde que é professor da USP, a Maria Fernanda Cândido que acho que é a grande mídia né, foi a mídia inicial, acho que a família Diniz também ta envolvida no projeto, não sei em que grau, mas assim, pra mim não faz diferença. Claro que se fosse a Marilena Chauí ia trazer um peso né? (risos)

E se fossem pessoas desconhecidas?

Eu acho que não tem nada a ver. Claro que se você colocar Marilena Chauí que é um nome mega estrelado ia ser outra coisa né. Eu acho que aqui ta muito associado a USP. Agora que vamos finalizar posso fazer uma sugestão? (risos) eu acho que tinham que ter espaços de interlocução nas aulas, em todas as aulas que eu assisti aqui, todas elas são muito fechadinhas no molde de sei lá o que. Imagina um curso de felicidade, primeiro felicidade é a coisa mais abstrata desse mundo, o cara só falar e deixar 5 minutos pra perguntar, o povo saiu daqui entalado com várias perguntas e não tem espaço. É isso.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

### Aluno 3

Vamos começar falando um pouco do senhor?

Bom, meu nome é XXX XX, eu tenho 80 anos de idade, sou médico, mas já aposentado. Minha vida profissional começou em 1952, eu me formei em 52 e exerci a profissão durante uns 46 anos. Então me formei em 1952, fiz um concurso na policia militar, mas na área médica né, e me tornei um oficial dentro da polícia militar médico. Fiquei 25 anos como medico da policia militar e me aposentei no posto de tenente coronel médico da policia militar. Além dessa área que eu trabalhei lá eu também cheguei a construir, primeiro eu construí um hospital, depois construí mais um hospital, depois mais um hospital e depois mais um hospital, foram quatro. Com sociedade, com outros médicos né, e você sabe, eu vendi todos os hospitais, vendi todos, de maneira que nessa área também no começo eu alugava os hospitais, depois os próprios inquilinos foram querendo comprar e acabaram comprando. Então, atualmente como eu to aposentado, então não faço nada, eu resolvi estudar. Eu gosto de estudar filosofia, estou aqui na Casa do Saber aqui fazendo com o professor Clóvis, estou também estudando na área da filosofia ali na Palas Atenas que tem um professor lá muito bom o professor Basílio que ta dando uma aula sobre filosofia também muito bom. Estou estudando conscienciologia e projeciologia eu não sei se você conhece, mas é um estudo pra se projetar fora do corpo, sair do corpo. Isso é uma área que foi muito ligada a... O professor que criou isso chama Valdo Vieira, ele estudou muito o espiritismo depois quis colocar na parte científica dentro do espiritismo. Então ele estudou muito projeção fora do corpo, a outra dimensão, estudou o retorno desse estado a consciência, é a projeção da consciência. Eu to há dois anos lá e não consegui ainda sair do corpo. Estudei, já fiz muitos exercícios, mas não consegui sair do corpo. Uma vez eu consegui sair até aqui (colocou as mãos um pouco afastadas do peito) senti que eu tava bem junto ao corpo. Aí eu consegui ficar assim uns dez minutos numa situação dessa. Aí eu faço muitos cursos nessa área também. O que mais que eu faço? Eu gosto de academia, faço ginástica, gosto muito de artes marciais, embora tenha 80 anos eu gosto de briga, de luta e gosto de viajar, viajo bastante pro exterior, pra Europa, Estados Unidos e gosto de namorar, também gosto mesmo na minha idade e, o que mais? Vou muito a teatro, restaurantes de maneira que minha vida no momento, minha saúde está boa aos 80 anos é cheio de doença né, mas eu consegui ter uma saúde relativamente boa, de maneira que eu to por aqui, to estudando agora.

Eu tinha hospital né, e no hospital eu fazia cirurgia geral, obstetrícia, ginecologia, ortopedia, clínica médica, fazia tudo né porque no hospital não podia ter uma especialidade, eu tocava o hospital. Eu cheguei a ter os quatro hospitais juntos, de maneira que eu corria, começava sete da manhã e ia até 10 da noite pra poder cobrir os quatro hospitais. É isso, trabalhei muito e agora eu estudo.

O senhor está aqui fazendo cursos na Casa do Saber a quanto tempo?

Nós começamos há pouco tempo sabe. Acho que faz um mês ou dois, por aí.

Só fez curso do professor Clóvis?

É, o professor Clóvis eu fiquei conhecendo aqui. Foi a primeira vez, achei que é um ótimo professor, eu acho que a aula dele é um verdadeiro show. Eu presto muita atenção e gosto muito, tanto é que eu vou marcar com ele uma entrevista pessoal pra mim pra fazer algumas perguntas, esclarecer algumas coisas que eu tenho dúvida ainda. Eu vou marcar com ele sim.

Agora marcamos uma outra aula sobre... Camila, vem cá um pouquinho, como é que chama a outra aula que nos vamos fazer as quintas feiras?

Camila: é, Seis caminhos para o divino.

É isso, nós vamos fazer esse outro curso também.

Como o senhor ficou sabendo da Casa do Saber?

A Camila pesquisa muito sobre isso né, ela sabia da Casa do Saber, uma vez ela trouxe um programa, aquele folheto com todas as aulas, e as aulas achei interessantíssimo e aí resolvemos conhecer aqui e estamos estudando. Foi aquele livrinho que tem todos os cursos, horários.

O que o senhor busca aqui na Casa do Saber?

Olha a filosofia pra mim, por que eu estudei já muito psicologia e eu achei que filosofia é uma forma de conhecer melhor o próprio ser humano e conhecer o universo. É verdade que tem várias maneiras de pensar de vários filósofos, cada um pensa de um jeito e a gente depois pra ter um conceito próprio de tudo isso. Você estuda um, estuda outro e outro e depois você fala bom, como é mesmo pra mim que serve mais, pra ter uma posição durante essa vida? Então eu gosto muito de estudar filosofia que me trouxe alguns conhecimentos a mais sobre a vida. Pra mim conhecer a vida é muito importante pra gente se sentir bem não só agora mais como eu já to a caminho pra outra dimensão, to mais próximo, estudar filosofia ficou mais interessante ainda pra mim.

Eu me sinto muito bem aqui. Eu presto muita atenção na aula, gosto de ler os livros, gosto da aula, tomo nota das aulas, depois eu releio o que eu escrevi e gostaria até que tivesse uma apostila sobre as aulas que ele dá, não tem né? Porque ele manda ler os livros, mas os livros, é

meio complexo né. Eu costumo ler o livro um pouco antes da aula e depois leio de novo outra vez. Só que como o livro, faço muita coisa então tenho pouco tempo pra ler esses livros então eu procuro ler assim nos intervalos, mas a filosofia eu preciso ler melhor com mais calma, pensar um pouco mais, ser mais calmo né.

Eu gosto muito de espiritualidade. Eu to estudando como te falei conscienciologia e projecologia pra ver se eu consigo conhecer outras dimensões desse universo, porque de acordo com a conscienciologia a pessoa que conhece só essa terceira dimensão é uma pessoa muito fraca perante a existência, eles acham que nós temos que conhecer todas as dimensões, conhecer e ter experiência porque aí você vai ver que essa vida é diferente, é um pouco diferente, você pensa um pouco diferente sobre essa própria vida. Você sabe que aqui nós estamos tudo de passagem né, tudo em transito, é uma viagem constante, então se você conhecer melhor o que é essa vida você vai ter uma vida mais tranqüila né.

Lá na Palas Athenas tem vários assuntos e professores como aqui de maneira que se você conhecer lá você vai gostar muito viu, vai lá que você vai gostar. Aqui eu venho hoje (terça 12h), quarta a noite que ele vai falar sobre a morte, agora ele ta falando sobre filosofia né, amanhã a noite ele fala sobre a morte agora, atualmente, então nós estamos fazendo dois cursos aqui, terça e quarta. Eu pago aqui os cursos separados, não pago tudo de uma vez não que nem tem um cartão aqui. Aí no segundo semestre me parece que tem algumas aulas que nos vamos fazer, estou estudando pra dar prosseguimento né. Eu acho que aqui é um conhecimento próprio que se eu puder transmitir pra outras pessoas que eu conheço eu vou transmitir, mas eu não quero ser professor de grupos u de escolas, isso eu não pretendo.

Mas aqui olha eu chego, gosto de ver os livros eu tomo café, lá em cima na sala de aula eu gosto de sentar sempre num lugar confortável, mais próximo do professor pra ouvir melhor. Eu acho as salas excelentes, você sabe de uma coisa? Passo duas horas aqui e nem sinto que passa duas horas, é confortável onde eu estou sentado, a proximidade, a aula dele (do Clóvis) é muito interessante. Ele dá um verdadeiro show de aula de maneira que a cultura dele é fabulosa, eu admiro a sabedoria dele, eu aprendo muito com ele.

Eu quero preencher meu tempo. Ao invés de ficar só batendo papo sem fundamento eu quero um conhecimento melhor pra mim mesmo e se puder transmitir pros outros eu vou transmitir sim. Muitas pessoas que eu conheço amigos, parentes, eu vejo que eles têm alguma dúvida em relação a própria vida, em relação a felicidade, medo da morte, esses temas profundos né, sobre Deus, sobre a espiritualidade né, aí eu como já tenho um conhecimento, to formando esse conhecimento eu ajudo as pessoas.

Eu não tenho religião sabe. Eu conheço um pouco de cada religião, mas são dogmas que prendem a pessoa numa determinada forma de pensar. Eu gosto muito sabe do que, que eu estudei agora bastante? Parapsicologia. Ela diz o seguinte todos os fenômenos que se manifestam na pessoa, seja projeção fora do corpo, seja o espiritismo que recebe entidades e se manifesta numa outra maneira ou recebendo mensagens de uma outra dimensão, a parapsicologia diz que tudo isso é papagaiada. O que existe realmente são as próprias energias da pessoa que se projeta no seu inconsciente, que se projeta, por exemplo, se a pessoa diz que recebeu uma outra entidade e fala de uma forma diferente, é o seu próprio inconsciente que está se manifestando. Não é entidade nenhuma, é da própria pessoa, de maneira que a parapsicologia até a projeção diz que isso aí é uma história, um conversa. O que projeta é o inconsciente, eles acham que projeta a consciência, se sai a consciência do corpo como é que fica esse corpo sem a consciência sem o espírito, sem a alma ou sem tudo? Esse corpo morre se ficar ali, então a parapsicologia diz que nada disso, o que projeta é o inconsciente do ser humano. Acho que to fugindo muito do assunto, você quer me fazer alguma pergunta (risos)?

Aqui na Casa do Saber o senhor aproveita pra conhecer pessoas?

Não, num tenho feito sabe por quê? Chego aqui, começa a aula então eu converso um pouco ali com as pessoas né, mas formar amizades? A Camila forma amizades aqui, eu tenho dificuldade de formar amizade. Pra mim formar amizade é ter um relacionamento com a pessoa e freqüentar o relacionamento, ir na casa ou sair com a pessoa. Eu não tenho tempo de fazer essas amizades. É uma correria, é academia, é um curso aqui, um curso ali, é namoro aqui namoro lá, viagem, cinema, teatro, estudo, tudo isso fica difícil. E antes de vir pra cá eu já estudava um pouco, eu tenho cinco mil volumes dentro da minha casa, só que eu não consigo ler, nem 1%. Mas cinco mil eu juntei na minha vida toda né, eu tenho uma biblioteca enorme, mas não dá pra ler. Eu leio um livro, de repente outro, às vezes eu esqueço daquele livro e compro de novo. Às vezes tem dois três do mesmo livro.

Agora o que eu aprendo aqui é... A filosofia tem uns ensinamentos maravilhosos, pode aplicar na vida prática. Ele ta dando uma aula agora sobre a morte e eu sou especialista em morte e sofrimento, envelhecimento e morte, por causa da minha idade né, então eu estudo muito sobre envelhecimento, sobre frustração, sobre sofrimento, sobre morrer, porque pra mim o termo morte ta errado, morte não existe, chama morrer e morrer é um processo que acontece a cada minuto, por exemplo, nos já morremos pra esse momento aqui, já passou, já morremos aqui, morrer é um processo de continuidade, você vai envelhecendo e morrendo todo o tempo. Aqui na casa do saber já vai completar umas coisa tanto é que eu quero conversar

particularmente com o professor Clóvis sobre a morte, vamos ver como é que ele encara essa vida e a outra vida, me parece que ele tem um pouco de espiritualidade pelo que eu to ouvindo nas aulas, me parece que ele tem uma crença em Deus e isso tudo vai ajudar você a aceitar a sua ida um dia. É bom conhecer a filosofia pra você viver melhor, você vive muito melhor. Aqui eu já aprendi a me relacionar, a ficar alegre, ficar feliz, gostar de estar com as pessoas, gostar de estar com o professor, de ouvir e se eu puder ensinar pra outras pessoas o que eu aprendo aqui, tudo isso vai me ajudar muito.

Quando o senhor diz aqui eu to aprendendo a me relacionar, é aqui na Casa do Saber?

É aqui na Casa do Saber. Aqui eu to aprendendo muito aqui. To aprendendo como cada filosofo tem uma maneira de pensar e pra mim, depois eu vou escolher qual é o melhor. É isso.

Pra finalizar, porque a sua amiga chegou. O que o senhor acha do custo dos cursos?

O custo olha, a Camila fala que o pessoal acha caro aqui. Mas eu acho que tudo que você gasta pro seu próprio benefício não é caro. Eu pago em prestações de maneira que pra mim não é caro. Não acho que é luxuoso como falam, isso aqui é um ambiente normal. É muito boa, bem montada, bem organizado, com professores ótimos de maneira que eu gosto muito de freqüentar aqui e gostei muito de conhecer você também.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

### Aluna 4

Me fala um pouco da senhora, sua rotina.

Eu sou decoradora há 44 anos, tive o ensino médio, sofri muito porque não fiz arquitetura porque esse era o maior sonho da minha vida. O meu pai teve um revés na vida e não houve possibilidade. E naquela época também não era uso e costume, eu to com 74 anos, não era uso e costume mulher fazer faculdade. Mas eu não me entreguei. Eu sou uma mulher que gosto da vida, gosto de viver, gosto de saber mesmo porque estou aqui fazendo curso de filosofia e este é o terceiro ano que eu já faço. Eu gosto muito daqui, leio muito, leio todo dia o meu jornal, leio muito. Mas sofri muito com isso. Mas eu sou uma autodidata.

Quem muito ajudou meu pai foi o Brecheret. O meu pai era, ele não se formou em escultura porque sempre na Itália, o meu pai é filho de italiano, ele tinha mais irmãos e na Itália o irmão mais velho sempre que vai estudar fora. E ele teve um irmão escultor e meu pai foi pra vida, trabalhou com ele mais você sabe como toda família tem os mais espertos, ele prejudicou muito meu pai e isso me revoltou muito e quem ajudou muito meu pai foi o Brecheret, foi ele que ajudou a fazer o pagamento da minha primeira irmã porque o meu tio negou. E isso me marcou muito na minha vida, mas eu superei tranquilamente então como eu te disse, como eu convivi muito com arte porque meu pai depois montou uma oficina na nossa casa e eu me espelhei muito numa escultora que dava muito trabalho pra ele, eu to vendo ela agora na minha casa, uma casa que meu aço deixou numa vila com várias casas ali na região da luz, e eram casas grandes e tinha um corredor muito grande e eu sempre via essa jovem senhora bonita, esguia e chique e eu falei vou ser como ela. E realmente, e também herdei da minha vozinha Camila e eu sou sempre uma pessoa que desde de manhã já estou com salto alto, me cuido muito, faço ginástica, gosto de viver. Então é isso.

Como a senhora tomou conhecimento da Casa do Saber?

Eu leio muito e foi através de uma comunicação por escrito, mas agora não sei em que veículo foi. Não sei se foi revista ou jornal. Mas já estou aqui há uns três anos sempre fazendo filosofia. Gosto muito de filosofia. E sempre com o professor Clóvis. O professor Clóvis é o segundo amor da minha vida (risos) lógico que nessa área né linda. Ele é excepcional, ele realmente transmite uma coisa muito linda pra gente. Pra mim pelo menos, eu saio daqui preenchida, porque tem determinados lugares que eu não gosto mais de ir, por exemplo, na igreja, eu não vou mais a missa. Eu fui criada na religião católica, mas porque os padres me decepcionam na hora do evangelho porque eles podem transmitir alguma coisa ali, mas eles não falam nada. Então eu parei de ir porque fico com vontade de bater no padre. Eu não, aqui

eu jogaria flores todas as aulas pro professor, gosto muito dele, acho ele dedicado ao que ele faz, acho que ele realmente veste a camisa pro que ele faz. Eu não tenho procuração nenhuma pra falar dele, mas é que ele realmente passa isso. E não somente por mim porque um genro meu também já fez curso com ele e falou que também gosta muito dele. Eu acertei na mosca, já na primeira vez que vim, o primeiro curso que escolhi era ele, acertei na mosca.

Mas eu vim pra cá procurando saber mais. Como eu tive esse vácuo na minha vida não é, então eu acho que com isso eu consigo ter mais alguma coisa porque agora não dá mais tempo né, eu não tenho mais tempo, meu tempo ta acabando. Pra mim é muito bom. Realmente eu quero informação, eu quero saber, eu tenho uma sede de saber que você não pode imaginar. E eu não tenho conhecimento de qualquer outro lugar que tenha isso. E aqui pra mim também é no caminho, é perto eu moro aqui no Morumbi então é cômodo pra mim e esse horário pra mim é muito bom, aliás, eu gostaria de fazer outros cursos aqui, mas isso, aqueles horários de oito e tanto me incomodam. Acaba muito tarde e com essa cidade tão... Que intimida a gente é difícil né? Eu procuro realmente não sair à noite. Então aqui eu me sinto maravilhosa, plena. Eu tenho comprado quase todos os meus livros aqui na livraria. Aí eu venho, no intervalo tem o cafezinho, também não é nada de longo né, o espaço é muito pequeno, eu bato um papinho com uma amiga. Eu tenho muita facilidade em conversar sou muito comunicativa, mas na verdade na há tempo né, é todo mundo muito simpático, muito sorridente, mas nada que tenha uma participação maior. Eu gostaria mesmo que tivessem outros cursos nesse horário, por exemplo, eu vejo na televisão que tem aquele programa na Discovery Chanel, agora esses dias teve tudo sobre o Egito. Eu conheço o Egito eu fui lá em 1970, fiz uma viagem pro oriente e conheço praticamente o mundo todo. Então eu pensei poxa se a Casa do Saber programasse um curso sobre o Egito, que civilização né, nossa aquilo me... Nossa a gente sabe alguma coisa, esse programa realmente me deu uma referencia maior, então é uma sugestão.

Com exceção dos horários pra mim aqui é tudo maravilhoso. Eu até to fazendo esse curso outra vez. Hoje seria a segunda aula né e pra mim sempre me preenche, sempre, mesmo que não tenha uma novidade concreta, por exemplo, essa cadeira hoje não é mais marrom, é cor de rosa, pra mim me completa porque o professor transmite segurança, estando com o professor é uma garantia, pra mim. Não sei se os outros sentem a mesma coisa. Porque ele, eu não sei se eu realmente quero saber mais, o que ele fala eu visto, eu consigo (gestos com as mãos no peito) sabe, então, por exemplo, o livro que ele deu do Ferry agora, eu lia alguma coisa e não entendia na outra aula quando eu vinha ele já explicava aquilo e aquilo, sabe é um bálsamo pra mim estar aqui.



Olha você viu essa maravilha aqui? (me mostrou uma foto de um casamento no jornal) olha como é importante casar com um cara rico, olha o tamanho da água marinha dela. Casou agora, depois de quinze anos de separada.

\*\*O almoço da entrevistada chegou e paramos a entrevista.

\*\*\*Depois que acabou de comer ela se levantou e veio novamente me mostrar o tamanho da água marinha...

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluna 5

Primeiro eu gostaria que você me falasse um pouco de você.

Eu faço psicologia clínica, sou psicoterapeuta. Trabalho com psicologia analítica né, Junguiana, já fiz dois cursos na Casa do Saber embora o meu marido grave as aulas do Clóvis, ele é tiete do Clóvis, hoje ele vai começar um que não é com Clóvis por incrível que pareça, até ontem ele só fez com Clóvis, fez acho que uns três ou quatro e hoje ele começa do Nietzsche que não é com o Clóvis, e eu ouço né, eu gosto muito.

Como você ficou sabendo da Casa do Saber?

Isso foi, que ano que foi isso meu Deus? Acho que foi em 83 ou 84, como é que eu soube disso? Não foi pela internet, que ainda não tinha cadastrado o email neles né. Acho que foi Introdução a Filosofia, eu comentei com a minha amiga da faculdade e ela também gosta muito de filosofia, e o meu marido. Mas eu não me lembro como é que isso chegou até mim, não me lembro, não consigo lembrar. Eu sei que não foi na mídia. Eu acho que nunca vi nada na mídia, vejo sempre as coisas nos meus emails, não tenho essa memória de ver alguma coisa, eu leio a Folha e não vejo nada, revista semanal eu não leio, não gosto. Mas eu não tenho essa memória não.

Então, busco conhecimento. E de uma forma eu acho que mais leve, embora os professores na sua grande maioria são da USP, mas não é aquela coisa pesada né, chata, é um conhecimento que embora profundo seja leve. A forma que eles trazem é muito gostosa. Acho bem diferente da escola. Acho que é isso, acho que a Casa do Saber me traz isso. Quando eu conheci, eu gostei muito, mas aí começou essa coisa da Casa do Saber estar muito ligada, isso eu vi na folha, uma crítica, de ser chamada de Daslusp né, uma mistura de Daslu com USP, e eu vi isso na época que fazia um curso e meu marido que freqüentava mais né, ele fala pra mim que ele percebe isso muito claramente né, um bando de dondoca, madame que procura a Casa do Saber pra... Grife né, consomem o conhecimento como grife e não como conhecimento, não sei, ele fala que na turma do Clóvis mesmo tem umas peças assim que estão ali pra, sei lá, mais um objeto de consumo. Mas isso não me incomoda não, eu continuo indo. É claro que às vezes a gente fala que vai fazer um curso na Casa do Saber e a cara do outro já é assim né (fez um bico). Isso não me incomoda, no começo, um tempo atrás eu achei que... Ah mas tá aí né, todo mundo quer consumir tudo, seja roupa, seja o que for, mas não me atrapalha em nada não. Mas é uma pena né, se isso ficar, se a Casa do Saber ficar associada a isso né, aí eu acho que ela vai perder porque foge né, ali tem pessoas que, principalmente pessoas assim muito

alternativas né, se é muito USP, a pessoa fala não vou, não importa quem está lá, tem um monte de perua que vai pra lá então, eu penso assim, por mim não tem diferença. Se amanhã aparece um assunto eu vou lá, como eu fui no Zé Celso. O preço não foi alto e se tinha muita gente do teatro ou não, sei lá, corre-se o risco né.

Lá eu sempre procuro cursos de filosofia, tipo o curso do Nietzsche, que tá acontecendo eu não pude ir, era as quartas feiras e tinham duas que eu não poderia ir e eu nem entrei, mas é a filosofia que mais me chama atenção. E considerando que até hoje sempre foi filosofia né, a filosofia permeia tudo. Eu já aprendi alguma coisa né, mas sempre foi na academia ou lia sozinha, sempre reforça né. Agora os cursos que meu marido fez com Clóvis que embora eu não fosse né, ele gravou, então eu ouço direto e isso é maravilhoso, relembra e acrescenta muita coisa né, então tá aí na vida né, no meu trabalho o tempo todo. Psicologia e filosofia, aliás, antigamente você tinha a psicologia na filosofia né, nasceu dali, eu gosto muito. Com certeza isso tá o tempo todo permeando. Não é como diz o Clóvis pra fazer tipo no bar (risos). Mas no trabalho com certeza ajuda muito.

Como foi a sua vida acadêmica?

Na verdade eu estudei quando eu tinha meus dezenove anos eu fiz administração de empresas e terminei com 22 anos e trabalhei com isso até 1989, quando eu tive minha filha e aí eu parei e fiquei em casa mais uns dois anos e comecei a fazer umas formações no SENAC, depois fiz massagem, aí descobri a antroposofia e aí eu comecei a fazer toda a formação dentro da antroposofia, meus filhos estudaram na escola Waldorf e fiz um caminho aí na antroposofia. Mas eu sempre achava que faltava, fiquei uns dez anos nesse caminho, mas eu pensei não, tá faltando alguma coisa. E aí já fui vendo que meu caminho tava pra essa área da psicologia, aí resolvi encarar uma faculdade e fia psicologia. E hoje eu faço formação, assim agora eu to lá na PUC fazendo curso de sonhos que eu gosto muito, grupo de estudos, tem a Casa do Saber, mas academia de novo não. Espero que não, acho que não tenho paciência pra isso mais não. Mestrado, doutorado, até pode ser né, a vida muda, pode ser que daqui a uns anos eu volte, mas já fiz duas, chega né?

A academia é muito chata, eu acho muito, tem muita coisa boa, o ambiente é legal, mas tem muita bobagem, perdem tanto tempo na vida com coisas que não vão levar a nada. Tanta coisa que a gente estuda e não vai ver mais nunca. Então eu to parada por enquanto fazendo só esses cursos, mitologia, sonhos e a própria análise pessoal. São cursos na PUC, duram quase um semestre, começa em março e vai até junho. Agora sempre dentro do interesse mesmo né, eu trabalho com sonho, a mitologia é bom pra mim, pra não ficar perdido, fazendo um monte de coisas, eu concentro na minha análise pessoal e literatura própria mesmo né, não dá mais

pra ir pra outras coisas. Mas eu gosto de estudar esse é o meu problema. Meu marido que perguntava, você vai ficar estudando até quando? Você não vai começar a trabalhar? Eu sempre achava que não tava pronta né, e isso é um horror, eu tinha muito isso, e foi um trabalho com a minha terapia. Mas eu gosto do ambiente acadêmico, mas uma coisa mais pontual né? Você vai lá, só falando de sonhos, toda a leitura focada, não dá pra ficar mais perdendo tempo, nem tenho mais idade pra isso.

Você comenta com seus amigos que frequênta a Casa do Saber?

Com certeza, eu transmito os emails, esse que eu to perdendo agora eu mandei pra duas pessoas, disse que infelizmente não poderia ir, mas se interessa né? O meu marido também é um grande propagador da Casa do Saber. Ele também fala muito. Embora... é aí que eu falo pra você que a Casa do Saber né, uma coisa mais elitista.

Eles falam, ah a Casa do Saber não é aquela que fica no jardins? Eu digo que é, é um espaço muito bonito, tem coisas muitos boas, os professores são muito bons. Mas há uma tendência, isso quando eu fiz a primeira vez, em 83, 84 por aí, hoje nos estamos em, não, 83 não, 2003 desculpa, 2003, isso em 4 anos eu vejo, percebo que tá muito mais forte essa imagem de Casa do Saber com elitismo, frescura.

Quando eu fiz eu observava assim pelo tipo mesmo das pessoas né? Claro que é um julgamento, mas é, uma pessoa... Como ela se veste pra ir num curso meio dia, você vê que tem uma coisa, como entra, como sai, como tá ali na sala, oras não tá aqui pra... né? Isso eu vi já naquela época, eu e minha amiga comentávamos isso né. No segundo encontro tinha uma moça que acho que chegou de uma aula de hipismo, acho não, tinha por que sabe aquele negócio que põe aqui na frente pra proteger a calça? Nossa, será que ela não teve tempo de ir ao banheiro pra tirar isso, botar num saco, em algum lugar? Sabe essas coisas? Meio sem lógica, sem cabimento. Tudo bem saiu lá da hípica, tava estudando, entrou muda de roupa, tira aquele negócio. Então tinha umas coisas assim. E hoje meu marido é que fala pra mim, tem umas madames assim, umas perguntas assim nada haver e a vestimenta também né? Acho que cada um é cada um, mas é complicado isso né, mas tem gente que vai pra um curso assim, tudo bem você tem, você pode, mas não sei, a pessoa tá vestida da grife da cabeça aos pés, de uma forma que quer mostrar mesmo. Você pode ser despojado de uma forma que naturalmente você veste Prada e age como se estivesse vestindo Zé Paulino, sei lá. Mas outras coisas você percebe que não, que é mesmo pra fazer tipo né, e o Zé que fala que tem observado isso muito. Até as perguntas, sabe essas coisas assim as perguntinhas que quer aparecer, que quer falar, mas que não tá entendendo nada. Ah, e há pouco tempo eu li uma matéria, só pode ser na folha né, porque eu só leio folha, que era um curso dado e que era só

madame, era só dondocas e que o cara falava sobre a questão da não culpa, do prazer, do desejo, a realização do desejo, mas tudo tava voltado pro dinheiro ali né, você consumir tudo bem. E era uma critica sobre isso, depois que terminou né, elas tomavam chá, e os comentários, ok. Mas se baseando numa filosofia pra poder confirmar que tá tudo certo, o meu desejo é o meu desejo e tá tudo bem, se é comer caviar no café da manha, é meio que tirar esse aspecto da culpa, se é que alguém ali tinha isso. Ninguém tinha culpa de nada, de ter muito dinheiro, de passar o dia inteiro só naquilo, só nas massagens, só no consumo, eu não me lembro quem foi o professor, eu acho que foi ainda esse ano ainda essa matéria. Mas é isso.

E sobre o curso do Zé Celso, o que você achou?

Eu confesso que eu fiquei... Achei uma loucura (risos). Eu perdi o primeiro. Eu moro na Granja e quando eu cheguei na raposo, a raposo totalmente parada. Eu tentei, liguei lá e falei pra menina não vou. Não vou porque eu nunca iria chegar lá às oito da noite aí quando eu fui lá no segundo dia, até cheguei cedo, falaram que eu podia ir e tal, eu confesso que, como eu gosto muito, adoro Dionísio (mostra um quadro de Dionísio em seu consultório), tá ele aqui olha, e o Nietzsche, eu fui lá ver como tavam conversando esses dois né. Eu vi a loucura dionisiaca, foi o lado bom né? Quando eu vi aquela peça, meu Deus do céu será que só eu to aqui fazendo cara de paisagem? Olhei e tava todo mundo, até você (risos). Aquilo é loucura, o Zé Celso realmente é... Aí eu comentei com uma pessoa, e ela falou poxa mais a Casa do Saber e Zé Celso? Acho que, se fosse um Antunes Filho combinava, mas Zé Celso? É uma pessoa, uma historiadora, uma amiga, e batendo papo ela falou né, pó, Casa do Saber convidando Zé Celso, ele é louco, não tem nada haver com a Casa do Saber, e eu, olha eu até achei bom ter perdido a primeira. Era duas de 95, cheguei lá e a menina falou você já fez outros cursos então vai ser 80, economizei e ainda bem porque eu esperava que fosse somar com os outros né? E tudo bem, mas não precisava de ver aquela coisa lá. Aquilo lá é uma loucura, e as pessoas falam nossa Zé Celso, tão decrepito né, então eu ouvi uns três comentários sobre a decrepitude do Xe Celso dentro da Casa do Saber. E eu particularmente achei assim, loucura. Foi bom, pra compreender um pouco do que eu to vendo dessa loucura dionisiaca, eu vi aquilo ali né, muito doido. Tinham umas pessoas ali que acho que freqüentam esse teatro. E achei também, teve uma mocinha que quis fazer umas perguntas, eu achei que ele foi assim tão grosseiro, desqualificou a pergunta, porque ela quis usar um nome mais técnico pra usuário ne, e aquela coisa de não perguntar pra ela, o que era mais perguntar pros do lado né? Até então eu tinha pensado em fazer uma pergunta, uma colocação, do jeito que ele respondeu pra moça eu me recolhi, vou dar chance de ser destrutada? Achei que ele

foi meio besta. Depois a Casa do Saber mandou as fotos, você viu? Só do Zé Celso (risos) ele no piano, ele assim, ele assim, é só ego né, mas bom, tudo bem, esse é o Zé Celso né, descobri, valeu. Mas foi muito doido.

E sobre o custo da Casa do Saber, o que você acha?

Tá ai uma coisa que eu comentei com o meu marido. O último que ele fez, eu perguntei quanto você pagou? Aí ele comentou, é o penúltimo, porque o último foi aquele que foram várias palestras que até eu paguei duas a parte, da Marilena Chauí e do Marcelo Coelho na paulista. E foi quando eu tava pagando a PUC, aí ele me falou nossa o meu curso tem 12 encontros, das oito às dez e meia, e o dele era de meio dia e meio as duas, sei que era menos a carga horária, e era muito mais caro. Aí nesse dia eu falei, poxa, mas como tá caro as coisas na Casa do Saber, né? Ele falou é mais, e defendeu lá alguma coisa e eu disse mais não, o curso que eu to fazendo de extensão, em uma instituição com muito nome, tem dois professores, gente grande lá dentro, a carga horária é maior e bem mais barato. Eu sei que na hora ali eu fiz os cálculos e a casa do saber tava bem mais cara. A maioria né, tudo 3 de 180, não sei quanto, eu acho caro, acho que podia ser mais acessível. Mas foi só esse dia que eu pensei nisso. Comparei conhecimento com conhecimento, com o lugar, com os professores, olhei por aí, mas nunca parei pra ver assim essa... Sabe com roupas, ou qq coisa, mas pensando agora existe essa diferença né. Eu acho que enquanto curso mesmo, porque na hora q você vê faculdade hoje tá um absurdo né. Então acho que eu sempre to pensando com relação às mensalidades de cursinho, na escola das crianças e tal. No momento que eu estava fazendo o da PUC na, tava pagando e meu marido entrou e fez o comentário. Nesse dia me chamou atenção. Mas no geral quando eu olho 3 de 190 eu do uma recuada, não esse não vai dar pra encarar não. Aí ainda tem outros fatores, sair, pegar um puta trânsito, pagar não sei quanto, é mais uma variável. Mas quando tá afim mesmo, o assunto interessa mesmo, aí você vai né. Eu nem vi quanto era esse que vai começar hoje, eu não podia mesmo, nem olhei.

Mas lá, assim, só quando eu vou aí eu fico na Livraria da Vila, gosto muito do café. O espaço é muito gostoso, muito confortável né. É um ambiente de requinte mesmo, por isso o pessoal, não é uma cadeirinha qualquer é a cadeira, tudo é muito fino, muito fino. Até achei aquele de Higienópolis bem mais simples né, perto daquele, menorzinho, é outra proposta né, não sei. Aquele é mais sofisticado, mas é gostoso.

O que você acha da proposta da Casa do Saber?

Eu acho uma proposta muito legal, muito boa mesmo. Além de ser uma coisa dada por gente de muita competência, todos né. Eu leio quem tá lá e é tudo gente com pedigree né. E o espaço, só São Paulo né, eu ainda fui ver e poxa São Paulo tem tanta coisa bacana né? Essa

oportunidade de você fazer um curso desse sem ter que passar pelos requisitos de uma academia é muito legal, é simplesmente ir lá e fazer. Não segrega se já tem curso superior, não, eu to interessada, eu quero aprender e existe um lugar pra isso, e com muita qualidade, isso eu acho muito... Isso é São Paulo, sei que tem Casa do Saber no Rio agora, mas não é todo lugar que você tem essa oportunidade. Juntar qualidade com essa falta de pré-requisito, de exigência, tem que... Ninguém pergunta, é seu nome e você quer fazer que curso e acabou. No final é uma coisa que a gente consome mesmo né, e conhecimento é pra ser consumido mesmo não é? Isso não é menos porque eu chego lá no balcão e falo eu quero fazer tal curso e faço o cheque e pago. É legal. Mas olhando assim, eu acho que ainda causa um certo... Eu acho que não é toda classe social que busca né? Agora olhando as pessoas que iam lá e depois que freqüentaram aqui aquelas palestras da paulista você vê que ainda é uma elite as pessoas que procuram. Eu não sei se é porque não procura ou se de certa forma aquilo tá... Até no lugar que está. Tá afastado, a pessoa se sente meio sei lá né, quem não está com a auto-estima muito alta (risos), Casa do Saber, jardins, será que eu posso? Será que vou ter que comprar roupa pra ir? Tem uma coisa chique mesmo. O nome é lindo né? Tem uma luz né, um nome tão simples, mas que é tão bonito. Casa do Saber, não tem, não é uma escola, ou a escola é isso né, ficou muito bonito. Mas talvez a Casa do Saber pudesse ir pra um lugar mais despojado. Por exemplo, se ela tivesse na Vila Madalena, porque aqui já tem esse despojamento né, você tem cultura, mas não tá presa a status, a dinheiro. Se você quer dizer que uma pessoa é cabeça, é inteligente, mas não tá nem aí pra modismo você fala que é estilo Vila Madalena. Acho que a Casa podia ter uma unidade aqui pra quebrar um pouco essa coisa que é tudo muito... Me veio agora na cabeça, acomodações mais simples, preços mais acessíveis, já que a proposta é levar conhecimento, agora que a filosofia e a sociologia vão ser dadas na escola. Trazer isso mais pro chão porque se não fica aquela coisa de filosofia, de gente que não tem o que fazer, não é não tem isso no dia a dia? Falam , para de ficar filosofando,vamos viver como se filosofia... Acabar com esse estereotipo né? Uma idéia, fala com o professor Clovis trazer uma unidade simples aqui na vila, ia ser muito legal. E deixa aquela, continua com aquela obvio né.

Você sabe que eles vão abrir no shopping Cidade Jardim? Não lembro se é esse o nome...

Ah vai? Junto com a livraria da Vila? Nossa aquela sim vai ser Daslusp mesmo. Melhor nem por casa do saber, Poe daslusp, deixa a Casa do saber lá... aí sim a coisa vai... É o que os caras pensam o que eles querem né? Deixar a filosofia nesse nível... claro que não é só filosofia, ali tem arte, musica, psicanálise mas assim no superficial né, vai ser sempre uma coisa na superfície, não há interesse de ninguém de sair de um lugar desse e aprofundar. Acho que

depende do objetivo da Casa do Saber, se é simplesmente tá lá numa grife, se tornar uma grife ou... Eu não tinha lido que ela ia pra lá. Só vi a livraria da vila.

Bom, vai ser difícil o Clovis dar aula lá né (risos), ele tem uma postura critica né, os exemplos, vai ter que mudar os exemplos da fala dele... Poxa vida que pena. Eu não fui nesse shopping e nem vou. Acho que não, não é o público... Acho que botou o Iguatemi no chão pra você ter uma idéia. Então é uma coisa assim pra, pra esse publico que quer pagar 5 mil reais numa bolsa, num vestido 20, 30. Tudo bem cada um... Mas a Casa do Saber podia... Menos né, já tá linda ali no jardins, já tá maravilhosa, uma pena se for acontecer isso mesmo. Mas de qualquer forma eu gosto muito.



## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluna 6

Primeiro você fala um pouquinho sobre você, o que você faz, como é a sua vida, o dia-a-dia.

Tá. Olha, é, você acredita que ... você vai gravar?

Vou, tem problema?

Tá. Não, não tem problema. Mas, assim, você depois quer usar com nome, na resposta...

Não se preocupe, já decidi não usar os nomes dos entrevistados.

Ah, sim, sim.

Ah, tá bom. Então, olha, eu sou psicóloga, só que eu não me formei aqui em São Paulo, eu não sou de São Paulo. Eu me formei na Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, né? É, eu me casei em 2003, meu marido é suíço, ele já morava aqui em São Paulo, né. Agente começou a namorar um tempo, tudo, namorávamos à distância e depois agente casou e eu vim pra cá, né. Aí foi onde eu fiz o meu Mestrado, né, na PUC, né, em Psicologia Clínica, eu defendi agora em abril, né. É, bom, minha vida é basicamente o que eu acabei de contar. É, você quer que eu fale especificamente sobre o que, assim.

Seu dia-a-dia, como ele é?

Tá. Olha, é, eu to começando a minha clínica agora, né, aqui como você tá vendo nessa sala. É, ainda to alugando poucos dias por semana, to começando aos poucos, né. Acabei o Mestrado agora, né, então assim, como eu, é, ..., digamos, é, antes tinha uma, digamos assim, tinha o meu artigo, não chama de artigo, mas assim, você tinha a obrigação de escrever, então é uma atividade que requer muito tempo, né? Você tem que dedicar à escrita em casa, e tal, né? E agora eu to mais assim, to com o dia-a-dia mais agitado porque eu to fazendo formações clínicas nos Fórum dos Campos Lacanianos, é, faço outras atividades, fora a clínica, né? Então acaba, assim, substitui a escrita por outras atividades, então acaba que toma muito tempo, né? O trânsito de São Paulo não ajuda, então, assim, acaba sendo um dia-a-dia agitado, mas eu tenho tempo pra estudar, eu tenho tempo pra, é, sabe, a essencial questão, o importante pra você pesquisar no seu trabalho, é, digamos assim, o meu perfil de alguém sem tempo, tempo pra investir na sua carreira, pra estudar, pra ler, no meio da correria tem uma correria decorrente do dia-a-dia mesmo, né? Do deslocamento e tudo.

Como a Casa do Saber entra nesse seu dia-a-dia?

Bom, olha, eu fiz, já é o seu segundo curso que eu fiz na Casa do Saber, né, com o mesmo professor, inclusive, esse de Cinema e Psicanálise. Foi a minha analista que me falou, na época eu já tinha tido interesse no curso de Cinema, com a questão da Psicanálise, então, ela

me falou dele, desse professor em particular, não foi tanto a Casa do Saber, assim, né? Que ela sugeriu como uma proposta pra mim, assim, pra um lugar pra fazer cursos e tal, mas foi mais influência do professor, né? Que ele foi minha banca de qualificação, né, o Mário, então eu fui mais direcionada, Tatiana, eu não fui tanto, ah, vou procurar um curso na Casa do Saber, né? Eu já sabia que era interessante, mas não tinha muita, muita informação, né? Então ela me falou, eu fui, gostei muito, né, e, então, nessa segunda vez eu gostei mais, porque eu achei que, todo mundo se entrosou mais, fiz mais contato, pra mim foi interessante. Eu falei do meu trabalho também, né? Que tinha a ver com alguns filmes que ele tava trabalhando, né? E, assim, entra na minha vida como um espaço de, de pensar, de questionar algumas coisas, mas é uma coisa, é, ao mesmo tempo é um relaxamento, porque eu não to ali pra produzir um trabalho, pra ter alguma, é, não tem assim, você vai se expressar não tem certo e errado, tem uma certa liberdade. A liberdade é diferente, você tá numa aula, às vezes você fica mais preocupado, né, o que você vai colocar, então é outro, é um lugar de estudo, mas não é aquela, não é do mesmo, é, é diferente da Universidade, eu acho. E de outros lugares também. De outras instituições, né?

Então, você encontrou a Casa do Saber procurando pelo Prof. Mário?

Foi, assim, na verdade não foi nem procurando por ele, foi, ahn, a minha analista sugeriu, ela me falou desse curso, eu achei interessante e aí acabei encontrando a Casa do Saber, entendeu? Então assim, né, gostei da proposta dele, assim, né, então, tanto que assim, eu sou só fiz com esse professor, até agora, pretendo continuar com outros, né? Gostaria de estudar mais filosofia, né, então, mas assim, eu sabia um pouco da Casa do Saber, tinha alguma informação, mas nunca tinha tido curiosidade assim, sabe? Até que ela me falou desse curso e eu achei que era interessante.

Esse pouco que você sabia da Casa do Saber, aonde você ficou sabendo? Com amigos, mídia? Mídia, mesmo, é, mídia. Acho quando começou, principalmente, né? Que aí eu acho que tinham alguns artistas envolvidos, a Maria Fernanda Cândido, né, umas coisas... aí, mais assim na mídia mesmo.

Você lembra, especificamente, de alguma notícia da Casa do Saber em jornal, revista que você tenha visto?

Uma vez, Tatiana, eu vi uma matéria que falava assim: a Daslu do saber na revista. Faz um tempo isso e falava justamente que era um lugar assim, de estudo tal, mas era pra uma classe social mais elevada, que, sabe, que tinha assim uma série de, pelo que eu lembro, eu não lembro exatamente, era uma certa crítica, assim, né, digamos ao elitismo, alguma coisa desse sentido, né?

Você acha que condiz essa crítica?

Condiz, assim, num certo sentido sim, porque os cursos são caros, né? Não dá pra fazer, pra mim, assim, não dá pra fazer vários ao mesmo tempo, eu acho caro. É um investimento que faz diferença, né? E, a crítica condiz em parte pela sociedade em que agente vive, assim, muito desigual, então, assim, eu acho que fica muito difícil, é pra muito pouca gente mesmo, né? Muitas poucas pessoas podem pagar, né? Então eu acho que os cursos poderiam ser um pouco mais acessíveis, assim, acho que fica um pouco caro, às vezes. Então condiz em parte, né? Mas não acho que a cabeça das pessoas, acho que tem uma liberdade muito grande pra pensar, não acho que, que as pessoas são elitistas. Acaba atraindo um público que pode pagar, né? Agora, não quer dizer que a instituição em si, produza um saber, assim, dominante, um saber, sabe, fora da realidade que agente vive, não. Acho que, por agente viver numa sociedade muito desigual que fica mais destacado, assim, né? Quando poucas pessoas têm acesso, fica um pouco essa imagem, mas, comigo em parte, eu diria, né?

No site da Casa do Saber, eu não sei se você já entrou e “fuçou” lá, mas na parte do quem somos, a primeira frase que tem lá fala que a Casa do Saber é um espaço de disseminação do conhecimento. Você acha que ela proporciona essa disseminação?

Eu, na verdade, já naveguei pelo site, mas não vi essa, esse “quem somos”, né? Eu acho que proporciona, como eu já falei pra você, né, acho que pra uma parcela muito pequena de pessoas, né, eu acho que, digamos assim né, a Universidade pelo menos tenta, como ela, algumas são públicas, eu acho que ela dá mais acesso, embora o acesso seja restrito, né, a todas as pessoas, né, porque também pra você passar no vestibular, ..., a Universidade que não paga é mais complicado, tem que fazer cursinho, na maioria das vezes, né? Então eu acho que ainda é uma disseminação, assim, bem restrita, né, eu acho que não tem uma ação ainda de muito, de promo..., embora tenha algumas coisas que você não precisa pagar entrada, né, algumas coisas que envolvem teatro, principalmente, né? Eu acho que ainda, dissemina mas, ainda pra um pequeno grupo assim, né?

Eu acho que tem, tem essa, o perfil, assim, pelo que eu percebi, né, das pessoas, realmente é, assim, pessoas de uma classe bem alta. Do médio alto pra elite mesmo, né, e..., eu acho que faz sentido sim, eu acho que não, ela dá uma certa liberdade como eu te falei, mas acho que é uma liberdade pra quem faz parte daquilo ali, né? E às vezes até, Tatiana, eu acho assim, que uma pessoa que não tem muitos recursos, de repente até intimide, chegar na Casa do Saber, sabe, porque parece com um estabelecimento como os outros da mesma rua, né, da Mário Ferraz, se você vê os seguranças na frente, né, manobristas, né, tem todo aquele, então assim, eu acho que faz sentido sim, tem uma propriedade pra entrar ali, né, de, assim, levar a pensar

numa classe social, né, que só apenas ela teria acesso ao conhecimento, né, como alguma coisa assim, de um conhecimento que é particular pra cada um e produz um certo poder, assim. Eu acho que tem as duas, eu acho que, como eu falei pra você, serve um pouco assim, numa certa medida, sim.

Você conhece a história da Casa do Saber, você já teve acesso a essa informação? Como ela foi fundada?

Não, não tenho. Eu sei, eu só sei que eu vi em artigos, assim, de algumas pessoas, empresários, como eu te falei, com artistas, né? Pessoas que pretendiam, não sei, quem sabe, questões ligadas à filosofia, outras disciplinas. É mais ou menos isso que eu sei, né, mas não sei bem como se deu assim.

Tá certo. Isadora, você, como uma pessoa que está misturada também no campo acadêmico, como você classificaria o conhecimento que você adquire na Casa do Saber?

Olha, por exemplo, o professor que eu tive aulas agora, né? Ele é uma pessoa muito bem formada, mas ele, ficava difícil pra ele transmitir algum, alguns conhecimentos porque elas passam muito, a classe, né, a turma muito heterogênea. Então tem desde pessoas que vão lá e nunca ouviram falar de Psicanálise, como tem pessoas como eu, que já fizeram Mestrado, como tem pessoas que fazem análise, mas não tem a experiência de estudar Psicanálise, então tem perfis muito diferentes, né? Então assim, eu acho que na verdade tem mais rigor, né? Rigor no sentido de, é, não, como é que eu posso te explicar, eu acho que fica difícil pro professor, é compreensível, devido a essa heterogeneidade não dá pra, de repente, assim, ter tanto rigor, não no sentido que o trabalho dele não tenha o mesmo, a mesma qualidade, mas ele fica um pouco restrito, às vezes, né? Porque, é destinado a todo tipo de público, assim, né, não é preciso que você tenha alguma experiência prévia, isso não é cobrado, né? Então é destinado a todo mundo, mas assim, ao mesmo tempo também é interessante, porque daí cada um pode conseguir contribuir, sabe, posso, né, à vezes, colocar em xeque alguns conceitos, né? Então, mas acho que tem um certo limite assim, por exemplo, teve assuntos que agente, que eu tratei na minha defesa, que ele não tratou muito, assim, lá no, embora ele pudesse ter discutido, agente acabou não discutindo no curso, porque pra algumas pessoas que não são, digamos assim, tão estudadas, ficava difícil, né, interferir assim, compreender alguma coisa. Então eu acho que é diferente, assim, eu vejo como, é um outro tipo de momento, tem um certo relaxamento também, é, nos cursos à noite tem um vinho, tem um lanche, então tem outro caráter, assim, né? As pessoas não vão lá porque, tipo assim, pra produzir um trabalho, mas eu acho que, dentro da proposta, eu acho que tem um alcance, agora é outra, não é uma Universidade, né, então é outra forma, né, de conhecimento.

Então, assim, esse exemplo que eu dei do curso, né, que eu fiz agora. Eu acho assim, que não dá pra, se fosse uma, tem as psicanalistas, seria uma, seria mais aprofundado talvez, né? Ao mesmo tempo não é a proposta, eu acho, sabe, é, substituir um espaço acadêmico, acho que pra isso agente tem as universidades, tem outras instituições, né? Então, eu acho que não desqualifica, não, pras pessoas, acho que o curso é pra começar, tanto que tem pessoas às vezes mais jovens, que nunca, sabe, ainda estão pensando em estudar livro de psicologia, ou filosofia, não sei, né. Então eu acho que não chega a prejudicar, eu diria assim, acho que são contextos diferentes.

Você conhece ou já ouviu falar em alguma outra escola que tenha cursos livre aqui em São Paulo, assim como a Casa do Saber?

Livres não. Livres, o XXX (16:48) que é uma instituição de psicologia, acho que são destinados a profissionais, os cursos, né. É mais pra formações de profissionais especializados. Que eu saiba não, né.

Como você usa o conhecimento que você adquire lá na Casa do Saber?

Olha Tatiana, no meu caso, assim, na minha dissertação de Mestrado eu trabalhei com filmes, né. Então eu tava bem focada na questão do cinema e da psicanálise, né. Então pra mim ajudou com bibliografias, sabe, o próprio contato com o professor, eu conheci, eu o conheci na Casa do Saber e o convidei pra minha defesa. Daí gostei do trabalho dele e tudo, e tinha a ver com o meu pensamento, né, então pra mim foi bastante interessante. Agora, eu não posso te falar tanto porque eu não fiz outros cursos, né. E estou pensando em fazer, até com professores diferentes pra ver o que é que eu acho, né? Então eu acho que eu já fui assim, um pouco direcionada, né. Foi alguém que, mais ou menos, é, mais ou menos o que, é evidente na minha área, né, digamos assim, da área de pensamento, da área da psicanálise, né, então, então eu acho que pra mim foi muito positivo, né.

Na Casa do Saber, você usa os espaços de lá? O café, a livraria, ou você já chega, vai direto pra aula, vai embora de uma vez?

Eu, a livraria eu já comprei algumas coisas. Café, às vezes, assim, porque eu acabo chegando a maioria das vezes na hora do curso, né, mas, agora com a turma assim, que eu conheci, agente ficou um pouco no café, né, nos, no final da aula, do curso, então, eu uso, uso sim, diria que sim.

Você está sabendo que vai abrir uma nova filial da Casa do Saber no Shopping Cidade Jardim?

Eu soube.

O que você achou disso?

Eu não conheci o shopping ainda, nem sei como é que é, e,..., o que eu acho (risos) tem que tomar cuidado pra não virar um *fast-food* assim, né, não virar uma, não banalizar demais, né. Então, não sei, de repente a pessoa quer saber apenas sobre quem está no curso, aí eu não acho bom, né, quando alguém quer isso aí, aí é complicado, acho que sai do propósito assim, né.

Você encontrou alguém ou conheceu alguém que você pensou: nossa, o que é que essa pessoa está fazendo aqui? Essa está aqui só por estar. Chegou a ver um tipo desse?

Não, nos cursos não. Acho que havia um interesse genuíno assim no curso, sabe, a parte do cinema, acho que não, ninguém.

Você já viu a Casa do saber na mídia?

Foi, a Daslu do saber, uma coisa assim. Bom,..., só tem madame (pensando), eu acho que o perfil é, assim, como eu te falei, eu acho que são pessoas assim, você repara que as pessoas são muito bonitas, muito arrumadas, né. Não é um, acho que há um preconceito, por exemplo, eu tenho uma aula com uma amiga, que fez esse último curso comigo, que falou que a USP tem um preconceito enorme com a Casa do Saber, né? E eu acho complicado porque a USP também é elitista. Pra passar num vestibular da USP é difícilíssimo, né? Então eu acho que, eu acho que o buraco é mais embaixo, digamos assim, é mais, é elitista, mas eu acho assim, que tem a condição social do nosso país que torna tudo ainda mais elitista, né? Porque pra uma pessoa tirar R\$ 500,00 pra fazer um curso de três meses, assim, do seu orçamento, é como eu te falei, né? É, pesa. E, mas tem, é como eu te falei, Tatiana, assim, é o público é, tem dinheiro, né, tem poder, digamos assim, né? Essa, a frase tem relação, né, com isso então, a frase que tá lá na entrada, né, que você falou do Francis Bacon, e, mas assim, nos cursos que eu frequentei eu não vi tanto expressivo, assim, da madame desocupada que, não sei como seriam outros cursos, mas tinha muito, muitas pessoas da minha área, de psicologia. Tinha algumas pessoas da área de cinema, né, e eu vi que todo mundo se manifestou, assim, eu não sei né, não conheço os outros professores pra saber, assim. Eu acho que um professor mais assim, que se propõe a alguma coisa mais show, de repente não tem um aprofundamento muito grande, eu acho que pode levar a uma coisa dessas, assim, sabe. De repente tem uma platéia, digamos assim, uma turma mais interessada em aparecer, né, e não em criar alguma coisa, uma discussão, né?

Agora, pela Casa do Saber não ser, não constitui um espaço acadêmico, você considera o conhecimento que eles passam ali legitimado?

Eu acho que depende, Tatiana, mesmo de cada professor, né, do que ele tá,..., mas é mais, eu to pensando mais no professor, né? Mas é legitimado assim pelo...

Pensa assim, por exemplo, você tem o seu Mestrado, você tem um diploma de Mestrado, você é Mestre. Eu vou ser Mestre. Lá não tem isso, não tem o diploma. As pessoas estão lá por motivos completamente diferentes, a proposta da Casa é totalmente diferente da proposta da academia. Então, a partir disso, você acha que é um conhecimento legitimado, que falar: “eu fiz um curso na Casa do Saber” te legitima, te diferencia de outros profissionais da sua área? Eu acho que é assim, eu não, eu acho que não. Eu acho que não é, tanto que é, currículos eu até coloquei, mas assim, não acho que é necessário, sabe? Tem vezes que eu não acabo, dependendo da instituição que eu vou entregar meu currículo, eu não coloco assim, porque eu acho que não faz diferença, digamos assim, né? Então, eu acho que é mais, pra mim, foi também assim, Tatiana, é, também foi pra conhecer pessoas que eu fiz, sabe, pra, é, digamos assim, foi o lado gostoso também que me atraiu, sabe, de repente eu tava numa insti(...), não era que eu queria, com a Casa do Saber, não é que eu pretendia era fazer alguma coisa que me trouxesse um ganho, se não eu procuraria outra instituição, sabe? Que dá um diploma, o XXX, como eu te falei, na área de psicologia, psicanálise, né? Que é um, é uma instituição muito famosa, assim, com muitos reconhecimentos, né, sobra profissionais, eu faria alguma coisa lá, eu acho que a Casa do Saber mistura entretenimento também. Também é interessante você tirar três horas do seu dia da sua semana pra fazer alguma coisa, é lúdico, né, então, mas não vejo assim como, eu acho que as pessoas acham interessante, mas não é legitimado, assim, digamos, não vai acho criar uma diferença, sabe? Ai, eu fui, mesmo que as discussões sejam interessantes e tudo, eu acho que, é, eu vejo assim, né, não sei.

Agora, do seu ponto de vista, na sociedade em que agente vive hoje, com todo mundo correndo de um lado pro outro, principalmente as mulheres que agente vê que tem, a maioria na Casa do Saber são mulheres. É profissão, família, filhos, casa. O que é que você acha que leva essas pessoas a fazerem um curso na Casa do Saber, sendo um curso que não vai dar um diploma pra elas. O que é que você acha que está levando as pessoas hoje a procurarem esse tipo de conhecimento?

Olha, eu acho que é, se eu for falar assim, é como eu te falei, né, várias vezes, como no meu caso eu acho que eu fui muito focada, né? Eu tinha o nome do professor e professor continuamente tava dando aula lá, né? Então eu morava perto e tudo da Casa do Saber, né, então eu nem, é antes eu morava, hoje eu moro na Pedroso de Alvarenga, e eu morava muito mais perto, e eu nunca tinha me interessado, assim, eu não sabia muita coisa, achava que era só livraria, não entendia muito bem o que é que era feito ali, né? Aí quando minha amiga falou eu fui atrás, né? E, eu acho que tem assim, Tatiana, tem essa coisa lúdica que eu te falei, né, de tirar parte do seu tempo pra descansar, que é um tempo que as pessoas tem pra elas

também, né? E às vezes é uma paixão assim, uma coisa que eu já percebi, é, tinham algumas pessoas que eram advogados, por exemplo, né, e tavam ali estudando psicologia, psicanálise e cinema. Às vezes é uma paixão que a pessoa tem e não pôde levar adiante, assim. Ah, eu sei lá, assim, eu gosto, gostaria de ter sido psicóloga, psicanalista, estudar cinema, então às vezes é um pouco isso. Eu acho que de repente a pessoa não vê tanto espaço pra estudar fora, numa instituição acadêmica, até não tem tempo, não tem como, então é uma, às vezes tem tempo pra ir na Casa do Saber. É uma coisa que eu percebi assim, sabe?

Uma última pergunta: você considera a Casa do Saber, no seu todo, um espaço de luxo?

(pensou um pouco) Eu acho que ela é, assim, como eu te falei né, eu venho de Florianópolis, então as coisas lá são diferentes, né? Não tem tantas seguranças, as pessoas são mais simples e mais livres, né, as pessoas não são assim, não intimidam tanto, já como aspecto da cidade, comparando com São Paulo e tudo. São Paulo já tem, porque é São Paulo, né? Que é o lugar onde nasceu, tem no Rio de Janeiro também, né?

Tem no Rio também.

E, eu não acho que ela é luxuosa, assim, né? Como é que eu diria pra você? Mas também acho que alguém que não tá bem vestido, de repente pode se sentir deslocado lá dentro, sabe? Que não tá, que de repente não se sente fazendo parte daquilo, né? Então talvez se sinta um pouco deslocado, assim, eu não sei, sabe, de repente pode intimidar, né? Embora eu ache assim, um lugar luxuoso, uma coisa sabe, acho que quando tem livros sempre, se fosse uma loja qualquer, mas pelo fato de ter cultura, eu acho que dá uma certa alma pro lugar, digamos assim, né?

Você acabou de falar a palavrinha cultura pra mim. Você acha que lá as pessoas vão em busca de cultura ou conhecimento, ou o que é passado lá pode ser traduzido como cultural?

Eu acho que sim, eu acho que são sim. Se não eu acho que as pessoas não iriam também, se você uma coisa qualquer, assim, acho que atrai muito os cursos, é, são muito interessante, acho que agora é, que eu tenho percebido nos últimos tempos que tem muito mais cursos, né? E alguns cursos eu acho um pouco estranhos, parece que são casos inúteis, assim, pelo tema. Inclusive tem algum de países, né, curso de países que eu fico pensando se é pra promover viagens, não sei, né? Eu nunca fiz, não sei como é que são, né? Então, eu acho que depende, né, acho que o curso de filosofia, né, acho que pelo próprio caráter da filosofia, dá uma liberdade de pensamento, e tudo, eu acho que, aí seria, sim, toca em alguma coisa, um tom cultural, assim, uma coisa mais, eu acho que tudo vai depender muito do propósito do curso, né, e se, eu acho que, de repente pensar em abrir muitas Casas do Saber e, aí pode, realmente, acabar deturpando assim, né, não a produção, acaba pondo o nome em nada, né? Apenas é,



uma atitude, apenas, assim, então por enquanto, eu acho que ainda tem uma certa transmissão, né, mas, tem esse perigo. Sair e abrir muito, é abrir muito.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluno 7

A entrevista funciona mais como uma conversa mesmo, eu faço algumas perguntas e dentro do que você vai falando, agente vai conversando. Primeiro eu gostaria que você me falasse um pouquinho da sua vida, o que é que você faz, como é o seu dia-a-dia.

Tá. Eu sou empresário, eu tenho uma empresa de... no ramo de varejo e minha vida é basicamente trabalhar. Eu passo o dia no escritório, também viajo muito, tenho uma empresa nacional, que tem lojas em muitos Estados e... minha vida é muito pautada acho que no trabalho mesmo, é o eixo central.

E como a Casa do Saber encaixou nessa sua vida?

Como ela encaixou? Porque eu sempre... gostei muito do, do, do, acho que do mundo do conhecimento, do mundo da filosofia, né?. Mesmo à distância, eu sempre busquei, eu sou um leitor ávido da filosofia, acho que de é o meu principal *hobby* e, ..., eu gosto muito de, desse mundo, né; do mundo da cultura, do mundo do conhecimento. Também encaixou pela proximidade (riso), porque eu moro aqui do lado, isso é uma coisa de conveniência e, eu acho que é basicamente isso.

Tem bastante tempo que você frequenta a Casa do Saber?

Tem, eu frequentei muito no ano passado e agora retomei com bastante assiduidade. Acho que eu vim pra Casa, acho que no último mês, eu assisti aula todos os dias aqui, praticamente. De segunda à sexta.

Então você está aqui só em busca de filosofia?

Não, eu faço bastante... bastante, ... por exemplo, quinta-feira eu faço um curso só sobre Educação de Filhos e de Psicologia, já fiz de Economia, que eram vários economistas e... assuntos que me interessam, tipo, eu acabei de fazer um curso sobre workaholic e tal, e esse vício ao trabalho, a convulsão ao trabalho, e, ... quer dizer, eu, como eu sou acho que um onívoro, quer dizer, como de tudo, o tema que aparece que é interessante, eu procuro. Já falei isso? A grande, acho que a grande maioria dos cursos aqui são de filosofia, né?

E como é a sua relação aqui com a Casa? Me fala o que é que você acha daqui, o que é que você acha da proposta da Casa do Saber.

Bem, você viu que eu adoro, né? Agora, acho que o principal símbolo dessa casa, que eu acho mais, mais, de mais valor, eu acho que é a qualidade dos professores. Isso realmente, são, todos eles, não tem um que não seja realmente, acho que são intelectuais de primeiríssima linha. E eu adoro ouvi-los. (risos) Acho muito bom!

Existe alguma coisa que você está buscando aqui, além do conhecimento?

Não... Não, se tem eu não sei. Eu acho que não, eu acho que não. Se tem o conhecimento, quer dizer, eu acho que tem o entretenimento, né? E... não sei, eu acho que nesse mundo em que agente vive, o mundo que eu vivo, pelo menos, na sociedade em que agente vive, na sociedade do conhecimento, todo tipo de informação que você tiver acaba sendo útil no seu trabalho, no seu dia-a-dia, na relação com as pessoas, com o seu chefe, com o seu subordinado, com quem... Mas acho que é uma questão de aprimoramento, até pra aplicar no trabalho.

No comecinho da sua resposta você falou do conhecimento e entretenimento. Me fala um pouquinho desse entretenimento. Você tem algum tipo de entretenimento, algum tipo de distração aqui na Casa do Saber?

Eu acho que sim, porque você meio que, você tem aquela sua vida, ... a sua vida real do trabalho, do dia-a-dia, do pragmatismo e aquilo, você sai um pouco de sintonia ali dentro da aula, ali dentro do tema, né? Você flutua um pouco no mundo, em outro universo, num universo mais etéreo das idéias, né, e esse tipo de coisa. Aquele pragmatismo, não é, o que seria é o entretenimento mesmo, aqui é divertido, pelo menos.

Fugir um pouquinho da realidade?

É... aquelas viagens que agente dá aqui na aula é muito divertido. Esse mundo das idéias é um mundo que é muito interessante.

Me fala um pouquinho porquê que você buscou esse tipo de aula? Fale da grande diferença desse tipo de aula pra aula que você tem aqui, só que em grupo.

Ahn, ..., bem... isso aqui ainda é de caráter experimental né, e, ..., é que eu acho que como você tem uma aula individual eu acho que o professor, ele consegue, com a aula em grupo eu acho que você tem, tem, ele faz a média por um nível só de expectativa de aula, né? E esse tipo de aula eu acho que ela é mais customizada, né, ela é mais padronizada, né, eu acho que o professor vai até, vai até o seu limite, né? Você fala, bate e tal, e ele chega e exige tudo o que você pode dar, então, assim, eu termino a aula super cansado (risos)... Ele exige um esforço muito grande, porque realmente ele vai, ele vai monitorando você, né?

Vai acompanhando. E, sobre a profundidade do conteúdo das aulas, você acha que tem diferença nesse tipo de aula e nas aulas em grupo?

Eu acho que sim, porque aqui é, aqui, pelo menos, eu saio daqui muito mais exigido do que num curso normal. Eu acho que o curso normal ele é mais, uma coisa mais passiva, é mais tranquilo. Aqui, aqui realmente é mais difícil (riso)

Aqui na Casa do Saber, você costuma usar os espaços da casa, o café, a livraria?

A Livraria sim, a livraria, e.... Não, no fundo eu chego em cima da hora, né? Já chego, vou pra aula e depois vou embora.

Me fala um pouquinho do que você acha sobre o esquema, a mecânica das aulas, a aula com poltronas, com vinho. O que você acha de tudo isso?

Eu acho ótimo! Tem um bom nível de conforto e tal e,..., eu acho que as instalações são legais, acho que é isso não importa, né, o que eu gosto mais é do conteúdo. ... Uma pergunta que, às vezes, mas isso é inevitável, né, é que às vezes o professor está dando a aula, aí tem um aluno chato, interrompe só pra ficar falando coisa que não tem nada a ver, aí discutindo o raciocínio, esse é o único porém.

Aqui na Casa do Saber eu percebi que as aulas são mais pro professor falar, né?

É, mas sabe que, eu acho que alguns até, alguns são mais até disciplinados e reservam só minutos os finais pra perguntas e coisas, mas geralmente o pessoal não se controla e querem, mas está fácil, não tem nada que prejudique tanto assim não o andamento da aula.

Você conhece outros tipos de instituições que ofereçam o mesmo tipo de serviço que a Casa do Saber aqui em São Paulo?

Não. Não conheço não.

Como você buscou a Casa do Saber? Você estava buscando um lugar pra fazer cursos ou você veio fazer cursos porque encontrou a Casa do Saber?

Não, acho que foi a segunda opção. É que, eu participo muito de Seminários e tal de empresas, aquela XXX (09:49), eu vou com frequência, talvez voltada mais, eu acho que, eu não estava procurando cursos, não. Foi a Casa do Saber que (riso) que fez a oferta.

Como foi esse primeiro contato? Como você tomou conhecimento da Casa do Saber? Você lembra?

Eu tava vindo do clube, aí eu tava andando por aqui e vi a instalação, cheguei em frente e tal, aí entrei e tal, comecei a me informar e o processo se deu.

Olha! Você já viu alguma coisa da Casa do Saber na mídia?

Não. Só mesmo internet, mas a mídia acho que não é isso que você está perguntando, né? Na mídia, não.

Também, engloba a internet.

Tem na mídia né, o site, deixe eu ver, eu vi alguma coisa, ... acho que no Caderno de cultura tinha alguma coisa, uma nota e tal.

Então pra finalizarmos, eu queria que você falasse mais um pouquinho sobre qual a influência das coisas que você adquire aqui na Casa do Saber na sua vida, fora daqui. Nossa, está em tudo. Eu acho que o conteúdo aqui é bastante, bastante rico. E, o que eu busco nele? Um

pouquinho do que você a gente tava falando, acho que é um pouco de aprimoramento com diversão (riso), acho isso.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluna 8

Você me fala um pouquinho de você, o que é que você faz?

Eu sou psicóloga, me formei em 2006 e meu interesse por esse curso foi o título que eu gostei de “psicanálise e cinema”. Que eu gosto de cinema, gosto de psicanálise, então eu juntei o útil ao agradável e vim fazer... é o primeiro curso que eu faço aqui na Casa do Saber.

E como você ficou sabendo do curso?

Ai, vários amigos já tinham falado de cursos, tem na internet, eles mandam correspondência, a própria Livraria do Saber, eles divulgam muito os cursos daqui (Livraria do Saber não, Livraria da Vila). Então assim, ele é bem... tem uma propaganda muito boa (meio tom de riso) em cima dos cursos daqui, né? É muito bem divulgado. Faz sentido, mas foi por causa de amigas que já tinham feito cursos daqui que eu acabei me interessando por esses, pedi uma relação do que eles tinham. Eles mandaram pela internet, mandaram o catálogo também e através do catálogo eu vim parar aqui, na Psicanálise e Cinema.

Ah, então você conheceu a Casa do Saber através das suas amigas e daí surgiu o interesse...

Exato!

Entrou no site...

Entrei no site e depois eles me mandaram o catálogo via correio.

Antes desse seu interesse, você já tinha visto alguma coisa na mídia sobre a Casa do Saber?

Não, eu conhecia mais como a Livraria mesmo, isso de cursos que eles faziam de cultura geral, mas eu nunca, na verdade, me interessei porque eu tava tão ocupada com a faculdade que eu acabei não entrando em contato e uma coisa mais profunda. Mas isso você pode falar sim, que eles proporcionam sim cursos, de curta duração. Eu julgava assim uma coisa interessante pra você encontrar pessoas, estar trocando idéias; são assuntos das mais diversas ordens de cunho do conhecimento, então é uma proposta que eu acho que é interessante, pra quem está com pressa, quer fazer uma coisa mais rápida... são coisas mais breves. E tinha um ponto de encontros, um lugar gostoso, onde as pessoas acabam se encontrando, interagindo, entendeu? E você pode fazer amizades aqui dentro, ampliar seus laços de amizade.

### INTERROMPERAM PARA ENTREGAR UMA AVALIAÇÃO

O seu interesse principal aqui na Casa do Saber então é esse curso?

É, pra mim tem muitas outras áreas, mas o que me faz gostar é que eu também não quero desfocar muito do que eu já faço, entendeu? Que tem um tempo aqui, já que você está fazendo, se dedicar, é duas vezes por semana, mas, tipo assim, o interesse primário, agora, é

nesse curso. Apesar que eles me mandam agora direto informações na internet, mas eu não quero pegar mais nada além disso de uma vez. Quem sabe em outra oportunidade, um curso de História mas, meu foco, meu interesse principal é nesse curso de Psicanálise.

O que você acha da proposta da Casa do Saber?

Ah, por quê não? Acho que sim. Acho que com essa proposta deles de estarem reunindo, acho que... é claro, acho que todo curso, pra você se aprofundar mais e poder conhecer mais, você tem que se aprofundar nos assuntos, você tem que estudar mais por sua conta. Acho que não é ficar só limitado aqui, que nem o curso de Psicanálise teve já vários temas relacionados com os tópicos que agente tava discutindo: desejo, comunidade, quer dizer, se você quiser também ter uma cultura mais geral e ser mais profundo, você também tem que ir um pouco além. Mas acho que a proposta do pontapé inicial eles estão dando sim, com certeza.

Sobre o custo dos cursos...

Ai, acho caro. (resposta rápida e com um breve riso) Quer dizer, eu nunca tinha feito, mas achei caro. Achei caro, assim, pela própria... enfim, a durabilidade do curso, ahm... eu não sei, acho que deixa um pouco a desejar os monitores, em termos de informação que eles passam... é, assim, agora, a aula da semana passada não chegou até nós. Então acho que tem um pouco a desejar dessa parte que eles se propõem a fazer com os professores de todos os cursos – a monitoria. Mas o curso agrada sim, várias pessoas vêm falar que, enfim, é caro, pra média do brasileiro em geral. Acho que tem coisas baratas pra todos; muita gente gostaria de fazer e nem pode estar fazendo.

Você considera o espaço gostoso?

Não, confortável. Eu acho o espaço agradável, você se sente bem, acho muito confortável, ele é aconchegante. Acho que essa proposta de vida assim, mas eu não acho luxuoso. Não tem luxúria nem banquete. É um espaço confortável, agradável pra você estar numa tarde ou numa noite. Acho que a coisa é bem descontraída, bem gostosa. A própria Livraria tem esse contexto, né? Que é uma Livraria que ela aconchega. Acho que pra mim é a insistência mesmo no aconchego, muito mais do que luxo. Acho que o luxo não aconchega, acho que essa coisa mesmo de luxo, acho que eles não têm essa proposta. É uma coisa mais descontraída, mais à vontade.

Você teria alguma coisa a mais pra falar sobre o que você está buscando aqui na Casa?

Ah não, basicamente eu só queria ter esse tipo de informação. Eu não conheço, aí é que tá, eu não sou daqui, você pode imaginar, porque assim, eu não sei nada aqui, eu não sei qual é a proposta deles mesmo, mas o que eu vim buscar é esse tipo de coisa que eu te falei. Acho que pra aprofundar é muita coisa, às vezes o ensino ele demora mais do que você se expandir, do

que duas horas ficar discutindo, mas a proposta de curso é essa. Não adianta querer um curso de extensão pra falar de desejo, pra falar das coisas que eles propõem. É mais um primeiro contato e depois fica por você. Então, o que eu vim buscar eu achei que vem de encontro com o que eu queria. Agora, mais do que isso é porque eu não conheço as pessoas que têm em outras áreas de interesse. Mas pra mim qualquer curso vale, desde que contribua.



## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

### Aluna 9

Me fala um pouco de você?

Então, meu nome é XX XXX, sou estudante de psicologia. Tenho duas filhas, sou casada. Gosto de estudar, sempre gostei, faço muitos cursos, outras línguas, além d faculdade faço outros cursos em outros lugares, isso me move. Eu faço esportes, academia. Com filhas pequenas é difícil né, eu fico muito com as minhas filhas, hoje criança super pequenininha já tem uma vida intensa. Elas estudam, ficam até três horas da tarde na escola, todo dia elas tem atividade e eu as acompanho, mas de fim de semana como agente corre muito, aí eu tenho que descansar, olhar minha vida junto à delas, mas no fim de semana eu fico com elas, basicamente. Aí dia de semana volta tudo, é faculdade, cursos. Eu faço FMU na, psicologia na FMU.

Essa é minha segunda faculdade. Eu sou farmacêutica industrial e daí eu vim pra São Paulo pra trabalhar com cosméticos, em pesquisa e desenvolvimento e aí logo conheci meu marido, casei, tive minhas filhas e fui me afastando da minha profissão, do meu trabalho pra ficar com a minha pequena, enfim. E agora que elas já estavam as duas na escola, eu comecei a ficar cm muito tempo solto eu sempre fazia outras coisas, procurava, mexia e sentia que realmente não era nada instrumental entende? Não tinha um fim. Eu queria algo mais concreto, e aí em janeiro do ano passado eu, conversando, no natal na verdade, dezembro do ano retrasado eu conversando com uma tia que eu me identifico muito, falando que eu queria voltar a trabalhar, a fazer alguma coisa agora que as meninas estavam mais independentes a não dava pra voltar pra indústria, o horário é de bater cartão, não cabia mais isso na minha vida apesar de eu me encanar com esse universo de cosméticos, maquiagem, amo. E que eu pensava em fazer psicologia, alguma coisa assim que eu pudesse continuar com as meninas, trabalhar com uma agenda mais flexível e ela falou faz isso é a sua cara vai ser super bacana. Me incentivavam, toda a minha família, meu pai é médico psiquiatra então me incentivaram e aí eu voltei em janeiro e não prestei vestibular, eu entrei como portadora de diploma. Eu levei meu currículo pra várias instituições, levei pra PUC, FMU e Mackenzie pra entrar como portadora de diploma e no Mackenzie e na FMU eu fui aceita pra fazer psicologia e na PUC pra filosofia, mais aí engraçado eu optei por psicologia, mas você sabe que hoje seria uma opção a filosofia? Porque depois da psicologia, depois de ingressar na faculdade ano passado é que eu tive no primeiro ano filosofia e já me encantei, e a psicologia vem tudo né, ela só se separou mesmo da filosofia há 150 anos então é muito recente, era estudada por filósofos. Na verdade assim eu vejo que eles juntaram as idéias de filósofos, de tudo que já havia sido dito e por isso

que eu comecei a estudar filosofia e to super encantada. Tanto com a psicologia quanto com a filosofia e por isso que eu vim estudar agora porque cabia esse horário na minha vida, ocioso. To achando fascinante.

Como você ficou sabendo da casa do saber?

Antes mesmo de eu entrar na faculdade eu já tinha vindo fazer um curso aqui na Casa d Saber com um amigo meu que dá aula aqui, um conhecido não é amigo. Ele é filósofo e se chama Juliano Garcia Peçanha e ele é aluno coincidentemente da minha *personal trainer* e nós nos conhecemos no casamento dela e alguns eventos. A gente conversava e um dia ele falou poxa eu vou dar um curso na Casa do Saber, me explicou e eu vim fazer. Foi assim que eu conheci a Casa do Saber, por meio de um professor, fiz um curso com ele e aí comecei a me interessar por outros, já fiz vários. Num outro semestre, acho que ano passado, retrasado não me lembro, eu tive uma carteirinha que chama Paidéia que você paga uma taxa e pode freqüentar os cursos que você quer as aulas que te interessam mais e aí eu assisti muitas e foi bem interessante, mas eu, realmente agora eu posso falar com segurança o que me interessa o que é mais específico pra mim, mais interessante, mais aplicável, e eu me achei muito nos cursos do Clóvis, eu faço um curso com um psicanalista que eu gosto muito que da aula aqui que é o Mario Eduardo Costa Pereira.

Eu comecei com a filosofia mesmo, eu fiz também cinema, história, fiz uns dois ou três de historia, fiz de neurociência, psicanálise e psicologia. Acho que é isso. E isso aqui, a Casa do Saber, me ajuda muito, me ajuda muito. É como eu te falo, primeiro que eu tenho essa aplicação na faculdade, é muito visível, é muito assim, pontual é nítida a relação da psicologia com a filosofia, a gente vê todas as abordagens e, psicologia analítica, Jung, psicanálise, Freud, eles beberam dessa fonte e eu corto esse caminho fazendo o curso do Clóvis, tem essa aplicação prática que pra ser bem especifica pra você eu já usei na prova, sei lá tá o Freud e eu sei lá, digo que poxa essa idéia me lembra tal filósofo, ou então livros que já tinham essa idéia, cito o professor, já citei o Clóvis em prova da faculdade, tanto em filosofia quanto obviamente psicanálise. Então além de ter essa função, tem a função na vida prática mesmo, eu acho que eu me identifiquei muito com o Clóvis e faço muito os cursos dele justamente por essa generosidade que eu acho que ele tem em dividir realmente, ele não tem limite pra te passar o conhecimento né, a didática dele é fantástica, é fabulosa, ele vai no contrato do contrato, porque é um pensamento abstrato é na palavra, ele se entrega, ele doa, ele puxa, você vê, ele exemplifica e você não vê isso com todos os filósofos aqui da Casa do Saber. Alguns são soberbos, as pessoas acho que confundem essas duas características, filosofia e soberbo porque, sei lá, acho que é difícil acompanhar o raciocínio, é muito difícil você ler os

textos de filosofia sozinho se você não tiver uma explicação ou até uma tradução e eu acho que o Clovis é muito generoso nesse sentido, ele faz essa ponte bacana. Te estimula até, ele dá essa pincelada. Ah na aula de hoje, é isso aí, você é o que é, não adianta ficar perdendo tempo com bobagem, nos dias de hoje o que vale é o modismo, o que é bem sucedido, o que dá dinheiro, que tem status, mas agente não é isso né, e é legal você ouvir isso NE, ele vem com a realidade, com a singularidade e eu acho fascinante, eu falo isso até pra ele, eu uso muito o que aprendo com ele. Engraçado que quando eu falo, a maioria das minhas amigas não freqüentam a casa do saber, e quando eu falo pra essas pessoas ah to no curso, agora mesmo eu tava na aula e ligaram várias vezes no meu celular, mandam mensagem, e eu falo ah to na aula na casa do saber e elas falam poxa que saco, por que você vai fazer filosofia na hora do almoço, puta sono, o que você vai fazer? Um certo grupo né, elas acham que aqui você fica ouvindo a teoria de Platão, sei lá, nem sabem o que é mito da caverna, não conseguem ver a aplicabilidade disso né, e eu, fantástico, a filosofia tá em tudo, eu acho incrível, é uma terceira opção de faculdade com certeza.

Eu acho que o conhecimento daqui, da faculdade, você vai juntando, vai ampliando. Eu gosto muito da teoria do Piaget de acomodação, vai colocando junto, vai embolando. Não dá pra encaixar em alguma coisa sabe, tá tudo embolado mesmo, tudo mesclado e isso que dá riqueza. Não é estanque, tá tudo junto e com a minha vida e com a minha vida familiar, com as meninas, eu passo também pra elas. Poxa eu tenho duas filhas, elas são próximas de idade, mas são completamente diferentes. Poxa você tende a sei lá, Fe como que nem a Dudu, Dudu olha como a Fe se troca, não tem como, eu acho que se eu tivesse que etiquetar alguma coisa eu diria que o conhecimento adquirido aqui me torna mais flexível.

O que você acha da proposta da Casa?

Eu acho fantástico, mas acho audaciosa. Eles foram ousados porque você, numa classe, não só, como hoje, porque você tem que agradar naquela aula por ela mesma, não tem o como, o professor tem que agradar naquele instante, a aula tem que ser muito legal, fazer com que a pessoa volte, porque ela vai voltar na próxima semana? Assim como as turmas são muito heterogêneas, não é como uma aula na faculdade que todo mundo tem o mesmo fim, todo mundo quer se formar naquele curso, agora aqui não, aqui é uma classe heterogênea em todos os sentidos assim, tem pessoas de todas as idades, os sexos, opções sexuais e profissões, meu Deus, e formações também né, então é muito difícil você saber até onde pode ir, o que você vai passar e vai ser entendido ou não. E consegue! Eu acho isso fantástico, eu acho que a proposta, eles tiveram uma idéia maravilhosa, brilhante. Eu acho que coincide com a

realidade porque é um sucesso e foram audaciosos e conseguiram, tiveram êxito na proposta com certeza. E também escolheram professores incríveis.

Vou pedir um café aqui, você quer?

Não, obrigada.

Então, Tati, você sabe que eu indico muito os cursos para as minhas amigas, tem a Cris uma morena, ela não tinha feito, ela fez o passado do Clóvis e agora essa que continuou na seqüência, o aprender a viver ela amou e continuou, a minha própria personal trainer eu indiquei e ela fez, gostou muito também. Eu indico assim com a maior segurança, tranquilidade, é muito agradável vir aqui. E sobre o que eu acho da Casa do Saber, não só na escolha dos professores, dos temas, eu vejo todo cuidado, mas também o ambiente é super agradável, essa idéia do lanche, é muito fascinante. Em uma cidade grande assim como São Paulo é muito solitário, em Brasília é menor assim, eu venho do interior do Paraná e eu estranhei muito quando eu vim pra São Paulo porque, como as pessoas são sozinhas aqui e aqui serve de ponto pras pessoas fazerem amizade, a noite é paquera, tem muita paquera nossa. Alias eu acho que eu vi em algum lugar, não sei se foi na Veja uma vez, vários lugares de paquera, não sei, tem que pesquisar pra ver, mas nossa com certeza é um lugar de paquera. Muita gente divorciada a noite, não que eles não venham pelo curso, pelo curso também, mas vem pra conhecer gente. Você vê na hora do intervalo que rola um vinhozinho e tudo, as pessoas trocam também telefone, com certeza tem isso. Tem varias finalidades né.

O celular dela tocou, pausa no gravador.

Você acha que o conhecimento que é transmitido aqui é profundo?

Acho que depende da pessoa. Acho que depende da função também que ela dá pra isso. Eu acredito que sim. Que pode ser que sim, que é legitimado sim. Eu acredito que sim, mas também tem gente que não, não consigo ver a Iolanda dando essa mesma resposta, a gente se move por motivos diferentes, por exemplo, mas no meu caso eu vejo que sim. No dela, vai saber né. Mas eu acho que é legitimado com certeza. E eu acho esse negocio de certificado, eu acho que pode ser usado sim, eu mesma uso o certificado daqui, vale pra minha faculdade, pra carga horária extra, todos os cursos que eu faço pego o certificados e minha carga horária extra tá validada com os certificados daqui, é reconhecido pelas instituições, o coordenador do curso conhece, já entrou em contato aqui e fica fascinado com os cursos que eu faço aqui. É como o Clóvis falou, de fato a questão financeira é um *gate keeper*, não dá pra todos os meus colegas de faculdade fazerem, agora, o que é uma pena, o que é uma lástima porque tem um curso de neurociência aqui com uma moça que chama Suzana Herculano Gurgel e ela é neurocientista e produz largamente, ela escreve com uma facilidade, tem vários livros

publicados e agente utiliza alguns livros dela. E ela dá curso aqui, ela dá curso na Casa do Saber do rio e vem dar curso aqui, então, por exemplo, esse curso eu divulguei na minha faculdade e como agente estuda os textos dela muitas pessoas fizeram um sacrifício e foram fazer, eram só duas aulas e nossa quando eu falei pro coordenador do curso ele ficou encantado.

Mas fica difícil de todo mundo vir né. Eu, assim, por ser aluna da casa eles me dão 5% de desconto, mas bolsa, algo melhor não, nada. Tanto que nesse da neurociência eu falei, Flávia vou divulgar, vou prospectar alunos que não são frequentadores da Casa do Saber, eu vou estar divulgando o nome pra pessoas que não vem aqui, não conhecem, vocês tem condições de fazer um preço melhor? Porque a maioria dos meus colegas de faculdade tem, são pessoas que entraram ano passado então os pais tem que pagar a faculdade que é particular e, enfim, a vida deles e ainda fazer esse curso aqui fica meio inviável, tem como vocês darem um desconto pra quem chegar com a carteirinha da faculdade, eu queria chamar as professoras, enfim, fiz mil propostas e nada, não deram nada, nem desconto. Eles falam que se abrirem exceção um monte de gente vem e pede, eles são um pouco inflexíveis, eu acho que eles poderiam abrir exceção sim, cada caso é um caso. Acabou que muitos não vieram e eu acho lastimável, eu acho que eles poderiam colocar essa turma no auditório e ter o mesmo lucro, né? E eu acho que funciona porque eles não tem concorrência, até um professor daqui ter a brilhante idéia de se unir a outros professores e eles mesmos montarem uma Casa do Saber, mais flexível. É uma questão financeira, eles são muito duros nesse ponto e é uma pena porque são professores aclamados, quem não gostaria de fazer? Por isso que eu posso te falar? Vale a pena o Paidéia, eu não fiz esse semestre, aí no fim eu to gastando bem mais do que se tivesse o Paidéia, porque é livre e acho que é dois e pouco, dois e trezentos, e você vem pro que você quiser, vale muito à pena, eu não vou deixar de fazer, já avisei a Flavinha, assim que abrir, porque são poucos também né, tem uns trinta por semestre.

Agora não sei, pode ser que eles sejam inflexíveis pra também não virem pessoas que não “fazem parte” né. Aqui não é frequentado por um publico jovem, você vê um de dezoito anos que tá acompanhado por alguém, acho que não é o publico que eles querem, agora esse público também não pode vir a ser? Não sei né. Porque a Casa do saber não se divulga né, e vive cheia, mas vou te falar, vive cheia das mesmas pessoas, tanto é que os cursos vão mudando, todo semestre os professores inventam novos cursos, eles inventam sempre, eu acho que deve ser angustiante porque eles têm que criar um curso novo. Vêm alunos novos, mas, a vida consome de mais né Tati hoje em dia, é difícil você parar pra fazer um curso, que tem um custo, poxa é muito difícil e São Paulo é muito complexo, é tudo muito distante, as

peessoas trabalham o dia inteiro, o transito tá insano, aí você vem fazer um curso que dura cinco, seis dias, semanas. Tem outro tipo de custo também, pra quem tem família, então as pessoas se repetem muito, se repetem as carinhas, você vê muitas mesmo. Eu conheci pessoas que fazem o curso do Clóvis, tem um médico que chama Ivan que é uma graça, e eu tenho certeza que se eu encontrar de novo vou conversar e ele fez vários, tem uma outra psiquiatra que tá em todos então eu acho que a Casa do Saber tem um público fiel. E tem alunos que são fiéis aos professores também né, o Clóvis, o Mário e é ótimo, aplico tudo na faculdade. Eu poderia tá fazendo outros de filosofia, poderia, eu já fiz com Ponde, com Jacoia, são fascinantes, agora eu vou ser bem sincera o porquê, pra eu escolher o Clovis eu já to assim há um ano fazendo curso com ele, o que me fez a priorizar o curso dele foi justamente essa disponibilidade dele, essa facilidade de passar e de dar um exemplo, putz, corriqueiro, banal, do dia a dia, e ele traça um paralelo assim muito legal. As aulas de outros aqui nesse sentido não são tão disponíveis, então fica aquele pensamento só abstrato, aquela coisa distante e você vê isso no grupo, no tamanho da sala, o Clóvis realmente tem essa popularidade, por que, não que seja mais fácil, mas porque ele consegue agregar esse grupo que não é coeso, tem gente do todo tipo, nossa, e ele consegue fazer isso. Nos outros já é mais difícil, você vai no Jacoia que é uma pessoa incrível, adoro os cursos dele, mas a turma é bem menor e é uma aula que você tem que estar muito focado, muito focado, e isso acho que é mérito, to dando mérito pro Clóvis, que é essa a idéia da Casa do Saber. O Jiacoia você tem que ter já o conhecimento prévio de Nietzsche. Com o Clóvis você corta caminho, é fabuloso, ele... eu gosto de traçar o seguinte paralelo, eu gosto de mergulhar e poxa é um esporte de risco, na hora que você cai na água você tá com o *dive* máster e eu coloco o Clóvis no lugar do *dive* máster, um instrutor de mergulho, na hora que você vai esvaziando o seu colete e tá mergulhando te dá medo então muitas vezes eu esvazio o colete e inflo e subo a tona, quando você volta do mergulho todo mundo tem que subir, geralmente o grupo é de, o *dive* máster e mais quatro, cinco, então ele tem que ver o oxigênio de todo mundo, ele cuida de todo mundo, tem que fazer sinal pro barco, enfim. Então se você fica insegura com alguma coisa, pensa no coletivo, por quê? Por que você vai se embrenhar pro obscuro, às vezes é assustador você ver essa verdade, esse enfrentamento, é um estranhamento que você sente às vezes e você tem que confiar, o Clovis é o *dive* máster, você faz um mergulho no obscuro e ele pega na tua mão sabe e leva você, e quando você vai ver passaram-se 45 minutos a 50 metros de profundidade e foi do caralho, você pense poxa consegui que de mais. Foi angustiante, mas deu certo, eu acho que ele tem essa disponibilidade, não to falando que é fácil, você chaga lá e vê tubarão, moréia, mas depois você vê um peixinho alegre e se distrai. Com outras pessoas você só vê o tubarão, é só

escuridão e angustia, eu acho incrível, bacana que você tá fazendo com ele, acho de mais. Eu já faço curso com ele há um ano e é incrível e te dá alegria né, é uma aula linda, te distrai. Então eu sou assim, vou de mão dada com o *dive master*. Ou com meu marido ou com *dive master* e eu sinto isso com o Clóvis, com certeza. É uma experiência pra vida na, vira um prazer, uma alegria.

Ana você já viu reportagens ou anúncios sobre a casa do saber?

Vi no começo né, não vejo mais não. No começo via muito e você sabe que eu não comecei a freqüentar logo no começo. Esse curso que eu te falei que foi o primeiro que eu vim, tem uns dois anos, a casa tem uns quatro anos? De quatro pra cinco? Então, eu vim já tinha uns dois anos a Casa do Saber, e voltei intensamente desde o primeiro semestre do ano passado, 2007, aí esses três últimos semestres e to fazendo muitos cursos, em 2007 eu fui Paidéia então fiz muitos e esse, esse já é o segundo do Clóvis, tem o de psicanálise. Então tem um ano e meio que eu to fazendo muitos cursos e vou continuar. E você sabe que, engraçado, a primeira coisa que eu faço quando chega o livrinho é ver esses dois professores. É o que eu te falo, tem isso mesmo, não dá pra fazer tudo, têm muitas coisas que eu acho ricas aqui, cinema, esse das eleições americanas é legal, mas não me sobra tempo, eu tenho marido, filhas, empregadas, eu tenho uma idade que assim, já construí muitas outras coisas, amigas que me cobram e eu me afastei dessas amigas, criei novos vínculos, tanto aqui, tenho meus amigos aqui, tenho amigos da faculdade, mas eu gostaria de fazer muitos outros cursos, não dá tempo. Então eu já sabendo o que eu gosto aqui, melhor, eu vou no que eu sei que funciona pra mim, tanto pra minha vida acadêmica, me ajuda. Gente quando eu comecei, entrei na faculdade no começo do ano passado e já comecei com o curso de psicanálise aqui, quando começou Freud na faculdade eu já tinha feito Freud e a sexualidade aqui então tirei 10. Eu falo e as pessoas têm preguiça. Eu faço coisas específicas. Eu gostaria de fazer coisas mais... Outros assuntos que fugissem, ah fazer uma coisa nada haver também, me dá prazer. A segunda faculdade é totalmente diferente da primeira escolha, você escolhe pelo princípio do prazer, não pela necessidade, agora eu to na contra Mao disso, não quero saber de nada, quero ser feliz, conciliar com a minha vida, minhas filhas, amo cosméticos, adoraria mexer com isso, mas não dá. Gosto de sair com as minhas amigas pra almoçar, cuidar das minhas filhas, ir nas reuniões da escolinha delas, viajar com meu marido, então essa segunda profissão é de encontro com o que você quer e as escolhas que eu faço aqui vai bem direto nisso. A pessoa quando pega o livrinho da casa do saber, abarca todos os assuntos, você vê que tem de tudo, então é muito rico, a pessoa vem pelo prazer mesmo, você pode fazer de tudo, eu além de unir o prazer de estar aqui, de antecipar o conhecimento, de buscar de outras formas paralelamente a

faculdade, é um assunto que eu gosto, agora madura, com a vida já definida, minha vida já está definida, eu não precisava dar esse *turning point* na vida, já tava seguindo se rumo, e não, eu fiz essa escolha consciente, ao mesmo tempo passional, eu to feliz, eu gosto muito, me ajuda de mais Tati. Não sei se você conseguiu entender, as provas você não acredita, eu cito o professor a Casa do Saber, é de mais. Além de me ajudar no conhecimento eu tenho essa carga horário que já te falei, eu tenho 169, precisa de 200 pros cinco anos. Vai passar né, até o quinto ano eu vou fazer muitos outros cursos.

Você já ouviu ou viu em algum lugar chamarem a casa do saber de DASLUSP?

Ah, adoro. Primeiro que eu não gosto de etiqueta. Acho uma babaquice sem limite. E também acho uma babaquice falar isso pejorativamente da Daslu porque eu acho o máximo, acho maravilhosa, incrível, uma mulher batalhadora. Então acho ridículo essa comparação, acho pobre, mas acho que teria medo de ser julgada em falar que acho um elogio porque eu acho a Daslu muito legal, a dona passou por problemas tributários o que é uma pena, mas ela é uma mulher incrível, inteligentíssima. Quem criou a Casa do Saber idem. E realmente, é pra pessoas de alto poder aquisitivo, que mal há nisso? Mas eu teria medo de ser julgada, pó você fala isso porque é uma privilegiada, eu seria contida pra falar, mas pra mim não denigre em nada a Casa do Saber falar que é Daslusp, em nada. Já escutei muito falando isso. São pessoas que gostariam de freqüentar, de dar aula e com certeza a Daslu porque lá é lindo você já foi?

Sim, já fui lá uma vez.

Então vamos combinar de ir de novo. A gente pode almoçar lá. É lindo, te enche os olhos, tem arte, tem beleza, é um lugar maravilhoso. Eu vejo isso com bons olhos, não acho que é pejorativo não e olha podem julgar ah que futilidade, mas é maravilhoso, porque não ter orgulho da Daslu? É porque é um país que a maioria é pobre, mas e daí se uma pessoa for bem sucedida? Aqui também, é um conhecimento de luxo, eu deixo isso claro, que mesmo sem certificado nem nada, por que pra mim conta na faculdade, se fosse advogado e chegasse com um curso de filosofia, não ia ser nada. Mas eu acho que, não vejo problema nenhum. Eu acho um elogio. E é bem isso, quem freqüenta a Daslu está aqui e os professores da USP dão aula aqui, exatamente.

Toca o celular. Pause no gravador. A entrevistada avisou que precisa buscar as filhas, encerramos a entrevista e conversamos um pouco sobre namorados e maridos.



## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluna 10

Podemos fazer bem rápido querida, meu motorista vai atrasar só um pouco.

Ah sim, sem problemas. Vamos começar então. Me fale um pouquinho de sua vida, sua rotina.

Bom, tenho 32 anos, sou casada e tenho uma filha de 8 meses que está com a babá agora né, se não não consigo vir fazer meu curso. Tenho graduação em administração de empresas, mas, não estou trabalhando. Tirei uns anos para mim e para minha filha. Assim, não trabalho fora, mas presto consultoria. Tenho um dia-a-dia muito atrapalhado, é cliente pra tudo que é lado, três telefones celulares, uma loucura, ah e sem falar na fila né, e o marido que é advogado, vive viajando, vai pro Rio, Brasília e quem arruma a mala? (risos) é a vida da mulher normal, trabalho, cuidado dos filhos, da casa, nada de muito diferente não... mas assim, fiz vários cursos de decoração, inclusive no exterior e aqui na Casa do saber eu, claro, encontro com alguns clientes que já viraram amigos né, e... é isso né, aqui eu encontro com muita gente, eu conheço muita gente.

Sua rotina é bem agitada, não é?

Ah sim, muito. Mas é aquilo, tudo tem recompensa. Faço tudo na minha vida com muita dedicação, daí sempre acaba dando tudo certo (risos)

E como a casa do Saber entrou na sua rotina?

Ah, aqui é ótimo, é o lugar de descanso. Aqui eu aproveito pra aprender né, conhecer gente, o que acontece é que eu comecei a vir por causa de uma cliente, da empresa que eu trabalhava, que queria muito que eu viesse com ela daí eu vim primeiro pra uma palestra, era sobre música, tropicália, eu acho, achei boa, mas nada de mais, o lugar e as pessoas, tudo é muito bom, mas a aula, sei lá, a única diferença era o ambiente mesmo. Mas daí ela me convenceu e vim fazer um curso de história com o professor Karnal, aí sim foi maravilhoso, nossa conheci tanta gente, dei tanta risada. Daí, olha o primeiro curso que fiz foi muito bom, esse também está sendo, e porque... é o que eu te disse, é bom pra fazer contatos, porque nesse primeiro tinha bastante gente da minha área. Nossa, eu me atualizei bastante a conheci também a Amália Franco, que tem uma casa de festas e me convidou pra trabalhar com ela. Conheci outras pessoas muito... muito legais através dela. Mas eu vim pra cá mesmo por causa do tema do curso, sempre tive curiosidade né, de conhecer, via bastante, né, conheço algumas pessoas... Colegas, né, amigas que frequentam há bastante tempo. E assim, é sempre bom conhecer coisas novas, cultura né, nesse curso de filosofia com o professor Júlio, nossa ele é maravilhoso viu, vale muito a pena.

E sobre a mídia, você já viu algo sobre a casa do saber na mídia?

Ah sim , tem o blog da Joyce Pascowitch né,, que fala bastante. Vi umas notinhas falando de uns cursos, mas nada assim, da casa do saber né, fazendo, e... sei lá, eles gostam de falar daqui, sempre tem tanta gente bonita, gente especial né. Vi na revista da TAM também, meu marido sempre leva pra casa, mas é aquilo né, eles até colocam a agenda do mês da Sasa do Saber.

O que você quer dizer com gente especial?

(risos) parece estranho né, mas o que acontece, todos nós sabemos que o Brasil é um país de iletrados, quando algumas pessoas se reúnem pra estudar e, sem recompensa né, porque o que tiramos daqui, só cultura mesmo, então quero dizer que são diferentes né. E todos nós somos especiais, por que não? (risos). Mas o que quero dizer... o que é... ahn.. o que tem aqui né, tem muita troca, é muito bom poder conversar com essas pessoas e eu não posso negar, tem ajudado nos negócios também... mas é isso, eu tenho que ir, desculpa tanta pressa.

Ok. Sem problemas.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluno 11

T- O senhor pode falar um pouco do senhor, o que faz?

E- Claro. Eu sou publicitário, tenho uma agência aqui perto, portanto sou empresário. Tenho alguns outros negócios também, mas em suma, sou publicitário. Tenho 42 anos sou casado e minha mulher é advogada. Tenho um filho de quinze anos que agora está fazendo intercambio na Austrália. Na agência eu só atendo governo né, então o que acontece? Eu fico indo e vindo de Brasília. Nós temos um pequeno escritório lá, não é? Por que tem que ir quando participa de licitação, mas as grandes campanhas são feitas aqui nesta filial. Então, assim, eu trabalho o dia inteiro e minha esposa também, final de semana geralmente saímos de São Paulo né? A vida aqui é muito agitada. Então o que a gente procura é descansar um pouco, sair dessa rotina né, fazer amigos, conhecer gente nova sempre é bom e eu, poxa, sou publicitário, preciso refrescar a cabeça até porque se não consigo pensar em nada inovador. Por que o que eu faço na agência, sou como se fosse um lobista né, eu tenho que estar sempre fazendo contatos, alguns clientes exigem falar com o dono, não querem saber de conversar com atendimento. É de atendimento pra atendimento no processo, mas até fechar é papo de peixe grande. Então, nossa, estou sempre em jantares, almoços, uma amolação. Minha esposa gosta mais né, mulher gosta desses eventos, mas eu não, pra mim são negócios (risos).

T- Não se mistura nem um pouco de diversão?

Ah, as vezes né, mas é difícil. O que acontece é que todas as pessoas que frequentam estes lugares estão lá por que tem algum interesse, mesmo que seja na mulher do outro (risos). Mas sério mesmo, sempre existe interesse. Eu me divirto muito mais vindo aqui pra casa do saber por exemplo. Sabe que eu comecei a vir por que um dia disse pra minha assistente que não ia num jantar de um cliente lá em Brasília por que ele era muito esnobe sabe, sabe essas pessoas que se acham especiais por causa de um sobrenome? Sabe, eu não sou de reparar nisso, mas o cara só sabe falar de golfe e dos quadros, tirando a mulher dele com as porcelanas de família. Sabe eu acho isso tudo muito superficial, mas o que houve? Eu disse pra Josi que não ia e ficamos conversando dessas coisas, isso não faz muito tempo, daí ela disse, você devia frequentar a Casa do Saber pra aprender a lidar com essas pessoas. Então nós rimos bastante. Você acredita que na mesma semana a minha esposa veio me chamar pra fazer um curso aqui? E eu gostei muito né. Tenho achado ótimo. Descobri como adquirir conhecimento é maravilhoso. A gente vai vivendo a vida e esquece que temos um dom, né? O homem tem o dom do pensamento da inteligência. Se não usarmos isso de que vamos nos diferenciar dos animes? Em nada, né? Agora, o que eu posso dizer da casa do saber é que tem pessoas

maravilhosas aqui. Os professores são ótimos né? Nem tem o que falar deles, os caras sabem muito. E o pessoal é muito legal, as pessoas que freqüentam aqui... é tudo muito bom mesmo, as pessoas tem que ter gosto pela cultura e aqui se pode aprender isso. E eles conseguiram fazer uma mistura né, essas salas são muito confortáveis, minhas esposa quer fazer uma ambiente parecido em casa (risos) mulheres, né... e aí você chega, senta numa poltrona, é servido de um vinho, fica no meio de pessoas boas, legais e é tudo muito bom.

O senhor já viu a Casa do saber na mídia?

Ah sim, eles tem um trabalho muito bom com a mídia. alguém deve conhecer alguém aqui porque fazer a mídia falar bem de você o tempo inteiro é muito difícil.

O senhor lembra de alguma coisa?

Ah notinhas né. A casa do saber não faz publicidade, e se fizesse eu me ofereceria, seria um prazer.... mas o caso é que não faz, pelo menos nunca vi. Daí, assim, fica nessa né, a gente sabe que a casa não precisa se divulgar assim, de forma mais massiva. Uma notinha aqui, outra ali, é sempre bom pré ninguém esquecer.

PROBLEMAS NO ÁUDIO (6 min 37 ATÉ 10 min06)

[...] Então, com esses professores né, tudo gente muito boa da USP, da PUC, gente que sabe passar o recado, gente desenrolada, inteligente, culta, porque tem que estudar muito pra ser um desses caras, a casa fica então só com a nata né, só gente boa que nos rodeia, que circula aqui né. E... assim, o que eu escuto aqui é ótimo pro trabalho também, quer dizer, como eu te disse estou sempre em contato com os clientes, e quem são estes clientes? São as pessoas que você vê aqui, então do que eu preciso? Preciso conversar com essas pessoas, freqüentar o mesmo lugar que elas e acabo fazendo isso com muito prazer, vindo até a Casa do saber.

E se não fossem esses clientes, o senhor freqüentaria a Casa?

Olha, ia ser mais difícil de vir. A minha secretária e minha esposa com certeza teriam mais trabalho (risos), mas viria sim, isso aqui é muito gostoso. Agora a aula vai começar, vamos lá?

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

### Aluno 12

Se você quiser depois vai ser gravado. Você pega o cartão do João, aquele João que te apresentei lá embaixo, você pega o cartão dele e ele pode te passar o áudio.

Tá certo, vou pegar sim. Bom, primeiro eu gostaria de saber como é a sua relação com a Casa do Saber.

Bom, primeiro eu frequento a Casa do Saber como aluno né. Por que se você olhar bem aquela parede no primeiro andar você vai ver que o número de coisas gostosas que a gente gostaria de escutar né. É... bom, eu sou um designer então antes de qualquer coisa eu sou um curioso então eu adoro saber histórias, o ser humano adora contar e escutar histórias. E...quando eu te perguntei por email do era a tua pesquisa você falou em consumo de luxo né? Luxo pra mim é você poder gastar teu tempo de jeito que você quiser, isso pra mim é luxo. Não é uma bolsa, não é uma roupa, é você poder usar o teu tempo do jeito que você quer. Eu adoraria passar meu tempo só estudando, ensinando, aprendendo e aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, que na verdade é a base do design, o grande barato do design é que ele foi criado, a metodologia do design como ele foi criado no *bauhaus* era exatamente isso, aprender e ensinar ao mesmo tempo. Quando a revolução industrial começou os grandes inventores, os primeiros inventores, eles eram pessoas comuns né, eles não tinham diploma de mestrado, de doutorado e nem tinham cartão, sou inventor. Não. Eles simplesmente inventavam né, e também isso é luxo, poder dispor do teu tempo como você quiser.

Então o que você acha da invenção do espaço Casa do Saber?

Acho o máximo. O máximo. Inclusive eu acho que faz bem da saúde mental das pessoas. Você saber, é bom você partilhar. Inclusive a..., pelo que eu sei da história Casa do Saber, ela nasceu naturalmente, espontaneamente. As pessoas iam trocando informações, quer dizer, alguém dava uma reunião sobre filosofia, as pessoas iam, trocavam informações. E eu gosto muito das coisas espontâneas né, pelo que eu entendo a Casa do Saber é uma necessidade espontânea.

Você fala em uma necessidade espontânea, o que você quis dizer?

Necessidade? Bom o ser humano é um ser sociável agente não vive sem o outro, ponto. A gente não consegue viver em exclusão, a gente colapsa. Só..., quantos santos você conhece? Poucos né, pouquíssimos. Pessoas que se isolam da sociedade ou da civilização. A gente precisa uns dos outros. E a gente tem uma aspiração interna de conhecimento o tempo todo. Cada vez mais, inclusive com essa aceleração né, da velocidade do mundo moderno, você

precisa tá toda hora atualizado e tal. Mas você tem que perceber que essa atualização acelerada é uma atualização superficial, e você o tempo todo tá precisando saber um pouquinho da tua origem né. O que é ser mulher/ o que é ser branca? O que é ser religiosa no caso ou não, o que é ter nascido no Brasil, o que é ser sul americano? E isso ;é infundável, a curiosidade humana é infundável, então eu acho que essa necessidade, quer dizer, faz bem a alma, conhecimento faz bem pra alma. Qual a diferença entre conhecimento e informação? O conhecimento é uma informação mais trabalhada. A informação é crua e o conhecimento é uma coisa mais, é uma informação mais trabalhada. É que nem você comer uma comida crua e outra mais cozinhada, mais cozida, com tempero melhor, isso faz bem pra gente, a gente se sente bem.

Qual a sua visão da Casa como aluno?

Eu fiz os cursos no Rio né. Ah, é divertido pra burro. É muito divertido. Estudar é muito divertido. Muito gostoso. Porque é uma posição gostosa né. Você se dispor a escutar alguém falar sobre alguma coisa que você não conhece ou conhece pouco e você quer conhecer mais, é muito bom, muito legal. Faz muito bem pra alma.

As escolas, todas elas, elas tem um papel a cumprir, dar um diploma pra alguém, mostrar pra sociedade que alguém cursou aquele curso durante não sei quanto tempo, um ano, dois anos, três anos, quatro anos e ele fez uma prova passou e aí ele ganha um diploma. Eu dou aula de pós-graduação, as pessoas que tão fazendo curso de pós-graduação, ela querem se atualizar e ao mesmo tempo querem ganhar um diploma pro mercado de trabalho, então eu diria que uma faculdade, ela cumpre o objetivo de satisfazer o mercado de trabalho e já a Casa do Saber não, é por prazer, você faz um curso por prazer, você não vai ganhar um diploma. O que você ganha é a satisfação de conhecer mais um assunto, se aprofundar, se sentir bem pensando nas coisas novas, isso é um prazer.

Bom, quando eu fui convidado pra dar aula na ESPM a idéia era criar uma matéria nova então eu dou aula de uma matéria completamente nova, quer dizer, eu criei a matéria, não existe livro didático dessa matéria, o livro didático é a minha aula, eu dou aula de design estratégico que é o design comprometido com o planejamento das empresas. E as minhas aulas têm um lado filosófico muito grande, por causa disso eu comecei a montar outras aulas sobre inovação e a Casa do Saber soube, eu tenho vários amigos na casa do saber e eles, um deles viu uma aula minha, achou que a aula tinha um conteúdo filosófico muito grande e que valia a pena a gente fazer alguma coisa, então na verdade eles me propuseram fazer um curso no semestre de design, mas não um curso pra designers mas um curso pra... porque como é que o design tá inserido na nossa vida né? Qual é o valor da estética? O que isso muda na nossa vida né? E a

gente fez um teste, essa aula é um teste, é pra ver o que as pessoas acham, como é que a gente vai fazer esse curso, se fala mais sobre o lado filosófico, se fala mais a parte pratica do design, enfim, a gente tá meio ainda sem saber. Quer dizer, eu posso adaptar as aulas a um estilo casa do saber e posso trazer pra Casa do Saber uma coisa diferente. Da mesma forma que eu levei uma coisa diferente pra ESPM eu posso trazer um pouquinho pra cá.

## Transcrição de Entrevista

### Aluna 13

Você pode me falar um pouco da sua vida, o que você faz, como é seu dia-a-dia?

Falo sim. Bom, eu tenho 42 anos, sou casada há vinte, tenho dois filhos, dois meninos. Sou arquiteta, tenho um escritório de arquitetura aqui no Jardins, é especializado em interiores e iluminação, mas fazemos de um tudo lá. O escritório é grande, tenho dezoito funcionários, daí, o que acontece né, a vida fica bastante agitada, tenho aquela jornada tripla das mulheres de hoje, trabalho, marido, filhos, daí entre saúde, beleza, cultura, informação né, por que hoje a gente não pode ficar pra trás, ainda mais eu que trabalho com arquitetura e faço muitas vezes trabalhos de decoração, tenho que saber e entender o que está acontecendo por aí, não dá pra achar que porque fiz uma faculdade estou atualizada para o resto da vida, isso não acontece mais (risos). Por que, se um cliente fala com você de tendências, você tem que estar à frente, tem que saber o porquê daquela tendência e qual vai derivar daquela né... (pausa). Então, o que é? É necessidade mesmo, de se atualizar, de se... não sei qual é a palavra, eu quero dizer que... as pessoas precisam ter cultura né, mas não é ter é... Entender de tudo um pouco, tem que saber se misturar, falar de tudo. Acho que hoje não tem mais espaço pra aqueles que sabem só de uma coisa muito bem, é preciso passear né, saber de tudo um pouco. Eu, faço isso com meus filhos sabe, quando mais novos eles fizeram aulas de música, o mais velho tem uma queda por arte então ele vive fazendo cursos, arte moderna, pós-moderna, pintura, escultura, esse vai ser artista né, tá tentando vestibular pra artes plásticas, vamos ver final do ano no que dá. Mas é isso, o dia-a-dia é corrido, mas sempre tem um tempinho de vir aqui e se atualizar.

Você falou em tempo de vir aqui e se atualizar né, me fala mais sobre isso?

É o que eu tava falando, hoje nós somos cobrados profissionalmente. O que acontece? Se um cliente me vê por fora das últimas de arquitetura e decoração, ele desiste de mim no ato.

T- sim claro. E você se atualiza aqui?

Sim claro! (muito afirmativa) É... Não só né, mas especialmente. Têm as revistas né, os congressos, as exposições do tipo Casa Cor, meu escritório sempre é convidado pra um ambiente lá, isso é importantíssimo... Mas aqui na Casa, bom, primeiro a gente conhece muita gente né, são contatos (risos) essa parte não posso negar, não que eu tenha vindo pra cá pra isso, de jeito nenhum. Eu tô no meu segundo curso aqui né, sempre assim né, pensando em reciclar, em atualizar. O primeiro curso foi muito bom, esse também está sendo, e porque eu te disse que é bom pra fazer contatos? Porque nesse primeiro tinha bastante gente da minha



área, nossa eu me atualizei bastante a conheci também, a Amália Franco que tem uma casa de festas e me convidou pra alguns trabalhos. Mas eu vim pra cá mesmo, por causa do tema do curso, sempre tive curiosidade né, de conhecer, via bastante né, conheço algumas pessoas, é... Colegas né, amigas que freqüentam há bastante tempo. Tem casais amigos nossos que estão sempre aqui e vem juntos. Eu chamei meu marido, mostrei a cartilha dos cursos, mas ele não se interessou não, é médico né, cético. Você não deve encontrar muita gente da área da saúde aqui né? (risos). Mas é isso, vim por indicação e interesse no tema do curso. Acho muito bom porque aqui eles deixam tudo acessível né, você vê, eu nunca tinha ouvido falar em linguagem olfativa nem nada, gosto muito de perfumes, nossa tenho um monte, mas aí o que acontece, a gente gosta das coisas e não sabe como são feitas, de onde saiu aquela idéia né, é sempre um gostar tão superficial, daí recebi o email daqui e decidi vir. Pra aprender né, é algo que eu gosto, nossa devo ter mais de trinta perfumes no meu armário do banheiro, meu marido e a empregada ficam loucos (risos). E, poxa, nossa é muito bom né, isso que eles fazem. Olha só o tema de uma aula gratuita, onde poderíamos encontrar isso? Em que ligar? Não existe! Não mesmo! Só aqui. É claro, se é uma pessoa que quer se aprofundar, trabalhar com isso, sei lá, aí tem que estudar, devem ter cursos, como se diz... é... não sei cursos que dão alguma certificação né, que forma especialista ou sei lá como chama isso, essa professora, se não me engano é especialista em história dos perfumes, alguma coisa assim que eu vi no email... e... nossa do que eu estava falando mesmo? Ah, que é difícil encontrar esse tipo de curso né, então, é isso mesmo (risos).

T- me fala mais sobre a sua relação com a casa?

E- então, quando vim já conhecia assim né, por amigos que falavam muito bem. Daí vim fazer o primeiro curso e adorei. Acho muito difícil ter isso em outro lugar né? Por que você, esses professores daqui, muitos deles são também de faculdades né? Mas na faculdade é aquela coisa né, até mesmo em pós-graduação, você tem um monte de aula, as vezes 10% vai te servir pra alguma coisa, ou nem isso... (risos), os professores são chatos, por os que tão aqui são a exceção da exceção... a Casa deve procurar, mas escarafunchar de verdade né, porque a coisa pra ser chata é professor desses acadêmicos mesmo... menina, eu fiz uma pós na Puc há pouco tempo, deve ter o que, um ano que terminei, ou nem isso, e olha... de um curso de... sei lá, dez disciplinas, eu recorde de um professor que dava uma boa aula. E boa viu? Nada de excepcional não. E você vê, um em dez! aqui não, aqui todos são bons. Bom, não conheço todos né, conheci a terceira hoje (risos), mas o que? Eu sei, aqui é garantia de bons professores. Aliás, acho que esse é o principal chamariz da Casa né? Por que isso é o que eles

fazem, dão cursos, se os professores não fossem muito bem escolhidos não seria esse sucesso, mas nunca, né? Nossa, eles devem ter muito trabalho com isso...

Aí, bom você pediu pra falar mais da Casa né? É... to aqui há pouco tempo, to aqui, como se morasse aqui né? (risos) freqüento a Casa há pouco tempo, mas desde que fiz o primeiro curso me apaixonei. Acho o que eles fazem incrível, como te disse, o que eles oferecem aqui é impossível de encontrar em outro lugar. Ah, tá bom vai, tem umas escolas genéricas por aí, mas não deve ser a mesma coisa. Nada deve se igualar. Aqui, além de tudo tem esse espaço maravilhoso, porque olha aquelas salas... não o auditório, lá tem mais cara de faculdade né, mas as salas, o vinho, que delícia escutar alguém falando de coisas que te interessam, que vão te fazer crescer, interagir como mundo, com outras pessoas do seu nível, tomando um vinhozinho, aquele biscoitinho de nata, isso tudo faz o que? Faz as pessoas se aproximarem na hora do intervalo, a gente conhece gente e, além de relaxar né, é um prazer muito grande depois de um dia de trabalho, cheio de problemas, trânsito, preocupação com filho, marido, daí vem pra cá! Nossa é quase que uma fuga pra mim, sabe? Venho, escolho um poltroninha bem aconchegante, tomo um cafezinho antes lá embaixo né, faço um lanchinho por que venho direto do trabalho... mas quando entro nessa sala, parece que os problemas acabam, é só prazer, as pessoas são interessantes, bonitas né, alegres, por que a alegria deixa a gente bonito, parece que é tudo muito lindo, alias, não parece... aqui é tudo muito lindo, por que não tem chateação, é só prazer. Hoje, vou ser muito sincera né, vim por conta do tema, foi bom, aprendo bastante, agora vou ficar mais exigente na hora de comprar meus cheiros importados (risos), mas né, é uma aula aberta, no auditório, não é a mesma coisa do curso, nas salas, com o vinho (risos) você já percebeu que gosto muito do vinho né? Mas é por que, o que acontece, quando as pessoas tomam vinho, pode ser uma tacinha que seja, mas elas ficam mais relaxadas, mais abertas, as conversas fluem você já percebeu? Ficam desinibidas né, sem barreiras ou acanhamentos, daí, é como eu disse, tudo fica mais bonito.

E o que acontece? Aqui eu venho pra alargar a minha bagagem cultural e acaba que encontro várias pessoas com o mesmo objetivo. A partir disso surgem amizades, conversas gostosas, interações. E poxa, nossa vida é tão corrida, é tanta informação, tanta cobrança. Quando você encontra um lugar que você vai sem compromissos né, onde, o que você faz hoje sem compromisso? Nada! É cobrança pra todo lado, é coisa chata, marido que reclama de tudo, filho vai mal na escola, empregada pede demissão, e isso eu falo por mim né, to falando do meu momento atual (risos), aí fora a violência, o medo. A gente tem que ficar trancado em casa, trancado no carro, sempre assustado, apreensivo, com medo que as pessoas se aproximem. Isso não é vida, sabe? Não dá pra ser feliz assim. Então, quando a gente encontra

um motivo, um lugar que te deixa bem, feliz, tem que aproveitar. E é isso que a Casa virou pra mim nesses últimos meses, quer dizer, meu espaço aqui é de prazer mesmo, relaxamento né, minha terapia (risos). Mais alguma coisa, eu tenho que ir, voltar pra vida né...

Ah, não pode ir tranquila, muito obrigada.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluna 14

Me fale um pouquinho de sua vida, seu dia-a-dia.

Ah, sim. Eu sou estudante, faço curso de direito na PUC. To no segundo ano da faculdade. Foi muito difícil decidir o curso, na verdade ainda penso em fazer marketing, mas acho que to no caminho certo né, direito é muito bom também. Então eu passo os dias na faculdade praticamente. Quando não tem aula eu fico por lá com umas amigas, nossa sempre tem o que fazer na PUC. Aí, assim, quando saio de lá vou pra casa, moro com meus pais né, ou então vou pra um barzinho quando tá mais próximo do fim de semana. Mas sempre to por ali, gosto muito de ficar com minhas amigas, de ir pra bares, festas, gosto muito de conhecer gente, e... ah não sei, é bem isso, eu estudo, saio com as meninas...

E como você chegou até a casa do saber?

Ah... minha mãe. Ela queria muito vir, só sabia falar disso. Ficava me mostrando o site, ela tinha um livrinho daqui, sabe, aquele com os cursos? Então, ficava me mostrando.. ela se separou do meu pai tem pouco tempo, então tá querendo sair... eu não queria no começo, vim por ela mesmo. mas hoje eu gosto muito, você vê, eu to no meu terceiro curso aqui. Nem venho mais só por causa da minha mãe não... é uma opção aqui sabe, acho que não temos muitos lugares legais assim pra aprender né, por que o que temos em São Paulo? Ok, tem museus etc, mas to falando de cursos e sem toda aquela chatice da faculdade né, de provas e leituras obrigatórias. Aqui a gente só faz o curso que quer, é... sabe, é bom, não é nada como as aulas da faculdade e os professores da faculdade. Sei que tem uns professores da PUC aqui, mas os meus são bem diferentes (risos). É uma pena, assim né, que não tem gente da nossa idade, desculpa, eu nem sei quantos anos você tem, mas acho que não está muito longe de mim né..

Só um pouco.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Aluna 15

Me fale um pouquinho da sua rotina, seu trabalho.

Bom eu administro uma organização que auxilia no recolhimento e educação de crianças de rua né. Eu administro lá, temos parceria com algumas empresas privadas e públicas e há 8 anos eu faço esse trabalho né, é mais de arrecadação mesmo, porque precisamos né, de... patrocínio, vamos dizer assim, pra manter as crianças na escola, com comida, porque é como se fosse uma creche né, no mês passado o mais velho se mudou né, arrumou trabalho e foi dividir aluguel com um amigo do trabalho mesmo. ele completou o segundo grau, fez curso técnico e tudo, assim, junto com a gente. Ele conseguiu emprego numa fábrica né, em Santo André, e foi morar lá, o custo seria mais baixo pra ele. Mas você vê, tiramos ele da rua no primeiro ano de existência da organização, hoje ele tá com 20 anos, tinha doze quando saiu da rua. Mas nem todos são assim viu, muitos fogem e voltam pra rua. Achem que ali estão presos, ou vão atrás de drogas né. Mas essa é a nossa sociedade né queridinha. Então é... eu vivo intensamente o meu trabalho. Meu marido e meus filhos estavam reclamando muito minha ausência né, assim, eu sou casada e tive um filho com meu marido, mas ele já tinha uma filha de outro relacionamento, mas ela sempre morou com a gente, me chama de mãe, então é minha filha.

Mas o que eu tava te dizendo era que... poxa, eu to com 50 anos né, mulheres sempre tem uma crise quando chegam a esta idade, e eu tava me escondendo totalmente no meu trabalho, não queria mais nada. Meus filhos e meu marido pediram para eu ir mais devagar, mas não dá né, é muita correria, cuidar de tudo, e meu trabalho é muito estressante, conviver com essas crianças, muitas vezes ter que tirar a guarda dos pais em juízo, não é mole... eu já tenho experiência né, mas não tem como não afetar a sua vida, são coisas muito fortes. Quando foi convidada pra assumir lá o centro de reabilitação, nossa eu pensei muito, mas sou uma mulher forte, sempre gostei de desafios e este é mais um que estou me saindo bem.

E como a casa do saber entrou na sua vida?

Então, eu sempre gostei muito de estudar, de me atualizar né. Como te disse o trabalho estava consumindo minha vida, nem mesmo a leitura que sempre me dediquei tanto eu tinha mais tempo. Daí, minha família no meu pé né, eu vim na casa do saber. Eu já prometia vir há algum tempo, sou bastante amiga da XXX, que você sabe né. É proprietária aqui, e uma das colaboradoras lá do centro. Então eu conheço o espaço há bastante tempo, acompanhei a abertura, fiz o primeiro curso aqui, em 2004, de filosofia, um que eles tem até hoje, de filosofia, mas eu estive no primeiro. Então, com tudo aquilo na minha cabeça o que pensei foi

em voltar a freqüentar aqui né, porque é muito importante a gente adquirir uma certa... como eu falo... cultura mesmo né, conhecimento, é isso que eles passam aqui e é disso que eu to atrás, Por que, estudar né, sempre foi muito importante pra mim, como te disse, sempre li muito. A filosofia eu passei a conhecer e gostar aqui mesmo, nossa quanta coisa maravilhosa né, pra entender a vida mesmo, e eu que trabalho com tanta gente que teve a vida desbastada, tanta tristeza, entender o ser humano né, nossas ações, nosso porquê, isso tem sido muito bom pra mim, divino mesmo. a filosofia tem sido meu guia, como uma religião mesmo. eu compro os livros que os professores recomendam, sou uma nerd mesmo, como vocês falam (risos).

E sobre a mídia, a senhora vê a casa do saber na mídia?

Ah, não... não tenho lembrança não... é muito difícil de ver NE? Eu lembro no começo que teve muita gente comentando, mas agora... acho que quase nada, e por favor né, eles não precisam disso. Não mesmo, já fazem tanto sucesso sem nada disso. E podemos ver que é um sucesso por não precisar ficar se divulgando por aí, acho que isso iria denegrir a imagem da CS e iria contra os princípios da instituição. Nossa, a gente tá aqui conversando e eu nem vi o tempo passar, tenho que ir fofa.

Tudo bem, muito obrigada.

Deu tudo certo? Qualquer coisa me liga que respondo mais perguntas, olha meu cartão.

## TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

### Funcionária 1

you é estagiária aqui há quanto tempo?

Eu comecei no primeiro dia de julho do ano passado, não tem um ano, tem uns dez meses.

Onde você faz faculdade?

Eu faço ciências sociais na PUC.

Como você começou a trabalhar aqui? Se inscreveu pelo site?

Não, não. Eu tinha dois amigos meus da PUC que trabalhavam aqui. Um trabalhou aí o outro saiu, aí o outro trabalhou aí enquanto ele tava trabalhando aqui abriu uma vaga e eu tinha terminado a minha iniciação científica, tinha acabado. Então eu precisava, sabe tava bem na época de procurar emprego aí ele falou “faz uma entrevista lá” aí eu fiz e entrei e comecei a trabalhar.

Fala um pouco pra mim sobre o que você faz. Você é monitora do professores, o que engloba este trabalho?

Então, é que agora eu estou numa fase de transição. Mas o meu trabalho aqui na Casa nesse tempo todo é... Agente tem que cuidar dos cursos e cuidar do cadastro de alunos, essas coisas, então, por exemplo, todo começo de semestre agente divide os cursos. Então esse monitor fica com tais e tais cursos, e outro com tais e tais até dividir todos os cursos da Casa. Aí eu tenho que cuidar dos meus cursos, ver se ta tendo inscrição, se, falar pra curadoria olha tem pouca gente, talvez precise divulgar, entendeu? Antes de começar a aula ver se o curso vai ser cancelado, se vai acontecer, se precisa mudar de sala. Na verdade esse é um trabalho mais da curadoria, mas agente precisa ficar de olho porque é o nosso curso. Aí agente tem que organizar, conversar com o professor, confirmar a aula antes de falar olha vai acontecer a aula, pedir bibliografia pro professor, ver se tem alguma recomendação pros alunos. Aí tem que mandar carta de boas vindas pros alunos, mandar a bibliografia pros alunos, toda essa logística de comunicação com os alunos. Se o professor, por exemplo, tem que faltar uma aula, agente tem que ter certeza de que todo mundo escutou, que ficou sabendo, então se faltam duas pessoas, tem que ligar pras duas pessoas, mandar mais um email porque sempre tem uma ou outra pessoa que esquece. E aí a gente assiste às aulas, antes de assistir as aulas agente tem que fazer um check list da sala, então tem que ver, é que o Clóvis não usa nada, mas os outros professores a gente tem que testar tudo antes, ver se ta tudo certinho, ver se tem água pro professor, caneta pra ele escrever na lousa, ver se a sala ta limpa, se ta tudo certinho, testar o ar condicionado, fazer todas essas coisas, assistir a aula e depois da aula fazer um

relatório sobre o que professor falou na aula que é uma versão nossa e aí agente manda essa versão pros alunos.

Aí, além disso tem a avaliação dos cursos que agente passa na última aula, tabula a avaliação pra ver qual foi o resultado também e, além disso no trabalho da monitoria agente faz a inscrição e o cadastro de aluno. Então o pessoal liga, ah eu quero fazer o curso tal aí tem que fazer, colocar nome, endereço, CEP, CPF, telefone todo o cadastro completo. Além disso, agora eu tenho uma outra função que é monitorar os cursos da Casa do Saber nas empresas. Então esse curso provavelmente não vai ser meu até o final, uma outra pessoa vai entrar pra ficar com esse lugar, eu vou continuar de estagiária, continuar como monitora, só que o meu trabalho vai ser ajudar o evento, Casa do Saber empresas, e aí assistir as aulas nas empresas, ver se está tudo certinho, esse trabalho mais ou menos.

E sobre os eventos na Casa do Saber?

Então, a livraria é nossa parceira, acontecem coisas diferentes. As vezes eles precisam de uma sala e agente empresta uma sala pra eles, lançamentos de livros... e tem os nossos que a Casa do Saber aluga todas as salas, tem valor pra meio período, período integral então às vezes durante o dia, tem, ah o banco Real, o banco Itaú aluga.

Mas pra ter aulas?

Não então, pra todos os tipos de coisa. Agente aluga só a sala e os equipamentos e eles usam pra fazer dinâmicas, às vezes vêm 3, 4 pessoas e ficam na sala, que é mais confortável pra eles fazerem coisas diferentes, discutirem. Mas eles alugam só o espaço. Aí quando agente aluga a sala, vê se tudo funcionou, se ta tudo certinho e agente não fica dentro né porque eles alugaram o espaço. Os que a gente monitora são os que compram o espaço e o professor ou o professor fora da Casa. Aí agente assiste a aula, vê se ta tudo certo, se a pessoa gostou do professor, se não gostou.

Olha, eu acho que os alunos são muito variados, e depende muito do horário também. Eu monitorei curso a noite e monitorei curso na hora do almoço, é muito diferente. Na hora do almoço você vê que tem mais mulheres do que homens, sempre é assim, pelo menos 80% da sala é feminina, as vezes 100% é feminino e o pessoal da noite tem bastante executivo, que sai do trabalho e vem assistir a aula. O perfil varia também acho que de acordo com os cursos da casa sabe? Os cursos “BRIC” que é Brasil, Rússia, Índia, China sabe, tem bastante executivo. Esses cursos da hora do almoço têm várias mães sabe, que conseguem um horário disponível, várias senhoras também. Mas assim eu não tenho como traçar um perfil, mas talvez você consiga fazer isso com a sua pesquisa. Porque é até uma coisa legal pra gente, que a gente não tem muito sabe, definido, varia bastante a idade também varia bastante. Tem gente que traz os



filhos, agora a gente tem um curso pra crianças não sei se você viu na programação? Pais e Filhos, então, vêm os pais e os filhos aí tem uma atividade interativa entre os dois, é a primeira vez que a Casa do Saber lançou esse curso. Mas tá bem legal, as aulas são legais, tem até uma aula com o Clóvis também, acho que a próxima ele vai dar introdução a filosofia, é uma aula bem diferente.

Sobre a comunicação entre jardins e Higienópolis?

A comunicação é conjunta, tem um grupo de email que agente comunica todo mundo junto. Agente sabe o que acontece lá e eles sabem o que acontece aqui, mas são fixas as pessoas sabe, aí no máximo as vezes vem alguém pra cá numa reunião aí tem que ficar uma pessoa lá sabe, agente troca, mas não é muito freqüente.

Sobre a comunicação da casa. Como a Casa do Saber se divulga?

A gente tem uma assessoria de imprensa né, então às vezes sai artigo em revista, jornal sobre os cursos. Mas assim tem uma divulgação fixa que é todo começo do semestre a Casa manda a brochura pra todos os alunos cadastrados e matriculados, todos eles recebem em casa. E agente manda as ATM (divulgação de cursos pelos emails cadastrados) que essa divulgação é muito forte porque aí vai girando, entra na rede né, então a gente consegue muito aluno assim, sempre no dia que sai alguma ATM, a divulgação de tal curso, você pode ter certeza que sabe? E assim você vê essa diferença muito forte quando tem aula aberta que são as aulas gratuitas aqui na Casa, no dia seguinte agente atende sabe 30, 40 ligações sabe, por que lota em dois dias assim, na hora, então o pessoal lê, vê mesmo o email.

Esses emails são mandados só pra quem entra no site e se cadastra?

Só pra quem entra no site e se cadastra, exatamente.

Ah, eu esqueci de te falar outra coisa que é minha função aqui na casa. Agente tem um programa de bolsa de estudo, sou eu que cuido do programa de bolsa. Aí esse programa vai pra professores da rede Estadual de ensino e pra estudantes universitários da graduação. Então aí são duas categorias diferentes, que assim, os professores agente têm um acordo com a secretaria da educação e aí eles mandam, ah eu quero uma bolsa pro curso tal, agente encaminha isso pra secretaria e a secretaria encaminha o pedido formal pra gente. Aí eu aprovo cadastro, mando confirmação pra eles, essas coisas. É os estudantes só agente que faz, então a gente pede o documento pros estudantes, eles mandam a gente olha os documentos vê se encaixa sabe, se é o que a gente tá procurando, aí eles fazem uma entrevista com o professor Leandro Karnal e o Leandro dá a última palavra. E assim, esse é um dos programas da Casa que a gente tá fazendo o possível pra divulgar mais, porque tem bolsa a mais do que a

gente tem de estudante, é engraçado isso porque a gente ainda não conseguiu um jeitinho ainda de divulgar e conseguir ocupar todas essas bolsas.

Essas bolsas para os estudantes são só pra rede pública?

Não, só dos professores. Para os estudantes pode ser faculdade particular, qualquer estudante, mas assim, agente exige boas notas e uma renda baixa. Mas a renda varia porque o que a gente quer ver é que a pessoa não tem condições de pagar um curso aqui na Casa. Então não precisa ser...sabe? Mas tem pouco estudante interessado.

E professor, tem?

De professor tem mais do que estudante mais ainda não ocupa tudo que a gente quer sabe, porque supostamente cada curso da Casa do Saber tem que ter 5% das vagas com bolsa. Essa é a meta da casa, só que não tem. Tem um ou outro que a gente consegue 5% sabe. De vez em quando a gente deixa um estudante a mais sabe, como não tem no outro, mas mesmo assim sabe... Esse curso da hora do almoço mesmo não tem ninguém de bolsa de estudos.

Você tava falando sobre a assessoria de imprensa, ela funciona aqui dentro?

Não é de fora, acho que se chama Cartaz a empresa. Aí eles que fazem toda essa comunicação, jornal, revista.

Sabe me dizer se eles fazem um clipping das notícias?

Eles eu não sei, mas tem uma pessoa responsável aqui que junta tudo que sai, aí ela tem arquivado por mês tudo que sai da casa que é a Maria Luiza, uma monitora também. Ela trabalha das 4h30 as 10h30 quando ela tem aula e das 4h às 10h quando não tem aula. É porque funciona assim, a gente divide os cursos aí cada monitor pega suas funções extras, eu fico com as bolsas, outras pessoas ficam com outras coisas sabe, emitir certificado, aí cada monitor tem uma função extra específica. A Malu, por exemplo, cuida das notícias da assessoria, organiza coloca por mês na pasta, por ano, tudo direitinho.

Voltando para os alunos, eles têm interesse na bibliografia dos cursos?

Então, tem aluno que vai atrás, que lê tudo. A gente tem uns alunos muito interessados. E têm outros que não, outros que só querem sentar e ouvir a aula. Eu acho que tem, não sei se é uma minoria ou não, mas toda aula sempre tem as pessoas perguntando que livro que eu leio, sabe, aí chega na próxima aula com o livro já comprado.

Tem umas pessoas que entram, não entendem a aula, você vê que é claro e, a gente às vezes também não entende, e têm outras que conhecem sabe, tem alunos que eu fico impressionada. Tem um curso aqui na hora do almoço que sempre tem uma vez por semestre que é com professor Antonio Medina, ele é especialista em Grécia, essas coisas, os alunos dele, eles estudam mesmo assim sabe, você olha o pessoal leu tudo sabe, então tem várias pessoas que

realmente estão interessadas. Vários alunos também da noite, assim, tem várias pessoas que são interessadas e algumas outras que tão na sala porque o amigo indicou e gosta do espaço.

De sensação acho que tem pessoas que não conseguem absorver e continuam aqui.

E você gosta de trabalhar aqui?

Gosto, gosto. Não é a minha área, nem a área que eu quero, mas eu gosto, é bem legal. Eu assisto às aulas, é tranqüilo.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Funcionária 2

Bom, Juliana, como você começou a trabalhar na Casa do Saber?

Eu comecei a trabalhar como estagiária. Eu entrei como monitora de cursos, e foi em 2005. Aí, não sei, você quer saber como é que foi todo o processo e tal?

Pode falar.

Tá. Foi que eu tava na faculdade, comecei a procurar trabalho, comecei a procurar estágio e a Paula, que é filha do Mario, Mario Vitor Santos que é o diretor da Casa, ela é minha amiga, ela estudou comigo na faculdade. Então ela falou que o pai dela trabalhava num lugar assim, assim e assado, eu não conhecia a Casa do Saber, eu só tinha ouvido falar na mídia, coisa do tipo, eu sabia mais ou menos o que é que era e aí ela me falou que o pai dela trabalhava num lugar que era de um jeito tal, que era bem legal, que ela achava que era a minha cara e falou pra eu mandar currículo pra Casa. Aí eu mandei, eles me chamaram pra entrevista, eu fiz a entrevista junto com mais uma pancada de, de, de candidatos também, e acho que mais ou menos um mês depois da entrevista eles me ligaram.

Como foi a sua transição? Porque hoje você é contratada?

Sou. É, então, na verdade foi assim: eu trabalhei como estagiária durante, se eu não me engano, seis meses. Aí eu sai da Casa do Saber, porque eu prestei, muito antes disso eu já tinha prestado um concurso público, e aí me chamaram, eu fui convocada, então eu resolvi ir. Conversei com o Mario até na época e tal, e aí eu sai e no ano passado, ano passado? Foi em 2007, né?

Ahã.

E no ano passado o pessoal me ligou, né, perguntando o que é que eu tava fazendo, falando que o Mario queria conversar comigo, se era possível, que tinha surgido uma oportunidade e que eles tinham pensado no meu nome, e, essa oportunidade seria a de tomar conta daqui da unidade de Higienópolis, né? Aí já não seria mais como estagiária e tal.

Ah, legal. E quais são os seus deveres aqui na Casa hoje?

Hoje, eu tomo conta dessa unidade, tá? É uma unidade pequena, agente tem uma sala só, então assim, eu tomo conta desde o vaso de planta ali da porta até a programação de cursos que vai acontecer aqui. Então assim, apesar de ser uma unidade pequena é um trabalho bastante cuidadoso e complexo, assim, porque tem que saber organizar muito bem, tem

muitos detalhes, então assim, vai, tem muita coisa pra tomar conta. Ali, essa pequena amostra da Livraria eu também, eu que também faço a venda desses livros pela Livraria da Vila.

Você sabe me dizer como são escolhidos os cursos que vêm pra cá? Por quê alguns cursos estão aqui?

Tá. Então, isso normalmente é sempre feito junto com a reunião, assim, agente faz uma reunião de curadoria, a Casa tem uma equipe de curadoria, tá, que é o Leandro, a Marina, o Mario também, e eu por Higienópolis, tá? Então assim, agente faz uma reunião de curadoria e maneira é sempre a mesma. Agente pensa em cursos, agente tem idéias de cursos, algumas coisas já foram previamente conversadas com os professores, agente tem idéias ao longo de todo o semestre, ah, professor, um curso sobre tal coisa não ia ser legal? Ah ia, vamos ver pra desenvolver pro semestre que vem. Então, rolam mini *brainstormings* durante todo o semestre, mas chega uma época em que agente começa a parar toda semana, agente faz uma reunião, que é mais ou menos na metade de cada semestre, agente já começa a fazer o semestre seguinte. E aí agente começa a perguntar, agente começa a correr atrás dos professores que nem desesperados pra saber a disponibilidade deles. Isso é a maior dificuldade, porque dificilmente uma pessoa em setembro, outubro, por mais compromissada que seja, sabe o que vai fazer em março do ano que vem. (risos)

Imagino.

Então é bem difícil. A maioria dos professores dá aula em universidades e as universidades só soltam os calendários das aulas bem próximo ao final do ano, então a maioria deles não sabem quando vai estar compromissado ou não, né? Então agente trabalha assim. Agente tem as idéias, agente fala com os professores, eles dão a opinião, aí agente vai afunilando esses temas junto com os professores, eles também vão dando um norte pra gente, olha, não, eu acho que um curso assim, pra ser um curso curto não daria muito certo, que tal agente abordar esse assunto por um outro viés? E aí vai, e aí vai indo. Pra Higienópolis, especificamente, é, tem algumas, alguns detalhes, tá? Que é o seguinte: não são todos os professores que gostam de vir até Higienópolis pra dar aula. Então às vezes, agente já deixou de ter cursos aqui porque o professor acha muito longe, é fora de mão, pra ele não dá, tem, aqui tem muito trânsito também, como na Mário Ferraz por conta do Mackenzie, a noite, então tem gente que não gosta disso. A nossa oferta de cursos é bem menor porque tem uma sala só, então eu não tenho muita opção, assim, né? Eu só posso ter curso a tarde e de noite, então eu não tenho uma grade com uma vasta opção de cursos, né? Eu fico só com dois cursos por dia, no máximo. Que mais que entra em algum detalhe... pra cursos em Higienópolis? O público é o

mesmo, é o mesmo, é o mesmo. Agente até a algum tempo achou que tivesse um diferencial. Eu quando entrei aqui trabalhei em cima disso pra ver se tinha mesmo esse diferencial, pra pesquisar isso, se agente captava esse público universitário que tem por aqui perto, FAAP e tal. Agente capta eles de alguma forma, ainda mais o público de pós-graduação. Universitários, raramente. Tem também, mas não é uma quantidade significativa, creio eu por conta dos valores dos cursos, né? São cursos caros, assim, não é comum a idade universitária poder fazer esses cursos, ao menos que o pai pague, tem esses casos, claro, mas não é a maioria, né? Mas não, assim, o público é, muita gente faz aula tanto aqui quanto na Mário Ferraz, é, eu diria que, 50 a 60% assim, né, o público faz, frequenta as duas Casas. E, assim, e dos bairros próximos também. Tem, também, a grande maioria, Cerqueira César, a própria Higienópolis, Cerqueria César, Perdizer, é a maioria. A maioria. Alguns vem do Centro assim, mas é uma quantidade baixa, não tem tanta, ..., então, tem aqueles que só vem em Higienópolis porque moram aqui do lado e detestam pegar trânsito, tem a vida corrida, mas são poucos, são bem poucos.

Você me falou que participa das reuniões onde vocês pensam sobre os cursos, né? Existe algum filtro? O que é que um curso deve ter pra dar certo aqui na Casa do Saber, você saberia me dizer?

Então, agente tem uma linha de, tem, tem filtros, aliás eu não sei se é só um filtro. (risos) Seriam vários. É, todos esses cursos eles são muito bem pensados, muito assim, em cima de cada um deles sempre rola uma discussão, rola uma avaliação. A palavra final é sempre do Mario, do Mario Vitor mesmo, do diretor. É sempre assim, agente faz um super *brainstorming* e ele valoriza tudo o que agente fala e tal, mas quem diz: o curso vai acontecer ou o curso não vai acontecer, ou o curso vai acontecer com esse título, ou o curso não vai acontecer com esse título, é o Mario. Então, assim, é, agente tem uma linha acadêmica bem forte, né? A Casa do Saber nasceu com esse espírito de, do academicismo e dessa coisa mais profunda, filosofia, história, das ciências humanas, tanto que assim, desde o início agente trabalha com esses temas não de uma forma muito geral. Os nossos temas são bem específicos, por exemplo, sobre filosofia, agente tem vários cursos bem específicos de filosofia, filosofia grega, algum filósofo específico, Nietzsche e tal. Então, assim, é, aí de uns tempos pra cá agente tem notado que o público tem respondido quando agente fazia uns cursos mais básicos, alguns cursos mais simples, alguns cursos que não, não vão tão fundo numa, numa determinada linha de pensamento. Então, de uns tempos pra cá, eu digo de uns dois anos pra cá, agente tem procurado dosar a nossa programação. O corpo dela é mais ou menos assim: uma parte agente faz o nosso feijão-com-arroz, que aquilo que a Casa nasceu

pra fazer, que é, são cursos de filosofia, história da arte, de música, de psicanálise, os básicos. Freud, filosofia grega, Platão, e não sei o quê, sabe, é o feijão-com-arroz. Aí na outra parte agente dosa os cursos que agente fala que são os cursos mais *pops*, que são aqueles cursos: introdução a não sei o quê, conheça tal coisa, que são os cursos que, eles atendem a um público um pouco iniciantes nessas áreas, não bem que, já... Agente também tem arriscado, e tem dado muito certo, alguns outros temas, fugindo dessas áreas, né? Agente tem feito, por exemplo esse semestre, agente começou com um curso de Geopolítica, agente tem feito cursos sobre temas contemporâneos de Economia, de, ahn, história recente de países, agente pega alguns países, ..., semestre passado agente teve um curso que foi super, é, tava em voga na época, né, que estavam acontecendo aqueles conflitos, agente fez um curso sobre China e Tibet, e o curso foi, enfim, um sucesso total, teve lista de espera e tal. Então agente faz esses cursos, tem essa parte que procura esses cursos de coisas que estão acontecendo, de coisas atuais, por exemplo, rolou a exposição do Duschamps, agente, na mesma época, tava fazendo um curso sobre o Duschamps. Então agente sempre tenta se manter antenado com tudo o que tá acontecendo e tem a dose de cursos sobre as questões culturais atuais, sobre cinema, é, algum diretor, ou alguma estilo de cinema, alguma academia de cinema que esteja em voga na época, vamos fazer um curso sobre isso. E também tem a dose dos clássicos, tem um curso de cinema que agente sempre fez. Então é mais ou menos assim que agente tem dosado a nossa programação, tem um pouco de tudo assim. Então, houve uma mudança, né? A Casa trabalhava com algo desde o começo e teve uma quebra e entraram uns cursos mais introdutórios e esses mais, que tratam da, das atualidades. É, é, mas eu não diria que foi uma quebra porque foi uma coisa muito sutil, muito sutil, que foi acontecendo aos pouquinhos assim, sabe? Agente foi tentando com um ou dois cursos, aí agente viu que deu que deu certo e daí no semestre seguinte agente fez um pouquinho mais. Agente sempre foi muito cuidadoso nisso, tipo, se agente vai introduzir um assunto, agente lança um curso só pra ver como se dá esse cursos(12:40), se dá certo ou se não dá. Deu certo, agente lança dois só no semestre, agente não chega chegando assim, também, né, porque agente tem que trabalhar com a sutileza, às vezes se você, agente nota que tem um assunto que causou um interesse, você também não pode esgotar a demanda por ele em um semestre só e fazer dez cursos sobre o mesmo assunto. Que nem, esse semestre, foi aquele que, (risos) dentro da Casa foi até motivo de piada, que ninguém agüentava mais falar em bossa nova, (risos), né? Machado de Assis, Bossa Nova, todas essas comemorações que teve esse ano, agente fez cursos disso e cada curso que agente fazia lotava, lotava. É, mas assim, chega uma hora que você fala não, chega! Porque se não você começa a ficar muito óbvio e a Casa do Saber, o Mario ele sempre teve

uma preocupação de fugir do óbvio, de sempre surpreender, de sempre ser pioneiro, de sempre oferecer um pouco além do que as pessoas esperam que a Casa do Saber seja, né.

Sobre os cursos que não são aprovados ou que não tem público? Quais são as características desses cursos?

Olha, sempre, sempre, sempre é um mistério, é. Agente nunca conseguiu chegar numa conclusão, tipo, tal coisa é fatal que o curso vai ser cancelado, sabe? Esgotamento de assunto é uma razão que acontece, professor, às vezes acontece de agente notar pelos cancelamentos de curso que tal professor não tem sido bem avaliado, não tem sido muito procurado. Aí agente vai tentar ver qual é o problema desse professor, agente vai assistir a aula dele e vê, conversa e tal. Ahn, assuntos que não seguem a linha da Casa do Saber, às vezes uma linha muito, é, pop como eu te disse, mas um foco escrachado, uma coisa que não tem nenhuma conexão com a academia, com o conhecimento mais rico. E assim, é sempre muito difícil, agente nunca conseguiu traçar uma linha de, de cancelamento. Às vezes um curso, é, faz um super sucesso e agente tenta fazer ele no semestre que vem de novo e ele é cancelado. É um mistério, assim.

Me fala um pouco sobre a importância da academia pra Casa do Saber.

Só os professores. Os professores e agente sempre, uma, uma das grandes, um dos grandes diferenciais da Casa do Saber são os professores, assim, que agente sempre se preocupa muito em trazer grandes nomes pra dar aula aqui. É o nosso maior custo, é, assim, um dos nossos maiores custos é o pagamento dos professores, porque agente traz gente boa, agente tem uma, agente remunera eles com um valor alto e que é, gera custo pra gente e tal. Então, e aí normalmente agente busca esses professores nas universidades, né, públicas ou particulares, isso não, não, acaba não, mas normalmente das maiores, né? É USP, quando é particular PUC ou uma alguma outra universidade particular de peso, ESPM ou a FAAP, alguma coisa...

Quando vocês não conhecem o professor. Se chega o professor oferecendo um curso, aí como você vai tentar... acontece?

Nossa, direto! Agente recebe propostas por e-mail e pessoalmente de alguém querendo dar aula.

Qual é o procedimento de vocês?

Agente sempre pede pra mandar por e-mail. Sempre, sempre, sempre. Isso desde professor até candidato a querer monitor e tal. Sempre por e-mail, pede pra mandar um currículo com uma proposta de curso, se já tiver ou um *briefing* do que a pessoa faz, do que que ela trabalha e tal. Aí agente analisa isso, e normalmente quem analisa é o Leandro e a Marina, né o Mario



também, o Mario dá o ok ou não, e se agente acha que pode rolar, agente chama a pessoa pra uma aula aberta. Aí agente marca uma palestra que não é paga pros alunos e agente assiste aquela palestra pra ver o professor. Alguns professores não passaram, não passam por esse crivo da aula aberta porque são professores que, ou mesmo da área de curadoria que já conheceu ou foi indicado de alguém, por exemplo, é, o Mario conhece muito os professores lá da USP e de outras universidades, a Marina conhece muita gente, então, é, o Leandro é historiador, é da UNICAMP, então, assim, muita gente já vem indicada por eles porque eles são também meio que, como é que fala, *headhunter* de professores, sabe? Já que tá, é, agente que estar muito dentro da universidade, assim, quem trabalha na Casa do Saber, né? Ou estar fazendo sua própria pós e estar estudando também, e de olho nos professores. Então quando o professor ninguém conhece ninguém, nunca viu, agente marca uma aula aberta, quando é indicação às vezes de algum monitor, que também são todos universitários, às vezes eles falam se não dá pra gente sair da Casa e assistir uma aula desse professor fora, conhecer ele de alguma outra forma, agente chama pra uma aula aberta. E aí agente sempre entrega uma avaliação em todos os nossos cursos no final, na aula aberta também tem avaliação e agente vê o que agente achou dessa aula aberta. Ah, mas se agente vê que agente acha que o professor é a cara da Casa ou não, se ele trabalha numa linha bacana, se os alunos gostaram ou não, entendeu?

O que é que um professor tem que ter pra ser a cara da Casa?

Olha, ahn, tem muitos professores aqui que trabalham em linhas totalmente diferentes. Eu acho que tem que ter uma grande experiência, em primeiro lugar assim, uma grande experiência com ensino, principalmente pra públicos diferentes. É, às vezes, você pega um professor que sempre, sempre, sempre só deu aula pra primeiro ano de faculdade, por exemplo, é, já pro público da Casa do Saber talvez ele não tenha a mesma, o mesmo desempenho. É, eu acho que a experiência no ensino pra, pra públicos variados é primordial, primordial. Eu acho que uma dinâmica clara, bem clara, uma linha de pensamento claro, pra conseguir expor um conteúdo denso em duas horas, uma hora e meia, vai, porque agente deixa perguntas e dez minutos de intervalo, né? Ahn, ..., identificação com, com, com o público da Casa do Saber e com o tipo de trabalho que agente faz aqui, eu acho que tudo isso é extremamente relevante, assim. Eu, pelo menos, sempre analiso esses três pontos.

Tá certo. Primeiro, você costuma ir até as universidades, você ainda está estudando, como é que é?

Eu ainda to estudando. Estou terminando a minha monografia, to, é que eu to na segunda faculdade.

Qual foi sua primeira?

Eu fiz hotelaria. (risos)

E agora?

Agora eu estou me formando em Geografia. Então, assim, eu também to dentro da universidade sempre.

Onde você faz?

Na USP.

Dentro da USP, quando você fala, ah, trabalho na Casa do Saber pra algum professor, como é a recepção deles?

Normalmente eles falam assim, ah, conheço, já ouvi falar. Nada mais. Inclusive esse semestre, esse professor de geopolítica que veio dar esse curso, eu que trouxe ele lá da Geo, né? É, a muito tempo, (risos), desde que eu era monitora eu queria entrar com a Geografia dentro da Casa do Saber, porque é uma ciência humana que nunca tinha, nunca fez parte do, do, ..., e aí o Mario sempre me falava: Geografia não vende, Geografia não vende, Geografia não vende. E eu: tá bom, tá bom, tá bom. (risos) Aí eu falava, um dia eu ainda vou conseguir. (risos) Daí eu fui chegando de fininho, falando pra eles, explicando assim, que tipo de abordagem da geografia eu queria trazer pra cá, né? Não quero trazer pra cá um professor que vai falar sobre clima e relevo, porque não é essa a idéia, mas eu queria justamente o que eu trouxe agora, que é a Geopolítica mundial, enfim, as relações entre os países, era mais ou menos isso que eu queria, e aí eu trouxe esse professor. Quando eu convidei ele, especificamente, ele já conhecia a Casa do Saber, porque coincidentemente a irmã dele já deu aula pra Casa do Saber. Então foi fácil essa, eu não precisei explicar o que era a Casa do Saber. É isso que é, que eu te falei no lance do professor, do que que um professor tem que ter, é entender daquilo que eu falei da identificação, é entender a proposta da Casa do Saber e tentar fazer com que a sua aula se encaixe dentro dessa proposta. Meu, tem que ser uma aula prazerosa, tem que ser uma aula que as pessoas saiam daqui com uma, com uma noção de que aprenderam mesmo, de fato, alguma coisa, que isso faz diferença na vida delas e que na aula elas não passaram duas horas estressantes pra aprender isso. Que elas passaram duas horas tendo um super prazer, se divertindo, tomando vinho, conhecendo pessoas legais, conhecendo pessoas bacanas, se relacionando, sabe, tem toda essa idéia junto, por isso que agente tem essa sala desse tipo, que parece uma sala de estar, sabe, tem todo esse conceito de aliar o conhecimento ao prazer. Pra

gente o aluno tem que vir aqui ter prazer e nada mais. Nada mais. Se for chato assistir um curso na Casa do Saber , não é essa a nossa idéia.

Não cumpriu o objetivo.

Exatamente.

Mudando de assunto só um pouquinho, como é a relação da Casa com a mídia?

Tudo que a Casa faz, você diz, é, ou como que agente...

Ah, o que vocês buscam pra mostrar na mídia, se vocês têm interesse em estar na mídia. Eu vejo coisa de vocês na mídia, eu até consegui um clipping que vocês fazem.

É, então, agente assim tem, agente tem uma assessoria de imprensa que faz isso pra gente, assim, sempre que a programação do semestre fica pronta, é, agente tem uma reunião, que é uma reunião mais importante, assim. Às vezes ao longo do semestre agente tem umas mini reuniões ou até uma conversa pelo telefone, mas tem essa reunião sempre, que é a reunião onde eles vão ver se os cursos que foram, que vão ser lançados, e vão ver quais que eles acham que dão caldo pra mídia ou não, também de acordo com os veículos que eles divulgam, tipo, tal curso é legal agente divulgar na Veja, tal curso é legal agente divulgar no Caderno Cotidiano, tal curso é legal agente divulgar só na revista específica de música clássica que tem e tal, então eles, eles vêm pra gente isso, qual é o canal mais adequado pra cada curso que eles acham que vai dar, vai dar o pé, entendeu? Fora assim, é, os sócios, os próprios sócios da Casa, às vezes, por intermédio deles acaba tendo uma incursão da Casa do Saber na mídia, porque, enfim, são sete pessoas, é, super bem sucedidas, são sete pessoas famosas, que tão sempre na mídia. Às vezes tem sido entrevistadas por seus outros negócios, já foram entrevistados só pela Casa do Saber também, mas a grande maioria, assim, na maioria das vezes eles saem e a Casa do Saber acaba aparecendo. É, já aparecemos também como conceito, como pioneiros desse tipo de conceito. Depois que nós abrimos, abriram alguns lugares, né, que fazem, que têm esse tipo de proposta também, desses cursos livres, né, cursos curtos e tal. Então tem sido essa, assim, a nossa relação com a, com a mídia, agente e, cursos, sempre cursos, né, que saem, assim. É, quando agente tem algum outro tipo de atividade que não é o foco da Casa, mas agente tem às vezes. Às vezes agente faz um sarau, às vezes agente faz uma leitura de peça, às vezes sai também, né, porque, por exemplo, leitura de peça é sempre gratuito, sempre, sempre. Agente nunca cobra ingresso em leitura de peça. É uma coisa super gostosa. Então, às vezes sai num jornal, sai uma notinha com o lugar. Agente tem parcerias de divulgação estabelecidas, ou porque agente entra em contato, agente acha que o público daquela revista é o mesmo público da Casa do Saber ou a revista, a

própria, ou alguns veículos entram em contato com agente, e agente tem parceria com sites de divulgação cultural, com objetivo cultural, eles fazem umas notinhas de alguns cursos nossos, agente tem parceria com a Bravo, tem então, assim, tem algumas parcerias que agente vai estabelecendo, que surge a oportunidade,...

Tem com a revista da TAM, também?

Tem com a revista da TAM, também. É a que sempre sai, é mensal a revista, e sempre sai duas páginas. É uma entrevista com um professor, eles escolhem o curso, tá, assim, eles entram em contato com agente e falam, óh, me manda três ou quatro cursos aí que vocês queiram divulgar. Ou senão, eles dão uma olhada na nossa programação no site e já falam, me manda o *briefing* desses três ou quatro cursos, que agente se interessou. E aí eles escolhem, eles dão uma olhada nos *briefings* e falam, óh, acho que pra esse mês agente tá querendo colocar esse curso aqui. Aí agente fala com o professor se o professor topa dar a entrevista, eles fazem a entrevista pelo telefone, mandar a fotinho do professor e tal.

Juliana, se esse trato com a mídia não existisse? Você acha que o público seria o mesmo, a procura seria a mesma?

O público sim, o público sim. A procura, eu não saberia te dizer, porque, é, agente não tem essa informação de quanto dos alunos vêm porque saiu a informação na mídia. Quando agente faz o cadastro dos alunos, a matrícula pelo telefone, agente pergunta como que ele ficou sabendo daquele curso. E aí tem lá no cadastro pra gente ticar: internet, conhecidos, amigo, região onde mora, não sei o quê, não sei o quê. Agente sempre pergunta e tica isso. Então tem, mas agente nunca afunilou essa parte do cadastro pra saber a, qual é a mais, ...(risos) Cara, com certeza eles querem, porque tem, viu? Pô, mas é uma coisa que levaria um belo tempo eu acho que inclusive agora agente vai fazer uma, é, inclusive agora agente vai fazer uma, agora pro final desse ano agente tá querendo fazer um, um, como é que fala? Ai, vai dar uma mexida no mailing, é assim, porque tá muito grande. E começa ter muita coisa errada, cadastros de pessoas fantasmas, sabe? É, as pessoas não atualizam, ninguém liga aqui e fala, óh, mudei meu endereço, sabe, então assim, tem muito endereço errado, telefone antigo. Às vezes quando agente monta as brochuras no começo do semestre, o que volta de brochura! Volta muito. Então, e fazer um, agente precisa fazer um, ai, agora não me surgiu a palavra, tem um nome pra isso. É, precisa dar uma juntada no mailing pra ficar só aquilo que é verdadeiro, que existe e tirar o que está incompleto, o que tá errado, o que tá antigo, fora.

Vocês têm uma pessoa específica na instituição que trata com eles?

A Greta. Tem uma equipe, né? A Greta trabalha junto com mais umas três ou quatro pessoas. Tem o Leandro, tem a, ai agora não me lembro o nome dela (baixinho), ai não lembro, mas a pessoas com quem agente sempre fala é a Greta. Greta, o curso foi cancelado. Então daqui, de dentro da instituição, pra entrar em contato com eles, é você, o Luciano, ...

(33:57 falha no áudio) É até uma boa pergunta. O Zé Celso mesmo ele não tem uma formação acadêmica, né?

Eu não sei te dizer de cabeça a formação que ele tem ou não, mas ele, assim, vira e mexe ele dá uma aulas aqui pra gente. O Mario curte bastante, assim, o trabalho do Zé Celso e tal. É que o Mario ele é, o legal é que assim, a curadoria toda vem de áreas totalmente diferentes, então, tem um que curte, assim o Mario ele é especialista em teatro, é crítico de teatro, acabou de defender a tese de tragédia grega e tal. É, a Marina é de ciências sociais, a Marina é socióloga. O Leandro é historiador. E eu, mas eu nem conta, sou da geografia. Ah, não conta porque assim, eu não sou oficialmente curadora da Casa, né? Eu faço alguma curadoria por causa de Higienópolis, né? Mas os curadores oficiais é Leandro, Marina e Mário.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Funcionário 3

Você pode me falar um pouquinho de como foi a sua trajetória pra chegar aqui na Casa do Saber, qual o seu trabalho aqui na instituição?

Eu fiz Mestrado, graduação em História da Filosofia, Mestrado e Doutorado em História, pós-doutorado também em História. Estudei a América, trabalhei em São Paulo na PUC, na UNICAMP até hoje, em várias escolas particulares, comecei a dar palestras e fui convidado um dia pelo Jair, proprietário da Casa pra dar uma palestra na casa dele. Isso originou o meu convite pra dar aula na Casa, eu comecei como professor no início da Casa, a quatro anos e logo em seguida comecei a dar muitos cursos e me convidaram, seis meses depois da Casa aberta, pra ser curador da Casa do Saber, ou seja, ajudar a fazer, montar as grades e etc., montar os cursos e administrar essa parte acadêmica da Casa. Aí cheguei aqui. Eis me.

Como professor, você deu vários cursos, sempre na área de História,...

É, como eu tenho uma formação um pouco holística, eu tenho formação em música, em filosofia e em história eu acabei dando cursos variados dentro da área de humanas, em geral, apresentando cursos de história da arte, história em geral, meu suporte é história; pra esse público específico da Casa do Saber que quer um curso de qualidade, ao mesmo tempo não é uma universidade, não é uma pós-graduação e não é um curso de ensino médio. Achar essa tonalidade, esse tom intermediário pra Casa do Saber é que é um pouco, é um pouco difícil, né? Minha função então foi adaptar isso que seria o conhecimento universitário, acadêmico preocupado com a maneira de fazer o conhecimento, com a maneira de produzir epistemologicamente as coisas e adaptá-lo a Casa do Saber, ou seja, adaptá-lo a um público que não quer tanto saber da epistemologia da construção do conhecimento, mas não quer apenas uma informação enciclopedesca. Esse tom que é um pouco difícil achar na Casa, né?

Professor, como você definira o público da Casa do Saber?

Não sei nem exatamente se nós temos um perfil porque varia de acordo com o horário, varia de acordo com o curso, curso como o que eu dei hoje às 12 e 30 atrai mais senhoras na hora do almoço. O curso que eu vou dar às 20 horas atrai mais profissionais liberais. Cursos diurnos são mais femininos, cursos noturnos são mais masculinos. Cursos de economia têm um perfil mais de mercado. Cursos de arte têm perfil menos de mercado. Não sei se nós temos, em todo caso são pessoas com um pouco mais de idade, não são na média pessoas de 18 a 20 anos, são pessoas com mais de trinta, já bem sucedidos do ponto de vista profissional,

já estabelecidos na vida e que gostam de conhecer mas não suportam mais aquela chatice de ensinar e prova, lista de chamada e etc. Num ambiente mais descontraído, esse ambiente de sala de estar, com professores dinâmicos, utilizando às vezes recursos audiovisuais, eles querem ter contato de novo com o conhecer. Acho que é também uma demanda de mercado e é um desejo pessoal. Uma demanda de mercado pra carreira, uma demanda mesmo pra o que eles querem aumentar de conhecimento, talvez parece XXXX (03:45) precisa aprender pra garantir a sua ascensão social, mas acima de tudo, uma resposta pessoal. Algumas pessoas fazem muitos cursos, mais especificamente alguns. Isso faz diferença na vida delas, né? Elas se transformam, as que fazem cursos. Alguns que nunca tinham feito filosofia, alguns que nunca tinham estudado temas específicos acabam aprendendo bastante e crescem nesses cursos.

Você participa do processo de decisão dos cursos que são aceitos na Casa, né?

Sim.

O que esses cursos precisam ter pra entrar na Casa, pra fazer parte da programação?

É o que eu costumo dizer. Em parte nós temos professores consagrados na Casa como o seu orientador, como o professor Pondé, em parte nós temos professores que são personagens midiáticos, tivemos aula com Neyla torraca, tivemos aula com Jô Soares, tivemos aula com várias personagens midiáticas. Um curso clássico da Casa que não é midiático tem um professor que tem uma ligação com o grande centro, que tem uma grande capacidade de combinação de conteúdo com habilidade em sala de aula. Capacidade comunicativa e conteúdo. O professor clássico, intelectual, tradicional, com graaande capital de conhecimento, nem sempre é o professor perfeito pra Casa. O professor de cursinho, dinâmico, teatral, absolutamente performático é exatamente o que a Casa evita. De forma absoluta. É um professor capaz de traduzir esse auto-conhecimento para um público que não é especializado e o curso é escolhido por essa capacidade. Professores que a gente vê que fazem sucesso nessa capacidade, voltam. Às vezes alguns criticam mas nós acreditamos no professor e insistimos e investimos nisso porque é um espaço específico e às vezes alunos pedem professores do mercado de São Paulo ou temas ligados à auto-ajuda, daí a gente evita por completo, que fariam sucesso, com certeza, mas não é o nosso, não é o nosso objeto, né? E ao convir dos professores existem várias fontes: conhecimentos nossos, de colegas, de professores e amigos, indicações de alunos, aulas abertas que a gente faz os professores darem em alguns horários pra ver se, de graça pra nós e pra, pros alunos, pra ver se o professor funciona. Ahn, assuntos do momento, como a crise neste momento nos faz buscar professores

específicos, professores que fazem sucesso na USP ou na UNICAMP, eles são procurados pra ver se eles se adaptam a essa forma. Eles são pautados quanto aos procedimentos da Casa. Então tudo isso é um processo muito complexo. Às vezes um grande nome é um fracasso aqui. E às vezes um professor mediano, ahn, faz sucesso. Envolve nossa intuição em quatro anos, envolve capacidade de conversa, envolve saber quem é o público, envolve a capacidade de tornar os textos dos professores acessíveis aos alunos, né? E esse processo é complicado, mas funciona.

Professor, você ainda dá aula na academia em alguma universidade?

Sim, na UNICAMP.

O seu trabalho aqui na Casa do Saber e na academia tem alguma influência de um lado pro outro?

Eu não sei, eu nunca pensei nesse fluxo de contato, porque eu nunca perdi o pé do que nós poderíamos chamar de mercado, por uma forma mais crítica eu acabei XXXX (07:30). Eu nunca perdi esse pé. Sempre trabalhei com doutores, capacitação de professores e outras atividades que não são apenas, ou, do ponto de vista heurístico acadêmicas, né? Então eu não tenho certeza se houve. Ahn, acho que existe esse tráfico de, de informações e um tráfico de influências. Eu acho, acho que existe, sim. Eu nunca consegui avaliar com clareza. Na academia existe uma outra postura, esse semestre eu to dando um curso de pós-graduação sobre Michel de Certeau. Minha preocupação nesse semestre com os alunos, são apenas doze, é estabelecer a origem das propostas, tanto estruturalistas como pós-estruturalistas desse teórico Michel de Certeau. Este não é o típico curso que se vende na Casa do Saber. Tem uma carga de leituras em francês muito grande, tem avaliações, produção de texto, tem muito debate que necessita de conhecimentos prévios. Na Casa do Saber se eu desse uma aula hoje, eu acho que é improvável sobre Michel de Certeau. Eu apresentaria um pouco mais da biografia dele, quem é, eu escrevi, eu sintetizaria os clássicos com, ahn, “As Feiticeiras”, “O subúrbio”, “A possessão de Loudun”, “A possessão de Loudun” ou então os textos que ele escreveu sobre a história pra que o aluno pra descobrir. Na pós eu pressuponho que ele já descobriu na graduação e o discurso na universidade e na academia é um pouco produção do conhecimento. Aqui, isto não existe. Nosso principal discurso aqui é o conhecimento e não a produção do conhecimento. A diferença é muito grande. Agora eu acho que um professor que é bom aqui tira lá da academia, e vice e versa também. Eu acho que é um, não é um caso de ruptura epistemológica entre a Casa do Saber e a academia, porque dar aula não depende do



conteúdo em si, depende de uma série de fatores, inclusive da ação do professor, não tanto o conteúdo ou da diferença de lugar.

Quando eu conversei com o Pierre Moreau, ele deixou bem claro pra mim que a Casa dá bastante importância pra formação acadêmica dos professores. Essa visão do lado de lá, da academia, a respeito dos professores que dão aula na Casa do Saber. Você teria alguma coisa pra falar sobre isso?

A academia normalmente não gosta de nada que dê muito certo ou que gere dinheiro pra universidade. A academia, ahn, trabalha eu acho que com um pressuposto absolutamente religioso de que saber é sofrer, o ensino é que é árduo, prazer é pecado, e que um bom estudo sistemático deve produzir apenas essa seara do sofrimento, essa seza (XXX) (10:28) do conhecimento e a academia fala mal de livros que vendem muito, fala mal de cursos abertos, etc. Considerando o peso de personagens que dão aula aqui, que deram e dão, como Marilena Chauí, Fernando XXX, Osvaldo Jacoia, todos acadêmicos de primeira linha, eu diria que esse preconceito talvez não seja tão grande nos indivíduos, mas se você perguntar, acho que coletivamente a academia sim, ela tem preconceito com a Casa do Saber ou com qualquer instituição singular e análoga. Ahn, no caso da formação ela é a regra pra quase todos os professores. Procuram-se professores que tenham feito doutorado, que tenham publicado livros, que tenham conhecimentos sólidos. Pra nós a crítica mais dura, que mais nos deixa de orelhas ligadas é a falta de conhecimento. Ahn, atritos, professor fala baixo, professor não é claro, tudo isso pode ser contornado, mas a falta de conhecimento é um dado estrutural. Agora o conhecimento que possa ser transmitido. Então como a academia trabalha sem necessidade de pensar, por exemplo, o número de alunos por aula, sem necessidade de pensar essas questões práticas e concretas aqui do sub-mundo humano, reles e vil, é muito difícil a academia pensar no que fazer. Então, uma tradição da academia é que os cursos têm que ser apresentados com uma linguagem meio hermética, quanto mais hermético, mais denso e inteligente é o professor; se ele for dar um curso, por exemplo, rupturas na literatura, isso é bom, mas se for questões axiológicas da expressão literário do cosmo ao barroco, isso é ainda melhor. Quanto menos revelado o curso na ementa e no título, melhor. Então é, é um treino, um treino específico da academia onde a qualidade está centrada no parnasianismo da linguagem. E é um treino do mercado fazer o contrário, desprezar o refinamento da linguagem, a sutileza da linguagem. São dois pólos extremos ruins, né? A academia teria muito a aprender com a dinâmica do mercado e da Casa do Saber e a Casa do Saber sempre deveria aprender com o rigor, com a pesquisa, com a seriedade de muitos acadêmicos, né? Sempre deveriam aprender um com o outro.

Tá certo. Bom, voltando pra última pergunta, porque estamos com pressa, como você vê a relação da Casa com a mídia?

É uma relação também problemática, né? No início da Casa os repórteres apelidaram a Casa de DasIUSP, segundo eu disse a um deles, porque tratam de duas coisas que os repórteres não têm, que é a Daslu e a USP, né? Não tendo nem a formação acadêmica sólida, nem o poder financeiro pra comprar como gostariam, se comportam mais ou menos como a raposa e as uvas. Os repórteres que fazem cursos costumam gostar dos cursos, mas também os repórteres compartilham desse espírito jacobino de recital. Que o conhecimento não devia ser dado pra gente rica e não deveria causar prazer, deveria ser, se fosse uma cratera pra gente, muito sofrida então teria sentido, neste caso. E a mídia publica com frequência dados da Casa do Saber e indica cursos, tanto da Casa como fonte dos genéricos que a Casa foi fazendo surgir por São Paulo e a mídia, em geral, tem ou o pé atrás ou um pouco a idéia estranha de que não é esse o objetivo, que o conhecimento não deveria ser assim. É muito curioso isso, não é? É muito, faz parte da nossa leitura política desse momento, né? E a mídia compartilha um pouco disso. Mas há variedades, né, há variedades dentro da mídia, não há uma unanimidade dentro da mídia.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Funcionária 4

Me conta um pouquinho da sua formação e da sua trajetória até chegar aqui na Casa do Saber. Ahn, eu estudei Ciências Sociais, me formei na PUC, ahn, tinha feito um ano de jornalismo, mas foi concomitante acho que ao segundo ano da faculdade de sociais, então, também jornalismo e aí eu desisti e continuei fazendo só sociais, aí eu já tinha trabalhado com, durante mais ou menos uns dois anos assim, com iniciação científica na área de sociologia e aí saí e comecei a fazer estágio aqui. Então são mais ou menos, e na verdade a Casa do Saber tava abrindo ainda, né, foi no ano que abriu, então ainda não existia muito bem essa estrutura aqui. Aí eu entrei acho que um mês mais ou menos antes da inauguração. E aí, desde então, eu fiquei aqui, assim, eu fiquei mais ou menos um ano fazendo estágio, daí quando eu terminei a faculdade eu fui contratada pra ser a assistente do Mario e aí a Casa do Saber, na verdade, foi mudando muito, não sei o quê, daí acabou se constituindo aqui uma equipe de curadoria da qual eu faço parte.

E me fala um pouquinho do seu trabalho aqui.

É, exatamente isso, que assim, é que na verdade foi mudando muito o processo como as coisas são feitas, né, mas atualmente, ahn, tem, a gente tem uma equipe assim, da qual faz parte o Leandro, que eu vou falar daqui a pouco. É, o Robson que tá agora na, na do Cidade Jardim e eu. Então na verdade assim, todos nós, juntos, definimos, ahn, as áreas que a gente quer trabalhar, os cursos, os professores que a gente vai chamar, e, ahn, tudo aqui é muito feito coletivamente, sabe? Então, mas assim, cada um de nós já tem autonomia pra, pra fazer isso, é, sozinhos, sabe, assim, se quiser. Então assim, você perguntou se eu falo direto com os professores, e tal, né? É, a gente já tem, por exemplo, agora, assim, que a gente tá começando, já tem diversos professores que, que assim, já tem um relacionamento de, de um certo tempo, assim, então a gente já sabe mais ou menos qual a área que, que o cara trabalha, o que é que ele traz de novo, o que ele tá estudando, será que isso dá pra montar um curso mais pra frente ou não, o que agente faz agora, e tal. Então também é um contato muito freqüente, assim, com uma parte dos professores. Com outra não, com outros assim, ah, a gente quer trazer essa pessoa, então, daí a gente vai atrás e faz um convite específico. Com os professores que são mais freqüentes na Casa já é uma outra relação e aí sim eu falo direto e...

E como são escolhidos os cursos? Vocês sugerem pros professores ou eles trazem sugestões?

Então, de todas as maneiras, assim, é, tem uma parte que agente pensa num tema e pensa num professor e aí faz convite. Tem, tem vezes que a gente tem o professor mas não sabe muito bem qual o tema, daí nasce um pouco dessa conversa de, de conhecer o trabalho dele. Tem vezes que, ahn, uns professores chegam, olha, to estudando isso, queria dar um curso sobre isso, o que você acha? Então vem. Tem outras pessoas que batem aqui e falam, olha, e tal. Esse é o jeito mais difícil da gente, de um curso acontecer, na verdade. As pessoas que chegam e trazem currículo e trazem proposta, a gente recebe muita proposta. Uma ou outra a gente acaba aproveitando, mas a maior parte, assim, é ou sugestão dos professores que a gente já trabalha, que a gente conhece, ou idéias nossas, mas aí é sempre também numa, sabe, numa colaboração, nunca vem prontinho de lá e a gente também nunca, sabe, ...

Vai trabalhando, né?

... entrega prontinho. É sempre uma troca e tal.

O que um curso precisa ter pra ser aceito aqui na Casa do Saber? Em relação a tema, ...

Ahn, eu acho que tem que, ..., o que eu, ..., é que essa idéia de aceito, é que como na verdade muito deles partem da gente, assim, mas assim, tem que ter, ..., eu acho que seriedade, entendeu, assim, tem que ser construído em cima de uma, uma premissa, assim, séria e válida e que a gente considere relevante culturalmente, entendeu? Aí tem dois tipos de, de coisa que a gente trabalha, ou três, digamos. Mas, assim, um deles, que, que entra meio que pra essa tradição assim mais clássica, né, assim, da história da filosofia, da história da arte, da própria história, da sociologia e tudo isso assim, coisas que a gente considera relevante pra formação de alguém assim, né? Então desde de, da Grécia antiga até hoje, em todas essas áreas do pensamento que a gente acha interessante. E outra são os temas mais contemporâneos, assim, que são uma coisa que a gente começou a trabalhar, assim, depois de um certo tempo que, que a Casa já tava formada, que, temas, situações que acontecem, por exemplo vai, eleições americanas, a China, as brieks (06:20), temas que, ou por exemplo, Tibet, entendeu, assim, coisas que acontecem que parecem que vieram do nada mas não vieram e que pras pessoas entenderem seria interessante mostrar mais facetas da coisa, assim, sabe, contextualizar, mostrar um pouco de história, semestre passado teve o curso dos japoneses também, então assim, a gente trabalha nessas duas assim, nessas duas frentes, eu diria. Essa de formação, muito clássico, e outras coisas que, que vão mais pra essa área do que tá acontecendo agora e que, que a gente acha que precisa de um conhecimento mais aprofundado, entendeu? Não só o que você encontra no jornal, por exemplo, mas de uma coisa que seja além disso. E uma terceira vertente que seriam as coisas mais pops barra artísticas, assim, entendeu? Então

chamar, por exemplo, gente, por exemplo, desse curso “Grandes executivos”, que também tem a ver com o contemporâneo, mas que tem a ver com essa coisa das personalidades. Então assim, as pessoas querem saber como é que eles chegaram no lugar que eles estão, como que eles tão reagindo a essa crise global, qual o lugar do Brasil na economia e tal, então, gente que é muito bem sucedida na sua profissão, assim, por exemplo, a gente já fez com empresários, a gente já fez com publicitário, por exemplo, no final do ano vai ter um curso com o Rosenbaum, então, é um nome importante na área de design, a gente quer que ele venha aqui falar sobre isso, ou artistas assim, mesmo, entendeu? E aí vários já passaram por aqui também pra contar um pouco da trajetória pessoal e profissional.

Você que está a bastante tempo, você conseguiria definir pra mim um perfil do público da Casa?

É difícil. É bem difícil, até porque esse público mudou muito ao longo desses anos. Mas, de uma forma geral, assim, são pessoas depois dos trinta e cinco, assim, com formação universitária, e, geralmente da área de humanas, mas também tem gente de outras áreas. Aí eu não sei te dizer, a, b e c, eu não tenho muita idéia disso mesmo, assim, com uma boa renda, eu diria. Agora, esse público do começo que era um público muito mais específico e com, eu diria assim, com mais dinheiro, mais restrito, assim, e um pouco até mais velho, assim, ele foi dando uma rejuvenescida, eu sinto que popularizou um pouco também, é, ..., tem bastante estudante que vem atualmente, sabe, gente mais jovem. A gente começou a trabalhar com bolsas de estudo, então também, é, é bem heterogêneo, depende muito da turma, depende da área. Agora renova muito. A gente tava outro dia levantando, assim, os números e, mais ou menos uns 60%, a nossa taxa de renovação era de 60%, entendeu, assim, de alunos que vêm sempre diferente, então é um pouco difícil de, sabe, delimitar isso.

Eu imagino, que às vezes uma pessoa vem só por um curso, né? O interesse tá só em um.

É, então. Aí é que tá. 40% das pessoas vieram pra um curso ou não, vieram pra mais de um curso. Eu não lembro agora se é 40 ou 60 que vieram pra fazer tipo só dois cursos ou mais, que aí a gente já considera como alunos que, que vêm bastante pra cá.

São dados de pesquisa de vocês?

Não, da nossa base de dados mesmo.

Ah, tá. Não teria como eu ter acesso a isso?

Ahn,...Só sobre o perfil do aluno.

Então, é porque a gente não tem na verdade, perfil a gente não tem. O que a gente tem é feito. Como a gente tem essa, a gente trabalha com o Siga que é um sistema que, descrições e tal.

Então a gente consegue fazer umas perguntas muito simples, assim, por exemplo, quantos alunos já fizeram dois curso ou, pelo menos, dois cursos na Casa do Saber. Daí a gente tira, entendeu? Quantos alunos vêm pra cá e não pra unidade de Higienópolis? Quantos alunos são do, é no máximo alguma coisa que dê pra tirar pelo CEP e isso é tudo de informação que a gente tem, entendeu? A gente não tem mais nada. Mas se você tiver alguma pergunta específica a gente pode até te, eu acho, acredito que, ...

É, porque eu gostaria de saber é esse tipo de coisa, é, a frequência com que os alunos vão sempre voltando, a renovação dos alunos, se for possível, claro!

Não, isso dá. Isso dá pra estar passando, eu passei outro dia pra nossa assessoria de imprensa também.

Tá jóia. Assessoria de imprensa: vocês sempre trabalharam com assessoria de imprensa pra divulgação?

Olha, eu não sei se desde o começo, mas eu acho que sim. Porque o Loducca, que é um dos sócios daqui tinha um cara que já tinha trabalhado com ele, ou era sócio de uma empresa que era de comunicação. Então, desde que eu me lembro a gente tem, a gente tem ligação com a Just, mas que é uma assessoria de imprensa, e agora é a Cartaz agora, agora mudou, a gente saiu da Just e agora foi pra Cartaz. A gente recebeu uma proposta deles que pareceu bastante interessante e tal, mas assim, é uma, principalmente a primeira assessoria era muito mais passiva do que ativa, sabe? Era mais receber, assim, as solicitações e fazer um clipping e tal, do que de propor. Essa agora que a gente tá trabalhando é um pouco mais ativa nesse sentido. Às vezes eles vêm aqui, conversam com a gente, têm umas idéias, olham pro cursos, sugerem umas pautas, assim.

Você saberia me dizer quais são os cursos que têm mais divulgação ou que você precisam de maior divulgação?

Que dizer, são duas perguntas diferentes, né? Porque assim, os que...

É. São. (risos)

Os que têm mais, ahn, digamos, essa coisa de mídia espontânea, são com certeza os cursos que trabalham com, com, os cursos que são ministrados ou as palestras que vêm, assim, personalidades, né, digamos, então, ahn, por exemplo, um curso como o do Rosenbaum, um curso como esse dos executivos que eu tinha o Fábio Barbosa, o Rogé Enhéli, cursos com atores, entendeu, ou diretores de cinema, principalmente, com escritores famosos, diretores de teatro e tal. Esses têm mídia espontânea porque as pessoas pegam o livro da Casa do Saber e falam, nossa, aquele cara vai dar aula lá, ou quando a gente trouxe o Paulo Ricardo com o

Cadão pra falar sobre a história do rock, isso de muita, deu muita matéria em jornal e TV, não sei o quê. Olha que inusitado um cantor, roqueiro, sei lá, dando curso. Agora, os que a gente precisaria de divulgação eu acho que são os cursos mais específicos dentro de cada área, entendeu? Porque a gente faz, por exemplo, às vezes a gente pega um tema da psicanálise ou um autor ou uma coisa bem específica que precisa um curso inteiro pra isso, que daí tem menos interesse, sabe? E, mas eles também, eu também acho que eles não tenham tanto alcance, assim, eu não sei se a divulgação ajudaria tanto, né?

É. Eu imagino que caiba à assessoria de imprensa escolher os veículos, né?

Então, atualmente eles têm feito um trabalho assim de, de, sei lá, análise de mídia segmentada, ah, que público, esse curso seria interessante pra qual público, então pra enviar e pras pessoas saberem naquele grupo, né? Saberem mais sobre esse curso e tal, cursos que dariam notinhas, assim, em colunas de política ou na Monica XXX, ou na Fernanda XXX (14:25), ou na Ilustrada, ou no Caderno Dois, quer dizer, então tem esse trabalho agora deles. Mas eu acho que ainda a gente continua, o que mais tem da nossa parte é receber pedidos, entendeu? Tem muita gente que liga aqui, assim, principalmente jornalista. Ou, eu queria entrevistar um cara sobre o FHC, entendeu? Ah, eu vi aqui no Caderno que vocês têm uma professora de física que fala sobre isso, ahn, você pode me dar o contato, eu posso assistir o curso, eu posso fazer uma pauta sobre isso, entendeu? Então a gente recebe muito isso.

Ah, então a Casa virou a referência, né, pra mídia?

Então, isso é uma coisa curiosa, assim, porque eu acho que tem uma, ..., eu acho que é bem recíproco, porque do mesmo jeito que a gente trabalha com, com assuntos que estão aí, entendeu, tem muitas vezes que os assuntos que a gente traz aqui viram, acabam virando pauta, entendeu? Por exemplo, ontem mesmo eu encontrei com um professor nosso aqui, ele tava no Jô falando, e, porque uma amiga do Jô tava fazendo um curso com ele na Casa do Saber e comentou, e aí ele leu a coluna que ele começou a escrever na Folha, então ele foi, entendeu, virou um programa. É, tem outras situações que um curso acaba virando uma matéria de comportamento em alguma revista, ou o fato de alguém estar dando aula, ou essa coisa, ou esse próprio fenômeno dos cursos livres, que eu acho que isso já saiu uma centena de vezes, assim, né? Não é?

É.

Então, assim, eu acho que vira mesmo. E tem muita gente que, que acaba abrindo o caderninho e, pô, esse cara podia ser um bom colunista pro jornal tal. Aí vem, entra em contato ou entrevista pra determinados temas ou a própria relevância de outros temas, e tal.

Interessante isso. Agora, é, tem algumas matérias que eu imagino que não tenham sido colocadas na mídia a partir da assessoria de imprensa, imagino. Como por exemplo uma que saiu na Veja, se eu não me engano, em 2004, chamando a Casa do Saber de “DasIUSP”. É, uma outra, é, educação pra elite. Saiu uma agora esse final de semana falando do Mario Vitor, colocando, é, falando que ele um *personal trainer* do intelecto, se eu não me engano. Como vocês vêem essas matérias?

Então, é como eu te disse, assim, tem essa, digamos, proliferação de, de, de matérias e de, de, de comentários, não só sobre a Casa do Saber, mas como esse fenômeno maior, assim, eu acho que todos nós aqui já demos entrevistas sobre, ah, por quê que as pessoas querem estudar, ou qual é, né, quais são essas características da Casa do Saber e tal. Nesse caso dessas específicas que você falou, tipo, principalmente a da Veja, eu lembro que ela falou, que ela foi bem agressiva, assim, sabe, um caráter meio, ..., é uma coisa, eu lembro que era uma coisa que denegria um pouco, assim, ou que tentava, né? É, na verdade é como eu te falei, não parte da gente. A gente vai, muitas vezes a gente dá as entrevistas e responde coisas, mas acaba saindo o que o jornalista ou o editor decide, né? Tem muitas vezes que é estranho, porque assim, a gente diz coisas, tipo, eu já cheguei a dar entrevistas, assim, passando números e daí no dia seguinte vai pro jornal e tá tudo diferente, entendeu? Os números não eram os mesmos, as interpretações eram equivocadas e tal. Eu acho que no começo isso incomodava mais, sabe? Porque também era tudo muito novo, ainda tinha uma imagem se consolidando, e tal. Eu acho que, por exemplo, você deve ter visto o que o Mario mesmo disse naquela entrevista sobre a Das..., nessa do Guia, né? Acho que em determinado momento fizeram essa pergunta pra ele, sobre o apelido DasIUSP, ele falou que a gente gostava desse apelido, então isso mudou, entendeu? Bom, tudo bem, que aí o Mario até brinca, que ele fala pra gente, não, que a gente tem a parte boa da USP e a parte boa da Daslu, então que isso é legal, que a gente estuda muito o que é dito, e de uma coisa, e de uma tentativa de trabalhar sempre com qualidade, entendeu? Mas, obviamente a gente não gosta quando sai uma matéria que a gente acha que a gente não tem a ver. Acho que, geralmente, as matérias ficam boas, assim, sabe, que elas são, quando elas mais pontuais, informativas. Aí quando já começa a vir esse tipo de, de especulação, assim, por um lado é ruim, né, porque tem muita gente que, isso é uma coisa que a gente tava falando outro dia até, a imagem da Casa do Saber pras pessoas que freqüentam, ou que já vieram, ou que trabalham, ou tão de alguma maneira envolvidas, é uma, e pra quem nunca veio ela é muito diferente e não é tão posi..., necessariamente tão positivas, você entendeu? Então, em certo sentido isso não é legal, porque quando chega, ..., sabe, eu acho que tá criando uma série de preconceitos. Agora, por outro lado também é mídia,



entendeu, e é mídia espontânea, então é um jeito de, de as pessoas ficarem sabendo da Casa do Saber e de conhecerem de alguma maneira e de estar, e do nome estar aí, né? Porque, assim, o nosso grande problema aqui no fato eu acho que é mesmo a divulgação, porque agente a partir disso falou, tá bom, quatro ou cinco anos. Deve ter muita gente que não conhece ou nunca ouviu falar da Casa do Saber. E todo o semestre tem gente nova que vem, ou tem gente que já ouviu falar mas nunca veio. Então, quanto mais ..., Quanto mais mídia melhor, né?

Exatamente.

## Transcrição de entrevista

### Professor 1

Conta um pouquinho da sua relação com a Casa do Saber, quando começou?

Olha, eu não sei direito quando a Casa do Saber começou, mas a relação minha com a casa começou quando a Casa do Saber começou. É que a primeira turma, o primeiro curso, o primeiro grupo de alunos e tal foi o curso “Os Pensadores”. Eu dava aula de Maquiavel, dos Pensadores, era mesmo cada aula, um professor. Eles puseram até meio que pra testar um pouco. (Clóvis interrompeu) Então, é, foi no primeiro curso, assim, eram pessoas que não eram do meio acadêmico, que montaram isso. Então eles não sabiam muito bem desse negócio, tipo, quem é quem. O critério de seleção não foi necessariamente o mesmo critério, é, no sentido de dominação acadêmica, mesmo. Então montaram esse curso, primeiro pra testar junto a um grupo assim, de, vamos dizer assim, alguns alunos pra teste mesmo. Porque a maioria ali eram amigos das pessoas que montaram a Casa. E professores diversificados pra saber, olha, desses daí qual agente vai querer, quais que nós vamos manter, quais que não dão certo, que tipo de aula dá certo, que tipo de aula não dá certo? Ninguém chegou e disse: ó, dê aula assim desse jeito, sabe, do jeito que você bem entender, né, nunca teve nada assim muito rígido, muito fechado. Então, no começo era mesmo teste. Era teste. Depois começou a aparecer a idéia de um modelo em que, duas horas de aula né, a primeira hora deveria ser só expositiva, a segunda, debate, etc. e tal. Nunca cumpri isso e dos que cumpriram também não deu certo. E pararam de encher o saco também, porque nunca exigiam....

Mas, essa aula teste foi quando já tinha lá a unidade dos Jardins?

Já, já, já tinha inaugurado, mídia. Ela é, ao mesmo ela serviu também como meio de propaganda, porque no começo as pessoas, assim, até, ..., foi bom porque, enfim, deu certo, né? O resultado, o resultado é positivo, agora, no começo, o que era notícia não eram os cursos, eram as pessoas que tavam assistindo a aula. Que era tudo socialite, era gente endinheirada aí, de uma forma geral. Gente que já ganha coluna social se cuspir no chão, né, então, é, a notícia era: fulana está assistindo a aula de filosofia, ponto. E aí começou a chamar a atenção pro espaço. Quase todo mundo ali já tinha facilidade mesmo pra acessar mídia, né, pra criar notícia, então pra eles não foi muito difícil, não.

E, como é dar aula pra essas pessoas?

Olha, comparando, né, com, com, seria diferente, tipo assim, a Universidade mesmo, né? Na Universidade tem prova, né? Lá não. Lá, em tese, as pessoas tão lá porque tão afim. Então, é,

tem uma coisa positiva nisso, não é? As pessoas procuram o tema porque gostam, não ganham nada com isso, não tem prova, não tem nenhuma cobrança, então, é, eu sinto que elas prestam mais atenção, sabe? Há um certo afeto pelo tema, né? Isso ajuda. Agora muita gente critica dizendo assim: ah, mas é só rico, e tal, não sei o quê. Aí filosofia é só pra pobre, né, quer dizer, não é pra qualquer um? (risos) Eu sempre pensei que fosse pra qualquer um, não é, porque, sinceramente, se uma ameba entrar na sala e sentar ali eu vou falar pra ela, quer dizer, se um repolho sentar do lado, eu dou aula pra um repolho. Pouco importa quem tá assistindo. Na verdade eu nunca mudei estilo de aula, nem conteúdo, nem nada do que eu faço na universidade pro que eu faço na Casa do Saber. Sempre deu certo nos dois. Na verdade, é, o fato é que, adéqüe a aula ao público e tal (risos), ..., eu não vou adequar se eu não conheço ninguém que tá ali. Pensar, só porque as pessoas, pressupondo que todo mundo tem dinheiro ali, e tudo mais, que as pessoas pensam de um jeito x ou y, isso é um roupada tremenda, né? Já que eu não conheço ninguém, eu vou na base da ignorância de todo mundo. Trato todo mundo com repertório zero, bando de dementes, (...), seja lá onde for, seja lá onde for. E dá certo, né? (risos)

(07:07) Você falou que, nessa primeira aula, essa aula teste, alguns professores ficaram outros não ficaram. Você sabe dizer, assim, o quê os professores que ficaram tinham que os que não ficaram não tinham?

É porque assim, eu, eu não conheço a aula dos outros, né? É porque eu não estudei em São Paulo, né? Minha formação toda foi no Rio. Aí quando você estuda aqui já vem conhecendo o professor, ou pelo menos você já tem algum contato maior, né? A maioria eu meio conhecia de texto, mas entre o talento pra escrever e o talento pra dar aula tem uma distância bossal, bossal. Não sei mesmo, não sei o que foi que...

E como eles chegaram até você?

Foi Clóvis, indicação. Mário Vitor pergunta pra Clóvis: tem alguém pra dar aula de Maquiavel? Tem! Tavam montando o curso, foram pegando por pensadores, né? No princípio foi assim: quais são os autores que ... (Rossana chegou – 08:13) Daí eles pensaram assim: quem são os autores que são interessantes, né? E listaram. Quem é que pode dar aula disso? E Maquiavel sobrou pra mim.

Hoje, quantos cursos você dá lá?

Oha, que eu estou no Rio e em São Paulo, né? Então, basicamente por semestre, tem “Os Pensadores”, umas três aulas dos pensadores, quatro, vai mudando, né? É, e, um ou dois cursos por semestre no Rio e em São Paulo, então dá uns quatro cursos.

A duração de seis aulas, mais ou menos?

Quatro. Cisme com quatro. É que no Rio, também assim, é, no Rio eles cismaram que curso com mais de quatro aulas não dá certo. Nunca nem tentei lá. Mas é. Mas já chegaram dizendo isso: não, no máximo quatro, mais do que quatro não dá certo. É que em São Paulo não, em São Paulo o pessoal faz cursos longos, e tudo o mais. No Rio até “Os Pensadores” eles suprimiram. Que eram doze encontros, né, um negócio longo. Aí ao invés de pensadores, passaram a tratar obras, né, “Grandes Obras da Filosofia”. Ao invés de ficar em torno de autor, em torno de um livro logo que, mas bem mais objetivo, né? E ainda assim um número reduzido. Seis encontros, sete. Formatos bem menores, né? O padrão tem sido quatro.

E o que é que você acha da proposta da Casa?

Assim, é, ..., é interessante e ao mesmo tempo me intriga, né? Me intriga o fato de fazer sucesso. Ainda não to acostumado com esse negócio de filosofia ser moda, entendeu? Agora, a proposta é, é, é pra lá de interessante. Eu vejo aquilo muito como um espaço em que as pessoas não vão propriamente pra, é, ..., digamos assim, já que não tem diploma, não tem nada objetivo pra você conquistar, não é o tipo de lugar em que você adquire objetos, adquire coisas, adquire troféus, entendeu? É mais um lugar em que as pessoas vão meio que pra pensar nelas mesmas, né? É pelo menos o que eu tento fazer. Eu tento jogar na cara das pessoas meia dúzia de coisas entre os pensadores pra ver se elas pensam nelas mesmas, né? É, ..., é meio que um espaço de terapia. Eles não divulgam, mas, mas funciona assim. Funciona muito, eu percebo às vezes, como um espaço de terapia. As pessoas vão lá buscando, é, pedindo assim: ai, já que tem muita patricinha e tal, não sei o quê, as pessoas vão lá pra serem vistas e se verem e tal, e têm espaços mais adequados pra isso, entendeu? Têm espaços mais chamativos. As pessoas vão lá porque elas têm problema, ..., entendeu? Elas têm problema, e aquela conversa que, aquele papo da sala, entendeu? Aquele monólogo que elas ouvem, às vezes toca de alguma forma. Acho que elas vão buscando um pouco isso, as pessoas buscam algo que parece faltar, mas elas não sabem muito bem o que é. Então vão pra lá, né? Vão ouvir, vão curtir.

(11:31) Tentativa e erro, né?

É. Tem muita gente assim lá, muita gente estranha. Esquisita. Oh, Tatiana, tem as empresas, né? Porque ela começou também, depois de um tempo, a meio que a criar propostas de curso específicas pra determinadas empresas e isso tudo. E em empresas, então, é mais evidente ainda. Muito mais evidente. Essa função terapêutica, quase. Porque, deixa eu dar um exemplo, né, o falecido Bank Boston, né? Eu dei uma aula no Bank Boston e no momento em que não

tinha sido divulgado ainda que o Bank Boston, é, ..., os ativos no Brasil iam ser vendidos pro Itaú, né? Mas as pessoas já sabiam. Então tava todo mundo meio com medo, poxa, agora isso aqui vai virar um banco só, então se tem dois diretores numa mesma área, alguém vai rodar nessa história, quer dizer, então, as pessoas tavam meio angustiadas ali, né? E eu percebia no curso, né, eu não sabia dessa história, mas eu percebia no curso que as pessoas que compareciam eram, em primeiro lugar, os dominantes, não é? Porque as pessoas mais novas na empresa, no banco, por exemplo, elas estão preocupadas com cursos do tipo “Mercado de capitais e você”, “Três ou quatro regras pra você se sobressair pra cima dos outros”, e daí, entendeu? E quem vai discutir filosofia associada a coisas absolutamente inúteis são as pessoas que não tem muito mais pra onde ir, tipo assim: ah, eu já to aqui, eu já sou dominante, eu já to no topo, daqui não mais pra onde ir, né? Vou, vou aproveitar a empresa e vou me divertir aqui com esse negócio. Só que ali não era bem diversão, era angústia mesmo, era angústia. E as pessoas começavam a discutir coisas como dominação, competição, sabe, coisas que eles estavam vivendo ali e que desagradavam, não é? O outro banco também em processo de fusão, é, a palestra que mais chamou a atenção dos caras, do que eles pediram, era sobre, é, o discurso do bem e do mal, que eu chamei de “Batalhas éticas”, né? As representações do bem e do mal na filosofia. É porque era o outro banco, né, e historicamente eles competiam, e de repente eles vão fundir. Então todo mundo aprendeu, sabe aquela história que os funcionários de um banco ao invés de jogar futebol com o do outro, e é tudo na canelada, porque, sabe uma coisa que vai contaminando de ódio quem entra, sabe? Se você trabalha aqui tem que odiar quem trabalha do outro lado da rua, pra daí, de repente eles estão fundindo, né? Então eles ficaram meio perdidos nessa história, né? É engraçado porque você vai falando de um bando de gente morta, né, de textos escritos a dois mil anos. E as pessoas vão se identificando com eles e tentando lá, do jeito deles, assim, resolver seus problemas na cabeça deles.

(14:24) Bom, essa questão da Casa do Saber com esses cursos que eles oferecem pras empresas. Está fazendo sucesso, tem muita procura, você dá muito curso?

Tem, tem bastante. Mais do que eu esperava, quer dizer, eu me surpreendo com esse negócio. Surpreendo pelo seguinte: eu sempre, é, eu achava, entendeu, que a área da administração de empresas, até porque eu estava muito ocupado longe disso, né, é, pô, isso é tudo muito pragmático, sabe como é? Ah, tem dinheiro em jogo, então não arrisco. Eu só vou se tiver uma certeza, qualquer um que proponha qualquer coisa nova, eu digo: não!, sabe? E olha, quanto mais eu conheço gente ligada à empresa, quanto mais eu leio – se você olhar livros de administração, eu fui vendo que é uma zona esse campo, que qualquer coisa que você propor

cola, vive de modismo, o pragmatismo é zero, sabe? Então, é, eu fiquei me perguntando, como é que alguém vai querer filosofia, cara? Porque, uma empresa pra funcionar bem, pensava eu, né, você tem um modelo, você empurra goela abaixo das pessoas esse modelo, não é? Ai de quem fizer alguma coisa diferente, tipo uma entrevista que eu li numa revista cretina qualquer dessas sobre um grande guru da área de, como é que é, busca e formação de líderes empresariais, certo? Formava os grandes líderes, aí beleza, aí eu ia dizer: o que é que uma pessoa precisa pra subir na empresa e tornar-se um líder? (começa a se exaltar) Quando o seu chefe pergunta alguma coisa pra você, ele já sabe a resposta. Ele quer saber se VOCÊ sabe também a resposta. Aí eu fiquei pensando, pô, é gincana, né? Não, por outro lado eu fiquei pensado, bom, é, talvez ele tenha invertido a relação, né? Não é que o chefe saiba qual é a resposta, é que o chefe DIZ qual é a resposta certa. A resposta certa é a que ele entende. (risos) Não é? Então, se você diz o que o cara entende, ou seja, se você diz o que ele quer ouvir, seja lá o que for, independente se for verdadeiro ou falso, certo e errado, melhor ou pior, mas se coincidir o cara vai bater palma pra você. Os caras podem dizer algo muito mais inteligente pra uma terceira pessoa que assiste, mas a terceira pessoa que assiste não é quem julga o que é inteligente ou o que é válido. É o chefe, hehe, então é ele quem importa, não é? Mas você não diz que é ele que importa, você diz: ele tá te testando, sabe? A sabedoria vem de cima: você é um bosta e portanto se enquadre, obedeça o cara, é, e daí você começa a ver que o discurso filosófico, ele sempre teve algo de libertário, ele sempre teve algo de denúncia, não é? Tem muito autor, quer dizer, minha porta de entrada pra filosofia foi Foucault. Foucault foi acusado de niilismo, muitas vezes, porque o trabalho dele é de denúncia dessas estruturas, é de denúncia desses sistemas de pensamento e das relações de poder que existem por trás dos sistemas de pensamento. E quando você denuncia o troço, o troço fica difícil de continuar funcionando, não é? Porque pra que o poder funcione, pressupõe uma certa alienação mesmo, pressupõe que você não perceba as coisas muito claramente, né? Pressupõe uma certa fantasia e o discurso da filosofia é anti-fantasia, é anti-ilusão. Então eu ficava me perguntando como é que a empresa pode querer a anti-ilusão, nesse nível? Aí é que eu fui me tocar de que as empresas não são. Elas estão. As empresas são uma certa ojeriza delas mesmas, as empresas, é, agente falava a pouco de tecnologia, né, de celular, como é que tudo fica antigo, mas as empresas se sentem antigas também a cada três dias e precisava renovar tudo, e, é uma loucura viver assim, mas... É, mas eles tão nesse ritmo. E acham que a filosofia vira uma espécie de acelerador do processo, porque fala mal, porque denuncia, porque é, de certa forma, destrutivo. Mas eles esperam que dessa destruição surja algo novo e necessariamente melhor. Há o amor ao novo dentro da empresa: novas posturas, novos

procedimentos, criatividade, trabalho em equipe, resi..., resiliência é, é o termo da moda, resiliência – que você tem que se adaptar, e depois desadaptar, e se adaptar a uma coisa nova, quer dizer, é, você vai usando um jargão importado aí de, cada hora uma área diferente, né? É, mas tudo no fim é a mesma coisa, né? Tudo pra se referir a esse não ser, a esse estar. Quem ama o novo odeia o velho. Quem ama o novo odeia o mesmo. Então, é, eu percebo que a filosofia tem cumprido esse papel. E a Casa do Saber acabou virando uma referência, assim, no mercado mesmo. Até como têm projetos parecidos no mercado, porque me chamaram pra coisas parecidas, né? E até coisas que já existiam antes da Casa do Saber, que é pra não dizer que tá imitando, não tava, já existia a mais tempo. No Rio mesmo. Aí quando iam convidar as pessoas, as pessoas vinham na minha frente, né? As pessoas diziam: olha, este é da Casa do Saber. Então, assim, virou referência, né, virou referência. A referência do modelo, do modelo, por conta de propaganda. Você abre a revista da Tam, tá o negócio, você abre a Vejinha, tá o negócio, você abre, sabe, é, a forma de marketing deles indireto foi muito, muito eficiente, muito poderosos.

(19:37) Então, essa relação deles com a mídia, como você vê isso? Você imagina como que eles chegam até a mídia?

Olha, no começo pelo menos era muito por conta das pessoas, né, porque os sócios, eram todas pessoas que tinham, Maria Fernanda Cândido, ela é atriz, né? É fácil conseguir mídia quando se é atriz, né? Mario Vitor, jornalista, né, jornalista dominante, né, jornalista no topo da carreira, né? Quer dizer, é muito fácil, entendeu, é muito fácil pra quem tá. Gabriel Chalitta, né, que tem, é, participação forte no governo, né? E por conta dele ser secretário da Educação, professor também, quer dizer, não é difícil, não é difícil. Agora, eu não sei se hoje a mídia ainda conta muito com, porque eu acredito que as pessoas tenham feito um trabalho pra divulgar o próprio negócio no começo. Mas hoje não, hoje não. Hoje já virou mesmo, que, que, é, pra mídia já significa alguma coisa. Porque eu trabalho muito com esses caras eu acabo lindando muito com imprensa, e a maior desgraça que existe pra imprensa é que as pessoas vão te entrevistar e não sabem muito bem do que se trata, entendeu? Ela propõe entrevista, você escolhe o tema da pauta do seu jornal e quando você vai entrevistar você percebe que a pessoa que tá entrevistando não tem a menor noção do que ela, ..., faz perguntas completamente desparatadas. Pela pergunta você já sente mais ou menos como é que a pessoa tá, né? É, quando, ao contrário, quem entrevista já conhece, quem é da mídia já conhece, mais ou menos, o problema, é, é diferente, então, as pessoas já conhecem a Casa do Saber, não precisa explicar o que é. O difícil é no começo. Você tem que explicar o que a coisa é, né? Como assim filosofia? Não é escola. Não dá diploma. Como assim se reunir pra ouvir falar de

filosofia? Pra quê, sabe? Então, é, você não precisa explicar isso mais. A mídia comprou a idéia. E comprou a idéia de que a Casa do Saber que é o celeiro, que é o distribuidor, que é o organizador disso, né? Outro detalhe é que esse tipo de coisa, quer dizer, na empresa e tudo, sempre acontecia, né, volta e meia professor é convidado, e tudo. Só que as pessoas iam direto ao professor, né? Hoje não, a Casa do Saber acaba sendo o intermediário, acaba mediando esse tipo de coisa.

E você percebe se na mídia, quais são os assuntos que chamam a atenção da Casa do Saber para a mídia? É, assim, o que a mídia fala mais sobre a Casa do Saber?

Olha, depende muito das pessoas ainda. Depende muito mais das pessoas do que dos temas, né? Porque, eu acompanho mais pelo Rio, né, as matérias que saem no jornal, no Rio, como notícia mesmo, que é a grande mídia, né, que eles não pagam anúncio, praticamente. O que tem é, é mídia espontânea, né? E é quando alguém que já é muito famoso que vai falar de um tema. É como se dissessem, na matéria, ó, você que quer ver fulano (hehe), vai lá que ele vai tá falando de um assunto, mas o assunto mesmo pouco importa, mas vai lá que é o fulano, né? Por exemplo, o Gabeira, o Gabeira né, por conta de ser candidato, o Gabeira é Deputado Federal, famoso de botar o dedo na cara de Severino Cavalcanti e tudo, foi dar um curso sobre meio-ambiente, sabe? E ninguém tava ali pra discutir, tava ali pra ver o Gabeira, entendeu? E ele também fala o que ele quer, e tá tudo bem, entendeu? Ferreira Gular dá curso lá, ele vai lá pra falar de teatro, pô, que legal, ele vai falar de, de quem no teatro? Dele. (risos) Mas as pessoas vão, entendeu? E assim vai, então, o nome ainda conta muito. O nome ainda conta muito.

(23:23) O nome do professor, né?

É. Ainda é muito pesado. Se você não tem um grupo que tem uma representa..., porque, a Casa do Saber não segura por ela mesma a tua reputação, entendeu? Não segura. Dizer que é professor da Casa do Saber, se for dentro do círculo acadêmico então, é ponto contra, entendeu? É ponto contra. Fora dele significa alguma, como uma espécie de grife. Mas pra quem é professor o que importa é o que o meio acadêmico acha, entendeu? O jogo é outro, o jogo é outro. Pra empresa pode até funcionar, entendeu? Ó, mas mesmo a empresa ela vai buscar quem também tem um suporte acadêmico relevante, entendeu? Que coisa que esse cara publicou, quais são os cursos que ele fez, entendeu? É isso que ainda pesa, é isso que ainda conta.

E como você lida com essa coisa: fora da academia você é um sucesso na Casa do Saber e dentro da academia não é legal você estar na Casa do Saber, como é isso?



É, assim, ninguém me enche o saco, entendeu? Porque eu também não dou muita satisfação, (risos), não é? Nunca tive nenhum grande momento constrangedor não, pra ser sincero. Fora NA Casa do Saber, o que foi muito engraçado, né? Muito engraçado. Porque eu tava no café, né, e conversando com um amigo meu, o Arthur, o Arthur Meucci. Eu e o Arthur batendo papo, aí na mesa do lado tava uma senhora e ela se mete no assunto, né. E agente não tava falando de nada da, da Casa do Saber, assim, só besteira mesmo, né, nada de. Aí ela se mete e começa a falar da Casa, né. E agente ali, na nossa, né. Aí ela começa a falar: ah, aquele papo, né, de que isso aqui é uma coisa, né, do discurso marxista, né, uma coisa do capital, porque assim essas pessoas que têm dinheiro agora vão comprar cultura e vão se aculturar pra se elitizar ainda mais, enquanto os pobres lá da universidade, e não sei o quê, e tal; aquele discurso rancoroso mesmo, né, rancoroso. Aí eu não vou entrar, eu quero tomar café, né, eu não quero brigar com ninguém, né? Não é pra defender a Casa do Saber, eu quero que se dane, né. Aí, (risos), papo vai, papo vem, né, me perguntando meio, mas, você veio assistir curso? Porque tá sentada no café, falando mal do troço, pô, pera só um pouquinho. Se é tão nojentoso assim, que é que você tá fazendo aqui? É que meu marido tá dando aula aqui, é professor da USP. Aí eu falei, porra, (risos). Ela é professora e o marido também. O marido tá dando aula, ela não, então, sabe, tem um pouco dessa coisa. O que deu uma amenizada muito grande, é que quando você olha a lista do corpo docente, né, são os dominantes da academia também. Então quando a pessoa vem encher o saco, como é que você tá dando aula num lugar desse? Ó, eu to lá, mas fulano também tá, beltrano também, aí você vai listando, entendeu? Aí as pessoas meio que calam a boca um pouco, né? Quer discutir comigo então discute com eles também, po, não vem encher o meu saco. Só o meu saco? (risos)

(26:49) Existem pessoas na Casa do Saber que decidem o que entra e o que não entra. Você se interessa desse assunto, ou ...?

Olha, é, os cursos que eu montei lá foram de dois tipos, ou alguém me liga e diz assim: dá pra você montar um curso assim, com esse tema? Eu digo posso, não posso, enfim. Não, dá pra fazer, aí mando pra lá, e beleza. Ou então as pessoas dizem: monta um curso aí pra gente. Propõe alguma coisa aí. Do que eu propus, até hoje, todos viraram cursos. Nunca, nunca fui barrado e nunca teve também nada do tipo, é, ah, esse tema aqui não, entendeu? Agora, acredito que isso aconteça, entendeu? Eu acredito que isso aconteça. É que eu também, é, meio que, eu sei qual é o público, entendeu? Então eu já penso meio o curso assim, é, é, é que no meio acadêmico quando você faz uma pesquisa você pensa, o que é importante pra humanidade, pelo menos é isso o que se diz, né, porque no fundo as pessoas pensam o que é que é importante, o que é que eu vou conseguir fazer de legal pra todo mundo bater palma,

né? Mas, assim, é, mas o que é que, em tese a demanda não é sua e muito menos de quem tá ouvindo, né? Porque o espírito do professor, ó, eu sou professor, o outro é o aluno, sem luz. Eu sei o outro não. Então eu digo o que é importante e o outro cala a boca e escuta. Eu sou o dono do terra, eu sou o senhor do assunto relevante, não é? Agora, quando eu vou pra lá eu já penso logo assim, bom, que é que esses caras vão querer ouvir, né, entendeu? Então já monto um curso pensando mesmo, olha o que é que dá público, o que é que não dá, você entendeu? Eu sei que tem uma pancada de tema acadêmico, aliás os temas acadêmicos, com os quais eu mais trabalho mesmo, *stricto sensu*, na academia, po, eu dou aula de Ética no curso de Direito. São assuntos ligados a Direito. Eu acho todos os assuntos ligados a Direito absolutamente insuportáveis, sabe? Quem é que, quem é que assistiria na Casa do Saber, se a idéia é ter um encontro alegre, um encontro, pelo menos ameno, você vai discutir, sei lá, processo? Construção jurisprudencial do Direito, é ma ni..., ninguém vai aparecer lá. Então, na academia é um tema, que eu estudo, desenvolvo. Na Casa do Saber é outro, completamente diferente. Se eu propusesse os mesmos é muito provável que alguém, educadamente, chegaria pra mim: sabe o que que é, (risos), é que não é bem isso que agente tá procurando aqui, e tal. Tenho certeza que não topariam. E se topassem, ninguém apareceria, entendeu? Então, ...

Você me fala que conhece o público. Me conta como é esse público.

Olha, pelo menos assim, do tema que dá certo, né, quanto mais geral for o tema, melhor. O que é o contrário do meio acadêmico, né? No meio acadêmico você faz grandes estudos sobre questões absolutamente pontuais, né? (fala pausadamente) O conceito de *catarse* na segunda parte da *Poética* de Aristóteles, segundo a leitura indireta dos textos de não sei quem, ponto. (risos) Faz um curso desse e não vai aparecer viva alma. Agora você bota pra discutir o quê? Aristóteles, ponto. Aí aparece gente, entendeu? Quanto mais geral, melhor. Porque o espírito é de gente que assume, ao mesmo tempo essa postura, sabe-se lá se por modismo ou não, de que filosofia é importante. Há algo, algo de desejável na filosofia. Quer dizer, ao mesmo tempo, ele assume a postura de que não sabe nada e de que filosofia é difícil. E que, portanto, quanto mais genérico for, mais fácil é. O mundo, entendeu, segundo uma espécie de, de juízo prévio que ele faz. Eu vou lá pra ser iniciado nas coisas. Quanto mais genérico, mais ele associa a curso pra iniciado.

E como é pra você dar esse tipo de curso? Aristóteles, ponto.

É, é, é de montar, porque você tem que escolher, você tem que renunciar tanta coisa, né, e, então pra montar o curso é a mesma angústia de escrever, né? Que quando você escreve, um tema muito extenso, o grande problema é você saber, olha, eu começo por onde e termino

aonde? Então, qual que é o capítulo 1 e 2, quer dizer, dá o corte, né, que agente chama. Dá um corte porque o tema é que é difícil, porque depois, depois é fácil, não tem muito mistério.

**T** – Mas você se aprofunda nos temas?

**E** – Em pontos dos temas, em pontos. Porque eu prefiro trabalhar quatro ou cinco conceitos bem trabalhados, do que falar de trinta e dois e, ..., porque as pessoas não vão entender muito. Porque se o curso é iniciação, então vamos assumir que é iniciação. Vamos pegar conceitos fundamentais mesmo. Conceitos-chave. Até pensando, vai lá e, quer estudar mesmo, entendeu, então esses conceitos-chave vão te ajudar. São passaportes pra leitura.

Você indica leitura? Os alunos vão atrás de você procurando ler mais?

..., às vezes tem que indicar o curso de hoje. Agente manda antes, né? É que tem uma, uma lista, até porque eles têm um acordo com a livraria, lá no Rio não, mas aqui em São Paulo tem uma livraria que tá dentro, né, então eles costumam colocar os livros do curso já à venda ali, né, previamente, então, já pedem antes, não é? Mas às vezes, assim, quando você monta o curso você pensa num tema e durante a aula aparece outro assunto, né? E aí é mais livro, mais livro. Eu acho importante fazer esse, é porque, aula mesmo, não é, é muito empobrecedor pra idéia do estudo você resumir tudo à aula. Que a aula como grande momento da vida acadêmica. O grande momento devia ser o estudo, né? Porque a aula eu falo no meu ritmo, né? Na velocidade das minhas sinapses, entendeu? No caminho traçado por elas e não de quem ouve, não de quem ouve. Você aprende mesmo quando você desenvolve o estudo no seu ritmo, quando você organiza as idéias na sua cabeça, com as suas referências, com o seu repertório. Só que agente acabou com uma miséria nossa, concentrando peso demais na aula. Botando uma importância muito grande na aula e uma importância pequena na leitura. Acho que mal, a Casa do Saber ela faz um pouco, sem querer, nunca foi a intenção, mas isso acaba acontecendo. A aula é agradável, tem que ser agradável, ela tem que ser chamativa, mas ao mesmo tempo, se nós pensarmos não pelo evento, pelo encontro, pelo espetáculo, entendeu, e pensarmos mais pelo lado mesmo do conhecimento, a aula é o que há de, de menos relevante ali. Ela é só provocadora mesmo. Ela é só facilitadora do primeiro acesso. Ela é mais divulgadora de coisas interessantes que valem a pena ser lidas, que valem a pena ser estudadas. Mas o momento importante é depois, é o estudo, é a leitura. É aquilo pro que elas estão olhando, né? Isso eu acho legal, isso eu acho interessante. Na Universidade eu tento fazer isso; tento reduzir um pouco a importância da aula.

Mas na Casa do Saber, dá pra reduzir a importância da aula?

Reduzir, frente, assim, no processo de conhecimento. Porque, pensando a aula como um produto a ser vendido, fala: tem que ser interessante, tem que ser chamativa, ela tem que, (...). Agora, é, dizer também que eu mudei o jeito de dar aula por causa da Casa do Saber, não mudei, não! Eu, eu sou carente profissional, entendeu? Então, é, seja lá qual for o público, eu fico angustiado se tem uma pessoa que não está prestando atenção. Então tem que dar um jeito de fazer prender a atenção desse sujeito. E aí agente apela pra tudo, entendeu? Formas mais simples possíveis de apresentar um tema, exemplos esdrúxulos pra facilitar aquilo que a pessoa decore, e, é o esquema que funciona na Casa do Saber, né? Ninguém me mandou fazer isso, eu já fazia. Eu já fazia. Apelar pra poesia, o que vier. (risos) O que vier, e funciona, funciona.

(35:57) Então pra terminar, como você vê a relação entre os dominantes da Casa do Saber; quem você acha que são os dominantes ali?

Olha, sinceramente, eu não sei, eu não sei. Porque, (hehe), o meu chefe (risos) é Mario Vitor, né? Eu sinto que ele, ele, por um lado, ele tem, é, ele tem um poder de coordenador, né? De escolher que curso entra, de não escolher. Mas, ao mesmo tempo eu sinto que esse poder não é, não é pleno, ele não manda sozinho ali. Ele presta contas pra alguém. A quem ele presta contas e como é a relação dele com a pessoa ou as pessoas pra quem ele presta contas, não é, não tenho a mais remota idéia. A mais remota idéia. Mas ele é meio gente como agente, né? Quer dizer, também é empregado ali. Então...É, ele é um cara bacana. É um cara bacana. Eu também sei que ele tá numa situação, meio também, ..., eu sei que ele se surpreende às vezes, também. Com o próprio sucesso da Casa do Saber. Aliás, se isso, se, se esse negócio é um sucesso é por causa dele, sem sombra de dúvida, sem sombra de dúvida. Pela escolha dos temas, a estrutura e tudo. Se não fosse ele ali. Porque os sócios, eu conheci, é, no primeiro curso tavam todos lá. Então eu acho que esse momento foi importante pra Casa porque eles definiram algumas coisas ali. Mas definiram de corpo presente, porque testemunharam a aula, etc.; isso funciona, isso não funciona, não é? E acho que a partir daí é que cria-se esse modelo, é que foi até se transformando com o tempo, mas o primeiro passo fundamental foi ali. Talvez pra muitos sócios, que deixaram de acompanhar a Casa, provavelmente só acompanha balanço, não é? Porque tem um ou outro que vai assistindo curso, né? Que é alguém empolgado mesmo com esse negócio e aproveita, não é? Usufrui. Tem outros que não, você vai ver uma vez na vida e outra na morte, entendeu? E quando vê é mais pra, ele tá ali mais resolvendo problema do que propriamente assistindo, em sala de aula mesmo é raro, é raro. Então esses que não acompanham mais, provavelmente a imagem que eles têm ainda do processo, da sala de aula, enfim, usando a linguagem, né, do produto vendido, é daqueles

primeiros encontros, né? Ainda é aquela. Então se, se ele é cobrado, provavelmente é cobrado nesse parâmetro de aula. Parâmetro do primeiro encontro.

E você acha que os professores exercem algum tipo de poder ali dentro?

Olha,... Só com alguns, só com alguns. É porque lá, é porque universidade a pessoa vai, dá, dá três aulas num dia e tem a sala dos professores pra todo mundo se encontrar, né? Lá não. Chega, dá aula e vai embora. Não tem muito um espaço, assim. Tem o café, mas o café, tá meio mundo ali, né? Então os professores com quem eu, eu acabei, por conta da Casa do Saber, conhecendo mais, conversando e tudo, são poucos. São poucos. Jacóia, Pondé, Clóvis. E é todo mundo meio conhecido, assim, todo mundo meio. (risos) É tudo meio escraxado mesmo. Agora, exercer poder, né? Toda aula é poder, toda aula é exercício de poder. O professor fala 90% do tempo, isso quando não fala 100%. Só isso já é um poder desgraçado. Agora o que fica, né, o poder sobre as pessoas, eu não sei, mas eu também não sei dizer até que ponto isso acontece na universidade. Porque aluno, aluno é, sei lá, é como garrafas atiradas ao mar, entendeu? É uma mensagem que fica ali, se é que fica alguma coisa, quer dizer, sabe-se lá onde é que isso vai parar, o que é que vai acontecer, não tenha a mais remota idéia. Isso é um pouco angustiante na, na vida de professor. Porque quando, sei lá, você fabrica alguma coisa, você vê o produtinho pronto, né? Você pinta um quadro, você vê um quadro, mas professor, você dá aula. Mas o que é que fica da aula? Sei lá.

Mas assim, nos processos da instituição, na decisão do que é bom, do que é válido, do que não é pra instituição, você já foi consultado alguma vez sobre algum outro professor, algum tema?

Olha, já mas não considerei, assim, não considero muito nada, nada muito formal não, né? É tipo pedir opinião mesmo, né? É aquilo que você chega na hora que a pessoa tá pensando no troço, aí, sei lá, propuseram e o que você acha disso? Opinião mesmo. É, opinião, o Mario Vitor pede opinião. Ele não é um cara arrogante. Não é um cara fechado, né? Ele conversa, fala dos projetos da Casa, fala do que vão fazer, enfim, ele, não é um sistema fechado. Agora, um critério formal, de participação, nenhum, nenhum. Se os professores acertam, ou é por conta dessa, que depende muito de relação pessoal também, entendeu, e de circunstância, ou então é de forma marginal, entendeu? Que é que eu chamo de forma marginal? Essa história da primeira parte, na segunda deixa os caras fazerem perguntas. Você ignora, dá certo, as pessoas dizem que é maravilhoso e, é uma forma subversiva, mas funciona. Pelo resultado, pelo resultado. Acho que a maior influência dos professores no processo é esse, é mostrar resultado.

Ah, no Rio de Janeiro também tem aquele formulário que os alunos preenchem no final?

Sim, tem.

E o professor tem que se preocupar com aquilo ali?

Bom, eu não me preocupo muito não. É porque eu to acostumado, né? Na universidade também tem, ...,

(telefone tocou)

Olha, é porque ele, ele é meio, ..., eu acho que ele tem uma participação ali, não tem no, ...? Agora, participação dele, porque ele nunca me perguntaram porra nenhuma. O que me perguntam é dos cursos. É do curso que as pessoas me propõem (risos). Aí, né, tão pensando em montar um curso assim, o que você acha, tal? Tá. Agora todos os processos. 90% das coisas eu não tenho a menor idéia do que acontece ali. Ninguém dá a menor satisfação disso. Porque é papo de chefe, né, é propaganda. É tipo cliente, nós ouvimos o cliente. Aí tem um 0800, você liga pra lá e nunca obtém resposta (risos). Muito obrigado pela sua contribuição, nós vamos ignorá-la daqui pra frente, é a mesma coisa.

Eu to tendo uma surpresa, sabia? Porque, ...

Não tem um sistema formal também, é aquela história, não tem também aquela arrogância dizendo assim: nós sabemos, você nos obedeça. Eles não são loucos, entendeu? E já que tá tudo muito centrado na figura do professor, pelo menos você enche o saco o cara vai embora, porque ninguém depende daquilo ali, entendeu? Ninguém é, ninguém tem contrato de trabalho, quer dizer, é bico pra todo mundo. Então, pô, pro cara se aporrinhar e cair fora também é fácil, né? E, segundo lugar, quer dizer, se o público vai ainda, se a propaganda ainda gira muito em torno do nome e do peso do professor, então, esse cara deve saber o que tá fazendo, entendeu? Então eles dão trela. Eu acredito que se sugerir alguma coisa ali, sabe, as pessoas vão ouvir a sugestão. Agora, daí perguntar. Dizendo nós só tomamos a decisão se você disser o que acha. (risos) Duvido. Duvido.

É engraçado porque tudo, com todo mundo que eu falo, todo mundo assim, a maioria, e o que eu vejo na mídia, tá lá o professor da instituição em primeiro lugar. O professor dá mídia, o professor acaba com o preconceito dos alunos em relação à instituição, o professor, pro proprietário, é o que tem de mais importante e mais legitimador, então, tá lá o professor no pedestal.

Não é ruim você trabalhar lá não. É agradável, sua hora de aula é boa. Um monitor pra cada duas, luxo, né? Sabe? É muito tranqüilo. Só de não ter prova, também. Os alunos são, os alunos são pessoas ótimas, até porque a maioria não abre a boca, então, nossa, (risos).

Maravilha! Não sei se eu for conversar com eles o que é que vai acontecer, mas em sala de aula eles são, nossa, são uns amores! Riem das piadas, no Rio mais do que em São Paulo, as pessoas lá são mais felizes um pouco, não sei por quê. Sei não, viu. Muito estranha essa coisa. Aqui as pessoas são mais sisuda e tudo, mas, mas é um público gentil, é um público gentil. É bom de se trabalhar ali.

E você lá nos cursos de filosofia não abre pra perguntas?

Abro. Na verdade o que eu faço é o seguinte: olha, é, sintam-se à vontade aí pra perguntar. Pra interromper no meio, não tem essa, não tem horário. O momento da pergunta, é até melhor que ela apareça mesmo na hora em que você está tratando do tema, né? E aparecem, volta e meia têm aulas, assim, que rendem bastante. Às vezes é até bom, né, porque corrige o rumo, né? Isso é uma coisa, uma coisa é o que eu penso, outra coisa é o que eu consigo dizer, uma terceira é o que as pessoas entendem. (hehe) Então se as pessoas não abrem a boca pra dizer o que estão entendendo, eu não consigo corrigir esses, esses eventuais desvios aí. Eu tenha intenção em compreensão.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Professor 2

Você pode me falar um pouquinho de como foi a sua trajetória pra chegar aqui na Casa do Saber, qual o seu trabalho aqui na instituição?

Eu fiz Mestrado, graduação em História da Filosofia, Mestrado e Doutorado em História, pós-doutorado também em História. Estudei a América, trabalhei em São Paulo na PUC, na UNICAMP até hoje, em várias escolas particulares, comecei a dar palestras e fui convidado um dia pelo Jair, proprietário da Casa pra dar uma palestra na casa dele. Isso originou o meu convite pra dar aula na Casa, eu comecei como professor no início da Casa, a quatro anos e logo em seguida comecei a dar muitos cursos e me convidaram, seis meses depois da Casa aberta, pra ser curador da Casa do Saber, ou seja, ajudar a fazer, montar as grades e etc., montar os cursos e administrar essa parte acadêmica da Casa. Aí cheguei aqui. Eis me.

Como professor, você deu vários cursos, sempre na área de História,...

É, como eu tenho uma formação um pouco holística, eu tenho formação em música, em filosofia e em história eu acabei dando cursos variados dentro da área de humanas, em geral, apresentando cursos de história da arte, história em geral, meu suporte é história; pra esse público específico da Casa do Saber que quer um curso de qualidade, ao mesmo tempo não é uma universidade, não é uma pós-graduação e não é um curso de ensino médio. Achar essa tonalidade, esse tom intermediário pra Casa do Saber é que é um pouco, é um pouco difícil, né? Minha função então foi adaptar isso que seria o conhecimento universitário, acadêmico preocupado com a maneira de fazer o conhecimento, com a maneira de produzir epistemologicamente as coisas e adaptá-lo a Casa do Saber, ou seja, adaptá-lo a um público que não quer tanto saber da epistemologia da construção do conhecimento, mas não quer apenas uma informação enciclopedesca. Esse tom que é um pouco difícil achar na Casa, né?

Professor, como você definira o público da Casa do Saber?

Não sei nem exatamente se nós temos um perfil porque varia de acordo com o horário, varia de acordo com o curso, curso como o que eu dei hoje às 12 e 30 atrai mais senhoras na hora do almoço. O curso que eu vou dar às 20 horas atrai mais profissionais liberais. Cursos diurnos são mais femininos, cursos noturnos são mais masculinos. Cursos de economia têm um perfil mais de mercado. Cursos de arte têm perfil menos de mercado. Não sei se nós temos, em todo caso são pessoas com um pouco mais de idade, não são na média pessoas de 18 a 20 anos, são pessoas com mais de trinta, já bem sucedidos do ponto de vista profissional,



já estabelecidos na vida e que gostam de conhecer mas não suportam mais aquela chatice de ensinar e prova, lista de chamada e etc. Num ambiente mais descontraído, esse ambiente de sala de estar, com professores dinâmicos, utilizando às vezes recursos audiovisuais, eles querem ter contato de novo com o conhecer. Acho que é também uma demanda de mercado e é um desejo pessoal. Uma demanda de mercado pra carreira, uma demanda mesmo pra o que eles querem aumentar de conhecimento, talvez parece XXXX (03:45) precisa aprender pra garantir a sua ascensão social, mas acima de tudo, uma resposta pessoal. Algumas pessoas fazem muitos cursos, mais especificamente alguns. Isso faz diferença na vida delas, né? Elas se transformam, as que fazem cursos. Alguns que nunca tinham feito filosofia, alguns que nunca tinham estudado temas específicos acabam aprendendo bastante e crescem nesses cursos.

Você participa do processo de decisão dos cursos que são aceitos na Casa, né?

Sim.

O que esses cursos precisam ter pra entrar na Casa, pra fazer parte da programação?

É o que eu costumo dizer. Em parte nós temos professores consagrados na Casa como o seu orientador, como o professor Pondé, em parte nós temos professores que são personagens midiáticos, tivemos aula com Neyla torraca, tivemos aula com Jô Soares, tivemos aula com várias personagens midiáticas. Um curso clássico da Casa que não é midiático tem um professor que tem uma ligação com o grande centro, que tem uma grande capacidade de combinação de conteúdo com habilidade em sala de aula. Capacidade comunicativa e conteúdo. O professor clássico, intelectual, tradicional, com graaande capital de conhecimento, nem sempre é o professor perfeito pra Casa. O professor de cursinho, dinâmico, teatral, absolutamente performático é exatamente o que a Casa evita. De forma absoluta. É um professor capaz de traduzir esse auto-conhecimento para um público que não é especializado e o curso é escolhido por essa capacidade. Professores que a gente vê que fazem sucesso nessa capacidade, voltam. Às vezes alguns criticam mas nós acreditamos no professor e insistimos e investimos nisso porque é um espaço específico e às vezes alunos pedem professores do mercado de São Paulo ou temas ligados à auto-ajuda, daí a gente evita por completo, que fariam sucesso, com certeza, mas não é o nosso, não é o nosso objeto, né? E ao convir dos professores existem várias fontes: conhecimentos nossos, de colegas, de professores e amigos, indicações de alunos, aulas abertas que a gente faz os professores darem em alguns horários pra ver se, de graça pra nós e pra, pros alunos, pra ver se o professor funciona. Ahn, assuntos do momento, como a crise neste momento nos faz buscar professores

específicos, professores que fazem sucesso na USP ou na UNICAMP, eles são procurados pra ver se eles se adaptam a essa forma. Eles são pautados quanto aos procedimentos da Casa. Então tudo isso é um processo muito complexo. Às vezes um grande nome é um fracasso aqui. E às vezes um professor mediano, ahn, faz sucesso. Envolve nossa intuição em quatro anos, envolve capacidade de conversa, envolve saber quem é o público, envolve a capacidade de tornar os textos dos professores acessíveis aos alunos, né? E esse processo é complicado, mas funciona.

Professor, você ainda dá aula na academia em alguma universidade?

Sim, na UNICAMP.

O seu trabalho aqui na Casa do Saber e na academia tem alguma influência de um lado pro outro?

Eu não sei, eu nunca pensei nesse fluxo de contato, porque eu nunca perdi o pé do que nós poderíamos chamar de mercado, por uma forma mais crítica eu acabei XXXX (07:30). Eu nunca perdi esse pé. Sempre trabalhei com doutores, capacitação de professores e outras atividades que não são apenas, ou, do ponto de vista heurístico acadêmicas, né? Então eu não tenho certeza se houve. Ahn, acho que existe esse tráfico de, de informações e um tráfico de influências. Eu acho, acho que existe, sim. Eu nunca consegui avaliar com clareza. Na academia existe uma outra postura, esse semestre eu to dando um curso de pós-graduação sobre Michel de Certeau. Minha preocupação nesse semestre com os alunos, são apenas doze, é estabelecer a origem das propostas, tanto estruturalistas como pós-estruturalistas desse teórico Michel de Certeau. Este não é o típico curso que se vende na Casa do Saber. Tem uma carga de leituras em francês muito grande, tem avaliações, produção de texto, tem muito debate que necessita de conhecimentos prévios. Na Casa do Saber se eu desse uma aula hoje, eu acho que é improvável sobre Michel de Certeau. Eu apresentaria um pouco mais da biografia dele, quem é, eu escrevi, eu sintetizaria os clássicos com, ahn, “As Feiticeiras”, “O subúrbio”, “A possessão de Loudun”, “A possessão de Loudun” ou então os textos que ele escreveu sobre a história pra que o aluno pra descobrir. Na pós eu pressuponho que ele já descobriu na graduação e o discurso na universidade e na academia é um pouco produção do conhecimento. Aqui, isto não existe. Nosso principal discurso aqui é o conhecimento e não a produção do conhecimento. A diferença é muito grande. Agora eu acho que um professor que é bom aqui tira lá da academia, e vice e versa também. Eu acho que é um, não é um caso de ruptura epistemológica entre a Casa do Saber e a academia, porque dar aula não depende do

conteúdo em si, depende de uma série de fatores, inclusive da ação do professor, não tanto o conteúdo ou da diferença de lugar.

Quando eu conversei com o Pierre Moreau, ele deixou bem claro pra mim que a Casa dá bastante importância pra formação acadêmica dos professores. Essa visão do lado de lá, da academia, a respeito dos professores que dão aula na Casa do Saber. Você teria alguma coisa pra falar sobre isso?

A academia normalmente não gosta de nada que dê muito certo ou que gere dinheiro pra universidade. A academia, ahn, trabalha eu acho que com um pressuposto absolutamente religioso de que saber é sofrer, o ensino é que é árduo, prazer é pecado, e que um bom estudo sistemático deve produzir apenas essa seara do sofrimento, essa seza (XXX) (10:28) do conhecimento e a academia fala mal de livros que vendem muito, fala mal de cursos abertos, etc. Considerando o peso de personagens que dão aula aqui, que deram e dão, como Marilena Chauí, Fernando XXX, Osvaldo Jacoia, todos acadêmicos de primeira linha, eu diria que esse preconceito talvez não seja tão grande nos indivíduos, mas se você perguntar, acho que coletivamente a academia sim, ela tem preconceito com a Casa do Saber ou com qualquer instituição singular e análoga. Ahn, no caso da formação ela é a regra pra quase todos os professores. Procuram-se professores que tenham feito doutorado, que tenham publicado livros, que tenham conhecimentos sólidos. Pra nós a crítica mais dura, que mais nos deixa de orelhas ligadas é a falta de conhecimento. Ahn, atritos, professor fala baixo, professor não é claro, tudo isso pode ser contornado, mas a falta de conhecimento é um dado estrutural. Agora o conhecimento que possa ser transmitido. Então como a academia trabalha sem necessidade de pensar, por exemplo, o número de alunos por aula, sem necessidade de pensar essas questões práticas e concretas aqui do sub-mundo humano, reles e vil, é muito difícil a academia pensar no que fazer. Então, uma tradição da academia é que os cursos têm que ser apresentados com uma linguagem meio hermética, quanto mais hermético, mais denso e inteligente é o professor; se ele for dar um curso, por exemplo, rupturas na literatura, isso é bom, mas se for questões axiológicas da expressão literário do cosmo ao barroco, isso é ainda melhor. Quanto menos revelado o curso na ementa e no título, melhor. Então é, é um treino, um treino específico da academia onde a qualidade está centrada no parnasianismo da linguagem. E é um treino do mercado fazer o contrário, desprezar o refinamento da linguagem, a sutileza da linguagem. São dois pólos extremos ruins, né? A academia teria muito a aprender com a dinâmica do mercado e da Casa do Saber e a Casa do Saber sempre deveria aprender com o rigor, com a pesquisa, com a seriedade de muitos acadêmicos, né? Sempre deveriam aprender um com o outro.

Tá certo. Bom, voltando pra última pergunta, porque estamos com pressa, como você vê a relação da Casa com a mídia?

É uma relação também problemática, né? No início da Casa os repórteres apelidaram a Casa de DaslUSP, segundo eu disse a um deles, porque tratam de duas coisas que os repórteres não têm, que é a Daslu e a USP, né? Não tendo nem a formação acadêmica sólida, nem o poder financeiro pra comprar como gostariam, se comportam mais ou menos como a raposa e as uvas. Os repórteres que fazem cursos costumam gostar dos cursos, mas também os repórteres compartilham desse espírito jacobino de recital. Que o conhecimento não devia ser dado pra gente rica e não deveria causar prazer, deveria ser, se fosse uma cratera pra gente, muito sofrida então teria sentido, neste caso. E a mídia publica com frequência dados da Casa do Saber e indica cursos, tanto da Casa como fonte dos genéricos que a Casa foi fazendo surgir por São Paulo e a mídia, em geral, tem ou o pé atrás ou um pouco a idéia estranha de que não é esse o objetivo, que o conhecimento não deveria ser assim. É muito curioso isso, não é? É muito, faz parte da nossa leitura política desse momento, né? E a mídia compartilha um pouco disso. Mas há variedades, né, há variedades dentro da mídia, não há uma unanimidade dentro da mídia.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

### Professor 3

Se você quiser depois vai ser gravado. Você pega o cartão do João, aquele João que te apresentei lá embaixo, você pega o cartão dele e ele pode te passar o áudio.

Tá certo, vou pegar sim. Bom, primeiro eu gostaria de saber como é a sua relação com a Casa do Saber.

Bom, primeiro eu frequento a Casa do Saber como aluno né. Por que se você olhar bem aquela parede no primeiro andar você vai ver que o número de coisas gostosas que a gente gostaria de escutar né. É... bom, eu sou um designer então antes de qualquer coisa eu sou um curioso então eu adoro saber histórias, o ser humano adora contar e escutar histórias. E...quando eu te perguntei por email do era a tua pesquisa você falou em consumo de luxo né? Luxo pra mim é você poder gastar teu tempo de jeito que você quiser, isso pra mim é luxo. Não é uma bolsa, não é uma roupa, é você poder usar o teu tempo do jeito que você quer. Eu adoraria passar meu tempo só estudando, ensinando, aprendendo e aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, que na verdade é a base do design, o grande barato do design é que ele foi criado, a metodologia do design como ele foi criado no *bauhaus* era exatamente isso, aprender e ensinar ao mesmo tempo. Quando a revolução industrial começou os grandes inventores, os primeiros inventores, eles eram pessoas comuns né, eles não tinham diploma de mestrado, de doutorado e nem tinham cartão, sou inventor. Não. Eles simplesmente inventavam né, e também isso é luxo, poder dispor do teu tempo como você quiser.

Então o que você acha da invenção do espaço Casa do Saber?

Acho o máximo. O máximo. Inclusive eu acho que faz bem da saúde mental das pessoas. Você saber, é bom você partilhar. Inclusive a..., pelo que eu sei da história Casa do Saber, ela nasceu naturalmente, espontaneamente. As pessoas iam trocando informações, quer dizer, alguém dava uma reunião sobre filosofia, as pessoas iam, trocavam informações. E eu gosto muito das coisas espontâneas né, pelo que eu entendo a Casa do Saber é uma necessidade espontânea.

Você fala em uma necessidade espontânea, o que você quis dizer?

Necessidade? Bom o ser humano é um ser sociável agente não vive sem o outro, ponto. A gente não consegue viver em exclusão, a gente colapsa. Só..., quantos santos você conhece? Poucos né, pouquíssimos. Pessoas que se isolam da sociedade ou da civilização. A gente precisa uns dos outros. E a gente tem uma aspiração interna de conhecimento o tempo todo. Cada vez mais, inclusive com essa aceleração né, da velocidade do mundo moderno, você

precisa tá toda hora atualizado e tal. Mas você tem que perceber que essa atualização acelerada é uma atualização superficial, e você o tempo todo tá precisando saber um pouquinho da tua origem né. O que é ser mulher/ o que é ser branca? O que é ser religiosa no caso ou não, o que é ter nascido no Brasil, o que é ser sul americano? E isso ;é infundável, a curiosidade humana é infundável, então eu acho que essa necessidade, quer dizer, faz bem a alma, conhecimento faz bem pra alma. Qual a diferença entre conhecimento e informação? O conhecimento é uma informação mais trabalhada. A informação é crua e o conhecimento é uma coisa mais, é uma informação mais trabalhada. É que nem você comer uma comida crua e outra mais cozinhada, mais cozida, com tempero melhor, isso faz bem pra gente, a gente se sente bem.

Qual a sua visão da Casa como aluno?

Eu fiz os cursos no Rio né. Ah, é divertido pra burro. É muito divertido. Estudar é muito divertido. Muito gostoso. Porque é uma posição gostosa né. Você se dispor a escutar alguém falar sobre alguma coisa que você não conhece ou conhece pouco e você quer conhecer mais, é muito bom, muito legal. Faz muito bem pra alma.

As escolas, todas elas, elas tem um papel a cumprir, dar um diploma pra alguém, mostrar pra sociedade que alguém cursou aquele curso durante não sei quanto tempo, um ano, dois anos, três anos, quatro anos e ele fez uma prova passou e aí ele ganha um diploma. Eu dou aula de pós-graduação, as pessoas que tão fazendo curso de pós-graduação, ela querem se atualizar e ao mesmo tempo querem ganhar um diploma pro mercado de trabalho, então eu diria que uma faculdade, ela cumpre o objetivo de satisfazer o mercado de trabalho e já a Casa do Saber não, é por prazer, você faz um curso por prazer, você não vai ganhar um diploma. O que você ganha é a satisfação de conhecer mais um assunto, se aprofundar, se sentir bem pensando nas coisas novas, isso é um prazer.

Bom, quando eu fui convidado pra dar aula na ESPM a idéia era criar uma matéria nova então eu dou aula de uma matéria completamente nova, quer dizer, eu criei a matéria, não existe livro didático dessa matéria, o livro didático é a minha aula, eu dou aula de design estratégico que é o design comprometido com o planejamento das empresas. E as minhas aulas têm um lado filosófico muito grande, por causa disso eu comecei a montar outras aulas sobre inovação e a Casa do Saber soube, eu tenho vários amigos na casa do saber e eles, um deles viu uma aula minha, achou que a aula tinha um conteúdo filosófico muito grande e que valia a pena a gente fazer alguma coisa, então na verdade eles me propuseram fazer um curso no semestre de design, mas não um curso pra designers mas um curso pra... porque como é que o design tá inserido na nossa vida né? Qual é o valor da estética? O que isso muda na nossa vida né? E a

gente fez um teste, essa aula é um teste, é pra ver o que as pessoas acham, como é que a gente vai fazer esse curso, se fala mais sobre o lado filosófico, se fala mais a parte pratica do design, enfim, a gente tá meio ainda sem saber. Quer dizer, eu posso adaptar as aulas a um estilo casa do saber e posso trazer pra Casa do Saber uma coisa diferente. Da mesma forma que eu levei uma coisa diferente pra ESPM eu posso trazer um pouquinho pra cá.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

### Professor 4

Vamos falar, primeiro, um pouquinho da sua formação.

Tá, formação no geral?

Isso.

Eu sou, bom, sou psicólogo, mas também sou graduado em Psicologia e aí eu tenho uma formação, sou formado a vinte e um anos, nessa altura; aí a minha formação é dividida de um lado em, na carreira clínica, quer dizer, eu tenho o meu consultório, sou psicanalista, tenho um consultório de psicoterapia; e carreira acadêmica, né, que eu segui, então eu fiz Mestrado assim que eu sai da faculdade na PUC, psicologia na PUC, eu terminei em 87, eu fiz uma especialização em Filosofia e Psicanálise que existia na Unicamp, um curso de dois anos. Emendei de lá um Mestrado na Filosofia da USP, onde eu trabalhei Freud; tinha uma área chamada Epistemologia da Psicanálise, hoje não existe mais, mas na minha época existia, então eu fiz um Mestrado sobre Freud na Filosofia da USP, aí eu voltei pra PUC pra fazer Doutorado em Psicologia Clínica, que eu terminei em 2000, né? Então, daí eu entro de volta às questões mais clínicas propriamente, né, então academicamente isso, e daí eu publiquei esse Doutorado e tal, tenho um pouco de livros publicados e tal. Dou aula aqui na ESPM a 19 anos, quase 20, né? Dei aula alguns anos na Psicologia da UNIP, agora eu não faço mais isso. Dou aula na, a 8 anos numa pós-graduação da PUC de Psicanálise, que é um pedaço da PUC que chama-se COGEAI, que é onde tem pós latu sensu, não é o strictu sensu, né, então lá no COGEAI tem um curso chamado Teoria Psicanalítica no qual eu sou professor também. Então meu trabalho basicamente é ser, sou professor aqui, na PUC e na Casa do Saber de vez em quando, né, e o tempo todo eu parto, toda noite eu tenho o trabalho de consultório. Minha formação basicamente é essa.

Lá na Casa do Saber, quando começou?

Então, é, faz mais ou menos uns dois anos, e o que aconteceu foi que um aluno aqui da ESPM que freqüentava, né, o Clóvis já tava lá a muito tempo, se eu não me engano, né? Ah, o aluno que freqüentava falou de mim e veio depois falar, olha, falei de você lá na Casa do Saber lá porque tem o tipo da aula que você dá, você dá uma aula que a aula é muito dinâmica e tal. Tem, tem um conteúdo acadêmico muito bom, né, e tem uma dinâmica muito boa também eu acho que eles procuram esse tipo de perfil lá na Casa, então eu falei que você tinha tudo a ver, ia dar super certo e tal, aí nessa, isso faz mais ou menos isso uns dois anos, aí o Mario me ligou, faz mais de dois anos, bom, que seja dois anos, pra bater um papo, né? Daí eu fui até a



livraria lá dos Jardins e a gente conversou um pouquinho e tal, e eu sabia um pouco; eu tinha ouvido falar Maria Fernanda Cândido, mas uma idéia totalmente vaga, não sabia o que era e também era mais recente, cresceu muito de dois anos pra cá, né? Daí ele me contou mais ou menos o que é que era, tinha a sala azul, a sala amarela, uma coisa meio esquisita, um pouco esquisito, mas aí eu fui me informar e vi que, primeiro eu tive um papo legal com ele e ele, aí comecei a ver quem tava dando aula lá e aí vi que primeiro tinha uma cara, tinha uns professores da USP que foram meus professores lá, Franklin Leopoldo e Silva, esses caras de marca, tinham umas pessoas muito, muito, muito boas lá dentro, né? Daí ok, toquei um curso que parece ser um curso mais pras madames mesmo, né, os cursos de arranjos de flores, mas tem um pessoal muito bom dando aula aqui e então, legal, né? A primeira impressão que eu tive é que era uma coisa muito, curso de tarde pra mulher desocupada. E aí eu vi que ia fazer parte. Quando eu vi o corpo de professores eu comecei a achar interessante. Então ele me propôs um curso, né, eu disse, olha Mario, eu trabalho isso, isso e isso, e ele achou que tudo que eu trabalhava era muito difícil e que não ia colar pro público deles, e ele me encomendou um curso de Psicanálise e Mitologia, né? Então eu fiz primeiro uma palestra, acho que todo mundo que entra hoje faz isso, uma primeira palestra aberta, não remunerada, eu fiz em Higienópolis, e foi muito bem, foram, sei lá, cinquenta pessoas, foi super bem-sucedido e isso virou um curso que se chamava “Mitologia e depois”, e aí ao longo do semestre eu vou propondo cursos, em geral eu proponho alguma coisa, eu combinei com ele, se eu quiser o curso que, e se ele for bem, eu posso fazer o que eu quero? Não pode, né? Então de lá pra cá eu fui propondo um pouco mais pros esquemas duros também, eventualmente, se foi muito bem, e se não faz turma, eles cancelam, eventualmente na véspera. O pessoal tenta fazer turma até a véspera, não deu cancela. É chato, obviamente, né, mas a maior parte dos cursos aconteceu. Mas, uma vez que eu fiz a entrevista com Mario, aula-teste, né, e emendando por ali, tenho, tenho, tenho dado aula regularmente a dois anos agora.

Quais são os cursos que você já deu lá?

Tá, então já dei “Psicanálise e Mitologia” como eu falei, tem um que já, que eu já dei algumas vezes em várias unidades, a empresas fechadas, né, eu te conto já já. Mas tem uma que chama, que eu vou dar hoje a noite, inclusive, pra uma empresa também, chama “Para entender os sintomas do homem contemporâneo”, que é um pouco assim: comportamento, mente e funcionamento mental no mundo contemporâneo, que é o que eu estudo, né? Psicanálise, sou psicanalista, e eu estudo o comportamento hoje, de consumo, aqui na faculdade e tal. Então, junta isso e dá isso: comportamento do homem contemporâneo; que dá pra falar sobre trabalho, sobre relacionamento, sobre esquemas de medo, insegurança,

celebridade, dá pra falar sobre temas contemporâneos, em geral é um curso que vai muito fácil, né? Já dei cursos básicos de Freud, quer dizer, como é que funciona a sexualidade em Freud, né? Eu vou dar na Casa, na, na Cidade Jardim, na unidade nova, um curso no final do semestre sobre Gêneros, como é que hoje é gênero masculino e feminino, como se constitui um gênero, como hoje isso é fragmentado e não existe uma definição tão clara quanto três décadas atrás, né? Já dei curso que envolvia um pouco o cinema, então eu rodava, era um curso sobre novos tipos de família e aí ia mostrando filmes, né, e comentando novos tipos de família, né? Mas, basicamente cursos que são de Psicanálise específica, não é, ou Psicanálise e cultura, porque a minha praia é fazer de Psicanálise, né? E, esse, esse que to te falando de falar de sintoma contemporâneo eu já fiz aberto, tanto nos Jardins quanto em Higienópolis, quatro aulas; já fiz em aulas pra duas ou três empresas, tanto a Casa do Saber quanto em empresas, às vezes você vai lá também e recebe melhor pra fazer isso, e uma vez em junho desse ano, 2008, eu dei esse curso em Belo Horizonte pra uma faculdade particular. Eles venderam o curso, né, pra uma faculdade quatro horas em duas, duas tardes de quatro horas, Casa do Saber, numa faculdade de lá, né? Eles pagam a passagem, o hotel, pagaram super bem, né, eu dei esse curso e voltei. Então basicamente a idéia é: eu tenho liberdade pra escolher o curso que eu vou oferecer, às vezes eles encomendam alguma coisa, quando na apresentação que eu faço, às vezes a apresentação tá muito acadêmica eles sugerem uma apresentação um pouco mais palatável, mas não interferem no conteúdo de jeito nenhum, o que é uma coisa muito tranqüila, o que é bom, né? Mas é aquilo, às vezes cancelam o curso. E isso é chato.

E quando eles cancelam o curso, você percebe alguma intensidade dos cursos que dão certo? Então, aparentemente, nesse semestre, tiveram dois cursos que pareciam um pouco mais teóricos. Então, tinha um outro curso que era no final da tarde em Higienópolis, que era um pouco uma introdução a Freud, uma coisa assim, que não rolou; os alunos, em outro curso de lá tinham pedido um curso desse e eu propus por isso, mas aí acabou que não rolou, né? E tinha um outro curso que era “Ética na Psicanálise”, né, que era psicanálise na filosofia, então era Freud, Hobbes, falava de Montaigne, falava de Nietzsche, e pelo jeito também soou um pouco, sei lá, árduo demais, né? Acho que quando um professor de Filosofia da USP dá um curso, como ele já é um professor, já vai de todo jeito, né? Vamos supor, a minha, eu dou aula, eu sou conhecido um pouco no meu tipo de área, não sou tão conhecido, acabou não rolando, então os cursos que são mais acadêmicos, puros, eu tenho mais dificuldade. Se você consegue dar uma cara pra esse curso que é um pouco mais abrangente, há chance de ele ter um público maior.

E em relação à aula, o tipo da aula, como é a diferença que você sente, o que é que você precisa mudar de uma aula na graduação, na pós-graduação da PUC e na Casa do Saber?

Olha, na realidade é menos diferente do que eu pensava. Eu achei mais diferença entre unidades da Casa do Saber, por exemplo, eu já vi cursos de tarde nos Jardins; aí é um pouco mesmo mais sem horas que de tarde estão se ocupando. Eu já dei cursos de noite em Higienópolis, aí é um, são senhores e senhoras mais velhos, em geral muito cultos, né, é uma região muito universitária, de gente de uma classe legal também, de interesse universitário, eu percebo uma diferença muito grande. Então, no curso de noite em Higienópolis eu era bem exigido, como num curso de pós-graduação, né, mesmo não sendo psicólogos, tinha uma cultura geral muito grande, de uma, de um interesse grande. De tarde, nos Jardins, era mais como dar aula numa faculdade, é uma coisa de gente menos interessada, menos da área, né, eu não adaptei tanto assim, é, as aulas em si eu não adaptei tanto. Porque você acaba tendo que ter jogo de cintura, o que é natural, é nas perguntas., vêm perguntas diferentes. Aí você então tem que ter flexibilidade pras perguntas, né? Mas eu não preparei muuito diferente de como eu preparo uma aula de pós, ou daqui não.

E ainda sobre as perguntas, na sua aula lá, existem momentos pros alunos fazerem perguntas ou eles podem...

Então, quer dizer, o meu estilo de aula, mesmo em faculdade e lá, predomina a aula expositiva, é o meu estilo de aula. Eu dou a minha aula lá, então assim, se durante a aula alguém pergunta, eu deixo liberado, eu paro, eu respondo, mas eu costuma separar uns dez, quinze minutos antes para perguntas, quer dizer, eu dou a minha aula, quer dizer, eu não tenho um estilo específico pra lá. Como minha aula é expositiva, predomina a aula expositiva, né? Eu sei que cada professor que vai lá leva o seu estilo, né, mas eu imagino que o Clóvis também, pelo jeitão dele, ele fala monoliticamente por duas horas, ele é um cara muito efusivo e fala muito bem, é muito culto, é muito engraçado, né, então eu imagino que ele tem também uma aula mais pra expositiva, né? Eu acho que tem um aspecto que é o seguinte, que eles procuram um perfil interessante, que é assim um professor que tenha um perfil de academia, mas que se comunique especialmente bem. Eles querem alguém que fale bem, né? Que se movimente, que fale, que se comunique, que tem uma chegada legal pra esse público que não é universitário, né? Então é um público que quer aprender, quer estudar, se interessa, mas não quer fazer uma faculdade. Esse público vai de noite, depois de trabalhar, né? Então tem que ter uma dinâmica, se não tiver uma dinâmica esse cara não vai ficar. Então eu acho que eles costumam procurar um pouco esse perfil, que assim, de quem tem uma trajetória

acadêmica, mas que tem uma fala muito, muito exuberante, muito dinâmica, né, pra entreter, também tem esse elemento, visivelmente, né, aquelas pessoas que tão lá.

Você falou pra mim que no começo achou um pouco estranho, porque achava que eram madames querendo passar o tempo e aí olhando pros professores e viu que... O que você acha dessa dimensão desses professores tão legitimados na academia dando aula pra esse público?

Eu acho perfeito na medida em que cada um de nós pode dar o seu curso. Então, se pedirem pra mim dar um curso, digamos, eu vou te dizer, um curso muito diferente do meu curso pra me adaptar a um público muito pouco interessado, não é, eu não daria, né? Então eu acho assim, você poder levar cultura, né, poder levar a sua cultura acadêmica pra qualquer meio, eu acho legítimo. Eu já dei aula de Psicanálise pra gente analfabeta, né? Então eu já dei aula de Psicanálise pra madame. Se eu posso dar a minha aula de Psicanálise pra essas pessoas, eu acho muito legítimo. Se me pedirem pra ceder no conteúdo, não fale sobre tais temas, ou então fale sobre sei lá o quê, né, não fale mal de tal tipo de coisa, então eu falo criticamente de consumo aqui, aqui e aqui, então aí eu não toparia fazer. Mas, quer dizer, se pode ter esse cara falando aquilo que é o recado que ele tem pra quanto mais gente, melhor impossível. Que isso seja melhorado, melhor ainda. Mas eu não daria um curso bem remunerado, se eu tivesse que dar um curso no qual eu não acredito. Então eu acho legítimo, né, que se ofereça, ah, mas será que vão aproveitar? Mas eu não sei disso na sala de aula também. Eu não dou aula pra cinqüenta alunos de, de menor de idade, eu imagino que uns 10% realmente vão aproveitar aquilo, os outros não, quer dizer, eles são caras fazendo faculdade. Eles querem passar de ano, muitos deles, né? Então não é diferente, não é que na sala de aula, quando eu dou aula pra cinqüenta pessoas interessadas e lá pra vinte madames desinteressadas. Não é verdade. Tem cinqüenta na sala de aula, não tão todos interessados. Eles preferem passar de ano, né? E as madames, algumas sim aproveitarão, né, e pensarão a respeito. Então eu acho assim, o fato da Casa do Saber ser atrelado a uma livraria nem interessa muito a, por exemplo, já pra contrapor, ah, também tem lá como concorrência, começou a aparecer cursos com perfil semelhante na Daslu, por exemplo, né. Eu não iria. À faculdade oferece o professor da faculdade intermediando isso. Eu acho que aí não dá, aí eu acho que é realmente um outro interesse, é pra dizer que tem alguma coisa entre os brincos e os colares, mas assim, é, acho que tem um grau, acho que tem, não sei, Casa do Saber tem um caso de famoso já, de Daslu do Saber. Já teve essa cara caricata, não é? Então é gente de muito alto nível e não sei o que lá e tal. Mas tá atrelado á Livraria, no corpo docente tem gente muito, muito sólida, muito importante eventualmente em outro país; é um curso que se pode dar com o nível que você quiser, né, então eu acho que sim, é legítimo. Ah, eu to muito curioso pra saber como é que

vai virar no Cidade Jardim, né, porque é um shopping com cara, tá mais perto da Daslu, né, tem uma cara mais ainda de classe A, então eu não sei que tipo de curso, o Robson, que é o cara que organiza lá, vai conseguir ter, que tipo de coisa que vai ter lá. Mas eu to levando o meu curso pra lá. Se tiver público, um já foi cancelado, o outro tá marcado pra novembro. Se tiver público, ok, se não tiver, ok também, né? Assim, se você pode dar seu curso não teria motivo pra você não ir. Basicamente é o que eu penso. Acho legítimo sim.

Só pra confirmar, o que você acha que legitima a Casa do Saber?

A possibilidade que o professor tem de dar o seu recado, de dar o curso que ele acredita. Ele pode até dar uma cara, na apresentação, abrangente, né, o Clóvis faz isso muito, os nomes dos cursos dele são muito, temas contemporâneos, são super abertos, né? A aula que você vai também, já conhece o Clóvis nessa altura, você sabe que vai ser bom de todo jeito, né? Então eu acho assim, o que legitima ir lá é o fato de que você pode, o professor pode ir lá dar o seu curso, sem interferências sobre o conteúdo, né? E basicamente assim, o corpo de professores, ao mesmo, esse, esse é um eixo, o outro eixo é: o corpo de professores também dá legitimidade interna. Eu to dando aula ao lado de gente muito boa, isso pra mim, legitima também a Casa do Saber. Pra mim foi importante pra eu entrar na Casa do Saber, e poder dar o meu conteúdo e saber que tem gente muito boa lá, né? Fosse só gente podreira eu ia ficar meio constrangido de dar aula lá, né? Eu acho que esse jogo tem esse duplo encaixe de reconhecimento, né? O curso que eu posso dar e quem mais dá aula lá.

E ser legitimado na Casa do Saber é ruim pra ser legitimado na academia?

Não, de jeito nenhum pega mal. Aí é fácil saber, quer dizer, publicamente, pra quem não é da área acadêmica, ah, legal a Casa do Saber, quer dizer, você viu a Maria Fernanda Cândido? Quer dizer, alguma coisa mais ou menos tola assim. Pô, paga bem pra caramba, é paga bem pra caramba, né, alguma coisa assim. Academicamente, não é uma coisa que tenha valor, porque na realidade, há, não, não há titulação acadêmica, vamos supor, assim, você está desperdiçando o seu talento e o seu tempo com um público que não tá produzindo academicamente. Eu acho que isso é conhecimento, conhecimento tem que ser espalhado, não é? Eu acho que ok. Mas não tem valor, quer dizer, te dou um exemplo o mais perto possível: nós, acadêmicos, temos nosso currículo escrito numa plataforma chamada Plataforma Lattes. Não está no meu currículo lattes que eu dou aula na Casa do Saber. Acho que isso é um indicador meu. Eu acho que não fica bem ver no meu currículo uma coisa que não tenha reconhecimento, embora eu faça e eu ache que tem valor, eu sei que academicamente não tem reconhecimento, que pega meio mal, né? Então pega meio mal.

Mudando um pouquinho de assunto, você costuma ver notícias da Casa do Saber freqüentemente ou não?

Não sei, quer dizer, ela se comunica muito bem, então tem, a gente tem, o *mailing* deles é muito, muito, enche muito a nossa caixa de mensagens. Na mídia, ..., não. Eu acho que já ouvi, a dois anos quando eu entrei eu ouvia mais falar fora do que hoje. Hoje eu acho que crescer muito, talvez um pouco demais, tem cursos demais sendo oferecidos, eu acho. Acho que também tá complicando formar turma pra curso por isso. Tem cursos demais, com unidades demais fazendo curso, né? Eu acho que tá conflitando como oferta de produto. Tem três unidades oferecendo cursos ao mesmo tempo. É complicado, né, todo dia da semana. Mas não, não tenho, faz tempo que não ouço fora da própria Casa do Saber falar a respeito, não. Eu acho que o que vale à pena dizer é assim, acho que é uma coisa, acho que talvez seja um troço interessante, em termos, digamos, a, trabalhistas profissionais. O dinheiro paga muito bem a hora/aula, paga muito, muito bem a hora/aula, mas eu diria que paga três vezes o que paga uma hora/aula de, de, desde que eu comecei de uma aula de graduação. Mais do que isso, quatro vezes, pelo menos, né? Então, isso é claro, é o chamativo. E paga direitinho. Tem recibo, que eu dou recibo, eu pago imposto de renda, eu pago ISS, né, é, profissionalmente eles são super corretos; a cada final de mês que eu dei aula, eles mandam uma planilha: você deu tantas aulas, façam recibo. Se eu não fizer recibo, eu não recebo. Então é super, é honesto, né, contabilisticamente é honesto, paga muito bem e eles são super corretos, quer dizer, eu mandei o recibo e recebo no dia seguinte. Isso também é importante. É um lugar onde eu confio, né, que eu to trabalhando com gente honesta, vou receber em torno do meu trabalho, e que isso é feito, vão pagar meu imposto de renda, quer dizer, então é às claras, não é um caixa dois. É uma coisa feita com legitimidade jurídica e legal também, o que é muito importante também, né, acho que vale à pena dizer, ah, eles cuidaram disso.

Sobre as palestras, você dá palestras só pela Casa do Saber?

Não. Às vezes só pela faculdade, por exemplo. Eu dou grupo de estudos, eu sou professor a muito tempo e trabalho aqui também. Então, como professor, como pessoa física, né, sou chamado eventualmente porque já publiquei livros também, então por conta de livro, ou da ESPM eu sou chamado também, não só pela Casa do Saber, não tem nenhum contrato. Eles entendem que eles podem intermediar, mas não tem nenhuma restrição na minha vida profissional, nem na pessoal. Se eles me chama, e eu posso, e eu quero, eu vou, mas não depende deles, obviamente. Por exemplo, é comum, né, eu perceber, daí eu dou o meu e-mail pros alunos, e eles me escrevem, falam, um vira paciente, outro chama pra fazer palestra, não tem restrição disso e aquilo também não. Eu dou meu contato pessoal pros alunos e quando o

aluno liga pra lá e ele quer contato comigo, eles transmitem também o e-mail nosso, não tem nenhum pudor, quer dizer, nesse sentido ou restrição, você é da Casa do Saber, então o que você faz, não tem nada assim não.

### **Transcrição de entrevista: Proprietário**

Você pode me contar como foi a criação da Casa do Saber?

Nós, somos dois sócios, Jair e eu, somos amigos há muitos anos. O Jair era advogado e depois que deixou de ser advogado abriu um banco, chamado Banco do Patrimônio, e eu, além de advogado, sempre mantive uma atividade paralela, sempre me interessei muito por cultura, por arte, esse tipo de coisa. Aí, num momento de reflexão de nossas vidas, quando chegamos aos 40 anos, nós dois resolvemos que em vez de continuarmos uma trajetória profissional de advogado, eu e ele, que tinha acabado de vender o banco, chegamos a uma conclusão que deveríamos usufruir um pouco das possibilidades culturais e acadêmicas que a vida tinha, no sentido de você poder estudar mais, conhecer outras coisas melhor. Aí, o que aconteceu foi que o Jair sugeriu que fizéssemos jantares na casa dele às terças-feiras, e eu faria jantares na minha casa às quintas-feiras. Aí nós convidávamos amigos próximos que também tinham a necessidade de fazer cursos além da sua atividade profissional. Todos nós, eu como advogado, fazíamos cursos ligados ao Direito. Eu fiz vários cursos extracurriculares, estudei em Harvard, em Houston, na Europa, depois fiz mestrado e doutorado, mas sempre na área do Direito. O Jair acho que tem mestrado, mas não sei dizer exatamente em quê. Aí nós pegamos e organizamos isso, de forma bem despretensiosa. Nesses jantares, chamávamos alguns professores, na época a gente conheceu o professor Mário Miranda da USP, que era professor de filosofia e que nos ajudava muito no sentido de sistematizar os temas que queríamos aprender. Às terças e quintas, a gente fez um programa filosófico dos pré-socráticos até os existencialistas, pensadores ponto e contraponto. Então em um dia ele dava uma aula e depois um texto para lermos sobre um desses pensadores e na semana seguinte você tinha exatamente a linha de pensamento subsequente, que muitas vezes era justamente uma negação. Nesses encontros, nós nos reuníamos até às 19h, e depois das sete da noite tínhamos aula, depois comíamos um macarrão, tomávamos um vinho e socializávamos. Então você tinha duas XX, uma de conhecimento específico, que unia pessoas que queriam saber mais sobre isso, depois jantávamos e tomávamos um vinho e tal. Era uma experiência muito gostosa. Isso foi muito importante para a gente nesse momento, no sentido de nos aproximar disso. XX e nas quintas-feiras, esse encontro era de um tema livre, então a gente ia ter uma aula de um tema próximo a astrologia, então tinha lá astrologia. No outro dia, era um tema próximo à Cabala, aí tínhamos aula de Cabala. Então a idéia não era se aprofundar, mas saber do que se tratava. Então a gente sabia que na quinta-feira ia ter um encontro, mandavam e-mails dizendo que na quinta-feira ia ter encontros de aproximação rápida do tema, não tinha a



pretensão de explicar melhor, a idéia era só se aproximar mesmo, e aí o que acabou acontecendo foi que a gente foi se apaixonando por esses encontros, na época eu e o Jair tínhamos acabado de nos separar, então tinha esse componente, eu tinha perdido a minha mãe, o que me deixou muito triste também, então sabe quando você acaba fazendo uma reflexão no sentido de melhorar a qualidade da nossa permanência? Essa foi mais ou menos a idéia da gente fazer esses encontros, e foi uma experiência muito legal. As pessoas gostavam do tema, no começo era tudo muito desorganizado, pois convidávamos as pessoas, elas iam chegando, era um barulho, tudo meio bagunçado, mas aí com o tempo começamos a ficar Caxias, a ficar bedel de nós mesmos, no sentido que começamos a nos apaixonar mesmo pelos encontros, e a coisa foi indo. Nesse momento da minha vida, eu estava sofrendo a perda da minha mãe, tinha reduzido minha atividade profissional como advogado, e o Jair tinha tirado um ano sabático, então nos dedicávamos muito a esse negócio e a coisa começou a... O que acabou acontecendo é que com o tempo, começamos a ter alguma dificuldade com esses encontros, um dia o filho do Jair estava com febre, no outro era o meu filho, e aí os problemas domésticos começaram a interferir, porque se você recebe um monte de gente na sua casa, mas naquele dia seu filho está com febre, você não quer saber de receber gente, mas sim de saber se a febre do seu filho vai abaixar. Então, pela nossa experiência pessoal, vimos que estava na hora de dar uma roupagem profissional àquela atividade pessoal. E aí começamos a pensar se as outras pessoas também queriam isso. Aí contratamos uma empresa que fez uma análise de mercado da viabilidade ou não disso, foi feito todo um estudo em relação à localização, à preços, demandas, se as pessoas iriam ou não estar interessadas e aí, no fim do trabalho, nos disseram que essa experiência que estávamos vivendo outras pessoas também estavam, elas tinham as mesmas dificuldades pessoais de organização em suas casas também é uma verdade, as pessoas reclamam disso, porque num grupo de amigos um tem mais perfil para receber, outro não, cada um tem um jeito... Então começamos a ver nesse estudo que essas dificuldades operacionais de organização não era um privilégio nosso, mas sim um problema que as pessoas têm. Elas organizam isso por um tempo e aí chega uma hora que começa a dar preguiça, isso e aquilo, é sempre um problema doméstico que acaba interferindo de forma decisiva. Aí decidimos então valorizar, com experiência nesse projeto. Aí começamos a pensar quem convidaríamos para ser nosso sócio para viver essa experiência. Aí a gente olhou para o lado e vimos que essas pessoas que estavam vindo aqui seriam pessoas legais para serem convidadas para isso. A Maria Fernanda Cândido era uma das pessoas que ia aos nossos encontros, a Ana Maria Diniz também, o Celso Loducca, aí pensamos: por que não? Resolvemos chamar essas pessoas que estavam aqui, que compartilhavam isso com a

gente, para fazer com que outras pessoas pudessem ter essa experiência também. E com esse estudo que verificou a viabilidade do negócio, tivemos coragem para o empreendedorismo. Bom, aí saí por São Paulo em busca de vários lugares para saber onde seria melhor, começamos a fazer contas, achávamos que uma livraria daria coragem no sentido de que as pessoas teriam coragem de entrar, porque o que acontece é que às vezes as pessoas querem empreender, mas muitas vezes não se sentem capazes de iniciar o processo. Então pensamos que uma livraria seria legal, o cara chega em uma livraria, começa a ver os livros, aí vê que tem um curso, aí se pergunta por que não fazê-lo, vê quanto tempo o curso terá, e aí pensamos que o curso teria de ser rápido sem ser superficial, e pensamos como montaríamos isso de um jeito que fosse legal. Fomos atrás de muitas opiniões. Conversamos com a Lygia Fagundes Telles, que nos ajudou muito no início da Casa, com o Pêrsio Arida, que também nos ajudou bastante, pois ele tem ligação com muitos centros culturais, é conselheiro da Sala São Paulo, do Instituto Moreira Salles... Então a gente conversou com pessoas que já estavam envolvidas com esse negócio, no sentido de perguntar qual era a experiência que o Instituto Moreira Salles tinha tido com isso. Aí diziam que tinha sido assim, assim e assado. Qual foi a experiência que a sala Rui Barbosa teve com isso. Foi essa. Eu tenho uma prima que se chama Daniela Rorrô. A Daniela Rorrô era do XX, que era uma experiência de curso, e XX. Aí perguntei a ela qual tinha sido a experiência que ela tinha tido, o que tinha dado certo e errado, e ela me disse que o XX quando foi criado, foi criado com uma proposta, mas aí uma das sócias acabou indo para um lado mais esotérico, e cursos esotéricos que não têm nenhuma comprovação científica, no meio acadêmico, é meio perigoso, e hoje o XX está voltando às origens, no sentido de ter cursos que a Academia, de uma certa forma, valida. Então a Casa do Saber acabou sendo o ponto de encontro de professores e alunos que pudessem, lá, desenvolver coisas que dentro das faculdades nas quais eles freqüentavam talvez não tivesse espaço. Então você é um professor que dá aula em faculdade. Lá você tem aquela carreira acadêmica, você tem que entregar seus trabalhos e tal. Mas na verdade seu tesão é outro, você gosta de estudar outra coisa, mas na Academia, para você fazer sua carreira, você tem que fazer um corte sobre seu estudo, e ele vai ser sobre tal objeto, porque a Academia assim exige. Então pensamos em chegar aos professores, quando fossemos convidá-los a dar aula aqui, a gente sabe que eles são pessoas sérias que têm uma articulação e experiência acadêmica, são pessoas que têm uma capacidade de entendimento em relação ao mundo, porque a Casa do Saber, um dos princípios da Casa do Saber é o conhecimento, mas é também no sentido de ser uma atividade lúdica para os seus alunos, é fugir daquela rigidez acadêmica XX, a aproximação do aluno ao objeto estudado tem que ser leve. Na nossa cabeça, isso não podia

ser uma coisa chata, tinha de ser uma coisa prazerosa. Então chegamos a conclusão de que o melhor jeito de construir esse modelo era conversar com os professores sobre o que eles entendiam sobre determinada coisa, aí falar que iríamos fazer assim, assado... Tivemos várias reuniões com professores, dentro dessas reuniões o Clóvis participou de algumas, o professor de história lá da USP, me fugiu o nome, ajudou a gente também, o Franklin Leopoldo participou das conversas, ele era amigo da Lygia, o Nicolau Svecenko participou também. Quando abrimos a Casa do Saber, criamos um Conselho, convidamos a Lygia Fagundes Telles para participar desse conselho, o Svecenko, pegamos essas pessoas e tínhamos reuniões semanais com elas para montarmos a primeira grade da Casa do Saber. Aí ficávamos trocando e-mails sugerindo temas, a Maria Fernanda sugeria coisas ligadas ao teatro, eu sugeri aulas que ligavam Lei e Literatura, Lei e Filosofia, eu sempre gosto de temas cruzados, o Jair gosta mais de filosofia, a Ana Maria Diniz gosta mais da parte de empreendedorismo, o Felipe D'Ávila é um dos sócios que tem essa capacidade mais aberta, ele foi fundador da Ísis Cabral, ele é fundador também da XX, foi diretor da Veja, ele tem uma formação bem abrangente. Hoje em dia eu também XX. A gente gosta dessa coisa de flanelas, no sentido de você estar aprendendo e usufruindo de tudo o que tem por aí. Bom, aí fomos definir a grade, o nome Casa do Saber... Casa do Saber porque o Jair era sócio do Banco Patrimônio e o Banco Patrimônio tinha um contrato de XX, aí tinha a Casa do Pão de Queijo, que era um nome bom, que remete diretamente ao tema. Aí um dia, numa das reuniões nossas, falou-se que estávamos montando a Casa do Saber. O Celso Lodduca, que é um dos sócios e publicitário, falou que o nome era do cacete, e os sócios fecharam nesse nome. Bom, descobrimos o nome. Aí fomos falar com a Academia dos professores, e eles acharam que era um nome presunçoso, que as pessoas pensariam que nós éramos os detentores do saber etc. Aí, como resultado, e essa foi uma das conversas prévias que tivemos para testar esse nome com pessoas que faziam parte da intelectualidade, para saber qual seria a receptividade delas. As pessoas não gostaram não, diziam que já éramos pretensiosos em fazer uma coisa dessa fora do ambiente da Academia tradicional, ainda mais com esse nome, e que por isso não receberíamos apoio dos outros professores, pois eles ficaram intimidados em dar uma aula para um grupo burguês que tem capacidade de pagar o preço que estava sendo cobrado, aí ficamos pensando em como faríamos esse negócio. Aí o Celso Lodduca desenvolveu um logo com o símbolo do infinito, e a idéia do infinito era para que justificássemos junto à Academia que o infinito era um “só sei que nada sei”. Então a gente discutiu e foi ver o que fazer. Aí, com essa história do infinito, a Academia começou a dizer “então tá, agora sim, vocês não são então os detentores do saber, isso será um ponto de encontro, vocês vão fazer um canal onde os professores poderão

manifestar seus pensamentos que não conseguem expressar dentro da faculdade, agora sim, agora estamos achando que faz mais sentido”. O que acontece é que o principal ativo de qualquer coisa ligada à cultura é a cultura. Não adianta você achar que cria uma estrutura, faz um prédio bonito, faz isso, faz aquilo, e você vai agradar. Isso não existe. Você agrada com a qualidade do serviço que você presta e com a qualidade dos profissionais que estão envolvidos nisso. Então qualquer coisa que tenta ir para outro lado não resiste ao primeiro... No lançamento todo mundo achou legal e hoje a Casa já tem quatro anos. Quatro anos já é algum tempo. Então a gente sempre foi muito cuidadoso em relação a isso. Aí então fomos pensar como tocaríamos a Casa, a marca... Eu sou advogado, a Ana Maria era do Pão de Açúcar, o Luiz Felipe estava na época na Abril, o Celso Loducca é publicitário, o Chalita era secretário da Educação, então não tinha, ninguém tinha tempo. Então vimos que precisávamos achar um cara que fosse a cara do Casa do Saber e que tivesse tempo. XX, aí surgiu o nome do Mário Vitor Santos, que nenhum de nós conhecia. O Felipe D'Ávila tinha tido algum contato com ele na época da revista Bravo e só. Ninguém mais. Nós sabíamos do personagem Mário Vitor Santos, porque ele tinha sido o segundo ombudsman da Folha de São Paulo, o Caio Túlio foi o primeiro e o segundo foi ele. Então, como leitores da Folha de São Paulo, nós sabíamos que o jornal um dia tinha tido um ombudsman chamado Mário Vitor Santos. Aí, um dia XX foi à casa do Mário Vitor Santos, e depois conversou com cada um dos sócios, e era uma coisa louca, porque ele saía da casa de um e ia para a casa do outro, e esse sócio já estava ligando para o outro para dizer que o cara era o máximo, que o cara tinha uma bagagem intelectual suficientemente forte para ser respeitado tanto pelos professores, porque isso é uma coisa importante, porque quando você tem uma pessoa que vai ser a cara da sua casa, essa pessoa tem que passar por um crivo, e a cara do Casa do Saber tinha que ser a de todos os sócios XX, todos nós tínhamos um ponto em comum, e esse ponto se chamava Mário Vitor Santos, porque o Mário era um cara que tem qualidades muito especiais, tem conhecimento em várias áreas do conhecimento, XX, tem uma base intelectual que é rara, no sentido de conseguir conversar com diversos professores de diversas áreas do conhecimento, ouvir, saber entender e saber verbalizar o seu raciocínio de uma forma muito especial. Ele é muito querido por todos os professores, você não vê ninguém falando um A do Mário, o Mário é o máximo, ele tem esse dom de saber falar com as pessoas e, de novo, são as pessoas que são muito importantes para a Casa do Saber. Nós, hoje, quando fazemos a grade, trocamos e-mails com todos os professores, perguntando do que eles estão a fim de falar agora, e é uma troca muito aberta, muito franca, muito sincera, tentando a cada semestre conseguir uma nova grade que supere a grade anterior, e com isso renovamos quase 50% de nossos cursos sempre com temas

que estejam de certa forma, ligados à pauta atual da cidade, do Brasil e do exterior. A gente tenta realmente estar bem XX em relação a isso. Tentamos também, como eu te falei, ter o real comprometimento com aquilo que estamos fazendo. Então só fazemos cursos que achamos importantes. Se acharmos que aquele tema é da moda, mas não é um tema XX, não fazemos, não é esse o foco. Todos os sócios da Casa do Saber têm outras atividades, nenhum sócio tira um tostão da Casa do Saber. Todos os recursos da Casa do Saber são utilizados no próprio desenvolvimento da casa e também à concessão de bolsas a professores da rede municipal e estadual, que a gente tem um convênio, e também damos bolsas a alunos... (fim do arquivo).

## PARTE 02

Sobre a experiência que os alunos têm na Casa do Saber.

São grupos pequenos de alunos, eles ficam sentados de uma maneira informal, não tem mesa, não tem nota, a frequência é semanal, que eu acho que funciona melhor porque dá tempo para as pessoas terem outros compromissos na vida pessoal delas, e também tem o aprofundamento, XX, acho que é um modelo interessante, socialização, acredito que as pessoas se reúnem, porque as pessoas que absorvem cultura gostam também de falar sobre cultura, essa troca eu acho que é uma coisa importante. Então, os grupos são pequenos...

Na primeira hora, o professor vai lá e fala, ele tem a discursiva dele, ele fala sobre uma tese, depois tem um intervalo, as pessoas tomam um vinho e depois voltam para os debates. Os debates XX, em vários lugares as pessoas só falam e outras só ouvem, XX. Aí o que acaba acontecendo é que depois, como não tem nota, não tem XX, mas aí a gente propõe outra ação. A Casa do Saber é um dos poucos que tem cota fechada, o valor é muito difícil, porque para remunerar todos os cursos... (corte na gravação) Aí, o que acontece é que quando você cobra por 30, 40 alunos, para remunerar professor, luz, pagar aluguel, pagar isso, pagar aquilo, não sobra nada, e isso é um grande problema. O que as instituições de ensino vêm fazendo é encher de alunos uma sala e aí quando você tem muitos alunos, você tem muito barulho, você tem muita discussão, e aí o que acontece é que o discurso passa a ser só do professor. Então eu acho que o modelo é bom para quem usufrui, mas ruim para o empresário, porque é um modelo que não multiplica a receita e restringe a receita. É aquele problema econômico difícil. Aí as pessoas falam que estou tendo sucesso porque muitos outros não abriram uma Casa do Saber. Tudo bem. Imagina quando você está em outro centro que não seja São Paulo, Rio ou Brasília, que não tem pessoas suficientes, o quanto custa levar de avião, hospedar,

dormir etc. Isso fica muito caro e aí acaba, de novo, colocando um grande número de alunos na mesa sala, aí cai nesse problema.

Como você vê a relação da Casa do Saber com a mídia?

Então, é complexo. Quando nós abrimos, a Joyce Pascowitch criou um apelido Daslusp, e a lógica desse apelido era que a Daslu, e isso foi antes do escândalo da Polícia Federal, que era um centro de qualidade de roupas, e a USP, que era um centro de conhecimento. Então o apelido algumas pessoas interpretaram como pejorativo, mas ele era ou pejorativo, ou um elogio. Quando nós abrimos, nós sócios ficamos muito chateados, como alguém escreve isso? Mas o nosso sócio publicitário falou que isso era do cacete. Então a gente nunca teve a pretensão de concorrer com as Universidades, os centros de excelência, por definição, são as Academias, então as Universidades é que são os centros do conhecimento e têm a capacidade de gerar e distribuir o mesmo. É um modelo mundial, em qualquer lugar do mundo que você vai é assim. O nós queríamos, a nossa pretensão era apenas ser um... Aí o que aconteceu, eu acho que ali houve alguns problemas de comunicação de ambas as partes. Num primeiro momento, a Casa do Saber, com esse apelido, teve que mostrar que não era uma coisa, vamos dizer, como é que eu vou explicar isso... A gente era e não era um pouco desse apelido, porque nós éramos um ponto de encontro onde as pessoas iam para estudar e desenvolver coisas que eles não tinham espaço na Academia. O aluno que não queria fazer um mestrado ou doutorado na Academia porque não se achava capaz... Aliás, isso é muito interessante entre muitos alunos, eles fazem um curso na Casa do Saber e depois fazem mestrado ou doutorado, porque acabam criando coragem, então isso acaba sendo uma coisa boa. E também, ao mesmo tempo, os professores encontraram um espaço, você vai à sala de professores e eles falam, discutem. Você vai à sala dos professores e é uma delícia, você fica ali conversando com o Clóvis, com o Leandro, conversando com outros, eles criam ali cursos, então é um centro de gestação de idéias, que a sala dos professores em faculdades geralmente não é. O cara tem uma concorrência interna para saber quem vai ser o professor titular, quem vai ser o professor-adjunto, então você vai hoje a uma sala de professores de uma universidade e não é mais como foi um dia, no sentido em que as pessoas trocavam conhecimento. Hoje, a troca de conhecimento nas Universidades diminuiu bastante. E a Casa do Saber tem esse lado que eu acho que a mídia nunca reconheceu. Então eu acho que esse lado é um lado legal. E segundo, eu acho que na Casa do Saber, ela faz exatamente aquilo a que ela se prestou a fazer, nem mais, nem menos. É uma coisa intermediária entre a formação que a pessoa teve na faculdade e o mestrado e o doutorado. Dá uma certa bagagem de conhecimento para a pessoa poder ter essa alternativa. Eu acho também que mira também XX

nessa vida que os centros urbanos têm de violência, de dificuldade, de depressão, de conhecimento. Então eu acho que a Casa do Saber também se presta no sentido de ser entretenimento também, pois está ligado à cultura e as pessoas vão lá, falam, conversam, tomam um vinho, estão juntas, falam sobre suas vidas. XX. A gente vê até citação em artigos de pessoas, como um do Marcelo Rubens Paiva, que escreveu quatro contos chamados Traição, que eram sobre um aluno que não ia à Casa do Saber para ter seus encontros amorosos, que seria a melhor desculpa que ele... Conheço o Marcelo Rubens Paiva há muitos anos. Então eu acho que é isso. Mas como a mídia mostra isso? A mídia, em certos artigos, é muito generosa, principalmente quando aparece a Maria Fernanda Cândido XX, mas de vez em quando, ela mostra a gente como um centro burguês, muito elitizado, muitas vezes sem conhecimento dos nossos cursos, dos professores... Agora, é o seguinte, você tem de certa forma, receber dinheiro de quem tem condição de pagar, e de certa forma, dá certos benefícios a quem não pode pagar. Não adianta você achar que vai ter um centro privado que não tenha XX, se não você vai ter um centro público. Tem uma questão que é muito polêmica, que é aquela questão do público/privado. Essa questão é complicada. É difícil. Vários centros privados de vários lugares do mundo estão quebrando porque o Estado provedor, aquele Estado que financiava tudo de graça, hoje o Estado é um Estado mínimo, que entra onde o resto não tem. Essa crise das Bolsas aqui, a União das Repúblicas Americanas dizendo que os EUA estão estatizando um monte de coisas que eram privadas, ou seja, os EUA estão virando uma União Soviética. Essas empresas que estão quebrando e indo para o Estado, nada mais é do que uma estatização. É meio louco isso, mas é o que está acontecendo na prática. Até pouco tempo atrás, diziam que a privatização era o caminho, que a Lei Administrativa era o melhor caminho, você vê, não deram certo algumas coisas nos EUA. Não deu certo, primeiro, porque caiu o muro, caiu a União Soviética. Agora os americanos também... Você vê que o equilíbrio entre as relações políticas e econômicas são bem... é muito diferente.

Vocês trabalham com uma assessoria de imprensa?

Pierre: Tem hora que sim, tem hora que não. Já foi contínuo, mas agora deixou de ser. O que acontece é que os jornais hoje são cada vez menores e a Casa do Saber já não é mais nova. Então o que acontece, hoje saiu uma matéria do Estado de São Paulo porque inauguramos uma Casa do Saber nos Jardins, então a gente tem, mas a nossa frequência em aparecer na mídia diminui. Nós não fazemos, já fizemos duas vezes, mídias pagas, nós compramos duas vezes espaços em jornais para colocar XX, mas isso custa muito caro, e nós não temos esse dinheiro para fazer isso. Então o que a gente faz na Casa do Saber é o boca-a-boca, são os alunos, os professores, gente que está envolvido com aquela experiência. A idéia da Casa do

Saber é ser uma mega Casa do Saber? Não. A idéia é ser uma casa pequenininha, com ensino de qualidade. Seria muito fácil a gente se perder, nós poderíamos XX, fazer videoconferência, fazer um monte de coisa, mas a gente acha que isso perderia essa experiência. É possível fazer isso com cursos sem que você tenha que tirar uma nota depois, com uma avaliação, mas o conhecimento interdisciplinar XX, você perde.

A própria sala de aula. Conversando com os alunos eu vejo que eles gostam muito do ambiente.

Exatamente. O ambiente é uma coisa que faz parte, a gente sempre tenta melhorar, vai lá e conversa, vê o que está errado, o que está certo, vê os problemas, vê o que acontece, tenta resolver da melhor forma. Estamos sempre tentando fazer o melhor tanto para os alunos, quanto para os professores, porque os professores têm uma experiência muito rica, pois eles têm um veículo para expor seus pensamentos de outra forma.

Não existe não ser assim. Você achar que vai criar uma aula-modelo e aí chamar qualquer professor. XX, não tem um professor que te emocione, e não pode ser, porque as pessoas cansam. Você precisa de um mix de pessoas que tenham qualidade e que estejam querendo compartilhar aquilo, é preciso um catalisador. E esse catalisador tem que ser na figura de um ser humano e na de um ambiente, que geograficamente as pessoas se encontrem. Então, acho que na Casa do Saber a parceira com a Livraria da Vila é importante, porque a Livraria de Vila tem uma participação legal, ela é bem vista, bem posicionada, os autores gostam, os clientes gostam, então a gente tem essa parceria. XX, muito querido, muito amigo. Nós todos nos damos bem, somos amigos, e claro que como em toda relação de quatro anos há um desgaste, mas nós colocamos nossa amizade como projeto maior, eles sabem, no final o resultado sempre vai ser positivo, vamos fazer com que a coisa dê certo. E é assim que estamos tocando por enquanto a Casa do Saber. Temos um lema na Casa do Saber entre os sócios, que a Casa do Saber tem que ser divertida, tanto para os sócios, quanto para os professores e alunos. O dia em que deixar de ser divertido, aí eu acho que não vai mais ter Casa do Saber. Agora, qual é a idéia, como a gente renova? 70% da grade, a cada semestre, tem sempre um tema de conhecimento humano novo para você aprender. E tudo isso é muito plural, um dia você está discutindo um tema, o conhecimento é infinito, a nossa capacidade pessoal de absorver conhecimento é infinita. Então é interminável, professores que convidamos dão uma aula sobre um tema e depois esse tema vira um livro famoso, e um dos livros mais lidos no mundo é do Eduardo Gianetti, que escreveu *O Valor do Amanhã*, cuja gestação foi na Casa do Saber, em uma aula que ele deu aqui. Esses e outros. Virou até programa no Fantástico, e o Eduardo é amigo nosso, ligado também ao Ibmecc, que acabou



sendo... Então várias coisas foram implantadas na Casa do Saber, como um show de rock do Paulo Ricardo, num jantar XX, tudo é feito na muito na conversa. Hoje estamos a fim de aprender qual tema? Vamos falar sobre a camada Pré-sal. O que é camada Pré-sal? A gente sabe do que estamos falando ou estamos recebendo da mídia tudo pronto? Vamos parar e refletir um pouco para ver se a mídia está sendo manipulada por um assessor de imprensa ou por um...? Então, vira e mexe a gente cria temas, a gente discute temas que no sentido de ajudar uma melhor conexão.

Existem professores que procuram a Casa do Saber para oferecer cursos?

Muitos. E a gente discute muito isso, e muitos viram cursos. XX.

O que não é aceito na Casa do Saber?

O que eu queria te falar é o seguinte, o primeiro ponto é que queremos ser sempre abertos, queremos incentivar o diálogo entre os professores para ver a possibilidade de novos temas. Só que o problema é que a gente acaba discutindo o que foi ou não foi aprovado pela Academia. Um maluco vai amanhã e diz que a coisa mais legal do mundo é ficar olhando para uma estrela, e se você olhar por cinco minutos aquela estrela, você vai receber uma corrente e aquilo vai fazer você ficar muito mais inteligente (ou exigente), e todos os seus problemas de angústia vão ser solucionados. De vez em quando aparecem coisas assim na Califórnia, a Califórnia já levou moda para vários lugares do mundo, e temas pseudo-filosóficos, existenciais, então a Califórnia não é XX. Não queria que você fizesse uma citação expressa XX. O que estou te falando é que XX é vice-presidente, uma pessoa super séria, não sei se você conhece o Centro...

É um centro muito sério, todo mundo ali faz coisas muito sérias. Eu só estou dizendo a você sobre temas que se você não tiver um rigor... Muitas vezes a gente vai lá e vê e fala “vamos pegar esse tema? Esse tema já foi verificado pela Academia? Alguém já registrou essa coisa? Esse cara tem Mestrado ou Doutorado? Já defendeu em uma banca? Já provou que não está falando bobagem?” Aí a gente troca e-mails falando que tal pessoa está falando sobre isso, aí um responde que esse cara é um canalha, esse cara aqui, na verdade, é um grande conhecedor de oratória, vai a muitas festas, é super cativante, mas na verdade fala um monte de bobagem. Para você ter uma idéia, teve um professor que deu aula durante quase um ano da Getúlio Vargas e que só falava bobagem, não sabia nada. Ele enganou a Getúlio Vargas por um ano. A Casa do Saber XX. Então você imagina, a Getúlio Vargas inteira foi enganada. O que acontece é que você tem que ter critério. Toda vez que pegamos um cara, a gente XX, e nunca erramos em relação ao tema que a pessoa fala. Já erramos em relação à capacidade dessa pessoa em seduzir o público, às vezes é um cara que é um grande conhecedor do tema, mas

não tem conhecimento em como lidar com os alunos. Erramos raríssimas vezes. Porque a gente sempre testa, tem aula, tem isso, a gente checa, vê a capacidade, os sócios todos recebem e-mails e checam, a gente é muito ansioso em tentar fazer coisas de qualidade. Fizemos quatro anos agora, temos quatro anos de estrada assim, mas a gente também não quer que esse excesso aborte boas idéias. De repente aparece um cara para falar sobre XX, aí mandamos para um cara que entende do assunto e o cara falou que o que esse cara estava falando era muito bom. Então vamos. Mas aí ninguém sabia que era ele, e a gente está por dentro, XX. Foi assim com a Cabala também. A Cabala era um tema muito difícil, fechado, era difícil saber se o cara que dá aula de Cabala era bom, vira e mexe aparecem temas assim. E a gente vê que outros lugares muitas vezes abrem as portas e aparece de repente um cara XX. Então a gente tenta não XX, isso é...

O que você tem para olhar? O Estado? O Estado é muito perigoso, no Estado sempre tem correntes políticas que estão naquele momento ligadas àquelas pessoas que vão dizer que tais pessoas são as melhores, e são pessoas que tem uma história política ligada às pessoas que estão naquele momento no poder. Quando falo Academia, falo de uma maneira geral, falo PUC, Unicamp, FGV, Federal do Rio de Janeiro, Oxford, Harvard, Sorbonne...

(trecho inaudível: 26min48seg – 27min10seg)

É muito diferente. Eu acho que muitos dos repórteres da Folha de São Paulo, eles, pelo fato do Mário Vitor ter sido ombudsman de lá, eles até elogiam muito menos do que elogiaram naturalmente. Acho que eles têm até certa parcimônia no sentido de “não vou falar, porque senão vão dizer que é porque o Mário Vitor foi ombudsman aqui”. O Frias é amigo pessoal da Casa... Então o que eu acho, nesse ponto eu acho que quando abriu a Casa do Saber, a mídia agiu de maneira favorável porque tinha a Maria Fernanda, uma pessoa querida pela mídia, a Ana Maria Diniz fazia sucesso por causa do Pão de Açúcar, o Luiz Felipe D’Ávila é uma pessoa muito ligada à área de entrevistas e muito querido no meio editorial, o Jair e eu éramos empresários, o Celso Loducca tinha uma imagem favorável frente à mídia, tinha tido várias passagens por XX, era também muito querido pela mídia, então eu acho que vários sócios da Casa do Saber eram queridos na mídia quando lançamos a Casa. Aí, quando lançou, foi XX da imagem essas pessoas à imagem da Casa do Saber. Quando a Casa do Saber quebrou a resistência da Academia em relação à Casa, os próprios professores, pela qualidade das aulas, e quando eles dão essas aulas na Casa do Saber pela primeira vez, e isso é uma coisa importante de falar: muitos dos cursos que a Casa do Saber dá, como ela renova 70% da

grade, aquelas novidades acontecem na Casa do Saber. Depois outros centros convidam esses professores também para darem aula em outros centros e nós nunca restringimos... Então os professores estão lá, estamos na sala de aula, e se criou um tema, vamos falar sobre tal tema, então a Casa do Saber vai fazer o curso desse tema. Aí o professor chega para a gente e diz que foi convidado para dar aula do mesmo tema em outro centro, porque eles ficaram sabendo que eu daria aula na Casa do Saber e me convidaram para dar aula em outro lugar. O que nós fazemos? Dizemos ótimo, porque nossa política é divulgação de conhecimento. A Casa do Saber nunca criou empecilho de nenhum tipo para que um professor não desse o mesmo curso em algum outro centro. Então o que acabou acontecendo é que os professores hoje vêm à Casa do Saber com a possibilidade de ter novas idéias, mas que não restringe, ninguém fala que você não pode dar esse curso aqui em outro lugar, não há nenhuma ordem nesse sentido. E isso é uma coisa legal tanto para os professores quanto para a Casa. A Casa do Saber poderia ganhar mais dinheiro se eventualmente criasse algum tipo de ineditismo, só a Casa do Saber tem um curso sobre... Vou dar um exemplo: o Nelson Motta tem um curso sobre Bossa que foi feito na Casa do Saber, e hoje ele dá esse curso para o mundo inteiro. Inauguramos a Casa do Saber agora e convidamos o Nelson Motta. O Nelson Motta hoje faz um curso na Casa do Saber e depois vai para outros lugares, e isso é ótimo, pois mais gente está vivenciando isso aí. Mas eu acho que o que acontece hoje com a mídia, é que eu acho que ela se pauta pelos assuntos que as pessoas têm mais curiosidade, e as pessoas têm mais curiosidade pelo ineditismo, e a Casa do Saber não é mais inédita, ela já não tem mais tanta frequência na mídia por causa disso, só se ela tiver uma frequência forçada, e a frequência forçada a gente não paga para ter essa frequência forçada. A gente não publica anúncios, a gente não faz isso, os sócios têm suas vidas profissionais, então quando a Casa do Saber aparece na mídia é quando, por exemplo, sai uma foto da Maria Fernanda indo para a Casa do Saber, aquilo não é a Casa do Saber, é a artista Maria Fernanda. Saiu uma foto porque o Celso Loducca estava lá. Era o Celso Loducca publicitário, então é bem diferente. Eu acho que a mídia hoje, quando você pergunta se foi importante quando a gente abriu a Casa do Saber ter um grupo de sócios com notoriedade pública, eu digo que sim, só que só foi importante porque essas pessoas realmente tinham um lugar dentro do projeto. Se tivéssemos pago a Maria Fernanda para ser nossa sócia, ela iria trabalhar seis meses e depois ir para outra. A Maria Fernanda está com a gente sempre, ela discute todos os cursos, agora ela está fazendo a minissérie da Capitu, então ela está dando aula na Casa do Saber do Rio de Janeiro sobre a Capitu. A Maria Fernanda é uma pessoa intelectualizada. Então eu acho que o público vê quando você agrega uma pessoa que tem não tem identidade do projeto apenas para o

lançamento e depois passa. Então eu acho que a Casa do Saber nesse ponto pegou gente que tinha visibilidade, mas que realmente tinha identidade com o projeto e comprometimento. Não foi uma coisa casual. Aí você tem críticas em relação à Casa por causa dessa questão do público/privado. Muitas pessoas acham que a Casa deveria ser gratuita, como qualquer ensino. Realmente seria o ideal, mas o Estado hoje não tem dinheiro para bancar esse projeto. Então nós fizemos o projeto e damos a certa elite cursos, e essa certa elite, junto a professores da rede pública municipal e estadual, acabam vivendo isso, replicam esse comportamento da melhor qualidade, a gente acha que as pessoas mudam favoravelmente o posicionamento delas perante a sociedade, depois a gente acaba fazendo uma série de eventos, parcerias, e temos também as bolsas, e os sócios têm outro projeto chamado Parceiros da Educação, que é um projeto de reforma das escolas públicas, que é uma outra coisa, mas isso é da vida de casa um, dos sócios ajudam escolas públicas e estaduais. Agora, outro sócio e eu montamos um negócio que se chama Centro de XX Pública, que é para dar aula para prefeitos e governados sobre XX. Então porque é gerada mídia para a Casa do Saber? Eu acho que a mídia favorável é gerada por causa do comprometimento do projeto e da qualidade dos professores. Quando a mídia critica, é aquela discussão do público/privado, que é uma discussão política. Quando criticam a Casa do Saber, “a Casa do Saber é um lugar burguês”, a gente fica pensando que realmente é uma crítica negativa, mas dentro dessa crítica tem uma discussão política que também está certa. Então a gente acha que quanto mais lugares estiverem promovendo a discussão... Por exemplo, o SESC. A gente fez um negócio, não sei se o Clóvis contou para você, que foi XX. Aquilo a gente conseguiu de graça. Fechamos com o Adauto Novaes... foi gratuito para todo mundo... Mas só foi possível fazer porque a Casa do Saber já tinha um nome forte, a Fiat queria lançar um carro voltado ao público jovem, o Ideia, aí chamou a Casa do Saber, nós chamamos o Adauto, e fizemos um projeto que foi gratuito para muita gente. O ideal seria que todos fossem nesse modelo, mas aí a gente estaria ocupando um espaço do Estado que não é nosso. Eu acho que XX. Você faz uma crítica a um sócio, a crítica é à vida pessoal desse sócio, e não à instituição, é diferente. Como você lê os jornais?

Mas o que acontece é que isso não vende jornal. O que vende jornal, por exemplo, um dia desses estávamos falando sobre qual revista vende mais, e a Maria Fernanda está entre as três capas que mais vende revista, as pessoas querem ver o rosto da Maria Fernanda. Eu nem sabia que a Maria Fernanda era uma das capas de revista que mais vende, eu não tinha essa percepção, porque ela não é uma imagem que fica exposta muito tempo, e ela também tem uma beleza estética, então acho que isso acaba contribuindo para que se venda mais revistas. Eles querem saber se a Maria Fernanda está na Casa do Saber, com o marido, gravando

novela, do próximo filho, eles querem qualquer coisa da Maria Fernanda que esteja com uma foto grande, é isso que importa. Tudo isso que te contei vai para o nosso press release, mas o jornalista não põe, mas vai, todos eles sabem. De vez em quando um ou outro jornalista faz matéria sobre isso.

O que eu vejo é sair muitas notinhas divulgando cursos, quando tem curso com o Zé Celso sai bastante coisa, curso com o Paulo Ricardo saiu bastante coisa, são notinhas.

Mas você vê. Quem pôs isso? Alguém que gosta do Paulo Ricardo, alguém que gosta do Zé Celso, alguém que gosta da Lygia Fagundes Telles. São pessoas que, de novo, trazem prestígio.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)